

**XXII Seminário Nacional e IX
Seminário Internacional do Grupo
de Estudos Discurso & Gramática**

ANAIIS



**Mudança Linguística em
Perspectiva Construcional**

Organizadores

Milena Torres de Aguiar (UERJ-FFP)
Monclar Guimarães Lopes (UFF)

**UFF
2018**

Anais do XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática

Organizadores

Milena Torres de Aguiar (UERJ-FFP)
Monclar Guimarães Lopes (UFF)

**1ª edição
Niterói – RJ
Letras da UFF
2018**

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Letras

Niterói – RJ



Ficha catalográfica elaborada pelo sistema Edoc Brasil

Anais do XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática / organização Milena Torres de Aguiar e Monclar Guimarães Lopes. – 1. Ed. – Niterói: Letras da UFF, 2018 – v. 1, n.1.

228 p.
Inclui sumário

ISBN 978-85-6535-523-0

1. Linguística. 2. Linguagem e línguas. 3. Linguística Funcional Centrada no Uso. 4. Construcionalização. 5. Mudança construcional.

CDD: 410
CDU: 81'1

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	6
<i>Milena Torres de Aguiar (UERJ-FFP)</i>	
<i>Monclar Guimarães Lopes (UFF)</i>	
A EMERGÊNCIA DO SIGNIFICADO CONSTRUTIVO A PARTIR DE ENQUADRES SEMÂNTICOS: ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS PREPOSICIONAIS ANTES DE, DIANTE DE, EM FRENTE A/DE E EM FACE DE	14
<i>Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UERJ-FFP)</i>	
ESTÁGIOS DA CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE [I_RLOC]_{RA}	25
<i>Flávia Saboya da Luz Rosa (UFF)</i>	
A CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE [PARA LÁ DE X]_{GI}: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO. 38	38
<i>Vanessa Barbosa de Paula (UFF)</i>	
PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS COM MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES FORMADOS POR VERBOS DE PERCEPÇÃO COGNITIVA NO IMPERATIVO E PELO ELEMENTO FOCALIZADOR SÓ ..	48
<i>Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa (UFJF)</i>	
O ALIÁS E SEUS VALORES SEMÂNTICOS EM PERSPECTIVA FUNCIONAL.....	58
<i>Nice da Silva Ramos (UFF)</i>	
ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COM FUNÇÃO DE AGENTE DA PASSIVA.....	77
<i>Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz (UFF)</i>	
<i>Ivo da Costa do Rosário (UFF)</i>	
AS CONSTRUÇÕES CORRELATAS ADITIVAS NO SÉCULO XVIII SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	88
<i>Brenda da Silva Souza (UFF)</i>	
CONSTRUÇÕES SUBSTITUTIVAS INSTANCIADAS PELOS CONECTORES EM VEZ DE E AO INVÉS DE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	105
<i>Idrissa Ribeiro Novo (UFF)</i>	
<i>Ivo da Costa do Rosário (UFF)</i>	
A CONSTRUÇÃO [V_{PV}(X)]_{MD} EM REDE CONSTRUCIONAL.....	116
<i>Vania Rosana Mattos Sambrana (UFF)</i>	
CONSTRUÇÕES CORRELATAS PROPORCIONAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	134
<i>Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes (UFF)</i>	

RELATIVAS DE GERÚNDIO - UMA ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO..... 153
Laíza Teixeira Delatorre (UFF)

VERBOS DE MOVIMENTO TRANSITIVOS E SEUS DIFERENTES FRAMES 172
Alan Marinho César (UFRN)

UMA FLEXÃO DE AKTIONSART NOS VERBOS DO LATIM ARCAICO..... 186
Luiz Pedro da Silva Barbosa (UFF)

**CONSTRUÇÕES CORRELATIVAS CONSECUTIVAS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL
CENTRADA NO USO 196**
Marianna Correa Siqueira do Nascimento (UFF)

A MULTIFUNCIONALIDADE DO ENFIM..... 213
Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo (UFF)

Apresentação

No período de 28 de novembro a 01 de dezembro de 2017, o Grupo de Estudos Discurso & Gramática realizou seu XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Nessa edição, contamos com a presença do professor *Graeme Trousdale*, da Universidade de Edimburgo, cujos estudos no âmbito da mudança linguística em perspectiva construcional têm sido referência para grande parte de nossas pesquisas.

Os anais desse evento contam com quinze trabalhos, redigidos por pesquisadores das três diferentes sedes do grupo: UFF, UFRJ e UFRN. Vale ressaltar que seus textos compartilham a mesma abordagem teórica, a Linguística Funcional Centrada no Uso, seja em sua versão clássica, seja em sua versão mais recente, de viés cognitivo-funcional, em que se conciliam os estudos funcionalistas clássicos com os estudos da Linguística Cognitiva, sobretudo no que tange às abordagens construcionais da gramática.

Em *a emergência do significado construtivo a partir de enquadres semânticos: a análise dos advérbios preposicionais ‘antes de’, ‘diante de’, ‘em frente a/de’ e ‘em face de’*, Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UERJ-FFP) investiga construções formadas por advérbio ou locução adverbial seguida de preposição a partir de edições dos jornais *Folha de São Paulo* e *Estadão*, selecionadas no período de junho a outubro de 2017. Segundo o autor, os dados evidenciam que essas construções, além de possuírem comportamento híbrido – ora adverbial, ora preposicional –, apresentam valores semânticos variados, como tempo, efeito/resultado, causa e comparação.

Pautando-se nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, o pesquisador considera que a emergência desses novos sentidos decorre da relação estabelecida entre essas expressões e o cenário discursivo. Além disso, constata que, na hierarquia construcional da gramática, essas expressões linguísticas devem ser vistas como microconstruções de um mesmo esquema: {[XAdv YPrep] Prep. Adv.}.

No artigo *Estágios da construcionalização gramatical de [IRLOC]_{RA}*, Flávia Saboya da Luz Rosa (UFF) investiga o processo de construcionalização de alguns marcadores discursivos de função refreadora-argumentativa no português. Instanciadas por um elemento injuntivo de função refreadora (IR) e um pronome locativo (LOC) – como, por exemplo, *aguenta aí, alto*

lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí –, essas construções têm uma função pragmático-discursiva de valor argumentativo, em que o falante visa a tomar o turno de fala para si com o fito de apresentar um novo ponto de vista, em geral contrário ao de seu interlocutor, sobre o tópico discursivo em desenvolvimento.

Nesse trabalho, Flávia recorre aos estudos dos contextos de mudança, na perspectiva de Diewald (2002, 2006, 2008) e Diewald e Smirnova (2012), para explicitar, diacronicamente, como esses marcadores discursivos surgiram no português. Com esse objetivo em mente, a autora parte do contexto fonte, em que os dois elementos constituintes da atual construção se apresentavam mais independentes sintática, semântica e morfológicamente, e observa como, ao longo dos estágios de construcionalização, há o aumento de dependência nesses três níveis, resultando em um pareamento de FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO} na rede construcional. Uma importante contribuição deste trabalho, em nosso ponto de vista, é a inclusão do quarto estágio do processo de construcionalização, o da (re)integração paradigmática, mais recentemente descrito por Diewald e Smirnova (2012), que busca identificar quando uma construção gramatical passa a fazer parte de um mesmo paradigma (relativamente) fechado.

Em *a construcionalização gramatical de [para lá de X]_{gi}: uma análise baseada no uso*, Vanessa Barbosa de Paula (UFF) busca descrever a rota de construcionalização de [para lá de X], uma construção de função de grau intensificador no português, cujo *slot* é preenchido por um elemento de função adjetiva, como em: *para lá de especial, para lá de dramática, para lá de equipada*, etc. Segundo a autora, essa construção advém de outra, de emprego mais referencial – como em *para lá de Niterói*, por exemplo –, em que X é preenchido por um elemento de sentido espacial ou temporal.

Na descrição dos micropassos de mudança, a pesquisadora pauta-se, dentre outros aspectos, no conceito de metaforização. Sob esse ponto de vista, a conceitualização da intensificação se dá a partir de transferências metafóricas, em que construções de natureza mais concreta, mais referencial e mais composicional (relacionados à localização no tempo e no espaço) passam a exercer, por pressões de ordem cognitiva, funções de natureza mais abstrata e mais gramatical. Sendo assim, em [para lá de X_{ADJETIVO}], *lá* perde tanto sua função locativa (seja de lugar no espaço, seja de lugar no tempo) quanto sua composicionalidade para expressar, em combinação com as preposições *para* e *de*, um valor semântico de intensidade.

Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa (UFJF), no artigo *Padrões microconstrucionais com marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo e pelo elemento focalizador ‘só’*, propõe uma análise, em perspectiva sincrônica, das microconstruções *veja só* e *olha só*. De acordo com o autor, *veja só* e *olha só*, na função de

marcação discursiva, são o produto da construcionalização gramatical, em que novos pares forma-função entram para a gramática da língua.

Com base nos dados analisados, Gustavo defende que o emprego dessas construções no discurso visa à chamada de atenção do ouvinte pelo falante. Ademais, considera que as duas microconstruções em estudo apresentam diferenças funcionais. Nesse sentido, *olha só* tende a representar apenas um pedido de atenção por parte do falante a seu interlocutor; *veja só*, por sua vez, tende a requerer uma avaliação por parte do interlocutor. Tais diferenças seriam oriundas da própria semântica de tais verbos, um de relação mais concreta e física (olhar → dirigir os olhos para) e outro mais abstrata e mental (ver → perceber pela visão).

Em *o aliás e seus valores semânticos em perspectiva funcional*, Nice da Silva Ramos (UFF) investiga tanto aspectos discursivos quanto formais da partícula *aliás*. De um lado, no que tange às propriedades discursivas, a autora observa as diferentes funções semânticas do item – como reformulação, retificação, ratificação, explicação, dentre outras –, os gêneros textuais em que ele costuma ser empregado e o grau de escolaridade dos usuários que o empregam no discurso. De outro, no que se refere às propriedades formais, a autora investiga as diferentes posições em que o *aliás* ocorre, bem como a porção de texto a que esse elemento remete. Além desses aspectos, Nice também considera a frequência de uso em suas análises.

Em 855 textos analisados, a autora encontrou apenas 19 ocorrências desse item linguístico. Observou, ainda, que o item é mais característico da modalidade escrita – tendo apresentado baixo número de ocorrências na oralidade – e dos gêneros textuais mais monitorados, cujos usuários possuem nível médio ou superior. Além disso, a pesquisadora verifica que há uma maior tendência de uso do *aliás* em posição intermediária, estabelecendo uma relação de conexão no texto.

Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz (UFF) e Ivo da Costa do Rosário (UFF), em *Oração subordinada substantiva com função de agente da passiva*, buscam investigar as orações subordinadas com função de agente da passiva e suas respectivas orações matrizes. Recorrendo, inicialmente, às gramáticas tradicionais, os autores observam uma grande heterogeneidade em sua classificação: embora grande parte dos estudiosos as classifique como substantivas, há alguns que as veem como adjetivas e outros, ainda, como adverbiais. Além disso, há gramáticos que sequer as consideram em sua descrição das estruturas oracionais do período composto.

Com base nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, os autores defendem que a oração subordinada de agente da passiva se estabelece na zona limítrofe de um *continuum*, na medida em que, factualmente, não representa o protótipo da oração substantiva.

No entanto, defendem que esse tipo de oração seja, sim, de valor substantivo e represente uma transposição da função de agente da passiva para o plano do período composto. A partir da coleta de dados extraídos do *Corpus do Português*, Maria Luiza e Ivo identificam dois diferentes padrões construcionais para esse tipo de oração: padrão 1 ($X + Y_{\text{participial por}} + Y_{\text{oracional}}$) e padrão 2 ($X + V_{\text{cópula}} V_{\text{participial por}} + Y_{\text{oracional}}$).

Em *as construções correlatas aditivas no século XVIII sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, Brenda da Silva Souza (UFF) investiga as construções correlatas aditivas do tipo *não só X, mas também Y*, em *corpora* do século XVIII. A autora observa que esse padrão construcional já se mostrava bastante produtivo nesse período, podendo ser encontrado nos níveis suboracional, oracional e supraoracional. Paralelamente, identificou, em consonância com os estudos de Oiticica (1952), Rodrigues (2007), Castilho (2010) e Rosário (2012), que tais construções, uma vez que não se encaixam nos processos canônicos de coordenação e subordinação, devem ser analisadas sob o paradigma da correlação, um terceiro processo na integração de orações, em que se observa tanto interdependência sintática quanto semântica entre os termos e/ou orações que preenchem os *slots* X e Y da construção.

Além das considerações formais e semânticas, Brenda aponta uma importante função discursiva da construção *não só X, mas também Y*. De acordo com a pesquisadora, as construções correlatas servem a necessidades comunicativas distintas das construções coordenadas aditivas prototípicas, na medida em que atua em sequências mais argumentativas.

Idrissa Ribeiro Novo (UFF) e Ivo da Costa do Rosário (UFF), em *Construções substitutivas instanciadas pelos conectores 'em vez de' e 'ao invés de' no português brasileiro contemporâneo*, buscam descrever as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* sob o paradigma da Linguística Funcional Centrada no Uso. Os autores consideram que o valor semântico-pragmático de substituição, depreendido nos diferentes usos dessas construções, não está contemplado no quadro oracional das gramáticas tradicionais, que atribuem apenas um valor de oposição a essas construções. Tal fato, por si só, em nosso ponto de vista, serve como evidência do caráter inovador da pesquisa.

Segundo os pesquisadores, os resultados preliminares mostram que as duas construções substitutivas em estudo são empregadas de maneira indistinta em contextos menos monitorados. No entanto, essa noção de substituição pode ser percebida, ainda, sob outros valores semântico-pragmáticos. Na análise empreendida até o momento, os autores constataam a existência de três valores: a substituição, a preferência e a comparação contrastiva, estando essas duas últimas atreladas à noção semântica mais geral e básica de substituição.

Em a construção *[Vpv(x)]md em rede construcional*, Vania Rosana Mattos Sambrana objetiva descrever e analisar a referida construção como um ponto de aglomeração na rede dos marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivos-visuais *olhar* e *ver*. Para tal, a autora se apropria da base teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso, com ênfase na Gramática de Construção, e seleciona um *corpus* sincrônico, representativo do português brasileiro do século XX.

Analisando os contextos de uso das 23 microconstruções levantadas, Vania verifica que há um padrão construcional que sanciona todo o aglomerado de construções, as quais compõem-se em rede construcional por *links* de familiaridades. Constata que, no ponto de aglomeração constituído pela construção *[Vpv(x)]md*, os elementos da rede se relacionam por traços característicos não conflitantes, tais como: compartilhamento de configurações morfossintáticas, demonstradas nos *links* por subparte; reconfigurações do sentido prototípico de asseveração, demonstrado pelos *links* por polissemia; um campo metafórico de trajetória visual > mental, demonstrado pelo efeito de junção dos *links* por extensão metafórica; e ainda, graus semelhantes de esquematicidade, demonstrada pelos *links* por instanciação. Tais *links* mantêm a dinamicidade e gradiência da rede, afastam ou aproximam membros do centro prototípico deste ponto de aglomeração.

No artigo *construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes busca examinar os usos dessas construções em seus dois padrões instanciados: o primeiro, constituído pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*, e o segundo, instituído pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*.

Com dados extraídos do *Corpus* do Português, defende que as construções em ambos os padrões constituem estruturas correlatas em língua portuguesa. Contudo, em razão do comportamento sintático distinto, os chamados Padrão I e Padrão II recebem tratamentos particulares. No primeiro, lança mão do critério da telicidade para firmar a conexão sintática entre prótase e apódose: os verbos constituintes apresentam similaridade atélica – as três configurações mais frequentes apresentam seus verbos nos tempos do presente e do pretérito imperfeito, variando como verbo pleno ou auxiliar, ao lado da forma nominal de gerúndio. Nesse sentido, a noção de ações em desenvolvimento condiz com a própria definição de proporção, que prevê a relação de equilíbrio entre as partes e o todo. No segundo, apesar de pouco mencionado em estudos de cunho tradicional, a autora evidencia a alta produtividade do padrão. Assim, identifica que sua precária menção deve-se mais pela natureza dos correlatores, que suscitam uma abordagem sobre a correlação como procedimento sintático ao lado da

coordenação e da subordinação, do que pela invalidação dos correlatores nas construções proporcionais, visto que o uso ratifica a recorrência do paradigma.

Laíza Teixeira Delatorre, em *relativas de gerúndio - uma análise funcional centrada no uso*, investiga as características sintáticas e semânticas das orações relativas de gerúndio e a relação com seu antecedente, verificando até que ponto é possível a reversibilidade de uma reduzida em desenvolvida sem significativa alteração dos valores semânticos, pois porções de informação entre a oração relativa de gerúndio e o antecedente podem não permitir tal equivalência. A autora também analisa casos de sobreposição de valores semânticos contidos nesse grupo de orações, apresentando quais fatores motivam tais sobreposições, bem como identifica a preferência do uso das relativas de gerúndio na modalidade escrita.

Para a pesquisa, a autora selecionou 57 dados do *corpus* sincrônico do Português Brasileiro referente ao século XXI. Segundo os pressupostos funcionalistas, a oração relativa é uma forma marcada bastante produtiva no que tange à estilística nos enunciados.

Em *verbos de movimento transitivos e seus diferentes frames*, Alan Marinho César busca investigar os verbos de movimento que se afastam do exemplar intransitivo prototípico, sendo recrutados pela construção transitiva. Baseada nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso, esta pesquisa analisa dados de fala e escrita do *Corpus* Discurso & Gramática, mostrando que os verbos de movimento transitivos (VMT) conceitualizam *frames*, os quais envolvem o esquema imagético origem, trajeto e meta, tais como: trajeto, colocação, transporte, remoção, deslocamento conjunto, afastamento e movimento causado. Essa classificação dos VMT reflete, do ponto de vista semântico, diferenças entre “movimento” e “deslocamento”.

O autor conclui, portanto, que a relação sintático-semântica entre um VMT e seus argumentos – sujeito, objeto direto (OD) e Sprep. – agrupa o verbo em *frames* distintos, o que possibilita a organização desses elementos em uma rede construcional hierárquica, formulada em termos de esquemas, subesquemas e microconstruções.

Luiz Pedro da Silva Barbosa, em *uma flexão de aktionsart nos verbos do latim arcaico*, investiga os sufixos pré-desinenciais dos verbos latinos, tais como o sufixo –ē, com valor estativo; o sufixo –ta, com valor frequentativo; o sufixo –sc, com valor incoativo; e o sufixo –turi, com valor inceptivo. A pesquisa aborda uma categoria verbal denominada *Aktionsart* (modo de ser da ação), que contribui com uma temporalidade no transcorrer da ação verbal, tendo, nos sufixos pré-desinenciais, sua correspondência morfológica, configurando-se como categoria flexional.

Com o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso e, especificamente, da gramática de construções, a pesquisa busca dados de uso do Latim Arcaico que apontem

para o *Aktionsart* como categoria flexional. O *corpus* é a obra do comediógrafo Plauto (séculos III e II a.C), texto voltado a uma falante com baixo prestígio, repleto de traços de oralidade, que constitui um ambiente favorável à inovação e à mudança. As análises dos dados mostram que os verbos que contêm sufixos pré-desinenciais ainda possuíam composicionalidade, constituindo uma categoria com muitos traços de flexionalidade, resultado que se aproxima da visão de gramáticos da Antiguidade Tardia de que configurariam uma sétima categoria flexional do verbo latino. Seu uso está diretamente relacionado ao gênero do *corpus* e há elementos de produtividade, especialmente no uso do sufixo frequentativo. Esse fator mostra que, no recorte temporal do *corpus* de pesquisa, ainda era possível criar novos verbos com o sufixo de frequência –ta.

No artigo *construções correlativas consecutivas sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, Marianna Correa Siqueira do Nascimento, aderindo aos pressupostos dessa corrente teórica, mais especificamente aos estudos em Gramática de Construções, investiga as referidas construções, tradicionalmente conhecidas como orações subordinadas adverbiais consecutivas em língua portuguesa. Utilizando como *corpus* textos da seção Carta ao Leitor, de 826 edições da Revista *Veja Online*, são atestadas 63 construções correlativas consecutivas.

A autora constata que, dentre os 4 padrões estudados, a construção correlativa consecutiva mais prototípica – não só por ocorrer com maior frequência no *corpus*, como também por ser prevista pela tradição gramatical – é a construída através da interdependência entre a prótase, iniciada pelo primeiro correlator *tão*, e a apódose, iniciada pelo segundo correlator *que*. Os principais resultados apontam para o elevado grau de prototipicidade e de esquematicidade da construção, visto recrutar diversos e complexos itens linguísticos para sua configuração; além de baixo grau de composicionalidade, haja vista que é possível identificar suas partes componentes, como, por exemplo, os correladores e a natureza dos nomes que eles intensificam ou que se ligam.

Em *a multifuncionalidade do enfim*, Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo observa os contextos linguísticos para os quais o *enfim* é recrutado e os valores semânticos e sintáticos que essa partícula pode assumir. Orientada pela Linguística Funcional Centrada no Uso, esta pesquisa utiliza dados de língua escrita do D&G e da Revista *Veja On-line*, com o objetivo de flagrar os diferentes usos do *enfim* em situações discursivas diversas.

A autora conclui que o *enfim* é uma partícula multifuncional, passando por transformação e expansão de significado, em um *continuum* que parte de um valor semântico de tempo (relacionado a sua abordagem canônica de advérbio); passa pelo valor semântico

resumitivo-conclusivo, em que funciona como operador argumentativo; até chegar ao uso como marcador discursivo (tempo > conclusão > marcador discursivo). Os resultados parciais demonstram que a construção estudada pode ser classificada como advérbio ou conectivo a depender do sentido que deseja expressar, da função que estabelece no discurso e do contexto que a seleciona para uma ou outra função, podendo atuar, inclusive, como marcador discursivo. Além disso, observa que o valor semântico resumitivo-conclusivo é mais produtivo em contextos de língua escrita menos monitorada e em eventos de língua oral formal, e que há grande produtividade do valor de tempo nos dados de língua escrita mais monitorada, principalmente nas sequências tipológicas narrativa e expositiva.

Esperamos que os trabalhos que constituem esta obra proporcionem importantes reflexões aos leitores que se dedicam à descrição das línguas naturais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Milena Torres de Aguiar e Monclar Guimarães Lopes

A emergência do significado construtivo a partir de enquadres semânticos: análise dos advérbios preposicionais *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de*

The emergence of the constructive meaning from semantical frameworks: analysis of
Brazilian prepositional adverbs *antes de*, *diante de*,
em frente a/de e *em face de*

Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UERJ)¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação dos advérbios preposicionais *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de*, que são expressões formadas por advérbio ou locução adverbial seguido de uma preposição. Para realizar esta investigação, foram feitas coletas nos jornais Folha de São Paulo e Estadão entre os meses de julho e outubro de 2017. De acordo com os dados analisados, é possível perceber que estas expressões apresentam características híbridas oriundas dos advérbios e das preposições e que, apesar de sua origem espacial, podem apresentar sentidos derivados, a depender do enquadre semântico. Deste modo, a locução *antes de* pode ser encontrada no sentido de tempo ou de efeito/resultado, a locução *diante de* e *em face de* no sentido de causa e *em frente a/de*, em sua forma reduzida *frente a*, no sentido de comparação. Assim, é possível verificar que o significado construtivo destas expressões decorre da relação entre as expressões e o cenário discursivo (*frames*). Constatamos que os advérbios preposicionais analisados são microconstruções e estão em um nível menos esquemático dentro de uma hierarquia construcional. No nível da macroconstrução, está o esquema {[XAdv YPrep] Prep. Adv.}, que é uma representação simbólica abstrata da classe dos advérbios preposicionais.

Palavras-chave: Advérbios preposicionais; Linguística Funcional Centrada no Uso; Semântica de Frames.

1. Introdução

O presente trabalho² tem como propósito analisar, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), as construções formadas por advérbios preposicionais *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de*, designados por gramáticos tradicionais como locuções prepositivas. Os exemplos abaixo ilustram o uso dos advérbios preposicionais:

(a) “(...) que trabalha **em frente à** Faculdade de Medicina da USP, onde o corpo foi encontrado (...)” [Folha de São Paulo, 20/07/2017].

(b) “**Antes do** início oficial do plebiscito, às 7h (8h em Brasília), as filas dobravam os quarteirões em alguns dos centros de votação” (...)” [Folha de São Paulo, 17/07/2017].

¹ Mestrando em Língua Portuguesa (UERJ) – e-mail: fabiorodrigoc@yahoo.com.br

² Este artigo reúne os resultados iniciais de uma pesquisa de mestrado (em andamento) com vistas à produção de dissertação de mestrado.

(c) “**Diante da** repercussão negativa, Temer passou o dia tentando contornar a situação” (...)”
[Folha de São Paulo, 18/07/2017].

Como hipótese geral da pesquisa, defende-se que os advérbios preposicionais são microconstruções gramaticais que apresentam traços de ambas as categorias gramaticais: advérbios e preposições e que, a depender do enquadre semântico, emerge-se um novo significado construtivo.

Diversos gramáticos, como Cunha & Cintra (2001) e Azeredo (2008), dividem as preposições em simples e locuções prepositivas. São, portanto, preposições simples *a*, *contra*, *de*, *em*, *para* etc. e são locuções prepositivas “*a respeito de*”, “*em cima de*”, “*em oposição a*” etc.

As locuções prepositivas são denominadas por Castilho de preposições complexas. Segundo o autor, estas “não dispõem de estatuto categorial próprio, não representam outra classe morfossintática” (CASTILHO, 2014, p.588).

Segundo Ilari, “uma locução é um grupo de palavras que pode corresponder a uma única palavra” (ILARI, 2015, p. 290). Assim, quanto ao papel sintático, pode-se depreender que as locuções prepositivas desempenham a mesma função de uma preposição. No entanto, quanto ao papel semântico, Ilari afirma que não é de todo tranquilo afirmar que as locuções prepositivas apresentam o mesmo sentido das preposições, pois, segundo ele, não é fácil pensar em um sentido que seria compartilhado por todas as preposições.

De acordo com Ilari (2015), a função básica das preposições é a localização espacial de uma figura em relação a um ponto de referência, ideia também defendida por Wiedemer (2014). Segundo Ilari, o sentido de base das preposições pode ser captado por meio dos eixos: espacial horizontal, espacial vertical, espacial transversal, espacial da proximidade e espacial da abrangência.

As construções que compõem esta pesquisa pertencem ao eixo transversal anterior e, apesar de sua origem espacial, possuem sentidos derivados (espaço, tempo, modo etc.), que advêm da relação entre o papel do cenário discursivo (*frames*) na caracterização da construção a que pertencem (tal como concebido pela literatura, por exemplo, FILLMORE, 1982, 1984; FRIED, 2005, 2007, 2010).

De acordo com Lehmann (2016), os elementos cujo significado é baseado em uma região espacial e estabelecem uma relação entre o objeto localizado e seu referente são denominados de advérbios preposicionais. O elemento “cerca” é, para o autor, um exemplo típico desta classe, pois localiza um objeto e permite um complemento opcional.

Raposo e Xavier (2013) também reconhecem uma afinidade entre preposições e advérbios. Segundo os autores, os advérbios são elementos intransitivos, porém há advérbios que podem ocorrer com um complemento explícito à sua direita. Os autores os denominam de advérbios relacionais e citam como exemplos: *perto, longe, próximo, antes, depois, em cima/baixo, à direita/esquerda, em frente, fora e dentro*.

Os autores ainda afirmam que as preposições são elementos transitivos, portanto necessitam de complemento para completar seu sentido. Citam como exemplo o par de partículas *depois* e *após* a fim de ilustrar a diferença entre os advérbios relacionais e as preposições. Enquanto o advérbio relacional *depois* pode ocorrer sem complemento expresse, pois seu valor pode ser inferido pelo contexto, a preposição *após* não pode ocorrer sem um complemento explícito.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Esta pesquisa fundamenta-se no quadro teórico da LFCU, cujos princípios são descrever e explicar os fatos linguísticos baseado nas funções (semântico-cognitivas e descritivo-pragmáticas) que estes desempenham nos diferentes contextos de uso da língua.

De acordo com os pressupostos teóricos da LFCU, a estrutura da língua emerge à medida que é usada. Deste modo, a fim de descrever e explicar a gramática da língua, é necessário levar em conta as situações e os contextos comunicativos. Traugott e Trousdale (2013) entendem a gramática de construção como uma gramática de uso. Assim, a mudança linguística é entendida como “localizada na interação do falante e negociada entre falantes no curso da interação” (MILROY, 1992, p. 36 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21).

Na gramática construcional, é bastante recorrente a metáfora “rede de construção” e, conforme afirma Goldberg, “a totalidade de nosso conhecimento da língua é capturado por uma rede de construções” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 08). A noção de rede de construção é entendida por meio da noção de esquematicidade, que é “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13). Por meio desta noção, é possível compreender que as construções estão interligadas a partir de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas.

Além da noção de esquematicidade, outros dois fatores ganham destaque no âmbito da perspectiva construcional: a produtividade e a composicionalidade. Enquanto esta é relacionada ao grau de transparência entre forma e significado, aquela diz respeito à questão da frequência de construção e de construto.

Segundo Croft (2007, p. 463 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8-9), existem dois princípios básicos que sustentam a gramática de construção: (a) o pareamento de estrutura complexa e significado; (b) associação de tais pares em uma rede.

A Gramática de Construções preconiza que “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes” (GOLDBERG, 1995: 4 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 5).

A partir da explicação dada por Goldberg, podemos afirmar que o significado de uma construção só pode ser explicado a partir dos frames, que são estruturas complexas de conhecimento fundamentadas em expectativas partilhadas no meio social. Assim, de acordo com Fillmore, “o emparelhamento de uma palavra com sua moldura de fundo significa que, quando entendemos uma palavra, devemos reconhecer simultaneamente a relevância da informação de fundo dentro da qual essa palavra desempenha um papel interpretativo” (FILLMORE, 2003 *apud* FILLMORE; BAKER, 2009, p. 317-318).

Dentro da perspectiva construcional, além do tratamento da dimensão do sentido e da forma na pesquisa dos usos linguísticos, a dimensão contextual não deve ser desprezada, pois ela deve dar conta da correlação entre o nível da forma e o nível do sentido. Assim, a classificação contextual estabelecida por Heine (2002) e Diewald (2002) tem um papel de destaque na pesquisa de usos linguísticos.

De acordo com Diewald (2002 *apud* OLIVEIRA, 2015), no contexto típico, a construção é usada no sentido original. A etapa seguinte, por promover um tipo de afastamento do sentido original, é denominada de contexto atípico. A terceira etapa é designada de contexto crítico e, segundo o autor, ocorre aumento da opacidade semântica e pragmática. Na quarta etapa, chamada de contexto de isolamento, ocorre a convencionalização semântico-categorial de uma das possibilidades interpretativas.

3. Resultados preliminares

Para esta pesquisa, foram realizadas coletas nos jornais Folha de São Paulo e Estadão, no período de julho de 2017 e outubro de 2017. Nesta investigação, com base qualitativa, é possível analisar a correlação entre o nível da forma e o nível do sentido presente nos advérbios preposicionais coletados.

Conforme já foi destacado, os advérbios preposicionais analisados apresentam características que estão presentes nos advérbios e nas preposições, conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

- (1) “(...) que trabalha **em frente à** Faculdade de Medicina da USP, onde o corpo foi encontrado (...)” [Folha de São Paulo, 20/07/2017].
- (2) “Santos era funcionário de uma confeitaria e, **antes de** atacar Tatiana Lima, tinha passagens pela polícia por crimes de menor potencial ofensivo. [Folha de São Paulo, 04/07/17]

Tal qual Raposo e Xavier (*op. cit.*), acreditamos que há advérbios que podem ocorrer com um complemento explícito à sua direita. Sobre isso, os autores afirmam que a sequência formada por advérbio e por preposição é denominada de locução prepositiva, pois desempenha a mesma função de uma preposição simples.

Defendemos neste artigo que as expressões analisadas, que denominamos de advérbios preposicionais, não desempenham a mesma função de uma preposição e, portanto, não podem ser denominadas de locuções prepositivas. Preposições como *perante* e *ante*, que também pertencem ao eixo transversal anterior, não são capazes de substituir os advérbios preposicionais, presentes em (1) e (2), sem que haja alteração semântica, conforme vemos nas sentenças abaixo:

- (3) *(...) que trabalha **perante** a Faculdade de Medicina da USP, onde o corpo foi encontrado (...)
- (4) *Santos era funcionário de uma confeitaria e, **ante** atacar Tatiana Lima, tinha passagens pela polícia por crimes de menor potencial ofensivo.

Conforme já mencionamos, os advérbios preposicionais, segundo Lehmann (2016), são elementos cujo significado é baseado em uma região espacial e estabelecem uma relação entre o objeto localizado e seu referente. Nas sentenças (1) e (2), as microconstruções destacadas realizam localizações: espacial, em (1), e temporal, em (2).

Adotamos, nesta pesquisa, a nomenclatura estabelecida por Lehmann, porém discordamos do autor ao defender que os advérbios preposicionais são formados por uma preposição com um complemento opcional. Entendemos que as expressões analisadas são formadas por um advérbio ou locução adverbial seguido de uma preposição (*a* ou *de*). Podemos perceber que se trata de oração adverbial a oração encabeçada pelo advérbio preposicional *antes de*, na sentença (2). Tradicionalmente, as conjunções são os únicos conectivos capazes de introduzir orações adverbiais. Acreditamos que, além das conjunções, os advérbios preposicionais também podem introduzir.

Ramos e Silva (2014) defendem que itens de origem preposicional estão se gramaticalizando como conjunções em orações adverbiais reduzidas. Como as conjunções adverbiais introduzem apenas orações (reduzidas ou desenvolvidas), acreditamos que o advérbio *antes de*, na sentença (2), não exerce a função de uma conjunção, pois, além de introduzir somente orações reduzidas, pode encabeçar sintagmas não oracionais, conforme podemos observar no exemplo (5):

(5) “A sinalização contraria a pressa dos governistas para liquidar o tema antes do recesso parlamentar.” [Estadão, 05/07/17]

Por meio desta investigação, podemos constatar também que os advérbios preposicionais apresentam diferentes significados. Os principais resultados demonstram que a locução *antes de* foi encontrada no sentido de tempo e de efeito/ resultado, as locuções *diante de* e *em face de* no sentido de causa e *em frente a/de*, em sua forma reduzida *frente a*, indicando comparação.

Nas sentenças (6), (7), (8) e (9), é possível perceber que o uso da microconstrução *diante de*, a depender do contexto de uso, apresenta diferentes significados:

(6) “Trinta pessoas ficaram feridas e outras 200 foram presas durante o protesto contra a Guerra do Vietnã, neste domingo (23), **diante do** edifício do Pentágono, em Washington (EUA).” [Folha de São Paulo, 23/10/2017]

(7) “**Diante do** mosteiro de Thu Min Gala em Sittwe, algumas placas refletem um senso de realidade diferente. Uma dizia que o mosteiro, que abriga rakhines étnicos que fugiram da zona de conflito, não aceitaria doações de qualquer agência internacional. A outra advertia que grupos ecumênicos não são bem-vindos.” [Folha de São Paulo, 24/10/2017]

(8) “**Diante do** baixo retorno e da situação difícil nas contas, o governo trabalha para que o Congresso Nacional aprove o projeto de lei da reoneração da folha ainda este ano.” [Estadão, 31/10/2017]

(9) “Integrantes do partido avaliam que o posicionamento da bancada do Rio se deve à vontade que eles têm de deixar a sigla **diante do** desgaste do PMDB fluminense, ao qual pertencem quadros como o ex-deputado Eduardo Cunha e o ex-governador Sérgio Cabral, ambos presos.” [Folha de São Paulo, 18/07/2017]

Nas sentenças (6) e (7), podemos observar que o uso do advérbio preposicional seguido de SN [+concreto] evoca o frame de localização espacial. O uso da microconstrução no sentido de lugar é motivado pelas propriedades contextuais de cada sentença. Ambas veiculam notícias de conflitos ou confrontos em diferentes localidades do mundo, assim abordam conteúdo informacional em que a localização espacial (*o edifício do Pentágono* e *o mosteiro de Thu Min Gala em Sittwe*) é essencial ao entendimento de cada texto.

Nas sentenças (8) e (9), as microconstruções promovem uma derivação semântica motivada pela distinta situação de uso. Nestas sentenças, o uso do advérbio preposicional seguido de SN [+abstrato] evoca o frame de causa ou motivo. Tal estrutura, encabeçada pelo advérbio preposicional *diante de*, pode ser classificada como adjunto adverbial de causa.

O conteúdo informacional, nas sentenças (8) e (9), é de natureza política, por isso são comuns palavras mais abstratas (*retorno, situação, reoneração, posicionamento, vontade, desgaste*), o que favorece a mudança semântica da expressão analisada, que assume estatuto categorial distinto do contexto de origem (espacial).

As microconstruções presentes nas sentenças (6) e (7) estão inseridas em contextos originais ou típicos, por isso elas mantêm o sentido original (espaço). Já as microconstruções das sentenças (8) e (9) estão inseridas em contextos que promovem a mudança semântica, por isso apresentam sentidos diferentes do sentido original.

As microconstruções presentes nas sentenças (6), (7), (8) e (9) obedecem a um padrão construcional, conforme demonstrado na tabela (01), abaixo.

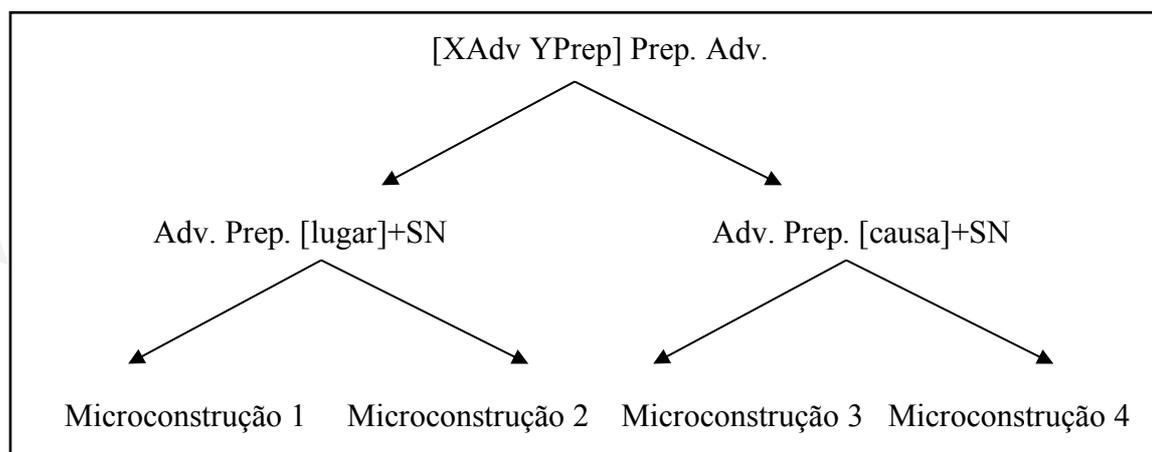
Tabela 1. Microconstruções com *diante de*

Adv. Prep. [lugar]+SN		Adv. Prep. [causa]+SN	
Microconstrução 1	Microconstrução 2	Microconstrução 3	Microconstrução 4
Forma: Oração desenvolvida + advérbio preposicional <i>Diante de</i> + SN [+concreto]	Forma: Advérbio preposicional <i>Diante de</i> + SN [+concreto] + Oração desenvolvida	Forma: Advérbio preposicional <i>Diante de</i> + SN [+abstrato] + Oração desenvolvida	Forma: Oração desenvolvida + advérbio preposicional <i>Diante de</i> + SN [+abstrato]
Sentido: lugar		Sentido: causa	

Fonte: o autor

No esquema abaixo, podemos observar que as microconstruções analisadas estão em um nível menos esquemático dentro de uma hierarquia construcional. Os dois subesquemas possíveis estão em nível intermediário. E, no nível mais alto da hierarquia construcional, está a classe dos advérbios preposicionais.

Figura 1. Esquema dos advérbios preposicionais



Fonte: o autor

Podemos depreender, a partir da representação acima, que a macroconstrução {[XAdv YPrep] Prep. Adv.} é uma representação simbólica abstrata, que licencia subesquemas mais específicos. Acreditamos que, relacionadas a esta macroconstrução, estão duas formas de construção, {Adv. Prep. [lugar]+SN} e {Adv. Prep. [causa]+SN}, no nível da mesoconstrução. Tais formas apresentam significados específicos, de lugar e de causa.

No nível da microconstrução, estão dois *types* de lugar, relacionados à construção {Adv. Prep. [lugar]+SN} e dois *types* de causa relacionados à construção {Adv. Prep. [causa]+SN}. E, no nível do construto, estão as ocorrências reais, ou *tokens*, da representação construcional {[XAdv YPrep] Prep. Adv.}.

Acreditamos que, no nível da microconstrução, além das quatro microconstruções formadas com o advérbio preposicional *diante de*, está presente a formada com *em frente a/de*, relacionada à construção {Adv. Prep. [lugar]+SN}. Da mesma forma, acreditamos que a microconstrução formada com o advérbio preposicional *em face de* está, neste mesmo nível, relacionada à construção {Adv. Prep. [causa]+SN}.

Sabemos que cada significado apresentado no nível da mesoconstrução não decorre de traços semânticos atribuídos a cada forma de construção e sim da relação entre a construção e o cenário discursivo (*frames*).

4. Considerações finais

A partir dos resultados alcançados até o momento, podemos afirmar que os advérbios preposicionais apresentam características de advérbios e de preposições e que podem ser utilizados como articuladores de cláusulas. Além de introduzir complementos não oracionais,

os advérbios preposicionais, assim como as conjunções, podem também introduzir orações adverbiais.

De acordo com os dados analisados, observamos que os construtos *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de* instanciam a classe dos advérbios preposicionais, representados pelo esquema {[XAdv YPrep] Prep. Adv.}. Podemos constatar que o construto *diante de* instancia duas diferentes formas de construção: uma de lugar e outra de causa. Enquanto a de lugar corresponde ao sentido original destas expressões, a de causa é decorrente do sentido original.

De acordo com Batoréo, “as relações espaço-temporais constituem, pois, as coordenadas indispensáveis para a construção de qualquer mundo conceptual” (BATORÉO, 2000, p. 315). A partir desta afirmação, podemos compreender ser possível haver construções originariamente espaciais derivarem construções mais abstratas.

Como a noção de construção envolve uma multidimensionalidade, é visível a analogia entre as construções analisadas, em que podemos depreender uma rede de herança por analogia e, ao mesmo tempo, o surgimento de novas instanciações, o que faríamos ao admitir também um novo significado para a rede construcional aqui analisada, de causalidade (circunstância).

A mesoconstrução decorrente é muito produtiva, pois combina a noção adverbial X com a noção relacional de uma preposição Y, cuja tarefa é codificar a dependência do complemento conforme o esquema apresentado, acima, pela macroconstrução {[XAdvYPrep]Prep. Adv.}. Além disso, é possível depreender que, a depender do contexto de uso, temos um significado acionado, por exemplo, quando em contextos mais locativos, mais a categoria preposicional é ativada, e, quando em contextos mais causativos, mais a categoria adverbial é ativada.

Abstract

This paper presents an investigation of the Brazilian prepositional adverbs *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* and *em face de*, which are expressions formed by adverbs or adverbial phrase followed by a preposition. In order to carry out this investigation, collections were made in the *Folha de São Paulo* and *Estadão* newspapers between July and October 2017. According to the analyzed data, it is possible to perceive that these expressions present hybrid characteristics originating from the adverbs and the prepositions and that, despite their spatial origin, may have derived meanings, depending on the semantic framework. Thus, the phrase *antes de* can be found in the sense of time or effect/result, the phrases *diante de* and *em face de* in the sense of cause and the phrase *em frente a/de*, in its reduced form as *frente a*, in the sense of comparison. It was possible to prove that the constructive meaning of these expressions derives from the relation between the expressions and the discursive scenario (*frames*). We note that the prepositional adverbs analyzed are microconstructions and are on a less schematic level within a constructional hierarchy. At the macro-level, there is the schema {[XAdv YPrep] Prep. Adv.}, which is an abstract symbolic representation of the class of prepositional adverbs.

Keywords: Prepositional adverbs; Usage-Based Functional Linguistics; Frames.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu*. Coimbra: Dinalivro, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed., rev. e ampl., 16 reimpr. Rio e Janeiro: Lucerna, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EVANS, Vyvyan & GREEN, Melanie. *Frame semantics*. In: *Cognitive Linguistics An Introduction*. Edinburgh University Press Ltd. Edinburgh, 2006.

FILLMORE, Charles J & BAKER, Collin. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FILLMORE, Charles J. Frames semantics. In: *Linguistics in the morning calm*. Seoul: The linguistic Society of Korea, 1982.

FRIED, Mirjan. *Constructionn and frames as interpretive clues*. *Belgian Journal of Linguistics*, p. 83-102, 2010.

ILARI, Rodolfo. *Palavras de classe fechada – Gramática do Português Culto Falado no Brasil – vol. IV*. São Paulo: Contexto, 2015.

LEHMANN, Christian. *Complex spatial prepositions from Latin to Castilian*. *Societas Linguistica Europaea*, 2016.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (Org.). *Linguística Centrada no Uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

RAMOS, Marta Anaísa Bezerra; SILVA, Camilo Rosa. Hipotaxe adverbial e gramaticalização: a função juntiva de advérbios e preposições em artigos de opinião. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva & XAVIER, Maria Francisca. In: *Gramática do Português: Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. v.60, n.2, p.233-259, São Paulo: Alfa, 2016.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs & TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

[WIEDEMER, Marcos Luiz](#). Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. *Veredas (UFJF. Online)*, v. 18, p. 102-122, 2014.

Estágios da construcionalização gramatical de [IRLoc]_{RA}

The grammatical construction stages of [IRLoc]_{RA}

Flávia Saboya da Luz Rosa (UFF)¹

Resumo

Nossos estudos sobre a construção [IRLoc]_{RA} (*IR*: elemento injuntivo de função refreadora; *Loc*: pronome locativo) fundamentam-se, sobretudo, na abordagem da construcionalização e mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Neste artigo, tratamos dos estágios que, segundo Diewald (2002, 2006, 2008), compõem o processo de gramaticalização ou construcionalização gramatical: contextos atípico, crítico e isolado. Acrescentamos uma análise sobre o quarto estágio, apontado por Diewald e Smirnova (2012), de integração de paradigmas, e propomos uma oposição paradigmática entre marcadores discursivos investigados pelo D&G UFF². As expressões *aguenta aí*, *alto lá*, *calma aí*, *calma lá*, *escuta aqui*, *espera aí*, *espera lá* e *segura aí* são analisadas a partir da coleta de dados no acervo digital do Congresso Nacional. Nesta etapa em desenvolvimento, propusemos a examinar, na sincronia atual, os níveis de gramaticalidade da construção refreadora-argumentativa, entendendo que a gramaticização – fenômeno de transição entre categorias linguísticas em uma perspectiva sincrônica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) – reflete a transição categorial em um plano diacrônico. Consideramos, por hipótese, que *espera aí* atue como elemento exemplar da categoria em pesquisa, logo, utilizamos essa microconstrução específica para demonstrar os estágios supracitados.

Palavras-chave: Construção, construcionalização gramatical, gramaticalização, contextos, paradigma.

1. Introdução

Segundo Diewald e Smirnova (2012), a construcionalização gramatical³ ocorre em condições contextuais específicas. Uma função gramatical recém-desenvolvida não surge homogeneamente em todos os usos do referido item linguístico, ela é delimitada em sua origem a contextos linguísticos específicos. Essa percepção, nos últimos anos, produziu uma integração de conceitos usados nas gramáticas de construções aos estudos de construcionalização gramatical e o desenvolvimento de modelos detalhados para descrever os vários tipos de contextos em gramaticalização.

De acordo com as autoras, o modelo de sucessivos tipos de contextos é, de fato, generalizável para uma ampla gama de processos de gramaticalização pertencentes a diferentes categorias, porém, ele se torna tão geral que não se limita apenas aos processos de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: flaviasaboya@gmail.com

² O Grupo de Estudos Discurso & Gramática - D&G - tem sedes na UFF, UFRJ e UFRN.

³ Embora as autoras utilizem o termo *gramaticalização*, optamos por adotar a expressão *construcionalização gramatical* (TRAUGOTT ; TROUSDALE, 2013), por ser mais abrangente e dar conta dos fenômenos observados em nossa pesquisa. Por essa razão, há variação dos vocábulos ao longo do texto.

gramaticalização. Como solução para essa questão, as pesquisadoras introduziram um estágio adicional de desenvolvimento: o estágio de (re)integração paradigmática. Assim, acreditam que o quarto estágio restrinja o modelo à gramaticalização e refine as noções desse processo descrevendo suas fases posteriores e as etapas que levam a elas de modo mais explícito e claro.

Nosso objeto de estudo são as microconstruções⁴ *aguenta aí, alto lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí*, que instanciam a mesoconstrução⁵ [IRLOC]_{RA}. *IR* é um elemento injuntivo ou imperativo, por nós denominado *refreador*, pois relaciona-se à contenção de movimento, repressão, diminuição de intensidade, abrandamento etc. *Loc* é um pronome locativo, até o momento, preenchido por *aí, lá e aqui*. *RA* é o indicativo da função pragmático-discursiva da construção: *refreadora-argumentativa*. Os exemplos apresentados foram coletados no acervo digital de publicações dos diários do Congresso Nacional.

Neste artigo, primeiro, ilustramos o modelo de tipos sucessivos de contextos em construcionalização gramatical com o elemento exemplar entre as construções instanciadas por [IRLOC]_{RA}: *espera aí*. Posteriormente, realizamos uma breve análise sobre o quarto estágio, de integração paradigmática.

2. Tipos de contextos sucessivos

O modelo que Diewald e Smirnova (2012) tomam com ponto de partida é baseado no trabalho apresentado por Diewald (2002, 2006, 2008). A hipótese básica que fundamenta esse modelo é que um processo de gramaticalização pode ser desmembrado em três estágios ou passos sucessivos relacionados a contextos específicos, em que dois estágios, o segundo e o terceiro, podem ser correlacionados com os tipos de construção sugeridos por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Esses três estágios são definidos da seguinte forma:

Quadro 1: Tipos de contextos sucessivos em gramaticalização

Estágio	Contexto	Significado/Função	Tipos de construção (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)
I- Precondições da gramaticalização	Contextos atípicos	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; Composicional
II- Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos

Fonte: Diewald, 2008.

⁴ Microconstruções: tipos individuais de construção. (TRAUGOTT, 2008).

⁵ Mesoconstruções: conjuntos de construções específicas de comportamento similar. (TRAUGOTT, 2008).

Em seu plano principal, esse modelo é compatível com as sugestões feitas por Heine (2002) sobre contextos em gramaticalização e com o conceito de Traugott e Dasher (2002) a respeito dos estágios de desenvolvimento de mudança semântica. No entanto, há alguns importantes aspectos em que esse modelo difere dos outros. Em primeiro lugar, em contraste com os demais modelos, esse não é projetado para tratar, em geral, de mudança semântica. Ao contrário, ele se destina a dar conta da gramaticalização, isto é, um processo complexo em que mudanças semânticas e estruturais interagem entre si na formação de um novo item gramatical. Em segundo lugar, os três estágios não são definidos exclusivamente por características semânticas ou implicaturas conversacionais, mas sim por combinações particulares de características semânticas e estruturais que, em conjunto, compõem os contextos relevantes para as respectivas construções. O terceiro ponto é que o modelo não foca um único item submetido a mudanças, mas construções de extensões variadas.

No primeiro estágio, as precondições do processo de gramaticalização se desenvolvem. A unidade lexical em questão mostra expansão inespecífica de sua distribuição nos contextos em que não havia sido usada anteriormente, isto é, em *contextos atípicos*. Contextos atípicos fazem uso de construções existentes que – por meio de implicaturas conversacionais – aparecem em contextos/combinções de construções que são incomuns e, ao mesmo tempo, podem ser facilmente interpretadas devido à estrutura composicional dessas formas.

O segundo estágio marca o efetivo desencadeamento do processo de gramaticalização. Ele está relacionado ao surgimento de um tipo muito específico de contexto, que é chamado *contexto crítico*. Ele é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas e, assim, propicia alternativas de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. Nesse estágio, surgem novas construções que não podem ser reduzidas a uma combinação de construções conhecidas sem perda de informação. Portanto, a noção de contexto crítico pode ser associada com a noção de construção extragramatical, descrita a seguir por Fillmore, Kay e O'Connor (1988):

Essas expressões [construções extragramaticais] têm, certamente, estrutura gramatical, mas as estruturas que elas apresentam não se mostram inteligíveis por ter-se conhecimento das regras familiares da gramática e de como essas regras são aplicadas na maioria das vezes. (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 505).

A característica definidora desse tipo de contexto é a sua ambiguidade complexa, múltipla, isto é, a opacidade semântica e estrutural é uma característica necessária. Além disso, esse tipo de construção tende a desaparecer no desenvolvimento posterior à gramaticalização

do item, ou porque sua estrutura é perdida (ex.: por expansão para outros contextos) ou porque ela se desenvolve em uma estrutura não ambígua e, então, perde sua característica definidora, isto é, sua ambiguidade múltipla.

O estágio três mostra a consolidação do processo de gramaticalização em que o novo sentido gramatical é isolado, como um sentido separado do mais antigo, que é mais lexical. Esse desenvolvimento pressupõe a existência de contextos isolados para cada leitura, isto é, contextos linguísticos específicos que favorecem a interpretação para a exclusão do outro. Assim que a oposição entre contextos isolados mutuamente exclusivos é estabelecida, pode-se dizer que o processo de gramaticalização tenha alcançado um estágio convencionalizado, já que não é reversível para estágio anterior (ex.: para o *status* de várias implicaturas conversacionais possíveis). As construções que produzem os contextos isolados assemelham-se apenas parcialmente a outras construções existentes e apresentam correspondência forma-significado única. Logo, a noção de contexto isolado pode ser comparada à noção de construções formal ou lexicalmente abertas, que são definidas como “padrões sintáticos dedicados a propósitos semânticos e pragmáticos reconhecíveis não só por sua forma”. (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 505). Isso significa que elementos linguísticos formais são construções cuja composicionalidade é reduzida, isto é, no mínimo, alguma parte da sua correspondência forma-significado tem de ser tratada holisticamente e não pode ser derivada em sua totalidade de outras construções ou de uma combinação de outras construções. Entretanto, elas são completamente produtivas quando suas posições sintáticas não são preenchidas com itens lexicalmente fixados.

A seguir, apresentamos exemplos, obtidos nos diários do Congresso Nacional, que ilustram as fases de integração da construção *espera aí*, desde o contexto fonte até o isolado. Por ser a construção de maior frequência no *corpus* e apresentar transições categoriais aparentemente mais definidas que as outras, entendemos que *espera aí* tenha servido de base analógica ao uso de *espera lá* e, posteriormente, a outras microconstruções associadas à mesoconstrução [IRLoc]RA.

2.1.Contexto fonte

(1) Nessas conversas amenas com José Bonifácio, ele me deu lições curiosas. Com aquele espírito de humor que tinha, me disse certa feita: “Gastão, quando você tem um amigo chato que telefona dizendo que o vai visitar se esquece da hora de sair, você fala o seguinte: estou com minha mulher saindo para te visitar. **Espera aí** na sua casa, porque vou aí. Aí, você sai à hora que quiser, e não fica aturando o sujeito até 1 hora, 2 horas da manhã”.

Pode-se perceber que os itens do arranjo analisado - *espera* e *aí* - apresentam certa independência sintática, semântica e morfológica. Em relação às construções gramaticais, essa estrutura é considerada mais composicional, menos esquemática e menos produtiva. No trecho acima, o verbo em destaque é lexical, expressando um pedido de aguardo do locutor para seu interlocutor. Apesar de não haver um objeto direto sintaticamente explícito na oração, podemos inferir pelo contexto que o pedido é para que o anfitrião espere por ele e por sua mulher, o que corresponderia a “espere-nos/me aí na sua casa”. O locativo *aí*, posposto ao termo *espera*, funciona como reforço na orientação espacial, formando, inclusive, um sintagma com os termos subsequentes: “aí na sua casa”, caracterizando, nos termos da gramática tradicional, uma locução adverbial de lugar. Em seguida, o mesmo locativo é novamente utilizado, porém, posposto ao verbo *ir*, o que corrobora a ideia de que não há forte relação de dependência com o termo *espera*. Observando-se a oração em que o arranjo foi destacado em negrito, pode-se dizer que o *aí* atua como reforço catafórico da orientação espacial.

2.2.Contexto atípico

(2) JOSE PAULO DE ANDRADE – Muito bem, Ministro. Então nós perguntaríamos, já no final do programa ao senhor - e é uma pergunta sugerida por um ouvinte da Bandeirantes - quando é que termina essa dívida externa brasileira. Ele está preocupado com isso. Ele acha que está pegando empréstimo para pagar juros. Quando é que os juros deixarão de aumentar o principal? JOELMIR BETING - Não, um momentinho. **Espera aí**. Hoje, o Ministro embarca para Nova Iorque, e a gente vai colocar primeiramente esta questão: o que o senhor vai fazer em Nova Iorque?

A passagem de uma forma lexical para gramatical não ocorre de forma abrupta, mas sim percorrendo estágios que pertencem a um *continuum* de mudança. Embora, na expressão destacada em (2), ainda esteja bastante presente o sentido do verbo pleno *esperar*, isto é, com o significado de aguardar, já não ocorre a expectativa por alguém ou algo. O intuito do jornalista Joelmir Beting foi refrear a fala de seu colega, José Paulo de Andrade, durante um período de tempo, o suficiente para que ele formulasse a pergunta considerada mais importante, e o entrevistado a respondesse. A referência temporal é confirmada pelo uso da expressão “um momentinho”, que antecede “espera aí”. Nesse estágio, é possível observar que já não há referência espacial por parte do *aí*, ocorrendo dependência sintática e semântica entre verbo e locativo, o que leva à formação de uma unidade que caminha para o *status* construcional. Comparada com as formações lexicais, é considerada menos composicional, mais esquemática e mais produtiva. Porém, ainda não se trata de instância de construção gramatical mais

específica, pois não há surgimento de um pareamento de forma nova e significado novo, já que a expressão ainda carrega bastante do sentido do verbo *esperar*. É interessante atentar para o seguinte exercício como uma das formas de comprovar o início do *status* construcional. Em (1), podemos passar a oração exemplificada, em que consta a sequência do verbo *espera* seguido do locativo *aí* para o discurso indireto fazendo a correspondência de cada um dos termos de forma independente: “Disse que estava com sua mulher saindo para visitá-lo. Que esperasse ali na casa dele, porque iria ali”. No entanto, ao tentarmos repetir o feito com o trecho do exemplo (2), nos deparamos com certa dificuldade, pois percebemos que não é possível pensar em independência dos itens, e sim em uma vinculação sintático-semântica.

2.3.Contexto crítico

(3) O SR. RELATOR (Ronan Tito) – [...] O art. 12 continua, é aquele in extremis, em que, inclusive, a classe trabalhadora concorda, acha que está ok, o art. 13 está ok, o art. 14 aqui vamos colocar - pediria a atenção, inclusive, do Dr. Ulisses Ridel para esta redação. "Constitui abuso do direito de greve a inobservância das normas contidas na presente lei e com a manutenção da paralisação, após a celebração de acordo, convenção..." Não, não, perdão, outra vez. Isso aqui está tudo remendado. 41 "Constitui abuso do direito de greve a inobservância das normas contidas da presente lei, bem como a manutenção da paralisação, após a celebração de acordo, convenção ou em flagrante desrespeito à decisão da justiça. Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica em caso de descumprimento por parte do empregador de cláusulas ou condições estabelecidas no acordo ou em convenção coletiva, bem como na ocorrência de fato novo" Está certo? Este parágrafo único que existe aí corta tudo. O SR. GERSON PERES - **Espera aí**, vamos com calma. Qual é o artigo?

No fragmento acima, ainda que haja resquício da ideia de pedido de tempo, a expressão *espera aí* exerce função refreadora da fala do interlocutor, sobretudo com o objetivo de conter a sequência de informações em grande volume e um tanto confusas proferidas pelo relator. A expressão “vamos com calma”, logo após o emprego do termo analisado, contribui para esse entendimento. Nos demais exemplos de usos de *espera aí* semelhantes a esse encontrados no *corpus*, observamos, em geral, a necessidade de abrandar a fala alheia, seja pelo ritmo acelerado, grande quantidade ou qualidade ineficaz da informação recebida. Esses traços tendem a atrapalhar o raciocínio lógico do receptor e, por tal razão, faz-se necessário um pedido de contenção. Além disso, a expressão referida também pode ser empregada como um pedido para refrear ânimos; em meio a proferimentos mais exaltados, foram encontrados usos de *espera aí* seguidos de expressões como “fique calmo, vamos ouvir”. Em comparação com as expressões anteriormente analisadas, essa está em estágio ainda mais avançado no cline léxico-gramática, sendo considerada menos composicional, mais esquemática e mais produtiva, porém, sem ainda formar a vinculação forma nova - significado novo.

2.4.Contexto isolado

(4) SR. JOSÉ LUÍS ESCANHOELA – [...] Os municípios têm muita dificuldade em obter, por falta de informações, de obter recursos de como fazer. Então, quando se tem um escritório que faça isso, ou pessoas especializadas para isso, eles se socorrem deles. Porque há dificuldade de vir um prefeito à Brasília, pedir a um Deputado ou coisa assim; é muito difícil. SR. ITAMAR FRANCO - Não. **Espera aí.** V. S^a. diz que nunca veio à Brasília. Então, qual é a dificuldade? O escritório de V. S^a.nunca veio à Brasília; tinha aqui apenas um intermediador; uma hora era o Dr. Paulo, outra hora foi o Dr. Boni? SR. JOSÉ LUÍS ESCANHOELA - Boni. SR. ITAMAR FRANCO - Então, qual a dificuldade que restaria ao Prefeito em encaminhar o seu projeto ao Demec e dar seguimento através dele mesmo? V.S^a diz que - aqui o depoimento numa resposta ao nobre orador - em nome da Prefeitura V. S^a.teria falado ao MEC. Mas não sabe qual a repartição, a quem falava, porque falava.

Nesse exemplo, é possível detectar o surgimento de um pareamento de forma nova e significado novo, a expressão formada é muito menos composicional, ainda mais esquemática e produtiva que as anteriores. A microconstrução *espera aí* é instanciada pelo parlamentar Itamar Franco no intuito de refrear a fala do seu interlocutor, José Luís Escanhoela, não só por considerá-la equivocada, como também, e principalmente, por pretender apresentar seu argumento. Frequentemente, o entorno dos construtos instanciados pela mesoconstrução [IRLoc]_{RA} em sequências tipológicas argumentativas é marcado pela presença de advérbios de negação, conjunções adversativas, conclusivas, consecutivas etc. No trecho (4), verificamos também o uso de perguntas retóricas, que, diferentemente das perguntas comuns, não têm como objetivo obter uma resposta, e sim reforçar uma ideia em que se acredita, isto é, provocar no interlocutor a reflexão e conseqüente consideração de um dado argumento. A exemplo da construção destacada em (4), os arranjos gramaticais considerados marcadores argumentativos atuam no apoio de fatos, ideias, provas, entre outros, em objeção ou complementação restritiva do conteúdo de enunciados precedentes. Em geral, nas interações desse tipo, ao articular a expressão *espera aí*, o usuário não só refreia a formulação discursiva de seu interlocutor – a sua própria ou ainda uma ideia veiculada por algum tipo de mídia – como também, e principalmente, posiciona-se diante do que foi colocado, acrescentando novas informações, que denotam geralmente oposição ou restrição ao que foi dito. Sendo assim, denominamos esses tipos de marcadores discursivos *refreador-argumentativos*.

2.5.O quarto estágio: (re)integração paradigmática

Diewald e Smirnova (2012) afirmam que, além das mudanças morfossintáticas e semânticas, o fator mais importante da gramaticalização é o acréscimo da paradigmaticidade e

– concomitante a ela – o processo de paradigmaticidade. É o que figura proeminentemente nos parâmetros de gramaticalização de Lehmann e tem sido afirmado por muitos outros pesquisadores que trabalham com o tema.

A coesão de um signo com outros signos em um paradigma será chamada de paradigmaticidade, isto é, o grau em que ele entra em um paradigma, é integrado a ele e depende dele. [...] A *variabilidade paradigmática* de um signo é a possibilidade de usar outros signos em seu lugar ou omiti-lo completamente. (Lehmann, 2002, p.110).

Além disso, a organização paradigmática é amplamente aceita como a característica essencial de categorias e signos gramaticais. Paradigmas podem ser maiores ou menores que outros, podem ser constituídos por itens formados homogeneamente por uma técnica (ex.: apenas flexão) ou por uma mistura de várias técnicas (ex.: flexão e formas perifrásticas; flexão e entonação). Ademais, paradigmas podem ter membros centrais e membros periféricos (cf. Diewald 2010). Ainda assim, paradigmaticidade é uma característica inevitável das categorias gramaticais. A quarta etapa apontada pelas autoras é então entendida como um estágio de integração paradigmática do novo item gramaticalizado em um paradigma (relativamente) fechado:

Quadro 2: Tipos de contextos em gramaticalização: versão atualizada

Estágio	Contexto	Significado/Função	Tipos de construção (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)
I- Precondições da gramaticalização	Contextos atípicos	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Diewald; Smirnova, 2012.

Em contraste com os estágios I, II e III, que usam o eixo sintagmático como contexto, o estágio IV usa o eixo paradigmático. As autoras entendem por integração paradigmática o processo de estabilização de um novo signo gramatical que o transforma em parte integrante de um paradigma. Nos três primeiros estágios desse modelo, um novo significado se desenvolve e se estabelece como uma variante relativamente independente do signo em questão, associado a propriedades semânticas, funcionais e estruturais particulares. No quarto estágio, esse novo significado associado a uma forma particular, isto é, um novo signo, se integra a um paradigma. Isso significa que, enquanto os três primeiros estágios descrevem a separação do novo

significado da sua fonte, o último estágio refere-se a um processo em que o novo signo perde o seu *status* independente (sua autonomia), à medida que se associa a outros membros do paradigma assim como à categoria paradigmática/gramatical como um todo. Por um lado, o novo signo construcionalizado passa a ser confrontado com membros em oposição do mesmo paradigma e, por outro lado, é gradualmente associado com um significado gramatical mais abstrato que serve como um denominador comum para todo o paradigma. A estrutura resultante é um paradigma fortemente integrado, conforme é descrito por Lehmann:

No que se refere à semântica, os membros de um paradigma têm uma base comum com variação de diferenças específicas. Isso seria apresentado por uma análise componencial e se reflete na terminologia tradicional pelo fato de que há um nome genérico da categoria para todo o paradigma e nomes de oposição para as subcategorias específicas. Essa paradigmaticidade é gradualmente alcançada no processo de gramaticalização. Categorias muito pouco gramaticalizadas não constituem paradigmas tão fortemente integrados. (LEHMANN, 2002, P.120)

Segundo as pesquisadoras, no quarto estágio da construcionalização gramatical, o novo significado gramatical torna-se dependente (ou não autônomo) do significado do paradigma – como um todo – a que pertence e, ao mesmo tempo, do significado dos outros membros paradigmáticos.

Diewald e Smirnova (2012) tratam a estreita organização semântica de um paradigma gramatical como sua propriedade mais relevante. No que se refere às características formais, os membros de um paradigma podem mostrar variação (e é o que geralmente acontece). Contudo, pode-se admitir que quanto mais desenvolvido (antigo) for um paradigma gramatical, mais homogêneas serão as características formais de seus membros. Por essa razão, ao descreverem “tipos de construção” no quarto estágio, as autoras tratam de “esquema construcional abstrato”. Assim, se referem a um conjunto de construções; por um lado, a rede construcional constrói o paradigma e, por outro, constrói cada construção individual dentro dele. Um esquema construcional abstrato é constituído por bases semânticas comuns de um paradigma e por propriedades estruturais abstratas de suas construções participantes, representando, então, o tipo de associação não redutível de forma e significado crucial para a classificação de uma dada entidade linguística como uma construção.

Acrescentam ainda as autoras que, se já existir um paradigma gramatical, que funciona como categoria alvo do processo, esse paradigma serve como contexto paradigmático no processo de construcionalização gramatical. Se não existir tal paradigma, isto é, se uma categoria completamente nova é desenvolvida em uma língua, seus futuros membros formam

um paradigma entre si, com os membros diacronicamente mais antigos servindo, geralmente, como modelo para um desenvolvimento análogo (formação padrão) dos novos membros.

As pesquisadoras enfatizam ainda que o estágio de integração paradigmática não é um período cronológico bem delimitado, mas sim um processo contínuo que é em si de desenvolvimento gradual. No começo de um processo da integração paradigmática, há paradigmas tipicamente não homogêneos com números relativamente altos de membros e características semânticas relativamente ricas, sobrepostas, não distintivas, movendo-se em direção ao fim em que os membros tornam-se formalmente mais homogêneos e ao mesmo tempo mais distintivos semanticamente. Quanto menor o paradigma, mais distinto será o contraste semântico entre os seus membros e mais dominante será a função gramatical. Isso, obviamente, pode ser testemunhado em todos os paradigmas flexionais diacronicamente antigos, que têm apenas poucos membros que, no entanto, têm maior impacto distintivo do que os membros de paradigmas maiores, mais vagamente estruturados.

O quarto estágio da construcionalização gramatical por elas proposto não trata de construções individuais ou tipos de construções, isto é, não trata de operações no eixo sintagmático. Em vez disso, sua essência é a noção de um paradigma como um tipo de construção particular, isto é, a conceptualização de oposições paradigmáticas construindo uma categoria gramatical como um tipo específico de pareamento forma-função e, portanto, um tipo específico de construção. Isso representa o processo de integração de construções existentes – que foram estabelecidas durante os três estágios precedentes – e uma rede estreitamente inter-relacionada. O que ocorre nesse estágio é o processo de consolidação em um paradigma – o estabelecimento de relações paradigmáticas entre construções com o resultado de um novo paradigma (um novo tipo de construção).

Com base em nossas análises, entendemos que *espera aí* (por hipótese, a construção exemplar da categoria investigada), passa por processo de construcionalização gramatical, em que seus itens, antes com independência sintático-semântica, desprendem-se dos valores espaço-temporais, formando um pareamento de forma e função de valor pragmático-discursivo. A partir daí, a construção passa a integrar o paradigma dos marcadores discursivos formados por pronomes locativos (um dos objetos de pesquisa do D&G UFF, que dedica-se primordialmente aos estudos de construções formadas por locativos). Tendo em vista a afirmação de Lehmann (2002, p.110), já citada anteriormente, de que “a variabilidade paradigmática de um signo é a possibilidade de usar outros signos em seu lugar ou omiti-lo completamente”, é possível observar, dentro desse paradigma, os usos de *espera lá; aguenta aí; alto lá; calma aí; calma lá; escuta aqui; segura aí*, que apontam para a variabilidade de

espera aí. Certamente, o leque de opções será maior ou menor de acordo com o contexto discursivo, devido à existência de membros centrais e periféricos no paradigma, isto é, mais ou menos prototípicos.

Elaboramos, assim, um quadro indicativo dos contextos de construcionalização gramatical, que culmina em um estágio de integração paradigmática e um modo de organização ou conceptualização de oposições paradigmáticas, em que é delimitada uma categoria gramatical específica: a categoria dos marcadores discursivos refreadores-argumentativos:

Quadro 3: Contextos da construcionalização gramatical de *espera aí*

Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado	Contexto paradigmático	
Valor temporal do arranjo como um todo. O locativo perde sua função de circunstanciador espacial (+ lexical temporal). Exemplo: <i>Um momentinho. Espera aí.</i>	Valor situacional-discursivo, ainda há resquícios do valor lexical. O arranjo como um todo atua como um pedido de abrandamento (-lexical). Exemplo: <i>Espera aí, vamos com calma.</i>	Valor pragmático-discursivo. Surgimento de uma construção: pareamento de forma nova e significado novo. Função marcadora discursiva refreadora-argumentativa (+ gramatical). Exemplo: <i>Espera aí, mas isso não é bastante; tragam-me provas.</i>	Integração ao paradigma dos marcadores discursivos formados por locativos [(X)Loc(Y)] _{MD} . MD refreador-argumentativo [I _R Loc] _{RA} : <i>espera aí; espera lá; aguenta aí; alto lá; calma aí; calma lá; escuta aqui; segura aí.</i>	Exemplo de oposição paradigmática com o MD exortativo ⁶ [VLoc] _{EX} : <i>vamos lá.</i>

Fonte: Desenvolvido pela autora com base em Diwald; Smirnova, 2012. Legenda: I_R: termo injuntivo refreador; Loc: pronome ou advérbio locativo; MD: marcador discursivo; RA: refreador-argumentativo; V: verbo; X,Y: termos quaisquer, especificados a partir das macro e mesoconstruções; (): ocorrência não obrigatória; [Forma]_{função}: pareamento de forma e função = construção.

3. Considerações finais

Tendo em vista que esta pesquisa ainda se desenvolve, nossos próximos passos estão relacionados à continuidade da coleta de dados, tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico; à ampliação e ao refinamento da fundamentação teórica, metodológica e à análise de dados. No que se refere à coleta de dados, daremos seguimento ao registro e às análises quantitativas e qualitativas das sequências *aguenta aí, alto lá, calma aí, calma lá, escuta aqui, espera aí, espera lá e segura aí*, avaliando seus processos de construcionalização gramatical e/ou mudança construcional. Estamos, também, em fase de elaboração de uma rede construcional envolvendo todas as construções formadas por locativos que já foram ou estão sendo investigadas por membros do D&G UFF. Os resultados finais, que visam responder às nossas

⁶ Conferir Teixeira, 2015.

hipóteses, serão publicados em forma de tese de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense.

Abstract

Our researches about $[[RLoc]_{RA}$ construction (*IR*: injunctive element of restraining function; *Loc*: locative pronoun) are based, above all, on the constructionalization and constructional changes approach (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). In this paper, we discuss the stages that, according to Diewald (2002, 2006, 2008), compose the process of grammaticalization or grammatical constructionalization: untypical, critical and isolating contexts. We add an analysis on the fourth stage, proposed by Diewald and Smirnova (2012) about integration of paradigms, and we propose a paradigmatic opposition between discourse markers investigated by D&G UFF⁷. The expressions *aguenta aí*, *alto lá*, *calma aí*, *calma lá*, *escuta aqui*, *espera aí*, *espera lá* e *segura aí* are analyzed in a synchronic view by the collection of data in the digital publications of the National Congress. At this stage in development, we have proposed to examine, in the current synchrony, the levels of grammaticality of the restraining argumentative constructions, understanding that grammaticization - a phenomenon of transition between linguistic categories in a synchronic perspective (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) - reflects the categorical transition on a diachronic plane. We assume, by hypothesis, that *espera aí* acts as an exemplary element of the research category, so we use this specific microconstruction to demonstrate the stages mentioned above.

Keywords: Construction, grammatical constructionalization, grammaticalization, contexts, paradigm.

REFERÊNCIAS

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: _____; WISCHER, Ilse (Ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>.

_____. Abtönungspartikel. In: *Handbuch der deutschen Wortarten*, Ludger Hoffmann (Ed.). Berlin: de Gruyter. 2008. p. 117–142.

_____. On some problem areas in grammaticalization theory. In: *Grammaticalization*. Current Views and Issues [Studies in Language Companion Series 119], Katerina Stathi, Elke Gehweiler; Ekkehard König (Ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 17–50.

_____; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (Ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

⁷ The Discourse & Grammar Study Group - D&G - is headquartered in UFF, UFRJ and UFRN.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Catherine. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone*. *Language* 64, 1988. p. 501–538.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: *New Reflections on Grammaticalization* [Typological Studies in Language 49], Ilse Wischer & Gabriele Diewald (Ed.), 83–101. Amsterdam: John Benjamins.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*, 2nd revised edn. [ASSidUE 9]. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität. 2002.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (Ed.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____. DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: CUP. 2002.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

A construcionalização gramatical de [para lá de X]_{gi}: uma análise baseada no uso

The grammatical construction of [para lá de X]_{gi}: a usage-based analysis

Vanessa Barbosa de Paula (UFF)¹

Resumo

Nossa pesquisa volta-se para o processo de construcionalização gramatical e assume como objeto de estudo a construção [para lá de X], que desempenha a função de grau intensificador, em instanciações como: *Lenine apresenta um show para lá de especial nos dias 8 e 9 de novembro, em Salvador*. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.bahianoticias.com.br/cultura/>. Acesso em agosto/2017). Nosso objetivo é investigar a rota de construcionalização da construção em foco. Interessa-nos analisar as propriedades construcionais de “Para lá de X”, os micropassos da mudança, as possíveis relações de herança (GOLDBERG, 1995, 2006) entre a construção “Para lá de X” intensificadora, de sentido procedural, e os usos mais referenciais da mesma, na indicação de espaço e tempo (*Ele mora para lá de Niterói /Chegou para lá de Ih*), bem como a ideia da conceitualização de grau a partir de transferências metafóricas, especialmente, a ancoragem concreta da localização aplicada ao conceito intensificador.

Palavras-chave: Construcionalização gramatical; Linguística Funcional Centrada no Uso; Para lá de X.

1. Introdução

Este artigo apresenta a pesquisa, ainda em fase inicial, que objetiva investigar a rota de construcionalização de [Para lá de X] em função de grau intensificador, tal como ocorre nos seguintes recortes textuais:

(1) Ela assumiu o posto de apresentadora de o Chelsea Lately em a segunda como convidada substituta e mostrou por que amamos tanto a garotinha de "Operação Cupido". Durante seu monólogo de abertura... Em entrevista recente, Sharon Osbourne foi **para lá de** crítica com estrelas de a cultura pop, alfinetando Justin Bieber, o congressista Anthony Weiner e o talk show The View. Mas ela não parou por aí. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://blog.clubnme.com.br/?p=8332>).

(2) Um profissional, em o caso o de o Magistério, que está continuamente em contato com milhares de alunos está mais suscetível a doenças, e, como em o momento, está ocorrendo um rotavírus será que nenhum professor adoecerá? como se esta já não fosse uma situação **para lá de** dramática, quando existe a intercorrência de um rotavírus um grande número de professores, e também de alunos, adoecer! (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.apec.org.br/opiniao/6094-professor-apesar-de-tudo.html>).

(3) Lenine apresenta um show **para lá de** especial em os dias 8 e 9 de novembro, em Salvador. O pernambucano subirá a o palco de a Sala Principal de o Teatro Castro Alves para comemorar seus 30 anos de carreira em um show que terá todas as músicas arranjadas por o maestro

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em estudos da linguagem (UFF). E-mail: vanessabdepaula@hotmail.com

Letieres Leite, de a Orkestra Rumpilezz. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial -<http://www.bahianoticias.com.br/cultura/>).

Nas ocorrências acima, observamos a construção [para lá de X] atuando como um membro da categoria de grau intensificador, superelevando o conceito adjetival que compõe a construção. Desta forma, em (1), por exemplo, “para lá de” intensifica o adjetivo “crítica”, instanciado em X. Percebemos que, para o usuário da língua, não basta dizer que Sharon Osborn foi crítica. Na verdade, ela foi mais do que isso. [Para lá de X] mostra-se, então, um arranjo linguístico recrutado para satisfazer à necessidade comunicativa do falante de intensificar o conceito em questão.

Interessa-nos investigar as possíveis relações de herança (GOLDBERG, 1995, 2006) entre a construção [Para lá de X] intensificadora, de sentido procedural, e os usos mais referenciais da mesma, na indicação de espaço e tempo, como em:

(4) Já vou avisando: o lugar é longe, **para lá de** Vargem Grande, em Barra de Guaratiba, mas o passeio vale muito a pena! (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial -<http://www.destemperados.com.br/blog/destemperadinhos/bira-de-guaratiba-da-serie-refeicoes-memoraveis-em-familia>).

(5) No caso de dispensa para amamentação, a trabalhadora comunica ao empregador com uma antecedência de dez dias relativamente ao início da dispensa. Se a amamentação se prolongar **para lá de** um ano, deve apresentar atestado médico. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial-<http://www.leitematerno.org/direitos.htm>).

Em nossas análises buscaremos identificar os níveis de gradualidade (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) da construção em estudo, isto é, mapear a mudança ao longo do tempo.

O *corpus* final da pesquisa será composto por textos escritos a partir do século XII até a sincronia contemporânea (séculos XX e XXI), extraídos do *site* www.corpusdoportugues.org.

Sendo assim, por meio de uma análise diacrônica, pretendemos demonstrar o processo de construcionalização gramatical de [para lá de X] como grau intensificador, doravante, [para lá de X]_{gi}.

2. Pressupostos teórico-metodológicos e análise de dados

Considerando que a língua é um instrumento de interação social e que o foco da investigação linguística deve ir para além da estrutura gramatical, abrangendo a busca da motivação para os fatos da língua e considerando o contexto discursivo, fundamentamos nossas análises no arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

A abordagem funcionalista recentemente denominada LFCU também é identificada

como Linguística Cognitivo-Funcional, conforme Tomasello (1998). Essa nova tendência de análise compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas nas análises dos usos da língua e “parte do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente.” (CUNHA; BISPO e SILVA, 2013, p.14).

No que diz respeito ao objeto de interesse da LFCU, Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 17) afirmam:

Grosso modo, a Linguística Funcional Centrada no Uso inclui em sua agenda de pesquisa a investigação de temas relacionados à emergência e à regularização de padrões construcionais no nível da proposição – considerando fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos – e do discurso multiproposicional – concentrando-se em aspectos linguísticos relativos à organização do texto (GIVÓN, 2009). Para isso, busca identificar motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso desses padrões.

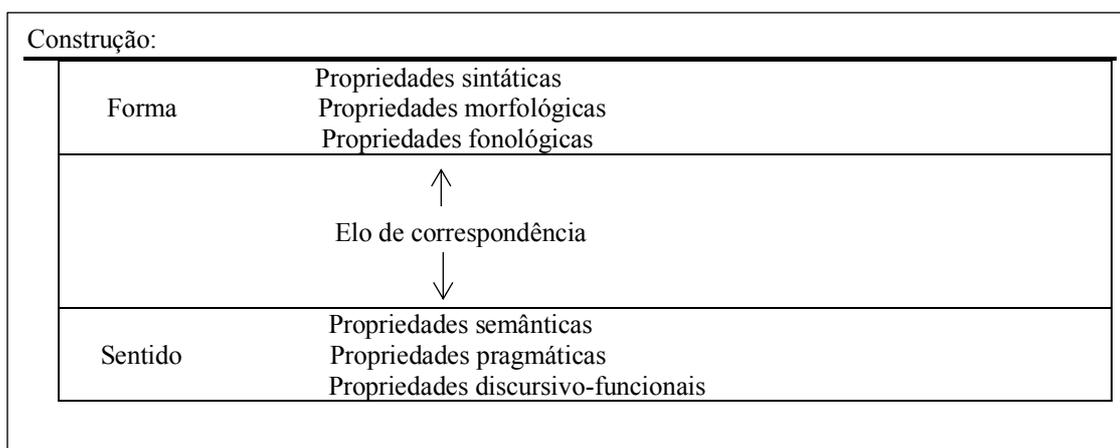
Aos estudos funcionalistas contemporâneos têm sido de grande valia as pesquisas cognitivistas desenvolvidas no âmbito da chamada *Gramática das construções*. (CROFT 2001; CROFT E CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008).

O conceito de construção nesse enquadramento teórico, nos termos de Goldberg (1995, 2006), diz respeito ao pareamento/correspondência convencional de sentido e forma entre elementos da língua.

Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas na qual se integram propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas.

Croft (2001, p.18) propõe o seguinte quadro esquemático da correspondência existente entre traços semânticos e sintáticos na construção:

Quadro 1 – Correspondência entre traços semânticos e sintáticos na construção



Fonte: Croft (2011, p.18)

A proposta de Croft (2001), apresentada no quadro 1, equilibra os eixos da forma e do sentido, superando a tendência das análises funcionalistas clássicas que, na maioria das vezes, concentrava-se em um ou outro eixo.

A esse respeito, Rosário e Oliveira (2016, p.240) afirmam que:

o mérito da proposta de Croft (2001) está também em permitir maior rigor à pesquisa nessa área, dado que se espera a detecção das seis propriedades referidas para a descrição interpretativa das construções, que se integram em rede de unidades convencionalizadas, denominada genericamente de *constructicon*.

Na esteira das pesquisas desenvolvidas na LFCU relacionadas à mudança linguística, nossa pesquisa volta-se para o processo de construcionalização gramatical.

Bergs e Diewald (2008, *apud* ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p.243) definem construcionalização como “a formação de novas unidades (construções) a partir de materiais independentes até então”. Trata-se, portanto, da criação de um novo pareamento forma-significado. É o que ocorre com a construção [para lá de X] a qual, em contextos específicos, forma um novo arranjo, atuando como um elemento de intensificação. Vejamos as ocorrências (6) e (7):

(6) O propósito desta pesquisa é relacionar processos espaciais e sociais em curso na cidade em diferentes momentos, examinando-os a partir da presença e atuação de estrangeiros que constituem com suas práticas profissionais e redes de sociabilidade a própria cidade. (AU) CDi / FAPESP -- Centro de Documentação e Informação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Será que só as grandes empresas nacionais e multinacionais têm políticas e programas de RH **para lá de** diferenciados? Se você respondeu que sim, acertou. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial-http://www.canalrh.com.br/revista_artigo.asp).

(7) Se você tem vontade de conhecer o Canadá e não gosta de frio, não cogite a ideia de ir **para lá de** janeiro até março, pois o frio é inevitável. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial-http://www.falandodeviagem.com.br/viewtopic.php?f=42&t=4922).

Em (6), o “para lá de” de “para lá de diferenciados” forma um todo indecomponível. O conceito do adjetivo “diferenciados”, instanciado nessa construção, é superelevado. Os elementos que compõem a forma fixa da construção não apresentam suas funções categoriais típicas, isto é, “para” e “de” não exibem traços característicos das preposições e “lá” não funciona como um locativo. Em outras palavras, em (6), “para lá de X” não é composicional.

Em (7), o *slot* X da construção “Para lá de X” não mais é preenchido por um adjetivo e

o elo de correspondência entre as formas “para”, “lá” e “de” e os significados das mesmas é transparente. O valor do todo é dado pelo significado das partes. Assim, a preposição “para” indica a direção do movimento, expresso pelo verbo “ir”, o “lá” faz referência anafórica a um espaço físico, o Canadá, e a preposição “de” indica o momento em que se inicia um determinado período, no contexto em questão, a época de frio. Observa-se, portanto, a propriedade da composicionalidade (LANGACKER, 2005) na construção [para lá de X], apresentada na ocorrência (7).

Desta forma, é possível afirmar que, para o estabelecimento de um sentido intensificador, partes até então independentes vincularam-se, dando origem a um novo pareamento forma-significado na língua, em contextos específicos.

O processo de construcionalização pode ser gramatical ou lexical. Na construcionalização gramatical, as mudanças ocorridas no pareamento forma e sentido são de caráter mais procedural. Na construcionalização lexical, ocorrem mudanças de outra natureza no par forma-sentido: o eixo do significado passa a se associar a uma semântica mais concreta e o polo da forma enquadra-se em categorias como nome, verbo e adjetivo.

Consideramos que a construção objeto de nosso estudo trata-se de um caso de construcionalização gramatical, uma vez que o uso de [para lá de X]_{gi} assume um caráter mais procedural e abstrato.

Acerca da intensificação, Silva (2014, p.41) assevera que esse recurso linguístico

Tem a ver com o incremento semântico aplicado a um determinado conteúdo para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação de intensidade, caracterizada pelo reforço escalar de direção para mais ou para menos, atribuída a uma noção, em geral, de natureza mais abstrata e subjetiva.

É o que se observa na ocorrência a seguir, na qual, o grau de equipamento de uma van é intensificado para além do nível normal com o uso de [para lá de X]_{gi}.

(8) Eles contam que, em frequentes acessos de raiva, o prefeito lança cinzeiros e grampeadores em colaboradores ou, em um tom mais light, convida vereadores para tomar guaraná, ouvir sambinha e superar divergências dentro de uma van **para lá de** equipada. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-edgard/francisco-mostra-mais-que-engarrafamentos-no-rio-9533.html>).

Ainda no que se refere à intensificação, Silva (2014) argumenta que os processos relacionados à conceitualização de grau (incluindo o intensivo) estão relacionados a transferências conceituais entre domínios. Parte-se de domínios concretos, baseados nas experiências dos falantes com o mundo físico, para domínios mais abstratos e subjetivos

(LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Nesse sentido, o referido autor demonstra que um dos conceitos de ancoragem mais concreta aplicado metaforicamente à ideia intensiva é o conceito de localização. A relação estabelecida diz respeito não só à percepção que temos quanto à posição dos seres e coisas no mundo, mas também ao fato de esses seres e coisas estarem situados num ponto considerado máximo ou além de um dado limite concebido como “normal”.

A ideia da conceitualização da intensificação a partir de transferências metafóricas é defendida pelo autor porque

(...) em diversos contextos, esta é expressa por palavras ou expressões do tipo *alto*, *elevado*, *profundo* (relativos à verticalidade), *avançado*, *extremo*, *para lá de* (vinculados à horizontalidade) e tantas outras. Em vista desses fatos, podemos afirmar que o esquema sintetizador dessa relação pode ser expresso nos termos INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO (de orientação vertical ou horizontal). (SILVA, 2014, p. 69)

Como podemos perceber, Silva (2014) identifica [para lá de x] como uma construção recrutada para o estabelecimento de uma noção intensificadora, apontando a influência de pressões de ordem cognitiva nesse uso construcional.

Objetivando analisar a construção [para lá de]_{gi} em contextos reais de comunicação, elegemos como fonte de pesquisa o *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>.

O corpus final da pesquisa contará com textos do século XII até a sincronia contemporânea (séculos XX e XXI), propiciando uma abordagem histórica do uso da construção em estudo.

No entanto, para os fins deste artigo, apresentaremos resultados iniciais da pesquisa, num recorte sincrônico, obtidos a partir da investigação da nova base de dados do Corpus do Português (2016) constituída por páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa, a saber, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, recolhidas entre os anos de 2013 e 2014.

Nessa etapa inicial de recolhimento de dados sincrônicos, coletamos as 30 primeiras ocorrências exibidas após a busca pela construção no *site*. Consideramos apenas as páginas que, de acordo com os critérios de seleção próprios do Corpus do Português, foram apresentadas como páginas do Brasil.

Dentre as 30 ocorrências mapeadas, detectamos 14 em que a construção [para lá de X] foi usada com função de grau intensificador em instanciações como:

(9) Ansiosamente aguardadas, as festas de final de ano reservam ótimos momentos com os

familiares, amigos e todas as pessoas queridas. Mas as confraternizações não serão as mesmas se aparecer uma companhia **para lá de** indesejável: o mau hálito. Quer aproveitar o final de 2011 e o início de 2012 com aquele hálito saudável? (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - http://www.fgm.ind.br/site/ver_noticia.php?lng=pt&id=1364).

(10) Lenine apresenta um show **para lá de** especial em os dias 8 e 9 de novembro, em Salvador. O pernambucano subirá a o palco de a Sala Principal de o Teatro Castro Alves para comemorar seus 30 anos de carreira em um show que terá todas as músicas arranjadas por o maestro Letieres Leite, de a Orkestra Rumpilezz. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.bahianoticias.com.br/cultura/>).

Nesses contextos, conforme mencionamos anteriormente, o “para lá de” forma uma unidade estruturalmente unida, indissolúvel, não composicional, atuando em prol da intensificação. O conceito do adjetivo instanciado na construção é colocado em um nível mais alto do que o considerado “normal”.

Percebemos que para o usuário da língua não basta referir-se ao mau hálito como uma companhia “muito indesejável” (9) ou ao show do Lenine como um evento “muito especial” (10). Nesses contextos, o uso de “para lá de” aponta para uma necessidade comunicativa dos falantes de conferir maior expressividade aos seus enunciados linguísticos. Martelotta (2011, p. 112) trata essa necessidade comunicativa como uma das motivações para a mudança linguística. A esse respeito ele afirma que:

É fato aceito na literatura funcionalista que há contextos comunicativos em que é interessante utilizar a forma frequente e, portanto, mais comum, que está disponível no sistema da nossa língua. Esse seria o modo mais prático e rápido de se estabelecer a comunicação. Por outro lado, há contextos em que esta forma, exatamente por ser mais frequente e comum, mostra-se inexpressiva. Nesses casos, a tendência é o falante buscar formas de comunicação novas e extravagantes que, chamando a atenção do ouvinte, dão mais poder expressivo ao discurso.

Relacionando essa necessidade dos falantes, descrita por Martelotta (2011), ao subprincípio icônico da quantidade, segundo o qual, empregamos maior quantidade de forma para expressar conteúdos informacionais também maiores, podemos avaliar o uso de “Para lá de X” como um arranjo linguístico recrutado para intensificação mais expressiva de conceitos.

Em todas as ocorrências em que o “para lá de X” desempenhou a função de grau intensificador, o *slot* X da construção foi preenchido por um adjetivo. Sendo assim, esse uso da construção em estudo ocorre em contextos predicativos. Além disso, a análise dos dados mostrou que a construção, no *corpus* analisado, foi mais frequente em sequências narrativas e expositivas, respectivamente demonstradas nos exemplos a seguir.

(11) A partida se encaminhava para o 0 a 0, mas Péricles apareceu. Não havia nenhum jogador com esse nome, leitor. Péricles era o juiz de o confronto. Primeiro, poderia ter expulsado Sheik, que deu um carrinho **para lá de** perigoso em Gil. Deu amarelo. Tudo bem, ainda foi bonzinho demais. Mas, em o fim, em lance normal de ombro a ombro de Danilo e Luccas Claro, Péricles viu o pênalti. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dia-www.diariosp.com.br/21759)

(12) A USP (Universidade de São Paulo) está reforçando seu conteúdo audiovisual com acesso aberto para o público em geral -- e não apenas para sua comunidade de alunos e docentes. Em este ano, a instituição já vem com novidades. Timidamente divulgado, mas disponível desde março, o e-Aulas reúne cerca de 880 vídeos com professores de a instituição que explicam temas **para lá de** complexos que podem ser assistidos gratuitamente por a internet e em língua portuguesa. O site é dividido por áreas de estudo 'Exatas, Humanas e Biológicas', mas há vários departamentos de a universidade sem nenhuma videoaula para oferecer. O e-Aulas é um agregador. "O sistema está sendo implantado agora e será construído aos poucos", explica a professora Regina Melo Silveira, pesquisadora de o Laboratório de Arquitetura e Redes de Computadores da Escola Politécnica que participa de o projeto. (www.corpusdoportugues.org/web-dia http://www.dce.mre.gov.br/Noticias/08_2012.html)

Fundamentando-nos em Marcuschi (2007, p.22),

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção*.

Uma análise geral a partir da predominância da sequência tipológica indicou que o uso de [para lá de X] envolve semanticamente a expressão de opiniões, de avaliações subjetivas em diferentes situações comunicativas.

Esse uso mais abstrato e subjetivo da construção [para lá de X] mostrou-se, consideravelmente produtivo na análise preliminar de dados, representando 46.6% das ocorrências mapeadas. A produtividade, tal como apontam estudos desde a versão clássica do Funcionalismo sobre gramaticalização e lexicalização, é de grande importância, pois a frequência pode ser responsável pela rotinização e cristalização de novos usos na língua.

3. Considerações parciais

As análises preliminares de dados mostraram que [para lá de X]_{gi} tem formado um novo arranjo linguístico, exibindo perda de composicionalidade, menor grau de referencialidade e aumento de abstraticidade e subjetividade em contextos em que o X é preenchido por um adjetivo.

Tal construção tem sido recorrentemente recrutada para estabelecer intensificação de

conceitos, funcionando, desta forma, como um elemento de grau intensificador.

Consideramos que pesquisa apresentada, baseada em dados de uso linguístico em contextos comunicativos reais, contribui para ampliação do estudo da expressão da semântica da intensidade, evidenciando um novo “nó” na rede, a construção [para lá de X]_{gi}, não contemplado na tradição descritiva da nossa língua.

Parece-nos relevante, portanto, a proposta investigativa de, por meio de uma abordagem diacrônica, baseada no uso, detectar os micropassos da mudança linguística em questão.

Abstract

Our research turns to the process of grammatical constructionalization and assumes as object of study the construction [para lá de X], performing the function of intensifying degree, in instantiations as: *Lenine apresenta um show para lá de especial nos dias 8 e 9 de novembro, em Salvador. (Lenine has a beyond special show on November 8th and 9th in Salvador.)* (Disponível em: [www.corpusdoportugues.org/web-dial -http://www.bahianoticias.com.br/cultura/](http://www.corpusdoportugues.org/web-dial-http://www.bahianoticias.com.br/cultura/).

Acesso em agosto/2017). Our objective To investigate the route of constructionalization of “Para lá de”. We are interested in analyzing the constructional properties of “Para lá de”, the micro-steps of change, the possible inheritance relations (GOLDBERG 1995, 2006) between the “Para lá de” intensifying construction, of procedural meaning, and its most referential uses, in the indication of space and time [*Ele mora para lá de Niterói /Chegou para lá de 11h (He lives beyond Niterói / He arrived beyond 11 o'clock)*], as well as the idea of conceptualization of degree from metaphorical transfers, especially, the concrete anchorage of the location applied to the intensifying concept.

Keywords: Grammatical constructionalization; Usage-Based Functional Linguistics; Para lá de X.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.; CUNHA, M. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The university of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. São Paulo: Alfa, 2016, v. 60, p.233-259, 2016.

SILVA, J. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. New Jersey: Laurence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Padrões microconstrucionais com marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo e pelo elemento focalizador *só*

Microconstruational patterns of focalizer pragmatic markers formed by verbs of cognitive perception in imperative with the focalizer adverb *só*

Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa (UFJF)¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever os padrões microconstrucionais com marcadores discursivos (MDs) focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva em configuração imperativa e pelo elemento focalizador *só*, como, por exemplo, *olha só* e *veja só*. A fim de cumprir o objetivo proposto, assumimos os pressupostos da abordagem da construcionalização gramatical, a qual se caracteriza pela instanciação de novos pares forma-função que passam a compor a gramática da língua, que, como outros sistemas cognitivos, consiste de uma rede composta por nós hierarquicamente organizados e formados por construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Para a realização deste trabalho, apresentamos uma descrição preliminar dos marcadores discursivos analisados a partir de um *corpus* escrito da sincronia atual, cujos textos estão divididos em três graus de formalidade, tendo sido retirados de blogs, redes sociais e revistas. Com base no levantamento de dados obtido por meio de uma análise qualitativa, acreditamos que essas construções se configuram como marcadores discursivos, cujo objetivo é a chamada de atenção do ouvinte pelo falante. Além disso, assumimos que a configuração imperativa, por si só, configura uma estratégia de focalização, pois sua função discursiva é sequenciar um tópico, podendo operar tanto na organização textual quanto na organização interacional (MARCUSCHI, 1989).

Palavras-chave: Marcadores discursivos; padrões microconstrucionais; construcionalização gramatical; focalização.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever, de maneira breve e preliminar, os padrões microconstrucionais com marcadores discursivos (MDs) focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva em configuração imperativa e pelo advérbio focalizador *só*, como, por exemplo, *olha só* e *veja só*. Tais marcadores discursivos têm como objetivo básico a chamada de atenção por parte do locutor a seu(s) interlocutor(es). Para tal, assumimos os pressupostos da construcionalização gramatical (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), a qual, pautada nas definições da Gramática de Construções (GC) (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), se caracteriza pela instanciação de novos pares forma-função (construções) que

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFJF) – E-mail: gustavo.grpb@gmail.com

passam a compor a gramática da língua. Nesse sentido, é possível propor uma rede construcional a partir dos padrões identificados e analisados desses MDs.

Sendo a língua um sistema da cognição humana, os processos de mudança linguística são objeto de estudo e análise que demonstram coerência com os estudos linguísticos atuais e, apesar de o estudo de marcadores discursivos vir sendo amplamente explorado, ainda há poucos estudos publicados sob esse viés construcionista. Portanto, as construções a serem estudadas neste trabalho, além de serem amplamente usadas pelos falantes do português brasileiro, evidenciam o caráter de mudança constante da língua e, ainda, as expansões conceituais que elas podem apresentar. Uma de nossas hipóteses é a de que os significados do verbo e do advérbio têm impacto na função de cada marcador e que, a partir de suas características em comum, é possível agrupá-los em rede taxonômica hierarquicamente organizada, cujo nível mais alto é uma abstração de suas construções.

Contudo, neste trabalho, focaremos apenas nas análises de alguns marcadores encontrados no *corpus* analisado e nas hipóteses e conclusões a que nos permitem chegar.

2. A abordagem construcional da mudança

Como o objetivo desta pesquisa é descrever os padrões microconstrucionais de MDs com função focalizadora, os pressupostos da abordagem construcional da mudança são imprescindíveis para cumpri-lo, uma vez que tal modelo visa a dar conta dos processos de mudança linguística sob uma perspectiva construcional. Os padrões mapeados neste trabalho são construções em emergência na língua e evidenciam esse processo, portanto, é coerente com a abordagem construcional da mudança.

Proposta por Traugott e Trousdale (2013), assim como posto anteriormente, essa abordagem é um modelo teórico que visa a explicar os processos de mudança linguística e que se pauta nos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) por considerar sua premissa básica: as construções são as unidades básicas das línguas.

Goldberg (1995) postula que as construções são pareamentos de forma e sentido em que algum aspecto da forma ou do sentido não deriva da combinação das partes que compõem construções já existentes. A GC, que está baseada na ótica da Linguística Cognitiva, defende que a língua é aprendida em *chunks* (unidades de processamento linguístico) e que as construções são pares de forma e função semântico-discursiva aprendidos, que podem variar no grau de esquematicidade, no tamanho, na forma e na complexidade.

Com base nesse postulado, Traugott e Trousdale (2013) defendem que as construções são um pareamento de forma e função cujo modelo é [Forma] <> [Função], em que nenhum aspecto da forma se sobrepõe a nenhum aspecto da função e vice e versa. Além disso, partindo dos pressupostos desenvolvidos por Croft (2001) em sua *Radical Construction Grammar* – que considera que as construções não existem de forma isolada –, uma das inovações mais importantes da obra de 2013 é o fato de que as construções são organizadas em redes taxonômicas hierarquicamente organizadas, sendo que cada construção constitui um nó separado da rede. Dessa forma, essas redes formam um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas que abarca o conhecimento que os falantes de uma língua possuem dela.

Sendo assim, Traugott e Trousdale (2013) entendem que existem dois processos de mudança: i) mudança construcional – mudança interna dos componentes ou da forma ou da função de uma construção, sem que haja instanciação de um novo nó na rede – e ii) construcionalização – instanciação de novos padrões de construções, que, conseqüentemente, criam novos nós em uma rede. Dessa forma, os autores propõem um modelo que possa compreender as mudanças ocorridas tanto na gramática quanto no léxico.

Para este trabalho, o conceito de construcionalização gramatical é importante, uma vez que as construções dos MDs estudados por nós, segundo nossa hipótese, fazem parte da gramática, pois são “[...] o desenvolvimento através de uma série de mudanças em micropassos de um novo par forma-significado que é (principalmente) processual em função”. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 147, tradução nossa²).

Portanto, uma rede construcional abarca um conjunto de construções que compartilham características similares. Essas características se agrupam na rede por meio de seus níveis construcionais: construto, microconstrução, subesquema e esquema. Construtos são as ocorrências empiricamente atestadas a partir de um *corpus* e se relacionam diretamente com a frequência *token*, pois são o lócus da inovação individual, podendo vir a ser convencionalizados na língua. As microconstruções se referem à instanciação no uso de construtos, ou seja, são as construções individuais já convencionalizadas e produtivas na língua. Os subesquemas abarcam as similaridades entre as microconstruções já convencionalizadas. Finalmente, os esquemas são as abstrações das construções que compõem a rede, isto é, as construções mais genéricas da rede que têm diversas possibilidades de preenchimento de acordo com sua especificidade.

² No original: “[...] the development through a series of small-step changes of a form^{new}-meaning^{new} sign that is (mostly) procedural in function. [...]”. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 147)

Em vista disso, nossa proposta neste trabalho é mapear as microconstruções dos MDs em questão e tentar estabelecer padrões entre elas que as separem por suas características similares e distintas, a fim de determinar suas funções no discurso.

3. Marcadores discursivos

Existem na literatura linguística várias definições sobre o que seriam os marcadores discursivos devido ao seu vasto uso nas modalidades tanto oral quanto escrita da língua; entretanto, muitas delas são controversas. Os MDs podem ser classificados como uma forma de o locutor reformular suas ideias, processar mentalmente informações, atuar no monitoramento da conversação, reorganizar o discurso e chamar a atenção de seu interlocutor.

Por serem amplamente utilizados na fala, sabe-se que esses usos de situações de fala tendem a ser reproduzidos na escrita e, dessa forma, as construções de MDs passam a ser mais convencionalizadas na língua. Schifffrin (1987) os define como “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades de fala” (SCHIFFFRIN, 1987, p. 31, tradução nossa³); Marcuschi (1989), por outro lado, os define como marcadores conversacionais e considera-os “tanto em suas *propriedades interacionais* (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais) bem como em suas *propriedades intratextuais* (na estruturação da cadeia linguística).” (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Em adição, o autor também os divide em categorias, sendo a principal para esta pesquisa a de marcadores verbais, que são um conjunto variado de partículas, palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos que se subdividem em simples, compostos e oracionais. Logo, sob essa perspectiva, os MDs de que trata este trabalho se caracterizam como compostos, por serem formados por um verbo e um advérbio.

Ainda, segundo nossas hipóteses, esses MDs também possuem um caráter focalizador, pela sua forma imperativa e pelos advérbios empregados nas suas construções. No que tange à forma, o modo imperativo, por indicar ordem/pedido, já em sua semântica, delimita foco. Em relação ao advérbio *só*, Possenti (1992) afirma que o seu escopo é de restrição, o que resultaria em foco do que ele restringe na sentença (ILARI, 1992).

Brinton (1996), por outro lado, apresenta os conceitos de modo textual e interpessoal para as diferentes funções dos MDs expostas em sua obra. Para a autora, algumas funções

³ No original: “[...] sequentially dependant elements which bracket units of talk.” (SCHIFFFRIN, 1987, p 31.)

seriam restritas ao modo, que podem ser uma forma de o falante reestruturar significados como texto, de forma a criar passagens coesas no discurso (modo textual) e uma forma de o falante expressar suas atitudes, sentimentos etc., em relação ao seu interlocutor (modo interpessoal).

Por se tratar de pesquisa e análise preliminares, neste trabalho utilizamos as definições de Marcuschi (1989) que, para as construções obtidas até então por meio do *corpus*, cumprem seu papel de maneira satisfatória.

4. Pressupostos metodológicos

Com o propósito de elaborar uma rede construcional de marcadores discursivos focalizadores, é necessário haver um *corpus* com material linguístico suficiente e que abranja textos de diferentes graus de formalidade da sincronia atual. Para tanto, um *corpus* construído a partir de textos retirados de blogs, revistas informais e revistas formais foi escolhido, abrangendo quatro sincronias distintas, sendo estas dos anos de 2008, 2011, 2014 e 2017.

A análise será feita a partir de um método misto, que une as análises quantitativas e qualitativas, pois, tratando-se de uma pesquisa sobre mudança linguística, o número de ocorrências de uso e a análise de cada ocorrência de acordo com seu contexto e função tornam-se cruciais para, neste caso, propor uma rede taxonômica de construções que passaram por um processo de construcionalização gramatical. De acordo com Cunha Lacerda (2016), baseada na obra de Traugott e Trousdale (2013), “a análise de natureza quantitativa, quando aliada à análise qualitativa, pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua” (CUNHA LACERDA, 2016, p. 88). Ainda, segundo a autora, o método misto “permite que o pesquisador disponha de um número elevado de ocorrências de determinados padrões a fim de obter uma análise mais apurada tanto do objeto investigado quanto do próprio contexto em que ele ocorre” (CUNHA LACERDA, 2016, p. 86). Portanto, para esta pesquisa, a união de ambos os métodos de análise trará mais consistência à nossa proposta.

Desta forma, a partir do *corpus* escolhido, serão aplicados os seguintes procedimentos para levantamento e análise dos dados: I) procura por ocorrências de possíveis construções; II) extração dessas ocorrências juntamente com o fragmento de texto a que pertencem para que forma e função possam ser analisadas; III) quantificação de ocorrências de cada uma das construções e IV) análise dos dados levantados.

Para o levantamento, quantificação e extração dos dados, esta pesquisa contará com os adentros da linguística de *corpus* que, segundo Kader e Richter (2013), é uma metodologia

com a qual é possível criar e analisar *corpora* linguísticos por meio de programas de computador que auxiliam o analista durante sua análise. Nesta investigação, então, utilizaremos o *software* AntConc 3.2.1 (criado por Laurence Anthony da Universidade de Waseda, no Japão), uma ferramenta cuja função concordanciadora permitirá que esses dados sejam extraídos.

Tal ferramenta funciona da seguinte maneira: i) copia-se o arquivo do *corpus* para o programa; ii) na ferramenta concordance, escreve-se a construção pesquisada e inicia-se a busca; iii) o programa faz a contagem do número de ocorrências daquela construção no *corpus* e iv) o analista deve selecionar uma a uma para extrair os seus contextos e criar um novo documento de texto para guardá-las e analisá-las posteriormente.

O *software* apenas nos apresenta as construções que pesquisamos nele, portanto, para que não se perdesse nenhuma possível construção de MD pertencente à proposta desta pesquisa, foi feito um levantamento de combinações de verbos e advérbios que possivelmente fossem combinados e, assim, chegar às construções buscadas na ferramenta virtual. Os dados obtidos apontaram construções com os seguintes verbos – *olhar, ver, reparar, sacar, imaginar e catar* – em aceção cognitiva e em configuração imperativa em P2 e P3, tanto no singular como no plural, juntamente com o advérbio *só*. Neste trabalho, focaremos apenas nas análises dos MDs formados pelos verbos *olhar* e *ver*.

5. Os padrões microconstrucionais mapeados

Nesta seção, apresentamos os padrões microconstrucionais dos marcadores discursivos focalizadores preliminarmente mapeados no *corpus*. Os dados estão divididos da seguinte forma: primeiro, serão apresentadas as microconstruções com o verbo *ver*, em número de três, cujas denominações preliminares são: *veja só¹, veja só² e veja só³*. Em segundo, são apresentadas as microconstruções com o verbo *olhar*, compreendendo quatro delas, cujas denominações são: *olha só¹, olha só², olha só³ e olha só⁴*. As respectivas funções e os excertos em que ocorrem são apresentados na sequência de cada uma. Vejamos:

As microconstruções com *ver*:

VEJA SÓ¹: Função – pedido de avaliação a um elemento a ser apresentado em uma cena/no discurso.

(1) Azul é uma cor simpática. Talvez por ser a cor do jeans ele funciona como uma espécie de “neutro” da moda. **Veja só** como um visual completamente azul não causa tanto choque ao olhar. É uma cor que funciona muito bem sozinha sem precisar de grandes doses de ousadia para encará-la num look monocromático.

VEJA SÓ²: Função – exemplificador.

(2) Assim como música, futebol é uma das coisas que o Brasil faz melhor. **Veja só** Neymar. Além do talento com a bola, tem carisma e borogodó de sobra para fazer qualquer mulher ligar a TV num domingo à tarde e assistir ao jogo do Santos.

VEJA SÓ³: Função – prefaciador.

(3) **Vejam só**, que tal vocês pagarem um extreme makeover pra essas creydes??? Como bem disse Ariett, alguém precisa apresentar o VNF? pras pobrecitas. Imaginem as maravilhas que a candidata Rosangela Pedrini não faria com uma nécessaire cheia de Vult.

As microconstruções com *olhar*:

OLHA SÓ¹: Função – chamada de atenção a um elemento a ser apresentado no discurso/em uma cena.

(4) E vale muito a pena assistir os vídeos da José Cuervo, a equipe de filmagem e edição foi sensacional, sério, foram os melhores com quem já trabalhei! Ficou fantástico **olha só**:

OLHA SÓ²: Função – chamada de atenção a apenas um elemento de uma cena/figura.

(5) O Fluidline da MAC na cor Blacktrack foi usado para fazer o fiozinho delineado rente às pálpebras inferiores! Ufa!! Fotos ilustrativas dos produtos no final do post! **Olha só** a nossa descontração rrsrsrs...

OLHA SÓ³: Função – prefaciador.

(6) **Olha só**, essa dica é imperdível para quem curte modelos de óculos super diferentes e achados que ainda ninguém sabe (ok, depois desse post, muitos vão saber rs)...

OLHA SÓ⁴: Função – argumentativo/ contra-argumentativo.

(7) Tem essa ideia de que que ‘para a mulher ser sensual, ela precisa estar sobre um salto tipo arranha-céu’. Mas **olha só**, Brigitte Bardot, uma das mulheres mais sensuais da história, gostava mesmo era de sapatilha. Sabia?

Nas ocorrências (1) e (4), os MDs têm função dêitica, uma vez que apontam para uma figura e um vídeo, respectivamente, no discurso. Em (1) há um pedido de avaliação ao modo monocromático de se vestir, podendo ser substituído por “avalié” e, em (4), há um direcionamento ao vídeo a ser apresentado no discurso, cumprindo a sua função dêitica. Na ocorrência (2), o MD funciona como uma chamada de atenção a um exemplo a ser inserido no discurso, podendo ser substituído por “por exemplo” ou “tome como exemplo”.

Em (3) e (6), os MDs funcionam como uma forma de introduzir o discurso, de trazer a atenção do interlocutor para si; a diferença é que em (3) há, além da atenção solicitada, o pedido de avaliação ao discurso que se segue. Já em (5), o MD funciona como um dêitico que aponta apenas um elemento dentre vários outros em uma figura, no caso dessa ocorrência, o locutor pede atenção à descontração que as pessoas aparentam ter na foto tirada e que deixem em segundo plano os outros elementos da fotografia.

Por fim, em (7), o locutor apresenta uma afirmação da qual discorda e, para isso, utiliza uma exemplificação introduzida pelo MD de modo a contradizer a afirmação anterior. Apesar de se parecer bastante com a ocorrência (2), a ocorrência (7) é uma maneira de contra-argumentação, em que, provavelmente, o MD ocorrerá juntamente com uma conjunção adversativa, como é o caso de “mas”; em (2), no entanto, apenas se utiliza do exemplo para continuar a argumentação, logo a conjunção não é necessária. Por isso, as funções são descritas de maneira diferente.

6. Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se analisar brevemente os padrões microconstrucionais de marcadores discursivos do português brasileiro formados por verbos no imperativo e pelo advérbio focalizador *só*, além de algumas de suas funções exercidas no discurso.

A partir dos pressupostos apresentados e da análise preliminar dos dados, podemos concluir que o verbo utilizado na forma dos MDs tem impacto em sua função. Os marcadores cuja construção se dá pelo verbo *olhar* tendem a ter apenas pedidos de atenção por parte do falante a seu interlocutor; por outro lado, os marcadores cuja construção é formada pelo verbo *ver* tendem a pedir uma avaliação por parte do interlocutor, o que, de acordo com nossas hipóteses, se deve à semântica desses verbos.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), o verbo *olhar* tem como primeiro significado “dirigir os olhos para”, o que licencia que os falantes o usem com tal função nesses MDs. Já o primeiro

significado de *ver*, de acordo com o dicionário, é “perceber pela visão”, o que também licencia o seu uso como um pedido de avaliação, já que o conceito de “percepção” diz respeito não só aos sentidos, mas à apreensão e compreensão do entorno.

Além disso, os verbos nas microconstruções 2 e 3 (*ver*) e nas microconstruções 3 e 4 (*olhar*) passaram por um processo de metaforização, que é um processo linguístico em que um termo da língua passa a ser usado de maneira diferente do seu sentido referencial, dicionarizado. Tal processo é analógico e envolve a projeção em dois domínios (domínio fonte e domínio alvo). Observa-se que a função desses MDs não necessariamente pede uma percepção da visão, mas, sim, uma análise oriunda do intelecto, o que dialoga com o conceito de metáfora conceptual da obra de Lakoff e Johnson (1980), em que, resumidamente, os autores afirmam que nós, seres humanos, conceituamos o mundo da maneira como o percebemos e o compreendemos e, dessa forma, as metáforas passam a se estabelecer na língua sendo um recurso da nossa cognição.

Além dos MDs analisados, de acordo com o *corpus*, apenas construções que apresentem verbos de percepção cognitiva, metaforizados ou não, podem compor novos padrões microconstrucionais, viabilizando uma proposta de rede construcional de marcadores discursivos focalizadores. Logo, os padrões encontrados, juntamente com a frequência de uso até então mapeada, apontam que é possível propor uma rede construcional cujo esquema, inicialmente, é:

Marcadores discursivos focalizadores

Forma: [V^{percep cog}]IMP+ [foc] / **Função:** focalização

Isto posto, reforçamos que este trabalho é apenas uma análise preliminar de construções que fazem parte de esquema mais genérico e abrangente, que ainda será explorado em trabalhos futuros.

Abstract

This paper aims to describe the microconstructional patterns of focalizer pragmatic markers formed by verbs of cognitive perception in imperative with the focalizer adverb *só*, such as *olha só* and *veja só*. In order to accomplish the proposed goal, we assume the assumptions of the grammatical constructionalization approach, which is characterized by the establishment of new form-function pairings that start being part of the grammar, which, like other cognitive systems, is formed by a network composed by hierarchically organized nodes called constructions (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). To accomplish this work, we present a preliminary description of the pragmatic markers analyzed from a written *corpus* of the current synchrony, in which the texts are divided into three degrees of formality, having been removed from blogs, social networks and magazines. Based on the qualitative analysis of data, we believe that these constructions are understood as pragmatic markers, with which the speaker aims the listener's attention. In addition, we assume that the imperative, by

itself, represents a strategy of focus, since its discursive function is to sequence a topic, being able to operate both in textual organization and in the interactional organization (MARCUSCHI, 1989).

Keywords: Pragmatic markers; microconstructional patterns; grammatical constructionalization; focus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINTON, Laurel J. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996, p. 29-40.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, J. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. v. 1, 2016. p. 83-101

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: _____. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 193- 212.

KADER, C. C. C.; RICHTER, M. G. *Linguística de corpus: possibilidades e avanços. Instrumento*. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 305-313.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

O aliás e seus valores semânticos em perspectiva funcional

The aliás and its semantical values in functional perspective

Nice da Silva Ramos (UFF)¹

Resumo

Este artigo tem por objeto de estudo a partícula ALIÁS, observada em diferentes contextos linguísticos de ocorrência. Observamos sua frequência e usos, em textos de modalidade oral, no *corpus* D&G - Discurso & Gramática, sob a luz da Linguística Funcional Centrada no Uso - LFCU. Os fatores analisados, calcados no aspecto semântico, são os seguintes: posições nos textos, frequência de uso, grau de escolaridade e gêneros textuais. A análise aponta que essa partícula, bastante utilizada no português do Brasil, serve a diversas funções discursivas, tais como de reformulação, retificação, ratificação, explicação, dentre outras.

Palavras-chave: aliás; semântica; contextos; funcionalismo.

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa no Brasil está voltado preponderantemente para uma perspectiva prescritivista, em que se impõem a memorização de nomenclaturas e a adoção acrítica de padrões homogeneizadores. A gramática tradicional cristaliza as classificações dos itens linguísticos, limitando, conforme sua rigidez categorial, os seus usos.

Em uma perspectiva funcionalista, tal concepção torna-se inadequada, tendo em vista que o uso está no foco das atenções, ou seja, o jogo interlocutivo da interação entre os falantes, situado nos contextos reais comunicativos, ganha grande relevo e passa a ganhar maior destaque nos processos de ensino-aprendizagem.

A exemplo, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante NGB) classifica o ALIÁS como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios. Contudo, no dado (1), a seguir, podemos observar o equívoco a respeito da classificação imposta pela NGB:

(1) E: então... Adriana... me conta agora uma história que alguém tenha contado pra você... você tenha achado interessante...

I: interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... *aliás*... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo...
(*Narrativa recontada, D&G RJ 2, p. 121, CA/supletivo*).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa (UFF) – E-mail: niceramos1@hotmail.com

No exemplo acima observamos, notoriamente, que o ALIÁS não retifica o discurso, tampouco parte dele. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, se admitirmos que, nessa instância de uso, o ALIÁS adiciona um julgamento, um juízo de valor do informante sobre o fato a ser narrado.

Impõe-se, dessa forma, a necessidade de análises e descrições que ultrapassem o que tradicionalmente é feito. No âmbito da semântica e da sintaxe, é necessário ir além dos limites oracionais e dos próprios itens, considerando-se os componentes discursivo-pragmáticos: a língua em seu uso efetivo, entre sujeitos interagentes, desempenhando seu papel comunicativo, contextualizada no momento da produção (fala e escrita).

Partindo-se da premissa de que os contextos, os sujeitos interagentes e suas especificidades agem na construção do discurso, de maneira a apreender seus significados, a presente pesquisa afina-se com os aparatos teóricos considerados fundamentais no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, daqui por diante denominada LFCU.

O estudo ora proposto situa-se nessa perspectiva teórico-metodológica e visa à análise e descrição sincrônicas de contextos motivadores do uso da partícula ALIÁS, tendo em vista a hipótese de que esse elemento linguístico é multifuncional, a despeito das escassas descrições e análise sobre o tema em língua portuguesa.

Verificamos sob quais circunstâncias essa partícula tem maior frequência de uso, quais significados lhes são atribuídos, observando os gêneros textuais, na modalidade oral, e como os diferentes usuários da língua utilizam o ALIÁS, conforme seus graus de escolaridade.

O uso que se faz da língua é oriundo das necessidades comunicativas e permeia, pelo menos, três instâncias, citadas, a seguir, por Oliveira (2015, p. 22-23):

De acordo com a LFCU, os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de três diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Portanto, investigar a língua sob a ótica dessa perspectiva significa levar em conta marcas das três instâncias referidas, sob o rótulo maior de “contexto”.

Destacamos o fato de que uma expressão linguística pode adquirir funções diversas, diferentes de sua função original, determinadas pelo contexto em que esteja inserida, ainda que sua forma se mantenha a mesma.

Nas seções que se seguem, damos sequência ao trabalho com a revisão da literatura, apresentamos alguns pressupostos teóricos básicos da LFCU, abordamos a metodologia aplicada ao trabalho e prestamos informações quanto à constituição do *corpus* em que se verificaram as ocorrências do ALIÁS.

Em seguida, subdividida em quatro subseções, apresentamos os resultados da análise acerca das instanciações do ALIÁS, conforme graus de escolaridade, valores semânticos observados nos diversos discursos, a frequência dessa partícula nos diferentes gêneros textuais e sua posição no discurso. Na seção ulterior, seguimos com algumas considerações finais.

2. O aliás e suas relações com os advérbios e as conjunções

O ALIÁS apresenta variadas nuances e definições. Aurélio (2007, p. 110) classifica o verbete como advérbio: “a.li.ás *adv.* **1.** De outra maneira; do contrário; **2.** Além disso; além do mais. **3.** Diga-se de passagem; **4.** Ou por outra; ou seja”. Houaiss (2015, p. 42) também define o ALIÁS como advérbio: “**1** de outro modo <*estuda muito, a. tiraria notas ruins se não estudasse*> **2** além disso <*a. não era a primeira vez que faltava*> **3** isto é; ou seja <*estamos em agosto, a. julho*>”.

Bechara (2009, p. 288) classifica esse item como advérbio, admitindo, contudo, que, “como bem diz Mattoso Câmara, perturba a descrição e a demarcação classificatória ‘a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios’ ”. Bechara (2009, p. 291, grifo nosso) também observa que

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

(...)

4 – *retificação*: **aliás**, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, **aliás**, seis livros.

Algumas expressões, dentre elas o ALIÁS, são consideradas pela NGB conforme a função textual que assumem. Não estabelecem, exatamente, uma função sintática e/ou semântica entre as orações em que se inserem, mas viabilizam, contudo, o sentido no discurso em que estão inseridas.

Seguindo a classificação da NGB, Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p. 540-541, grifo nosso) salientam que

certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passam a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial. São palavras que denotam, por exemplo:

(...)

e) *RETIFICAÇÃO*: **aliás**, ou antes, isto é, ou melhor, etc.

Dessa forma, considerando a definição da NGB, o ALIÁS se restringiria a uma palavra denotadora de retificação, por exemplo, desconsiderando suas facetas a propósito dos contextos em que se instancia.

O ALIÁS também é classificado como um operador argumentativo. Segundo Koch (2015, p. 34), sobre os operadores argumentativos que somam a favor de uma mesma conclusão,

existe mais um operador que também introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, mas o faz de maneira “sub-reptícia”: ele é apresentado como se fosse desnecessário, como se se tratasse de simples “lambuja”, quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo, com o qual se dá o “golpe final”, resumindo ou coroando todos os demais argumentos. Trata-se do operador *aliás*. (...)

f. João é o melhor candidato. *Além de* ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo e não se envolve em negociações. *Aliás*, é o único candidato que tem bons antecedentes.

Um anúncio publicitário certa ocasião, em um jornal de São Paulo, terminava assim:

5. “Esta é uma filosofia de trabalho que levamos a sério há mais de 50 anos. *Aliás*, muito a sério.”
(isto é, mais “a sério” do que nossos concorrentes.)

Com base nas informações até aqui transcritas e comentadas, podemos, inicialmente, concluir que o ALIÁS, a depender do autor, é classificado como a) advérbio; b) palavra denotadora de retificação; c) operador argumentativo, introdutor de argumento adicional, que resume ou ressalta argumentos anteriores.

Assim, cabe aprofundarmos um pouco mais os traços principais das categorias advérbio e conjunção, tendo em vista que as mesmas podem desempenhar a função de operador argumentativo. Buscamos, destarte, responder a que grupo a partícula ALIÁS seria mais bem enquadrada.

Nos quadros a seguir, passamos a elencar algumas definições sobre advérbios (Quadro 1) e conjunções (Quadro 2), conforme alguns autores consagrados no Brasil.

Quadro 1: Definições de advérbio

Obra	Definição
Cunha e Cintra (1985, p. 529-530)	1. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo; 2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido: a) de um adjetivo... b) de um advérbio...

	3. salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração...
Bechara (2009, p. 287-288)	É a expressão que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial... O <i>advérbio</i> é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira... Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal... ou espacial do falante..., ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.
Azeredo (2014, p. 192-193)	“O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. A maioria delas, porém, emprega-se para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que fazemos referências nos nossos discursos. Expressam basicamente posições temporais...; exprimem basicamente posições espaciais... São menos numerosas as subclasses dos advérbios de intensidade...; de adição/inclusão; de focalização...; de negação.”

Fonte: a autora

Com base nas definições de advérbio apresentadas no Quadro 1, elencamos as seguintes propriedades:

- 1) Primordialmente, é uma classe modificadora do verbo. Reforça o sentido de um adjetivo ou mesmo de outro advérbio. Alguns podem modificar toda uma oração/declaração;
- 2) Denota circunstâncias de lugar, de tempo, de modo, de intensidade, de condição etc. Desempenha, na oração, papel de adjunto adverbial, distribuindo-se, fundamentalmente, em assinalar a posição temporal ou espacial do falante, e o modo como o “estado de coisas” se apresentam nas orações;
- 3) Tem função modificadora, invariabilidade formal e mobilidade posicional em relação ao termo que modifica. Possui várias subclasses e a maioria delas localiza no tempo e no espaço os termos a que se refere no discurso;

Azeredo (2014, p. 93) ainda faz menção às subclasses de adição/inclusão e de focalização.

No *corpus* analisado, o ALIÁS não se instanciou com a função fundamentalmente modificadora de verbos. A respeito de sua mobilidade no discurso oral, verificamos que o ALIÁS se instancia em posições intermediária e final, diferindo, inicialmente, dos advérbios, os quais podem assumir, inclusive, a posição inicial, além daquelas.

Quanto à menção de Azeredo (2014, p. 93) sobre as subclasses de advérbios (adição/inclusão), verificamos que o ALIÁS assemelha-se a essa classe, ao denotar inclusão,

conforme o dado (1), já citado, em que o informante inclui um julgamento, uma opinião sobre a sua narrativa.

No referido dado (1), o informante inclui na sequência narrativa a sua opinião sobre a história que está sendo contada, atribuindo juízo de valor sobre os fatos narrados. Nessa instância, o ALIÁS tem valor de inclusão (advérbio), funcionando, contudo, como operador argumentativo, conforme Koch (2015).

A fim de, preliminarmente, detectar as possíveis classificações do ALIÁS, apresentamos o Quadro 2, abaixo, com as definições de conjunção, buscando estabelecer os pontos convergentes e/ou divergentes entre esses itens gramaticais e o ALIÁS.

Quadro 2: Definições de conjunção

Autor	Definição
Cunha e Cintra (1985, p. 529-530)	<p>1. Conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. [...]</p> <p>Denominam-se SUBORDINATIVAS as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. [...]</p>
Bechara (2009, p. 287-288)	<p>“Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: <i>coordenadas</i> e <i>subordinadas</i>.</p> <p>As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se <i>independentes</i> umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. (...) Daí ser a conjunção coordenativa um <i>conector</i>. Como sua missão é reunir unidades independentes, podem também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. [...]</p> <p>Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. [...] No enunciado <i>Soubemos que vai chover</i>, a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado (<i>vai chover</i>) se insere num enunciado complexo em que ela (<i>vai chover</i>) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de palavra... Assim, a conjunção subordinativa é um <i>transpositor</i> de um enunciado que passa a uma função de palavra...”</p>
Azeredo (2014, p. 192-193)	<p>Chama-se conjunção subordinativa a <i>palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma com ela um sintagma derivado</i>. (...)</p> <p>Chama-se conjunção coordenativa a <i>espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático</i>.</p>

Fonte: a autora

Conforme as três definições de conjunção expostas no Quadro 2, essas palavras gramaticais podem 1) relacionar termos ou orações de mesma função (conjunções coordenativas); 2) ligar duas orações em que uma delas completará o sentido da outra (conjunções subordinativas). Bechara (2009) acrescenta os termos “conector” e “transpositor” para diferenciar as conjunções coordenativas das subordinativas, respectivamente.

A pesquisa bibliográfica atesta a difícil classificação do ALIÁS, considerando a sua flutuação categorial, conforme as definições dos autores citados nesta pesquisa e demonstrado no dado (1), utilizado como exemplo. Dessa forma, podemos, *a priori*, classificar o ALIÁS como:

- a) advérbio de adição/inclusão (AZEREDO, 2014), na função de operador argumentativo (KOCH, 2015), a exemplo do dado (1), em que o ALIÁS introduz um julgamento do informante acerca da história narrada, com a inclusão de um juízo de valor;
- b) conjunção aditiva, com a função de retificação, entre formas aditivas correlatas (mas/também), conforme o dado (2), abaixo:

(2)

I: (...) Tem as cadeiras que os... ministros... não os minis... os ministros da eucaristia... mas os ministros também... os apólitos... os::... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ *aliás*... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... (*Descrição, D&G JF, p. 42*),

Em (2), o ALIÁS, entre as formas aditivas correlatas (mas/também), retifica uma informação dada, relacionando dois elementos de mesmo valor funcional: os adjetivos “passiva” e “ativa”, que se referem aos tipos de “participação”.

3. A LFCU e os contextos de uso

A LFCU concebe a linguagem como meio de interação social, entre falantes e ouvintes reais, e não ideais, conforme postulam as abordagens formalistas. Segundo Cezario e Cunha (2013, p. 157), a abordagem funcionalista “(...) se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”, buscando na situação comunicativa a motivação para a realização da língua.

Essa abordagem teórica defende a ideia de que a língua não é autônoma, tão pouco independente de fatores socioculturais. Ao contrário, é moldada e adaptada de acordo com as

situações interacionais. Ao se pensar em estudos linguísticos, fatores extralinguísticos devem ser considerados como motivadores de construções e usos.

Ao lado da sintaxe e da semântica, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais.

Sobre o estudo do discurso efetivo e não idealizado da língua e a contextualização dos fenômenos linguísticos, Givón (2012, p. 49) assevera que,

Quando dados reais de discurso são levados em consideração [...] torna-se óbvio que os fenômenos não categóricos são a regra, e não a exceção, na linguagem humana. (...). Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa.

O objeto de estudo, nas situações reais de interação, é o ponto de partida para se percorrer os caminhos que levarão à construção dos modelos teóricos, o que, mais uma vez, reforça a ideia da importância da contextualização do item linguístico.

No que concerne aos diversos níveis de investigação da língua, no ato do processo comunicativo, as abordagens funcionalista e cognitivista se assemelham, conforme afirma Cunha (2012, p. 29):

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico- metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

Ou seja, indubitavelmente, os contextos em que se dá o uso da língua, nas situações reais de comunicação e a importância do exame das estruturas não só sintáticas ou semânticas, mas também discursivo-pragmáticas, fazem-se necessários para uma autêntica investigação no campo da linguagem.

4. Metodologia e constituição do *corpus*

Optamos por utilizar dados do *corpus* Discurso e Gramática (doravante D&G) disponível em: <<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>>, correspondente a amostras da língua falada de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande do Norte, Juiz de Fora e Niterói. Logo, foram descartados os textos escritos.

Os gêneros textuais que compõem o *corpus* são: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e os relatos dos entrevistadores acerca das entrevistas realizadas com os informantes.

Cada participante (informante) produziu cinco textos na modalidade oral e cinco na modalidade escrita, o que totaliza dez textos produzidos por cada informante, resultando em um universo de 1710 textos (orais e escritos).

Na pesquisa, a escolha do *corpus* e da modalidade oral tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências do ALIÁS nos contextos de uso em que se insere, e sobre a assunção das variadas funções e valores semânticos dessa partícula.

Consideramos as posições do ALIÁS, sua frequência de uso nos variados gêneros textuais e o grau de escolaridade dos usuários que recrutaram essa partícula, a fim de entender em quais ambientes semântico-pragmáticos o ALIÁS se insere.

Os dados pesquisados são tratados qualitativa e quantitativamente, já que tanto a análise da partícula ALIÁS nesses dados, quanto a sua frequência de uso constituem elementos primordiais para o resultado desta pesquisa.

No decorrer do trabalho, os dados de análise foram utilizados a fim de exemplificar as questões pertinentes ao estudo proposto. Cabe-nos ressaltar que alguns desses dados foram repetidos, servindo de exemplo a mais de uma das questões estudadas.

Reiteramos que nos limitamos à utilização dos textos de produção oral, dos quais obtivemos a utilização do ALIÁS, tendo em vista a verificação das funções discursivo-pragmáticas, além das semânticas, em discursos mais espontâneos.

5. Análise da partícula *aliás*

No *corpus* utilizado, observamos dezenove ocorrências do ALIÁS, na oralidade, do total de 855 textos disponíveis nessa modalidade. Esse resultado demonstra a baixa frequência dessa partícula em relação ao número de textos observados, correspondendo a 2,22% do total.

Por hipótese, podemos admitir que a baixa frequência do ALIÁS está ligada ao *corpus* escolhido para análise e aos gêneros textuais que o compõem, assim como aos graus de escolaridade dos usuários. Dessa forma, admitimos, *a priori*, que o ALIÁS pode ser mais recrutado em textos mais canônicos, mais elaborados por indivíduos com graus de instrução mais elevados.

5.1. Os graus de escolaridade e o recrutamento do aliás

No que concerne aos graus de escolaridade dos usuários da língua, quantificamos a frequência de uso do ALIÁS, ocorrida entre os usuários de nível médio, de nível superior (dos quais entrevistadores e informantes), da 8ª. série do ensino fundamental e do supletivo CA, conforme Tabela 1:

Tabela 1: *Corpus D&G* – Graus de escolaridade e frequência de uso do ALIÁS na modalidade oral

Graus de escolaridade	Frequência
CA (SUPLETIVO)	01
8ª. SÉRIE ENS. FUND.	04
ENSINO SUPERIOR	06
ENSINO MÉDIO	08
Total	19

Fonte: a autora

No *corpus* analisado, o ALIÁS foi mais recrutado entre os usuários do ensino médio e os do ensino superior. A maior frequência de uso nesses níveis de escolaridade talvez se justifique pelo fato de esses grupos disporem de mais ferramentas, terem mais experiência e desenvoltura no uso da língua em relação aos demais.

Contudo, não estamos obstantes ao fato de esse elemento linguístico ter ocorrido com mais frequência na função de retificação, o que, preliminarmente, aponta da para uma função primeira, a de retificação, conforme é visto na subseção adiante.

Nos dados (1), já citado, (3), (4) e (5), a seguir, exemplificamos os usos do ALIÁS conforme os graus de escolaridade: CA (supletivo), 8ª. série do ensino fundamental, ensino superior e ensino médio, respectivamente:

(1)

E: então... Adriana... me conta agora uma história que alguém tenha contado pra você... você tenha achado interessante...

I: interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... *aliás*... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo... (*Narrativa recontada, D&G RJ 2, p. 121, CA/supletivo*).

(3)

I: [bem]... como eu tinha falado... eu entrei como naveteiro na... equipe de liturgia... mas depois um... um membro saiu também por... por problemas... eu não sei qual foi o problema... *aliás*... devia ter saído na reunião que eu havia entrado... eu não... não fiquei sabendo que eu tinha ido embora mais cedo... pra ir na *pizzaria*... aí eu... subi um posto a mais... eu fiquei na/ quarto lugar da hierarquia... passei a ser turiferário... (qual) a função que eu fico até hoje... faço até hoje... (*Relato de procedimento, D&G JF, p.43, 8ª série do ensino fundamental*).

(4)

E: e como é ... quais são os passos assim você ... pega o desenho ... vai fazendo o que primeiro ...

I: a gente pega o fotografia ...

E: a fotografia *aliás* ...

I: e ... pensa é ... quais ... quais seriam os traços principais daquela fotografia a serem é ... trans/transportados pra tela né? os traços em ... em grafite né? (*Relato de procedimento, D&G Natal, p. 57, ensino superior/entrevistador*).

(5)

E: uma cuia?

I: é ... exatamente ... agora num é redondo não ... é assim ... então a água vai entrar aqui no meio ... no meio desse:: dessas duas paredinhas ... dessa piscininha que eu digo ... daí a largura é de trinta centímetros mais ou menos ... é trinta centímetros ... então ... *aliás* cinquenta centímetros ... então a velocidade é bem pequena ... o floco vai ... vai andando também ... então o que que vai acontecer ... quando a velocidade é pequena o floco é pesado ... ele vai:: o floco vai decantar ... certo ... por isso que chama decantador ... (*Relato de procedimento, D&G Natal, p. 90, ensino médio*).

5.2. Os valores semânticos do aliás

Durante o levantamento das ocorrências do ALIÁS, em discursos orais, observamos que o valor semântico de maior frequência o foi de retificação, conforme Tabela 2:

Tabela 2: *Corpus D&G* – Valores semânticos e frequência do ALIÁS na oralidade

Valores Semânticos	Totais
Reformulação	02
Retificação parcial	03
Adição	04
Retificação integral	10
Total	19

Fonte: a autora

Nos dados (6), (7), (8) e (9) que se seguem, exemplificamos os usos do ALIÁS, com seus respectivos valores semânticos assim distribuídos: reformulação, retificação parcial, adição e retificação integral, respectivamente:

(6)

I: (...) mas em todo caso tem muito mais escola pública do que particular ... então veja só ... se:: é:: se sessenta por cento das escolas públicas ... é:: é:: das escolas públicas ... *aliás* ... se ... se tem sessenta por cento de escolas públicas de um global de cem por cento ... sessenta por cento dessas pessoas vão da escola pública para a universidade enquanto quarenta por cento ... vai ... quarenta por cento que é de escola particular vai de todo jeito para a escola ... entendeu o que eu quero dizer? (*Relato de opinião, D&G Natal, p. 93, ensino médio*).

Em (6), o ALIÁS reformula o discurso anterior, introduzindo, ao lado do conector “se”, o discurso reformulado, visando a uma condição/hipótese para uma possível conclusão.

Nesse caso, o ALIÁS tem a função de conector reformulativo, ao lado do “se” - condicional. Note-se que no texto anterior ao ALIÁS, o informante já menciona uma hipótese, contudo, ele reelabora o discurso de modo a orientar o interlocutor sobre o seu raciocínio, sobre sua opinião a respeito do tema abordado em seu relato.

(7)

I: e vou pra:: ... pra mesa da palavra... lá um sacerdote... pela liturgia o certo é um diácono... mas caso falte... fica o... o sacerdote... ele pede a bênção ao bispo... e vai... falar... o::.../ *aliás*... vai proclamar o evangelho... então... ele faz a saudação... aí ele... ele:: pega o:: turíbulo da minha mão... e incensa... (*Relato de procedimento, D&G JF, p. 44, 8ª. série do ensino fundamental*).

Em (7), o falante opta pelo termo “proclamar”, mais assertivo em relação ao termo “evangelho” e à sua intenção comunicativa, relatando de forma adequada um procedimento litúrgico.

Os termos “falar” – mais usual - e “proclamar” – mais canônico e, portanto, coerente ao contexto de uso em que foi posteriormente recrutado, pertencem ao mesmo *frame*, bem como “dizer”, caracterizando uma “retificação parcial”, introduzida pelo ALIÁS. Nos termos de Oliveira (2001, p. 229-233), “(...) o elemento se aproxima da verdade. Trata-se de uma assertiva falsa, mas intuída como quase verdadeira...”.

(8)

I: é... pra educação mesmo... doméstica... quer dizer... que não tem muita utilidade na... na vida... prática... né? de todo dia... eu acho que quem faz letras... se encaminha eu acho que... invariavelmente pro magistério... a menos as pessoas que fazem bacharelado em tradução... né? que aí você cria uma opção... aqui tem... né? já está tendo *aliás* curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês... (*Relato de opinião, D&G JF, p. 12, ensino superior*).

Em (8), ocorre a adição da informação “curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês...”, complementando a informação generalizada: “...aqui tem... né?” (bacharelado). Nesse discurso, o ALIÁS equivale a um advérbio de inclusão (inclusive, até), funcionando como operador argumentativo, adicionando um argumento que reforça a declaração anterior.

(9)

I: “então o doutor tinha voltado a mil oitocentos e cinqüenta e cinco ... um século atrás ... né ... ele tinha voltado ... não *aliás* ... ele tinha voltado há alguns anos ... a mil oitocentos e noventa ... a mil oitocentos e oitenta ... por aí ... (*Narrativa recontada, D&G Natal, p. 86, ensino médio*).

Em (9), o ALIÁS retifica integralmente a informação dada no discurso anterior, introduzindo uma sequência de informações de ressalvas. Note-se que vem ao lado do advérbio de negação “não”, o que reforça a ideia da necessidade de retificação sobre o que foi declarado anteriormente. Primeiro, o informante nega a informação dada e, em seguida, com o uso do ALIÁS, retifica a mesma em sua narrativa.

5.3. O aliás nos diferentes gêneros textuais

O recrutamento do ALIÁS nos gêneros textuais constituintes do *corpus* pesquisado, na modalidade oral, deu-se conforme demonstrado na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3: *Corpus* D&G – Frequência de uso do ALIÁS nos diferentes gêneros textuais na modalidade oral

Gêneros textuais	Totais
Narrativa de experiência pessoal	02
Descrição de local	03
Narrativa recontada	04
Relato de opinião	04
Relato de procedimento	06
Total	19

Fonte: a autora

Através dos números obtidos, constatamos que no gênero textual relato de procedimento o ALIÁS instanciou-se com maior frequência (6) em relação aos demais gêneros. A menor frequência deu-se em narrativas de experiência pessoal (2).

Ressaltamos que, nos relatos de procedimento, o ALIÁS foi mais recrutado entre os usuários de nível superior de escolaridade. Preliminarmente, essa informação corrobora com a hipótese de que o ALIÁS é mais utilizado por indivíduos com maior grau de escolaridade e, possivelmente, em textos mais canônicos.

Destacamos, também, que o valor semântico do ALIÁS mais utilizado em relatos de procedimento foi o de retificação (parcial e integral). Dos seis relatos de procedimento, em cinco o ALIÁS foi recrutado para retificar parcialmente ou integralmente os discursos.

Na Tabela 3.1, quantificamos a frequência de uso do ALIÁS, nos relatos de procedimento, e os valores semânticos que lhe foram atribuídos nesse gênero textual:

Tabela 3.1: *Corpus D&G* –Valores semânticos do ALIÁS nos relatos de procedimento na oralidade

Gêneros textual	Valores Semânticos	
Relatos de procedimento	Retificação parcial (2)	Retificação integral (3)
Total (6)	Total (5)	

Fonte: a autora

Concluimos que, *a priori*, a maior frequência do ALIÁS nesse gênero textual está relacionada ao maior emprego de seu valor semântico de retificação, valor este mais recrutado na utilização desse elemento linguístico em todo o *corpus* pesquisado, na modalidade de texto oral.

5.4. Posições do aliás em textos orais

Nos textos de modalidade oral analisados, o ALIÁS foi recrutado nas posições final e intermediária, conforme elencado na Tabela 4 a seguir. Além disso, coocorreu ao lado de conectores, de formas correlatas e de advérbios.

Tabela 4: *Corpus D&G* – Localização do ALIÁS nos discursos orais e frequência

Localização do ALIÁS	Frequência
Posição inicial	-
Posição final	04
Posição intermediária	15
Total	19

Fonte: a autora

A maior frequência do ALIÁS foi na posição intermediária. Dos dezenove textos orais analisados, quinze ocorreram nessa posição. Apenas quatro instanciações foram detectadas na posição final. Não foi constatado o uso dessa partícula na posição inicial em textos orais.

Considerando a modalidade dos textos analisados (orais), portanto, mais espontâneos, podemos admitir, preliminarmente, que o recrutamento em posição inicial é inviabilizado na sequência discursiva pela dinamicidade do texto, sem pausas maiores. Portanto, o encaixamento do ALIÁS em posição intermediária, a mais recrutada, favorece o dinamismo próprio desse tipo de discurso.

Também de forma preliminar, levantamos a hipótese de que, em discursos mais espontâneos, o ALIÁS é utilizado de forma mais livre, sem a preocupação de organizar o seu uso na estrutura do discurso. Dessa forma, sua ocorrência em posição intermediária e final dá-

se conforme o decorrer da elocução e não conforme uma organização estrutural pré-estabelecida.

Os dados (10) e (11), a seguir, demonstram o recrutamento do ALIÁS nas posições intermediária e final, respectivamente:

(10)

I: ... doutor Brown consegue ... ou ... cria lá uma máquina do tempo ... né ... uma máquina do tempo e por acidente eles voltam ... **aliás** ... eles não ... ele ... né ... Michael Jein Fox ...
(*Narrativa recontada, D&G Natal, p. 84, ensino médio*).

Em (10), o ALIÁS, em posição intermediária, dentro da sequência discursiva, retifica um termo (“eles”) da narrativa recontada. Primeiro, negando a informação dada, segundo, retificando o termo negado. Em vez de “eles”, o informante retifica usando “ele”, sem pausa no discurso.

(11)

E: ...ele tem quinze anos... e é residente no município de bairro/ eh... no bairro de Fátima...
aliás... Afonso... vamo começar nossa entrevista? (*Relato de opinião, D&G Niterói, p. 36, ensino superior/entrevistador*).

Em (11), o entrevistador recruta o ALIÁS, ao final de uma declaração, a título de retificação de sua fala, corrigindo parte do discurso precedente ao ALIÁS: em vez do advérbio de lugar “no município de bairro”, ele retifica, utilizando “no bairro de Fátima”, finalizando com o ALIÁS. Na sequência, o entrevistador recomeça, dando início a outro assunto, a fim de prosseguir à entrevista.

A propósito do número elevado de instanciações do ALIÁS na posição intermediária, consideramos imprescindível a descrição da forma como esse elemento foi utilizado e a descrição dos elementos que coocorreram com sua atuação nos discursos.

No Quadro 3, descrevemos as ocorrências do ALIÁS, em posições intermediárias, e os elementos linguísticos circunscritos:

Quadro 3: *Corpus D&G* – O ALIÁS nas posições intermediárias e os elementos linguísticos circunscritos

Posição intermediária	Descrição
	Entre formas correlatas “mas/também”.
	Entre orações.
	Introduzindo oração de retificação.
	Introduzindo retificação.
	Introduzindo reformulação.
	Ao lado do advérbio de negação “não”.
	Incluindo informação (oração).
	Ao lado do conector “se”, reformulando o discurso.
	Introduzindo informação nova.

Fonte: a autora

Os dados (2), (3), (12), (13), (14), (9), (15), (6) e (16) assinalam, respectivamente, as ocorrências do ALIÁS nas posições intermediárias, conforme sequência descrita no Quadro 3:

(2)

I: Tem as cadeiras que os... ministros... não os minis... os ministros da eucaristia... mas os ministros também... os apólitos... os::... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ **aliás**... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... tem um tablado... (*Descrição, D&G JF, p. 42, 8ª. série do ensino fundamental*).

(3)

I: ...eu entrei como naveteiro na... equipe de liturgia... mas depois um... um membro saiu também por... por problemas... eu não sei qual foi o problema... **aliás**...devia ter saído na reunião que eu havia entrado... eu não... não fiquei sabendo que eu tinha ido embora mais cedo... pra ir na *pizzaria*... aí eu... subi um posto a mais... eu fiquei na/ quarto lugar da hierarquia... passei a ser turiferário... (*Relato de procedimento, D&G JF, p. 43, 8. série do ensino fundamental*).

(12)

e:: a fachada era também era bem grande e:: nessa rua ... na rua da escola tinha várias casas também ... era uma avenida longa ... grande ... na mesma rua ... né ... aí tinha várias casas ... então é:: algumas ruas ... é:: praticamente um conjunto lá ... é:: o centro da cidade ... então ... então veja só ... a escola era amarela ... a fachada assim ... algumas:: **aliás** ... era toda pintada de amarelo ... né ... e a sala de aula que foi transformada em quarto para a gente dormir é:: eram brancas por dentro ... né ... grandes ... muito grandes as salas de aula ... (*Descrição de local, D&G Natal, p. 87, ensino médio*).

(13)

I: bom... no sábado passado... **aliás**... sábado retrasado... eu fui... botar um... um... um som numa festa no shopping... (*Narrativa de experiência pessoal, D&G RJ 2, p. 9, 8ª. série do ensino fundamental*).

(14)

I: ... sei o nome dela é Isabel ... mas ... o nome do primo eu não lembro não ... mas ... numa festa que ela ... que ela pensava do primo dela se apaixonar por ... por uma amiga dela e tudo ... acabou se apaixonando por ela ... né ... e ela num sabia e a amiga dela ...**aliás** ... foi assim ... o primo dela tava interessa/ ela se apaixonou pelo primo dela e o primo dela pela amiga dela e a amiga dela por esse rapaz ... por esse mesmo rapaz ... então ... muito amiga dela... ela pediu pra:: ela pediu pra Isabel ... (*Narrativa recontada, D&G Natal, p. 83, ensino médio*).

(9)

... é:: quando ele abre a correspondência ... aí a correspondência é do velho ... do doutor ... então o doutor tinha voltado a mil oitocentos e cinquenta e cinco ... um século atrás ... né ... ele tinha voltado ... não *aliás* ... ele tinha voltado há alguns anos ... a mil oitocentos e noventa ... a mil oitocentos e oitenta ... por aí ... (*Narrativa recontada, D&G Natal, p. 86, ensino médio*).

(15)

I: ... a gente ficou no centro da cidade ... então ... é bem fácil de descrever e eu gostei do local porque é um local pacato e:: simples... né ... então a gente chegou e foi para uma escola ... né ... então uma escola ... *aliás* ... são duas escolas que pelo menos eu vi lá ... uma mais perto da igreja católica ... perto de uma praça ... é:: e uma mais afastada dessa igreja ... mais ... assim uma distância de uns quinhentos metros entre uma e outra ... uma e outra escola ... então a gente chegou ... foi para uma escola bem organizada ... com banheiros limpos e tudo ... é:: bem pintada ... é:: organizada ... (*Descrição de local, D&G Natal, p. 87, ensino médio*).

(6)

mas em todo caso tem muito mais escola pública do que particular ... então veja só ... se:: é:: se sessenta por cento das escolas públicas ... é:: é:: das escolas públicas ... *aliás* ... se ... se tem sessenta por cento de escolas públicas de uma global de cem por cento ... sessenta por cento dessas pessoas vão da escola pública para a universidade enquanto quarenta por cento ... vai ... quarenta por cento que é de escola particular vai de todo jeito para a escola ... (*Relato de opinião, D&G Natal, p. 93, ensino médio*).

(16)

I: é... pra educação mesmo... doméstica... quer dizer... que não tem muita utilidade na... na vida...prática... né? de todo dia... eu acho que quem faz letras... se encaminha eu acho que...invariavelmente pro magistério... a menos as pessoas que fazem bacharelado em tradução... né? que aí você cria uma opção... aqui tem... né? já está tendo *aliás* curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês... (*Relato de opinião, D&G JF, p. 12, ensino superior*).

6. Considerações finais

Durante a realização deste estudo, chamou a atenção o baixo número de ocorrências do ALIÁS, na oralidade, considerando o total de textos no *corpus* analisado. Em um universo de 855 textos apenas dezenove apresentaram o uso desse item linguístico.

Quanto ao grau de escolaridade dos falantes, observamos que o recrutamento do ALIÁS se deu com maior frequência entre os usuários de nível superior e médio. Dos dezenove textos orais analisados, quatorze pertencem aos usuários com esses graus de escolaridade. Esse resultado pode indicar um maior recrutamento do ALIÁS em textos mais canônicos.

Observamos que o ALIÁS pode assumir variados valores semânticos, na modalidade oral, dos quais: reformulação, retificação (parcial e integral) e adição. O valor semântico mais utilizado foi o de retificação, conforme postulado por Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p.

540-541). No entanto, há de se resguardar as demais possibilidades classificatórias do ALIÁS, tendo em vista que o estudo ora proposto se limita ao contexto oral, em que essa partícula repercutiu dezenove vezes, em 855 textos.

Acerca dos demais contextos motivadores para o recrutamento do ALIÁS, no *corpus* analisado, constatamos que, no gênero textual relatos de procedimentos, essa partícula teve maior frequência de uso entre os falantes.

Verificamos uma maior tendência de uso do ALIÁS em posição intermediária. Contudo, reforçamos a importância de se considerar as demais localizações dessa partícula, ainda que em menor número, tendo em vista suas possíveis classificações, considerando sua mobilidade.

Buscamos com esse estudo mostrar a multifuncionalidade assumida por uma mesma forma, atentando para as motivações de uso nos contextos em que esteja inserida. Todas as formas contêm significados que serão expostos, assumindo seu papel no ato do discurso, no momento em que os interlocutores interagem e firmam seus objetivos e intenções, através de suas escolhas.

Abstract

This article aims to study the ALIÁS particle, observed in different linguistic contexts of occurrence. We observed its frequency and uses, in oral texts, in the corpus D&G - Speech & Grammar under the light of Usage-based Functional Linguistics - LFCU. The analyzed factors, based on the semantic aspect, are the following: positions in the texts, frequency of use, degrees of schooling and textual genres. The analysis points out that this particle, widely used in Brazilian Portuguese, serves several discursive functions, such as reformulation, rectification, ratification, explanation, among others.

Keywords: aliás; semantics; contexts; functionalism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística Centrada no Uso*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, Medianeira *et al* (orgs). *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL / UFPE, 2012, p. 29.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

Grupo D&G. Disponível em: <<http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br/>>. Acessado em julho/2017.

HOUAISS, Antônio. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed., São Paulo: Moderna, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Heleno Fonseca de. Os conectores reformulativos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 229-233, 2º sem. 2001.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de (Org.), ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

Oração subordinada substantiva com função de agente da passiva

Substantive subordinate clause with the function of passive agent

Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz (UFF)¹
Ivo da Costa do Rosário (UFF)²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar as orações subordinadas com função de agente da passiva (doravante OSFAP) e a oração matriz que as acompanha, no âmbito do português brasileiro. As OSFAP são, muitas vezes, preteridas nas descrições dos gramáticos. Os poucos estudiosos que as contemplam ora a classificam como substantivas, ora como adjetivas ou, ainda, como adverbiais. Para a análise do tema, em primeiro lugar, investigamos o agente da passiva no âmbito do período simples, a fim de obtermos um quadro mais nítido desse tema. Em seguida, detivemo-nos ao agente da passiva em sua forma oracional. Foram encontrados dois padrões para as construções que instanciam as OSFAP: Padrão 1 ($X + V_{\text{participial por}} + Y_{\text{oracional}}$) e Padrão 2 ($X + V_{\text{cópula}} + V_{\text{participial por}} + Y_{\text{oracional}}$). A corrente teórica em que nos apoiamos é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Tal vertente considera os pareamentos de forma e sentido, além das pressões cognitivas e discursivas sobre os parâmetros de análise. A pesquisa reveste-se de cunho quali-quantitativo, com base em dados sincrônicos.

Palavras-chave: oração; agente da passiva, linguística funcional.

1. Introdução

Este trabalho visa a investigar as orações subordinadas com função de agente da passiva. É fundamental observar que tais construções são estruturas disponíveis para os falantes do português, tendo em vista sua produtividade. O objetivo do trabalho é descrever essas estruturas, uma vez que, em diversas descrições, elas são preteridas, como na própria NGB, que não as considera. De fato, alguns gramáticos não as incluem no rol de classificações das orações do período composto e aqueles que o fazem, não concordam entre si. Bechara (2015) aponta tais orações como adverbiais, Luft (1986) as classifica como substantivas (com ressalvas), uma vez que frisa que só poderão ser consideradas como substantivas se levarmos em consideração o chamado “pronomes relativo sem antecedente” e a natureza primariamente adjetiva dessas orações. Kury (1973) considera como substantivas justapostas e, por fim, Cunha e Cintra (2017) as classificam como substantivas. Como vemos, há diversidade de olhares sobre o tema.

¹ Aluna de iniciação científica (UFF) – E-mail: maluguimaraesc@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: rosario.ivo3@gmail.com

Nossas análises preliminares nos levam a considerar as orações subordinadas com função de agente da passiva como substantivas ou completivas. Vejamos um dado extraído do *Corpus do Português*:

(01) O chão não chegou e Joãozinho não se espatifou. Ele voou e, com suas próprias asas, poderá ir aonde quiser e poderá levar o que quiser. Joãozinho não tem um final feliz porque nunca precisou ter um. Mesmo que ninguém saiba de sua história, ela será conhecida **por quem importa**: ele.

Neste dado, a oração subordinada com função de agente da passiva (OSFAP) é introduzida por um predicador complexo, visto que a matriz está na voz passiva e, portanto, permite a combinação do verbo com a preposição *por* para introduzir a subordinada. No plano discursivo, o uso oracional desta oração garante uma interessante inversão suboracional de figura e fundo. O enunciador constrói uma estratégia interpelativa em que o elemento suboracional *ele*, que vem imediatamente após a OSFAP, é destacado em decorrência da indeterminação causada pelo morfema –Q (*quem*).

Ao analisarmos o agente da passiva no período simples, averiguamos que os gramáticos têm visões distintas acerca da natureza do agente da passiva. Alguns o consideram como uma função sintática que ocorre na voz passiva (BECHARA, 2015; CUNHA e CINTRA, 2017; ROCHA LIMA, 2017), outros ressaltam que o agente da passiva é uma noção semântica e não sintática (LUFT, 1986) e, ainda, há outros que não o consideram voz passiva e o descartam do lexema verbal (PERINI, 2016).

Essa divergência no plano do período simples reflete no âmbito da oração complexa. É necessário levar em consideração que o hiato no tratamento do agente da passiva é fruto da pouca atenção dada a tal estrutura linguística. Assim, é nosso interesse averiguar não só as orações completivas com função de agente da passiva, mas também a dinâmica da voz passiva. Somente se averiguarmos esta ligação de maneira ampla é que seremos capazes de proporcionar uma descrição mais detalhada das OSFAP.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Adotamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) como norteadora dos nossos estudos, sobretudo as considerações de Bybee (2015). A LFCU é propícia para ordenar a nossa pesquisa, uma vez que combina a Linguística Funcional Clássica e a Linguística Cognitiva, estabelecendo pesquisas com base tanto na análise da forma quanto da função.

Assim, observaremos a mediação entre a pressão cognitiva e a pressão discursiva, o entrelaçamento entre as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas pareadas com as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Essa vertente rejeita o conceito de autonomia da sintaxe. Aliás, em nossos estudos, analisamos forte pressão semântica alterando a sintaxe. Uma propriedade molda a outra e inclusive a modifica. Como postula a Linguística Cognitiva, a pressão cognitiva categoriza a experiência, o que inclui também a linguagem. Quanto mais determinado *token* for repetido, mais entrincheirado ele estará. Se estruturas como as OSFAP vêm sendo utilizadas, é fundamental observar em que contextos elas emergem e de que forma elas são sintaticamente modificadas por outras propriedades.

Observar a construção da OSFAP e a sua relação com a OM (oração matriz) é fundamental, visto que há uma simbiose inerente entre a pressão cognitiva e a pressão discursiva. As estruturas linguísticas já convencionalizadas são levadas à mudança, isto é, um padrão é usado por um longo período de tempo por diferentes usuários e, justamente, por ele estar disponível é que está sujeito a mudanças em sua trajetória. Há um evidente espelhamento entre forma e sentido que é a própria construção. O estudo da construção de agente da passiva (OM + OSFAP) nos permite extrair o sentido global (BYBEE, 2015 p. 161) para além de observar apenas elementos separados da língua sem correlacioná-los, por esse motivo torna-se primordial para compreender o entrelaçamento de determinadas estruturas que emergem e se modificam no discurso.

Nossa pesquisa tem um caráter quali-quantitativo e sincrônico. Nossa primeira etapa consistiu em observar os apontamentos de gramáticos já consolidados como Bechara (2015), Cunha e Cintra (2017), Luft (1986), Perini (2005), Perini (2016), Rocha Lima (2017) sobre o agente da passiva no âmbito do período simples. Tentamos focalizar uma diversidade de visões sobre o tema. No âmbito do período composto, analisamos as contribuições de Mateus *et al* (2003), Kury (1973) e Raposo *et al* (2013). Como as OSFAP costumam ser focalizadas (quando o são) em todos os tipos de subordinação, decidimos estudar as orações substantivas (completivas), adjetivas (relativas) e adverbiais.

Extraímos dados do *corpus* sincrônico *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>, na variedade brasileira da língua portuguesa. A partir da análise dos dados coletados, observamos o funcionamento das OSFAP no discurso.

Não deixamos de ressaltar o caráter preliminar dessa pesquisa que é parte de um projeto de iniciação científica. Apesar desse fator, tentamos criar um quadro amplo para que

pudéssemos iniciar estudos aprimorados não só do agente da passiva na oração complexa, mas também do funcionamento do agente da passiva no período simples.

3. Resultados

Estabelecemos parâmetros iniciais para tratar da voz passiva. Acreditamos que a voz verbal é também mantida em decorrência da pressão semântica dos papéis temáticos que engendram a forma especial do verbo nomeada como voz passiva. Os três critérios adotados que fazem com que percebamos que o particípio verbal se torna um derivado nominal são: aspecto temporal, papel temático de paciente do sujeito e recuperação do agente. Esses critérios serão delineados a seguir.

Por meio da análise realizada, encontramos dois padrões para as orações matrizes:

$$\text{Padrão 1} \rightarrow X + V_{\text{participial}} \text{ por} + Y_{\text{oracional}}$$

(02) E para quem já se decidiu por morar sozinho, aí vão algumas dicas dadas [*por quem já está nessa estrada há algum tempo*]: "Verificar a proximidade com utilidades

$$\text{Padrão 2} \rightarrow X + V_{\text{cópula}} V_{\text{participial}} \text{ por} + Y_{\text{oracional}}.$$

(03) Trata-se de um circuito muito simples cujo funcionamento pode ser facilmente entendido mesmo [*por quem não tem noção alguma de eletrônica*]

Enquanto, no dado (02) há uma estrutura matriz sem verbo de cópula, no dado (03) o verbo de cópula permanece. Essas foram as duas variações sintáticas encontradas na oração matriz que acompanha as OSFAP.

No que diz respeito ao propósito discursivo das OSFAP, averiguamos que elas emergem em contextos persuasivos, uma vez que até a natureza do pronome indefinido gera a amplitude necessária para os textos em que haja tipologia argumentativa. Por exemplo, a OSFAP do dado (02) é usada como uma estratégia de persuasão e indeterminação. Há um público X que decidiu morar sozinho e receberá dicas de Y, pessoas que já moram sozinhas. O morfema –Q (*quem*) garante tal indeterminação pela sua invariabilidade. A OSFAP do dado (03), por sua vez, é um exemplo de estratégia persuasiva diferente. Y corresponde a uma grande quantidade de pessoas que não têm formação ou noção alguma para entender eletrônica. A informação de que Y atende a um grande grupo de pessoas torna o produto acessível.

Enquanto em (02), o morfema –Q garante uma indeterminação do(s) sujeito(s) por ser invariável, no dado (03), a OSFAP é utilizada pelo sujeito enunciador para abarcar maior número de pessoas em um determinado grupo. Apesar de serem um pouco diferentes os propósitos, eles não deixam de se concentrar na persuasão.

Em nossas análises, detectamos um total 100 (cem) dados e constatamos dois *types* de OSFAP, que são instanciados por diferentes morfemas –Q. Vejamos:

Quadro 1 - Ocorrência das OSFAP

Casos	Ocorrências
<i>Por quem</i>	83
<i>Por quantos</i>	17
<i>Total de dados</i>	100

Fonte: os autores

Como é possível depreender, as estruturas do segundo *type* são mais marcadas em relação às do primeiro, especialmente pela sua menor produtividade.

Analisadas essas primeiras características da OSFAP, precisamos verificar se elas são de caráter substantivo, adjetivo ou adverbial, tendo em vista o quadro difuso apresentado pelos gramáticos. Ademais, é importante levantar uma hipótese razoável para a omissão dessas orações, ou seja, uma explicação plausível para a omissão das OSFAP no quadro de orações da NGB.

Em primeiro lugar, compactamos as concepções de alguns gramáticos que citam as OSFAP, com grifos nossos:

Quadro 2- Oração com função de agente da passiva

Bechara (2015)	Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial. (p.489)
Cunha e Cintra (2017)	As orações subordinadas substantivas vêm normalmente introduzidas pela conjunção integrante que (às vezes por se) e, segundo o seu valor sintático, podem ser: (...) AGENTE PA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva (p.615)

Kury (1973)	Com função de agente da passiva. Estas orações são sempre justapostas , sem conjunção, introduzidas por pronome indefinido regido de <i>por</i> ou <i>de</i> . Não as consigna a NGB (p.68)
Luft (1986)	Introduzidas pela preposição <i>por</i> (às vezes <i>de</i>) + <i>quem</i> ou <i>quantos</i> , relativos sem antecedente: [O cargo é ocupado [por quem o merece]]. [Isto foi afirmado [por quem entende do assunto.]]. [Pedro é estimado [por (ou de) quantos o conhecem]]. (p.57)

Fonte: os autores

Quando os gramáticos citam a oração subordinada com função de agente da passiva, divergem quanto à sua classificação em substantiva, adjetiva ou adverbial. Isso se deve principalmente a alguns fatores como, por exemplo, a preposição *por* combinada com o morfema –Q (*quem*) que origina essa oração. Vejamos o dado abaixo:

(03): As pessoas que estão no grupo têm consciência profunda do sofrimento relatado **por quem faz o seu depoimento** e o escutam atentamente, em silêncio, e desejando ajudar o companheiro no sentido de aliviar o seu sofrimento. Acontece que este sentimento se chama compaixão, é denso e se desenvolve na sua plenitude no ambiente de silêncio respeitoso do grupo.

O grande problema da classificação das OSFAP se dá principalmente pela falta de consenso acerca do participio, se é considerado parte do lexema verbal ou um nominal derivado do verbo. Em segundo lugar, há a questão de essa oração ser introduzida por uma preposição, como muitas adverbiais o são. E o terceiro fator de divergência é causado por um pronome que alguns gramáticos nomeiam como “relativos sem antecedentes”. Essas três características combinadas são suficientes para que não haja um consenso, já que esses critérios divergem daqueles que a gramática tradicional tem usado para distinguir as subordinadas, pois, no que diz respeito a essa oração, nenhum critério preliminar é suficiente para encaixá-la em um determinado grupo.

Cunha e Cintra (2017) elencam a oração subordinada de agente da passiva na lista das substantivas. Os autores interpretam as orações subordinadas como termos essenciais, integrantes ou acessórios da oração principal. Como o agente da passiva, no período simples, é um termo integrante, os autores defendem que a estrutura complexa corresponde seja substantiva. Eles apenas observam que, no período composto, as OSFAP não são introduzidas por uma conjunção integrante como as demais substantivas e, sim, por um pronome indefinido precedido de uma preposição.

Kury (1973) também considera as orações com função de agente da passiva como subordinadas substantivas, pois exercem a função de um substantivo e são introduzidas por um pronome indefinido regido por uma preposição *por* ou *de*. Faz, entretanto, uma pequena ressalva de que essas orações são substantivas assindéticas, ou seja, elas não são introduzidas por conectivos conjuncionais, mas por um pronome indefinido ou um advérbio interrogativo. O gramático ainda postula uma observação que reafirma seu posicionamento perante essas orações e, concomitantemente, reflete sobre o posicionamento de outros gramáticos:

A NGB não autoriza, e é de todo desaconselhável, desdobrar um advérbio ou pronome interrogativo ou indefinido e analisar a frase resultante. Alguns, por exemplo, em lugar de “Quem espera alcança” dizem “Aquele que esperar alcança”, analisando, então, a nova oração subordinada “que espera” adjetiva. É processo artificial e aleatório: as orações subordinadas devem classificar-se pela sua função no período. E sempre na frase dada, não noutra refeita por quem analisa. Assim o praticavam ou praticam mestres como Said Ali, Sousa da Silveira, Matoso Câmara Jr., e assim o indicava o Anteprojeto da NGB. (KURY, 1973, p. 64)

O desdobramento acima referido é utilizado por Luft (1986). Ele considera as subordinadas como ramificações de termos das orações principais e inclui as com função de agente da passiva no rol das substantivas devido a uma omissão do substantivo. Além disso, postula que, se houvesse um desdobramento, essa oração seria uma adjetiva. Vejamos mais um dado, com uma proposta de desdobramento, para que fique clara a opção de Luft (1986):

(04): Na tentativa de preparar uma saída “digna”, os petistas que ocupam cargos no governo de Wilsão ensaiam discurso para tornar a separação menos traumática. Segundo eles, a entrega de cargos será feita **por quem** deseja concorrer a um cargo em 2014 e não por divergências políticas.

(04') Na tentativa de preparar uma saída “digna”, os petistas que ocupam cargos no governo de Wilsão ensaiam discurso para tornar a separação menos traumática. Segundo eles, a entrega de cargos será feita [**por uma pessoa que**] deseja concorrer a um cargo em 2014 e não por divergências políticas.

O gramático subdivide as substantivas entre as conjuncionais (conjunções integrantes) e as pronominais. Essas últimas são consideradas introduzidas por pronomes relativos sem antecedente. Vejamos mais dados:

(05): Natural que o desejo infantil fosse embalado por uma espécie de anti-música, feita **por quem não sabia** e não queria afinar os instrumentos. Qualquer um podia montar uma banda e gritar palavras de ordem.

Para o gramático, o pronome relativo sem antecedente seria *quem*. Ele não define o pronome como um indefinido e, sim, como um relativo que, pela perda do antecedente, faz com que a oração originalmente adjetiva torne-se substantiva, introduzida não por conjunção, mas por pronome.

Já no caso de *quantos*, o antecedente suprimido seria *todos*:

(06): A tese comum era efectivamente o primado do interesse social sobre o interesse individual, segundo uma dialéctica assaz conhecida **por quantos leram os tratadistas.**

(06') A tese comum era efectivamente o primado do interesse social sobre o interesse individual, segundo uma dialéctica assaz conhecida **por [todos] quantos leram os tratadistas.**

Como ressalta Kury (1973), é desaconselhável criar artifícios para desdobramentos que não fazem parte da análise funcional da língua em uma perspectiva sincrônica. Ao nos depararmos com dados, precisamos observar o comportamento e a mudança de cada tipo oracional. Também é assim que a LFCU propõe o estudo das orações.

Bechara (2015) trabalha a partir de um conceito de orações transpostas. Elas estariam contidas primariamente em um grupo e, em decorrência da adição de, por exemplo, uma preposição, reestruturam-se e passam a integrar um outro grupo. Ele exemplifica como esse processo ocorre nas orações complexas (subordinadas) em exemplos que ele denomina como complexas adjetivas:

(c): O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

O exemplo (c) tem um núcleo substantivo e trata-se de uma adjetiva.

Em seguida ele apresenta uma oração de núcleo adjetivo:

(d): Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O exemplo (d) é tradicionalmente tratado como uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Para o gramático, entretanto, ela deveria estar incluída entre as adjetivas, uma vez que, mediante o uso da preposição, é transposta a adjetiva para funcionar como modificadora tanto do substantivo quanto do adjetivo. Portanto, ele sustenta a hipótese de que uma oração original que passa por uma segunda estruturação torna-se transposta. O mesmo, para ele, ocorre com as orações de agente da passiva, primitivamente substantivas, mas que, em decorrência da preposição *por*, tornam-se adverbiais.

Bechara (2015, p. 488) também considera a oração de relativo sem antecedente. Primariamente adjetiva sem o relativo antecedente, transforma-se em substantiva e, em decorrência da preposição, funciona como adjunto circunstancial, pois exerce papel de advérbio. Vejamos como seria a análise, se adotássemos o método de transposição de orações, a partir do dado (07):

(07): As vagas deixadas por este meio milhão de famílias serão aproveitadas **por quem está no perfil** mas ainda não foi cadastrado. São meio milhão de famílias que contradizem a fala do travestido em honestidade, senador Jarbas Vasconcelos e seu amigo, o Garçon da Brasília Teimosa.

Originalmente consideraríamos as orações de agente da passiva como adjetivas que, em decorrência do relativo sem antecedente *quem*, exercem uma função originalmente substantiva, entretanto, pela adição da preposição *por*, funcionariam como adjunto circunstancial. Para o gramático, essa oração seria resultado de duas transposições.

Esses são os gramáticos que analisam esse tipo de oração. Há entre eles muitas divergências quanto ao tratamento dado às subordinadas de agente da passiva. Ainda, destacamos um último gramático que não cita propriamente esse tipo de oração, mas enquadra uma oração de antecedente expresso no rol das adjetivas. Rocha Lima (2017, p. 337) elenca diversas funções dos pronomes relativos e, dentre eles, exemplifica um que introduz o agente da passiva:

(e): “Bendito e louvado seja
Deus, por quem foste criada!

A diferença entre essa oração e as que abordamos neste trabalho é que há um pronome relativo, de fato, com antecedente expresso. O antecedente *Deus* é retomado em *por quem*. Este caso é uma amostra de oração adjetiva e o pronome relativo funciona como agente da passiva. Esse exemplo não pertence a nossas análises, pois nós nos restringimos àquelas orações em que há um impasse em torno de sua classificação. Destacamos, contudo, esse caso por sua natureza adjetiva.

4. Considerações finais

A oração subordinada de agente da passiva que tratamos se estabelece na zona limítrofe de um *continuum*. Factualmente, ela não é o protótipo da substantiva e é difícil estabelecer

critérios para analisá-la. Essa dificuldade de análise demanda grande esforço dos pesquisadores, mas julgamos fundamental que haja mais estudos sobre ela.

Nossa proposta é que a OSFAP seja, de fato, uma transposição da função de agente da passiva para o plano do período composto. Vejamos mais um dado:

(07) Mas "*nem tudo são flores*" na Astronomia amadora. Há duas dificuldades básicas a serem superadas **por quem deseja** desfrutar do prazer da observação do céu noturno. A primeira é saber para que direção olhar.

A oração matriz segue o Padrão 2 com um verbo de cópula. A oração subordinada é selecionada por um predicador complexo em que verbo foi combinado com a preposição, não sendo a preposição um simples elo, uma vez que ela é responsável por estruturar o agente da passiva, quando combinado com *quem* ou *quantos*.

Não consideramos o pronome como relativo livre ou sem antecedente. E se há um pronome indefinido “sem antecedente expresso”, é porque não há necessidade desse antecedente na estrutura formal, ou seja, o falante do português é capaz de omitir esse antecedente sem recuperá-lo, sem que mentalmente o desdobre para que ele surja. O falante categoriza cognitivamente um pronome indefinido sem que esse necessite de um antecedente. Assim, defendemos que não haja desdobramentos no plano formal.

Tendo em vista essas ponderações, julgamos que as OSFAP não são parte do protótipo das substantivas, se considerarmos apenas as substantivas introduzidas pelo complementador integrante. Postulamos que as orações subordinadas com função de agente são selecionadas por um predicador complexo que, combinado com o pronome indefinido, permitem, no plano discursivo, ampla persuasão e fazem parte, no plano sintático, dos argumentos do verbo, quando o verbo da oração matriz está na voz passiva.

Esses são os resultados de uma pesquisa inicial. Acreditamos que haverá mudanças em alguns critérios e outros ainda permanecerão. O importante é que se comece a analisar essas construções e acompanhar sua trajetória linguística.

Abstract

This paper intends to investigate subordinate clauses with passive agent function (SSPAF) accompanied by the main clause in Brazilian Portuguese. The SSPAF are not often classified in the descriptions of grammarians. The few scholars who contemplate it classify it as substantive, sometimes as adjectives or even as adverbial. For the analysis of the topic, first, we investigate the agent of the passive within the simple period, to obtain a clearer picture of this theme. Then, we stopped at the agent of the passive in complex clause, that is, in its sentence form. Two type were found for the constructions that instantiate the SSPAF: Type 1 (X + V_{participle} by + Y_{sentence})

and type 2 (X + linking V V participle by + Y_{sentence}). Our assumptions are based in the Usage-Based Functional Linguistics (LFCU, in Portuguese). The LFCU considers the pairings of form and meaning, in addition to the cognitive and discursive pressures on the parameters of analysis. The research is qualitative-quantitative, based on synchronic data.

Keywords: Sentence; passive agent; Usage-Based Functional Linguistics.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38^aeds. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge: University Press, 2015.
- CUNHA Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7^a eds., 2^a reimpressão Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1973.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 7^a eds. Porto Alegre: Globo, 1986.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- PERINI, Mário. *Gramática Descritiva do Português*. 4^aeds. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do Português – Volume I, II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 53^aeds. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2017.

As construções correlatas aditivas no século XVIII sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Additive correlative constructions in the 18th century from the perspective of Usage-Based Linguistics

Brenda da Silva Souza (UFF)¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo expor alguns dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida durante os anos de 2016 e 2017 na Universidade Federal Fluminense (UFF). Investigamos as construções correlatas aditivas do tipo *não só X, mas também Y*, no espaço temporal do século XVIII, obtendo um satisfatório resultado no que diz respeito à produtividade das ocorrências, que se mostraram presentes nos níveis suboracional, oracional e supraoracional. Apoiados na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), defendemos que as construções correlatas aditivas não se encaixam nos processos mais comuns de integração de cláusulas: a coordenação e a subordinação, mas fazem parte de um terceiro processo de conexão, a correlação (cf. OITICICA, 1952; RODRIGUES, 2007; CASTILHO, 2010; ROSÁRIO, 2012). O *corpus* utilizado nesta pesquisa, composto por textos escritos em português brasileiro e europeu, encontra-se disponível no site da Biblioteca Virtual Brasileira – USP (www.brasiliana.usp.br). No que diz respeito à metodologia adotada, ressaltamos que é de natureza qualitativa, com auxílio de fatores quantitativos, e que consideramos tanto fatores de natureza cognitiva, como aspectos pragmático-discursivos em nossa análise.

Palavras-chave: Adição; Correlação; Construção; Linguística Funcional Centrada no Uso.

1. Introdução

Este trabalho objetiva demonstrar alguns dos principais resultados de um projeto de Iniciação Científica desenvolvido durante o período de agosto de 2016 a agosto de 2017, no contexto do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO-UFF), com sede no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A temática que enseja este trabalho é a da correlação aditiva, um tema que, de modo geral, tem sido ainda pouco explorado e pouco analisado pela linguística brasileira de maneira independente daquilo que propõe a Gramática Tradicional (GT). A GT e, por conseguinte, a maior parte dos gramáticos brasileiros não se dedicaram à descrição do fenômeno da correlação e geralmente colocam-na no rol daqueles processos de integração mais conhecidos, a saber, a coordenação e a subordinação. Contudo, apoiados nos princípios teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual defende que de uma nova estrutura

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: brendasouza045@gmail.com

sintática emerge também um novo significado construcional (cf. TRAUGOTT & DASHER, 2002, p. 9), entendemos que as construções correlatas fazem parte de outro tipo de integração clausal, que se percebe desde sua configuração sintática básica, que já se mostra peculiar por ser composta de pares (prótase e apódose), até os sentidos que emergem de seus usos. Portanto, nos propomos a estudar essas construções de maneira autônoma, analisando-as e descrevendo-as como um fenômeno independente, demonstrando, sobretudo, que não se trata de um subtipo de coordenação aditiva, como defendem muitos gramáticos brasileiros (cf. BECHARA, 2009; LUFT, 2000).

Não obstante a rara atenção dedicada a essas construções pela GT, alguns trabalhos importantes nessa área merecem destaque e contribuíram para o nosso interesse sobre as questões que envolvem o estudo das construções correlatas aditivas. Essas obras serão devidamente mencionadas na próxima seção, já que fazem parte de nossas referências teóricas.

Desde já, ressaltamos também que a escolha do recorte temporal do século XVIII não é aleatória, mas se justifica por alguns motivos. O primeiro é o já citado interesse pela descrição de um fenômeno ainda pouco explorado e muito utilizado em nossos discursos; a segunda razão está ligada ao interesse de promover uma descrição completa do fenômeno da correlação aditiva em todo o painel histórico da língua portuguesa. Essa última justificativa está relacionada aos trabalhos de Rosário (2012), que estudou a correlação aditiva neste início de século XXI, e de Gervasio (2016) que, dando continuidade à descrição e análise desse fenômeno, investigou os séculos XX e XIX, contribuindo para a ampliação das sincronias analisadas. Dessa forma, já podemos notar alguns avanços importantes mas ainda incipientes no que diz respeito à pesquisa da trajetória dessas construções na língua portuguesa. Sendo assim, o espaço temporal que se pretende analisar se insere nessa agenda de pesquisas com a intenção de avançarmos na descrição de outros períodos ainda não estudados. Por fim, é necessário ressaltar que esta pesquisa integra um projeto maior, no âmbito do Grupo de Pesquisa CCO, que se propõe a estudar os diversos processos de conexão de cláusulas, com especial atenção para as construções correlatas.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Este trabalho, como já explicitamos acima, tem a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) como aporte teórico e metodológico. Em nossa metodologia, buscamos nos

atentar aos fatores de natureza sintática e semântica, bem como aos fatores pragmático-discursivos, indispensáveis a uma abordagem que privilegia o uso, como é o caso da LFCU.

Nesta pesquisa, partimos de uma revisão da bibliografia tradicional sobre o tema da correlação aditiva, investigando a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e os principais gramáticos brasileiros e ainda alguns gramáticos estrangeiros. Observamos que, de modo geral, a abordagem das construções correlatas aditivas pelos gramáticos mais tradicionais geralmente se dá como um arranjo sintático especial da coordenação, com intuito de expressar vigor, ênfase (cf. BECHARA, 2009, p. 330); (cf. LUFT, 2000, p. 47), não considerando a possibilidade de essas construções integrarem um processo de conexão clausal distinto, como defendeu Oiticica (1952), em sua importante “Teoria da Correlação”.

Nesse sentido, autores como Kury (2003, p. 66) consideram a correlação aditiva um subtipo da coordenação, que ele denomina “aditiva com correlação”. De maneira semelhante, Rocha Lima (1999, p. 261) também segue esse mesmo pensamento quando afirma que utilizamos uma “fórmula correlativa” do tipo *não só... mas também; não só... mas ainda; não só... senão também; etc* com o objetivo de “dar mais vigor à coordenação”, assumindo o processo da correlação não como distinto, mas ainda como um tipo de coordenação com um fim específico, deixando claro que se alinha ao pensamento da maior parte dos gramáticos tradicionais brasileiros.

Entretanto, é importante ressaltar que algumas exceções merecem nossa atenção, como os avanços sinalizados pelo pensamento de Melo (2001). Para o autor, a correlação é um modo de conexão distinto daqueles processos mais clássicos, sendo caracterizada como um processo complexo em que há interdependência entre as orações e ainda destaca subtipos: *correlação consecutiva, comparativa, equiparativa e alternativa* (MELO, 2001, p. 152-154).

No que diz respeito às obras citadas na primeira seção como propulsoras de curiosidade científica acerca do tema da correlação, não poderíamos deixar de destacar trabalhos fundamentais como de Oiticica (1952), precursor de um estudo mais apurado das construções correlatas, as quais ele mesmo denominou uma “floresta inexplorada” (OITICICA, 1952, p. 2).

Na obra *Teoria da Correlação*, o autor traz valiosas considerações acerca da correlação, preocupando-se, em primeiro lugar, em ressaltar o caráter independente do estudo que ora se fazia, deixando claro que, para ele, as sentenças correlatas faziam parte de um processo de composição do período distinto da subordinação, assim como da coordenação. Das orações do tipo *não só... mas também*, por exemplo, que são foco deste trabalho, o autor nos diz que são

“interdependentes”, porque, “mencionado o primeiro [termo], somos forçados a mencionar o segundo”. (OITICICA, 1952, p. 15)

Ademais, acrescentamos a importância das contribuições de Módolo (1999), Rodrigues (2007) e de Castilho (2010), que também se voltaram à temática da correlação em seus trabalhos. Acerca do pensamento deste último, destacamos uma importante afirmação desse autor, na qual ele utiliza o termo “interdependência” ao se referir à relação entre as sequências correlatas, diferenciando-as das coordenadas; *independentes*, e das subordinadas; *dependentes*, indo ao encontro do que defendeu Oiticica (1952):

Se raciocinarmos em termo de teoria dos conjuntos, diremos que as sentenças independentes constituem conjuntos autônomos, as dependentes são conjuntos inseridos em outro conjunto, hierarquicamente superior, e as interdependentes são conjuntos que se interpenetram [...]. (CASTILHO, 2010, p. 340)

No que tange àqueles principais referenciais teórico-metodológicos advindos da LFCU, gostaríamos de destacar alguns, tais como o conceito basilar de construção, definido por Goldberg (1995, p. 4) como o pareamento forma-significado, além da importante noção de que gramática e discurso estão numa relação de simbiose (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), sendo este um pressuposto que orienta nosso modelo de análise, visto que entendemos as situações comunicativas reais de uso da língua como um espaço privilegiado para mudanças, isto é, no uso, vemos que gramática e discurso modificam-se de maneira recíproca:

[...] o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de comunicação. (FURTADO DA CUNHA; BISPO & SILVA, 2013, p. 14).

Na abordagem proposta pela LFCU, os conceitos de língua e gramática, por exemplo, já são bastante reveladores da forma como enxergamos o fenômeno linguístico e suas mudanças inerentes. A língua, de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p.1), é concebida como uma rede de pares convencionalizados entre forma e significado, e a gramática não é vista como uma estrutura rígida, pronta, como defendem aqueles pensadores normativistas, mas como uma estrutura maleável, “que está num contínuo refazer-se” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 42) e, por isso, está sempre sujeita a mudanças e inovações decorrentes do uso.

Outro aspecto fundamental para essa concepção teórica é justamente a importância do uso linguístico. Aquilo que denominamos abordagem construcional da gramática (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que é fundamental para este trabalho, é, essencialmente, uma teoria do uso. Assim, em nossas análises, sempre estamos atentos àqueles fatores relacionados ao discurso, que podem interferir e influenciar no uso ou não de determinado item, visto que “os processos de mudança linguística sempre emergem a partir da interação dos falantes, que negociam novos significados no curso da interação”. (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016, p. 240)

Assim, no que se refere à análise dos dados encontrados, procuramos examinar não só aqueles aspectos mais formais das construções, como os fatores morfológicos e sintáticos, mas também nos atentamos à importância da questão da frequência de seus usos. A questão da frequência é de grande relevância para esse trabalho, pois, apesar de se tratar de uma pesquisa prioritariamente qualitativa, o suporte quantitativo é muito importante para a verificação da produtividade da construção estudada, sendo também um indicativo da rotinização da construção.

Acerca da análise da frequência, ressaltamos que nos apoiamos no pensamento de Bybee (2003; 2007). A autora distingue dois tipos de frequência: *type* e *token*. A primeira diz respeito à frequência de um determinado padrão construcional e a segunda se refere ao número de vezes que um determinado dado aparece num *corpus* (cf. BYBEE, 2007, p. 338).

De acordo com os pressupostos da LFCU, a língua deve ser estudada numa situação comunicativa concreta e não artificial, de modo que seja possível descrever os fatos linguísticos em seus contextos reais de uso. Assim, nosso *corpus* reúne sequências textuais reais de livros publicados em português brasileiro e europeu no século XVIII, obtidos em banco de dados disponível no site *brasiana.usp.br*. Na próxima seção, passaremos à descrição e análise de alguns dados encontrados nesse *corpus*. Nesse ponto, é importante ressaltar que optamos por manter a ortografia original encontrada no século XVIII, a fim de sermos fiéis aos textos analisados.

3. Resultados

Nesta seção, nos dedicaremos a explorar cuidadosamente, a partir dos fundamentos teóricos da LFCU, alguns dos dados de construções correlatas aditivas encontrados em nossa pesquisa no século XVIII. Em primeiro lugar, ressaltamos que não será possível uma análise minuciosa de todos os *types* encontrados na pesquisa, devido a grande extensão que o trabalho

ganharia. Por esse motivo, escolhemos analisar apenas os cinco *types* mais frequentes, que apresentaremos mais à frente.

Ademais, ressaltamos que, como nenhum item produz sentido de forma isolada, é preciso considerar as relações contextuais, bem como a peculiaridade de cada elemento que compõe o enunciado, de modo que façamos uma abordagem holística dos usos linguísticos e não apenas um estudo superficial dos elementos que compõem as construções. Nesse sentido, nossa análise procura observar não apenas os elementos que figuram ao redor dos pares, mas todo o contexto discursivo da sentença, assim como o assunto do texto, por exemplo. Tudo isso colabora para que façamos uma análise mais atenta e mais condizente com os pressupostos da LFCU, já que não podemos perder de vista que nosso objetivo é rastrear o uso da construção correlata aditiva no século XVIII nos diferentes contextos a que pudemos ter acesso.

Abaixo, apresentamos a *Tabela 1*, que sintetiza os resultados gerais da pesquisa, trazendo todos os *types* encontrados, assim como a respectiva frequência *token* de cada um, em números absolutos e em porcentagem. Os pares correlativos foram elencados do mais frequente ao menos frequente. Vejamos:

Tabela 1- Frequência de ocorrência *token* e *types*

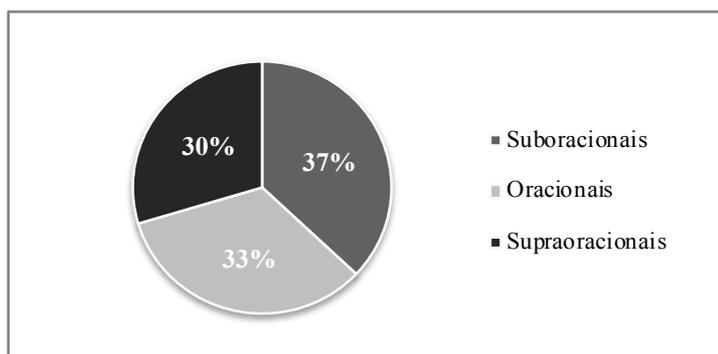
PARES CORRELATIVOS (TYPES)	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA
<i>Não só... mas também</i>	24	22,20%
<i>X... como também</i>	22	20,37%
<i>Não só... mas</i>	18	16,60%
<i>Não somente... mas também</i>	16	14,81%
<i>Não somente... mas</i>	11	10,18%
<i>Não só... mas ainda</i>	09	8,30%
<i>Não só... como também</i>	03	2,77%
<i>Não somente... porém</i>	02	1,85%
<i>Não só... mas até</i>	01	0,92%
<i>Não só... senão ainda</i>	01	0,92%
<i>Não somente... como</i>	01	0,92%
Total	108	100%

Fonte: o autor

Como podemos observar na *Tabela 1* acima, nas 20 obras analisadas em nossa pesquisa no século XVIII, obtivemos o total de 108 dados de sequências correlatas aditivas, distribuídos de forma heterogênea pelos 11 *types* encontrados. Cada dado encontrado foi analisado criteriosamente de acordo com seu *type*, de modo que a análise de cada uma das sequências levasse em conta não somente os aspectos mais formais, mas também os aspectos discursivos, mais relacionados ao uso.

Além disso, também analisamos a distinção entre ocorrências suboracionais, oracionais ou supraoracionais, visto que entendemos esse aspecto como relevante para o rastreamento do modo de configuração sintático-semântico da correlação aditiva no século XVIII. O *Gráfico 1* a seguir procura sintetizar justamente essa distribuição das sentenças em suboracionais, oracionais e supraoracionais:

Gráfico 1 - Demonstrativo da porcentagem de ocorrências de construções correlatas aditivas suboracionais, oracionais e supraoracionais



Fonte: o autor

O gráfico acima nos revela que não houve grande disparidade entre a porcentagem verificada nas sequências suboracionais, oracionais e supraoracionais. A maioria das construções correlatas aditivas rastreadas no século XVIII encontra-se em sequências suboracionais (37%). Em seguida, a correlação aditiva oracional também se mostrou bastante produtiva, aparecendo em 33% dos dados encontrados e, por fim, as sequências supraoracionais constituíram cerca de 30% de todos os casos encontrados. Assim, apesar da preponderância das sequências suboracionais, destacamos aqui o equilíbrio verificado entre as diferentes sequências, visto que, em termos de proporção, não houve grande variação.

Passaremos agora à análise propriamente dita de alguns *types* escolhidos dentre os onze encontrados nesta pesquisa. Como ressaltamos anteriormente, por conta de uma limitação de espaço, ilustraremos com alguns dados e analisaremos somente alguns dos *types* identificados. Optamos pelos cinco padrões mais produtivos em termos de frequência *token*. São eles: *não só... mas também*; *X... como também*; *não só... mas*; *não somente... mas também* e *não somente... mas*.

O *type não só... mas também* foi o mais frequente em nossa pesquisa, aparecendo em cerca de 22% dos casos encontrados. É interessante notar que a alta frequência desse *type* não é específica do século que analisamos, posto que, ao olharmos os resultados de trabalhos

anteriores, como Gervasio (2016, p. 60), por exemplo, logo notaremos que esse par correlativo também já figurava entre os mais frequentes: no século XIX, na variedade do português brasileiro (PB), foi o terceiro mais frequente; e, no século XX, assim como no XVIII, foi o *type* que mais apresentou ocorrências de correlação aditiva, numa análise do PB. De modo semelhante, Rosário (2012, p. 128) demonstrou que o par correlativo *não só... mas também* foi o quarto padrão mais frequente dentre os 28 *types* encontrados em pesquisa no PB deste início de século XXI.

Vejamos os dados (1) e (2) a seguir:

(1) [...] Para vindicarmos o innocente caffè deftas calumnias, devemos entre o ufo, e abufó delle fazer differença devemos tambem diftinguir os temperamentos, as idades, em que convém, daquelles, em que he nocivo: nos temperamentos biliofos, feccos, adultos principalmente na idade juvenil, he prejudicial **naõ fó** o abufó, **mas tambem** o ufo: excepto em alguma occafiaõ, que poderá fer remedio [...]. (PESSANA, 1741, p. 14 – grifo nosso)

(2) [...] Para finalmente formarmos hum juizo a respeito de quanto he antigo o uzo do algodão, basta reflectirmos, que os mais antigos povos traficavão com elle, desde muito antes de Pitagoras os Fenicios, e os Gregos, **naõ só** hião beber as Sciencias, e as Artes á sua fonte, quero dizer na India; **mas tão bem** hião lá comprar fazendas de algodão, para as virem depois revender pelo resto do mundo então sabido. [...] (CÂMARA, 1799, p. 5-6 – grifo nosso)

Em (1), temos como exemplo uma típica construção correlata aditiva encontrada nos dados do século XVIII. Trata-se de uma sequência suboracional, isto é, na qual se correlacionam dois sintagmas nominais, a saber, “o abufó” (o abuso) e “o ufo” (o uso)². O primeiro sintagma traz uma informação já conhecida, um dado velho, que logo será superado em sua importância argumentativa pelo dado novo, que aparece na apódose. Assim, ao lermos uma sequência como essa, logo concluímos que é de conhecimento geral que o abuso do café, assim como de qualquer outro alimento, é prejudicial à saúde humana, mas somos surpreendidos pela informação de que até mesmo o simples uso desse alimento pode também ser nocivo em algumas situações. O mecanismo formal que possibilita a emergência desse sentido nesse dado é a construção correlata aditiva.

No exemplo (2), temos um dado de correlação aditiva oracional. Correlacionam-se, nesse caso, os sintagmas verbais “hião beber as Sciencias, e as Artes á sua fonte” e “hião lá comprar fazendas de algodão”, encabeçados, respectivamente, pelos elementos “naõ só” e “mas tão bem”. É interessante notar que, nesse exemplo, temos um caso de variação ortográfica do

²A obra *Caffé vingado, das vulgares calumnias defendido: discurso medico em que se mostra, que o uso de caffè he proveitoso, e para muitas queixas utilissimo remedio*, de Teotonio Anjo Pessana, datada de 1741, apresenta, na maior parte de seu texto, a consoante “P” no lugar do “s” intervocálico.

elemento “também” para “tão bem”, contudo, sem mudança de significado nesse contexto. Como sabemos, o contexto do século XVIII era ainda de baixíssimo letramento, sendo o acesso à cultura escrita ainda extremamente restrito. Assim, era bastante comum que a língua escrita apresentasse esse tipo de variação.

A seguir, apresentamos o terceiro exemplo destacado do *type não só... mas também*. Trata-se de mais um caso de correlação aditiva oracional. Vejamos:

(3) Desta maneira (segundo o Doutor Jaquin) a Parra *machuã*, como hum rafeiro, acompanha as aves domesticas dos Americanos pelo mais intrincado dos seus matos, e **não só** affugenta os Abutres, e Açores, e outras aves de rapina; **mas tambem** lhes tira a vida. [...] (VELOSO, 1800, p. 13 – grifo nosso)

Analisando o exemplo (3), consoante o que apregoa a maior parte dos gramáticos tradicionais brasileiros, concluiríamos que os itens iniciadores da prótase (*não só*), poderiam ser omitidos sem qualquer prejuízo sintático ou semântico, e os elementos iniciadores da apódose (*mas também*) poderiam ser substituídos por *e*, a conjunção coordenativa aditiva mais prototípica. De acordo com essa visão, o enunciado proposto em (3'), abaixo, teria a mesma função que o apresentado anteriormente em (3), com exceção do maior vigor conferido ao enunciado que contém o par correlato (cf. BECHARA, 2009, p. 330).

(3') Desta maneira (segundo o Doutor Jaquin) a Parra *machuã*, como hum rafeiro, acompanha as aves domesticas dos Americanos pelo mais intrincado dos seus matos, e (?) affugenta os Abutres, e Açores, e outras aves de rapina; e lhes tira a vida. [...] (VELOSO, 1800, p. 13 – adaptação nossa)

Nesse ponto, apoiados na LFCU, ressaltamos o caráter distinto das construções correlatas aditivas com relação às coordenadas aditivas, de modo que, ao compará-las, identificamos, entre outros fatores, uma configuração sintática diferente e, por conseguinte, também uma semântica diferente em cada uma delas. Essa diferenciação nos remete ao princípio da “não sinonímia da forma gramatical”, defendido por Goldberg (1995, p. 67). Segundo esse princípio, quando duas construções são diferentes em sua configuração sintática, elas também serão diferentes em suas funções semântico-pragmáticas. Dentre outros motivos, esse nos leva a conclusão de que coordenação e correlação são mecanismos de integração de cláusulas distintos e que o enunciado proposto em (3') não é sinônimo da sequência (3).

O segundo par correlativo mais frequente em nossos dados, que apareceu em 20,37% das ocorrências totais, foi o *type X... como também*. Esse *type* já se destaca por sua configuração sintática peculiar em relação aos demais: é o único *type* encontrado no século XVIII que omite

sua primeira parte, deixando elípticos os elementos encabeçadores da prótase. É importante ressaltar que a omissão desse primeiro segmento do par correlativo não prejudica a interpretação da sentença nem coloca em dúvida a classificação do enunciado como correlação aditiva, visto que é perfeitamente possível inferir o local em que a parte ocultada figuraria. Vejamos os itens (4) e (5) abaixo:

(4) [...] A primeira Cidade edificada pelos habitantes chamou-se Savannah, do nome do rio sobre o qual estava fundada. Os novos Colonos receberão grandes socorros dos Canadianos, **como tambem** obsequios bem consideraveis de hum chefe índio, chamado Tombo Chicki, o qual regia hum povo denominado Yamacraws. (PINHEIRO, 1800, p. 95 – grifo nosso)

(5) [...] Estarão dous soldados de sentinella á fundição, dous ao Chafariz delRei, dous na ponte da Alfandega, dous na Corte Real, para vigiarem os barcos se pórtão nos lugares referidos, e se lanção alguma pessoa em terra fora delles, para que logo ficando hum de vigia, vá o outro á pare, onde barco portar, a impedillo, **como tambem** a fazer preza na pessoa que se lançar fora, fazendo logo aviso á casa da Saúde aos Provedores della [...] (VELOSO, 1800, p. 42 – grifo nosso)

Em (4), temos uma sequência correlata aditiva suboracional, na qual correlacionam-se os sintagmas nominais “grandes socorros dos Canadianos” e “obsequios bem consideraveis de hum chefe índio”. Assim, consideramos que, provavelmente, a omissão da primeira parte do par correlato foi feita logo após o verbo “receberão” (receberam).

Já em (5), temos um caso mais complexo, uma construção supraoracional, na qual se encaixam à apódase outras orações, como uma oração relativa e uma reduzida de gerúndio. Nesse exemplo, é um pouco mais difícil inferir o local em que foi feita a omissão da primeira parte do par correlato, visto que há uma grande sequência de elementos coordenados e outras orações no interior da estrutura correlata. Entretanto, acreditamos que, possivelmente, se explícito, esses elementos iniciadores da prótase estariam antes de “a impedillo”.

O par correlato *não só... mas* é o *type* com a terceira maior frequência de ocorrência em nossos dados, aparecendo em mais de 16% das ocorrências. Esse *type* se assemelha bastante ao primeiro analisado, *não só... mas tambem*, apresentando como diferença básica o fato de o elemento “tambem” não fazer parte dos itens que encabeçam a apódase neste que agora analisamos.

Quanto ao elemento “tambem”, que aparece em quatro dos onze *types* identificados em nossa pesquisa, ressaltamos seu teor de adição, sendo geralmente classificado como um advérbio de inclusão, ou seja, um elemento que reforça a ideia de um acréscimo de informação no contexto. Quando inserido em uma estrutura de correlação, esse elemento colabora para o

redirecionamento da argumentação, ajudando a reforçar na apódose a maior relevância da informação ali presente. Entretanto, como veremos na análise do *type não só... mas*, esse elemento não é imprescindível para a obtenção do efeito de sentido que geralmente é veiculado pela apódose, a saber, a informação nova, a que se quer dar mais relevo na argumentação.

(6) [...] A passagem do fluido do Electrico pelo vidro, e cristal abrasado, não póde vir do fogo que abrasa, nem de que o mesmo fogo separe, ou dezuna as partículas do vidro: a primeira parte consta da Experiência XV, a segunda da Experiência XVI, aonde as partículas do vidro, estando **não só** dezunidas, **mas** separadas, não o deixão passar livremente. [...] (ARAGÃO, 1800, p. 41 – grifo nosso)

(7) [...] Logo hé évidente. I. Que o arros, cultivado em agoas correntes, **não só** não pode causar epidemias, **mas** pode ser preservativo dellas, pelo que se vio nos §. 12, 13, 15, 16, e 18. II. Que a sua cultura em agoa estagnada não pode ser nociva, se não quando houver podridão, o que se pode evitar, como veremos no §. 27; [...] (TELES, 1800, p. 16-17 – grifo nosso)

O exemplo (6) é um caso de correlação aditiva suboracional, no qual dois adjetivos, “dezunidas” e “separadas”, não são simplesmente adicionados em sequência, mas colocados de tal maneira que podemos notar o reforço que se quer dar a ideia de separação das partículas de vidro. Apesar de “desunião” e “separação” serem, muitas vezes, tomadas como palavras sinônimas, aqui entendemos que há uma ideia mais enfática de distância física na segunda, o que é proporcionado justamente pela presença dos correlatores “não só”, na prótase, e “mas”, na apódose.

Em (7), temos uma construção correlata aditiva oracional bastante comum. Correlacionam-se dois sintagmas verbais, compostos pela locução verbal “pode causar” com seu respectivo complemento direto “epidemias”, na prótase, e “pode ser”, na apódose, também com seu respectivo complemento. É claro também, nesse exemplo (7), o jogo argumentativo entre informação dada, que vem no primeiro segmento da estrutura correlata (prótase), e a informação nova, encabeçada pelo “mas”, na apódose, trazendo um dado não esperado e que, muitas vezes, vai contra a expectativa do falante. Esse exemplo nos recorda o que defende Módolo (2005, p. 174), quando afirma que a correlação possui um forte teor argumentativo, pois “concorre para que se destaquem as opiniões expressas, a defesa de posições, a busca de apoio, mais do que apenas informar com objetividade os acontecimentos”.

Dando continuidade à análise dos demais pares correlativos escolhidos para este trabalho, apresentamos agora os *types não somente... mas também* e *não somente... mas*, que são, respectivamente, o quarto e o quinto *type* em ordem de frequência de ocorrência, como

vimos na *Tabela 1* acima. O *type não somente... mas também* apareceu em pouco mais de 14% das seqüências encontradas e o par *não somente... mas* em mais de 10% dos dados totais.

Vejam os a seguir duas ocorrências do *type não somente... mas também*:

(8) [...] A terra deve ser barrenta com muito pouca aréa, **não sómente** para que não deixe o vinagre passar atravez dos seus poros, e chegar á cal, o que fária que esta ficasse sem acção alguma sobre o ácido carbônico (5. XXII.), **mas também** para que a emanação septica se infiltre muito lentamente por ella; pois he bem sabido, que a terra barrenta he a menos porosa de todas. [...] (TELES, 1800, p. 31 – grifo nosso)

(9) Ora esta estopa, antes hum objecto de desgosto, a que era costume vender a alguns cordoeiros a libra por dous soldos, e seis dinheiros, he hoje, por huma nova operação hum objecto de maior utilidade. Cardando-a como lã, obtém-se huma matéria de sufficiente fineza, medullosa, e branca da qual, até o presente, ignorava-se o uso. Neste estado **não sómente** he applicavel ao fabrico de cadarços, que, em muitos casos, excederão aos ordinários; **mas também** póde fiar-se, e dar muito bom fio. [...] (MARCANDIER, 1799, p.68 – grifo nosso)

Os exemplos (8) e (9) acima apresentam seqüências supraoracionais de correlação aditiva. Na primeira, temos a presença de orações de diferentes níveis de integração na prótase assim como na apódose. Na segunda, há também a presença de mais de uma oração em cada segmento do par correlato. Salientamos que optamos por mostrar duas ocorrências supraoracionais desse *type* porque foi aquele que mais apresentou ocorrências desse tipo (sete das trinta e duas ocorrências supraoracionais no total).

A seguir, apresentamos duas ocorrências do nosso último *type* a ser analisado: *não somente... mas*.

(10) [...] neste caso hé sem contradicção, que a cultura do arros não pode ser nociva; I, porque já vimos, que o arros, em quanto vegetal não pode ser causa de epidemias. (§ 12.) II porque hé bem sabido, que as agoas correntes, ou em continuo movimento, **não sómente** não são nocivas, **mas** são purificadas. [...] (TELES, 1800, p. 10 – grifo nosso)

(11) Se em hum copo cheio de água entrão dois arames curvos, de sorte que as duas pontas delles mergulhadas fiquem vizinhas, então fazendo passar por elles a descarga de huma garraffa, **não sómente** se acenderá scyntilla dentro da água, **mas** esta agua se inquietará, e o copo saltará em boccados de modo, que a Experiência será perigosa para os assistentes, se a Electricidade for forte. [...] (ARAGÃO, 1800, p. 107 – grifo nosso)

O exemplo (10) revela um caso interessante de uma construção correlata aditiva oracional. Sob o escopo de *não somente* há o verbo “são” com seu respectivo predicativo do sujeito “nocivas”, que caracteriza “agoas correntes” e, sob o escopo de *mas*, há novamente o verbo “são” com seu predicativo “purificadas”, que também se refere ao sujeito “agoas correntes”.

Já em (11), temos um caso um pouco mais complexo, pois o preenchimento do *slot* da construção, na apódose, nesse exemplo, traz diversas orações encaixadas àquela que imediatamente se liga à partícula “mas”. Um fato que logo nos chama atenção é a presença da oração coordenada aditiva “e o copo saltará em bocados” no trecho inicial da apódose: “**mas** esta água se inquietará, e o copo saltará em bocados”. É possível notar, portanto, que nesse trecho temos uma construção coordenada subjacente à construção correlata, o que ratifica nossa hipótese de que a coordenação e a correlação são processos de integração distintos, que servem a necessidades comunicativas distintas, de modo que sequências coordenadas podem aparecer no interior de construções correlatas.

Por fim, destacamos o aparecimento do *type não só... mas* em uma sequência não prototípica:

(12) [...] Deste modo a Electricidade favorece as secreções da natureza, aumenta a circulação dos humores, e deve impedir **não somente**, **mas** desfazer as obstruções, e ajudar admiravelmente as evacuações necessárias para o bem da saúde. [...] (ARAGÃO, 1800, p. 118-119 – grifo nosso)

Esse caso merece nossa atenção, visto que a ordem dos elementos que encabeçam o par correlativo está bastante diferente da ordem mais comum e mais frequente: *não só/somente* [SN ou SV], *mas (também)* [SN ou SV]. A primeira parte do par correlativo na prótase, *não somente*, aparece após o sintagma a que se relaciona. Em nossa pesquisa, detectamos apenas dois casos em que isso ocorreu. Além da ocorrência demonstrada em (12), essa mudança no *slot* da construção ocasionada pela antecipação do sintagma em relação à primeira parte do par ocorreu em apenas outra sequência: com o par *não só... mas*. Assim, no total de 108 *tokens*, essas duas ocorrências constituem aproximadamente 1,85% das sequências encontradas no século XVIII.

No caso do exemplo (12) acima, bem como do outro exemplo mencionado com o par *não só... mas*, consideramos que constituem apenas sequências não prototípicas, mas ainda dentro do ramo das construções correlatas aditivas, que são nosso foco de análise. Trata-se de dados que se afastam um pouco da categoria central, mais frequente. Essa análise está baseada na noção de prototipicidade.

Para Neves (2006, p. 22), “o protótipo é a entidade central em torno da qual se organiza a categoria, situando-se no centro aqueles exemplares que têm maior semelhança com o protótipo, e na periferia os que têm menor semelhança”, assim, exemplos periféricos, como o caso (12) acima, não são considerados problemas no que diz respeito à caracterização da categoria, nesse caso, a correlação. De acordo com a noção de prototipicidade, esses casos são

apenas exemplos mais afastados do protótipo, *não só/somente* [SN ou SV], *mas (também)* [SN ou SV], mas que, ainda assim, compartilham algumas características com esses elementos centrais (possuem elemento de negação seguido de elemento de restrição na prótase; apresentam item de contra expectativa na apódose; apresentam o par correlativo, por exemplo), diferindo-se apenas em alguns pontos.

Desta forma, finalizamos esta seção em que nos propomos a analisar os cinco *types* mais frequentes em nosso estudo sobre a correlação aditiva no século XVIII.

4. Considerações finais

De acordo com a LFCU, entendemos que a gramática de uma língua está sujeita a constantes mudanças e adaptações conforme os fatores interacionais e as diferentes situações, que proporcionam tanto a emergência como modificações de construções na língua. Ao procurarmos rastrear o aparecimento, a frequência, bem como o modo de configuração da correlação aditiva no século XVIII, buscamos verificar justamente essas mudanças e adaptações adjacentes ao uso dessa construção no período analisado.

Esperamos ter demonstrado com os exemplos analisados que as construções correlatas aditivas do século XVIII, tanto no nível formal quanto semântico, mostram-se bastante distintas daquilo que tradicionalmente se denomina *coordenação*. Discursivamente, é fácil notar que as construções correlatas servem a necessidades comunicativas distintas das construções coordenadas, de modo que as primeiras atuam de forma mais argumentativa. No plano formal, logo notamos a diferença na configuração morfossintática da correlação, a qual se organiza em pares correlativos que se distribuem em prótase e apódose, e não apenas em conectivos simples que unem sintagmas.

Além disso, esta pesquisa permitiu que constatássemos que já havia uma presença maciça da construção correlata aditiva em textos do século analisado, visto que obtivemos um resultado bastante produtivo em termos quantitativos, de modo que, numa análise de apenas vinte obras, detectamos 108 sequências de correlação aditiva. Constatamos também uma grande heterogeneidade nas ocorrências, detectando sequências supraoracionais, oracionais e, na maioria dos casos encontrados, sequências suboracionais, configurando um notório caso de variação construcional (cf. ROSÁRIO, 2012, p.199).

Concluimos, assim, que a investigação realizada revela-se como uma contribuição para a agenda de pesquisas sobre as construções correlatas aditivas no painel histórico da língua

portuguesa. Contudo, é necessário ressaltar que este projeto de Iniciação Científica foi apenas um passo inicial na iniciativa de aprofundamento e análise da trajetória da correlação aditiva na língua portuguesa em séculos anteriores aos já analisados. Em futuros trabalhos, pretendemos prosseguir com a análise desse tipo de construção na língua portuguesa em outras sincronias.

Abstract

This paper intends to show some results of an undergraduate research project developed during the years 2016 and 2017, in Universidade Federal Fluminense (UFF). We investigated the additive correlative constructions such as *not only X, but also Y* (*não só X, mas também Y*, in portuguese), in the eighteenth century. We obtained satisfactory results about the occurrences productivity, which appeared in the level of the clause, below and above the clause. We defend, supported by the Usage-Based Linguistics, that the additive correlative constructions are not part of the most common processes of clauses integration: coordination and subordination, but they are part of a third process, the correlation (OITICICA, 1952; RODRIGUES, 2007; CASTILHO, 2010; ROSÁRIO, 2012). The analysis' *corpus* of this research, with group textual sequences from european and brazilian portuguese, was extracted from the website *brasiliana.usp.br* (Biblioteca Virtual Brasileira – USP, in portuguese). In the adopted methodology, we made a priority qualitative analysis, but with quantitative factors support, and we consider factors of both cognitive and pragmatic-discursive nature.

Key words: Addition; Correlative; Construction; Usage-Based Linguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, F. F., *Breve Compendio ou Tratado Sobre Electricidade, impresso por ordem de S. Alteza Real O Principe Regente, Nosso Senhor, e composto pelo reverendo Francisco de Faria e Aragão*. Lisboa: Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03892900>> Acesso em: 03 fev. 2018.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; RICHARD, D. J. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell Publishing, 2003, p.624-647.

_____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: University Press, 2007.

CÂMARA, M. A. *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o methodo de o escolher, e ensacar, etc*. Lisboa: Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1799. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02293200>> Acesso em: 03 fev. 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, p. 13-39, 2013.

_____; COSTA, M. A.; M. M. CEZARIO, Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MATERLOTTA, M. E (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

GERVASIO, T. L. *A construção correlata aditiva nos séculos XIX e XX: uma proposta de análise centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói – RJ, 2016.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KURY, A. G. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MARCANDIER. *Tratado sobre o canamo*. Tradução de Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Lisboa: Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1799. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01837700>> Acesso em: 03 fev. 2018.

MELO, G. C. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

MÓDOLO, M. A estrutura correlativa aditiva ‘não só... mas também’ de uma perspectiva multissistêmica. In: *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Campinas, 2005, p. 171-176.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OITICICA, J. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. *Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática*. Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

PESSANA, T. A. *Caffè vingado, das vulgares calumnias defendido: discurso medico em que se mostra, que o uso de café he proveitoso, e para muitas queixas utilissimo remedio*. Lisboa: Reg. Offic. Sylviana, 1741. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03936800>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. *Historia nova, e completa da America*. Lisboa: Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03892300>> Acesso em: 03 fev. 2018.

ROCHA LIMA, C. H.. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói - RJ, 2012.

TELES, V. C. S. S. *Memoria sobre a cultura do arros [sic] em Portugal, e suas conquistas*. Lisboa: Offic. da Casa Literaria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03895000>> Acesso em: 03 fev. 2018.

_____. *Memoria sobre os prejuisos causados pelas sepulturas dos cadaveres nos templos, e methodo de os prevenir*. Lisboa: Offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01910600>> Acesso em: 03 fev. 2018.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: University Press, 2002.

_____; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VELOSO, J. M. C. *Regimento do Provimento da Saude para o Porto de Belém*. Lisboa: Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03896200>> Acesso em: 03 fev. 2018.

_____. *Aviario brasilico ou Galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil*. Lisboa: Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/03892800>> Acesso em: 03 fev. 2018.

Construções substitutivas instanciadas pelos conectores *em vez de* e *ao invés de* no português brasileiro contemporâneo

Substitutive constructions instantiated by the connectors *em vez de* and *ao invés de* in contemporary Brazilian Portuguese

Idrissa Ribeiro Novo (UFF)¹
Ivo da Costa do Rosário (UFF)²

Resumo

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente trabalho visa a descrever as principais propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de*, no português brasileiro contemporâneo. Propõe-se que as construções encabeçadas pelos conectores mencionados veiculem o valor de substituição, o qual não está contemplado no quadro oracional das gramáticas tradicionais (Cunha; Cintra, 2007, Bechara, 2009, Rocha Lima, 2001). As orações iniciadas por *em vez de* encerram um fato cuja realização era esperada, mas que não se concretiza, visto que é o fato da matriz que realmente é realizado. Os resultados preliminares apontam o mesmo valor de substituição para as construções encabeçadas por *ao invés de*, uma vez que os usuários da língua, de maneira geral, utilizam ambos os conectores de forma indistinta em contextos menos monitorados. Acredita-se, ainda, que os valores de preferência (Kortmann, 1997) e comparação contrastiva – apontado na pesquisa de Lopes e Souza (2014) – evidenciem-se nos contextos mais amplos de produção e estejam relacionados à própria noção de substituição.

Palavras-chave: Preferência; Conexão; Substituição.

1. Introdução

A pesquisa aqui desenvolvida, com base no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, tem o objetivo de fazer uma breve descrição dos conectores *em vez de* e *ao invés de*. O interesse por esse tema deve-se ao fato de que, de uma maneira geral, poucos são os estudos sistemáticos disponíveis sobre essas construções conectoras na literatura especializada.

Em uma análise preliminar, é possível observar que ambos os conectores instanciam orações cuja semântica reflete, não só um valor de oposição – conforme evidenciam alguns compêndios gramaticais – mas também uma noção de substituição, ou mesmo de preferência. Vejamos um exemplo de cada construção conectora em uso:

(01) Diferentemente de a maioria de as animações convencionais, a dublagem surgiu antes de as imagens em movimento. Explique essa diferença, fundamental para o trabalho de Selton

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: idrissa_novo@hotmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: rosario.ivo3@gmail.com

Mello, Camila Pitanga e Rodrigo Santoro? LB: **Em vez de** gravarem as vozes em cima de os desenhos, eles entraram em o estúdio e interpretaram as personagens antes de os desenhos. Isso ajuda muita em a construção de a cena por os artistas animadores. Eles não trabalham sobre palavras em o papel, mas sobre a voz e o poder de interpretação de atores talentosos que já discutiram as personagens com o diretor, emprestando seu talento a o filme. (GBR <http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=11251>)

(02) Você não merece que eu automaticamente adore todas coisas que você adora, só pra me sentir mais por dentro de a sua vida, de as suas coisas, de nós dois. Você não merece todas as horas que eu gasto pensando em você **ao invés de** estudar todas aquelas bostas sem sentido que o Kafka escreveu e vão cair em a prova amanhã, em o primeiro período. Você não merece que eu imagine você em o lugar de a minha namorada quando ela está com aquele peso todo em cima de mim. Você não merece um pingo de lágrima que eu já irriguei de saudade de as nossas conversas. Você não merece meu ímpeto de sempre voltar a a essa cafeteria fedida. (GBR: <http://17maisumavez.blogspot.com/>)

Conforme podemos observar inicialmente, os conectores aqui apresentados veiculam a noção de substituição, visto que o evento introduzido por essas expressões é substituído pelo evento que, efetivamente, está na oração matriz. Assim, *a priori*, não há diferença no uso de um ou outro conector.

Após as considerações iniciais, partimos para a segunda seção, que se dedica a apresentar a fundamentação teórica da pesquisa, a qual está sustentada na Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, fazemos uma breve revisão da literatura, na tentativa de evidenciar propostas que dizem respeito ao tratamento do assunto aqui discutido. No tópico seguinte, são explicitados os pressupostos metodológicos do trabalho e é realizada a análise de alguns dados investigados durante o período de coleta. Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa e as referências bibliográficas.

2. Linguística Funcional Centrada no Uso

A abordagem configurada como Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU) é o resultado das pesquisas empreendidas pelos estudiosos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva. Para a primeira, há uma constante interação entre gramática e discurso e, por isso, a gramática está em constante processo de mudança em consequência das peculiaridades do discurso. A segunda, por outro lado, procura compreender de que maneira o comportamento linguístico reflete as capacidades cognitivas que dizem respeito ao processo de categorização, levando em consideração as experiências humanas no contexto das atividades individuais, sociointeracionais e culturais.

Essas duas correntes compartilham pressupostos teórico-metodológicos, dentre os quais se destacam:

(...) rejeição à autonomia da sintaxe, incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (...) (CEZARIO; CUNHA: 2013, p.14)

Compreende-se, portanto, a partir da simbiose entre as duas abordagens, que a gramática é a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua e, por isso, pode ser afetada pelo uso linguístico (Cezario; Cunha: 2013). Desta maneira, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem padrões semelhantes, pois a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas.

Para a LFCU, a estrutura da língua emerge na medida em que ela é usada, diferentemente do que preconizam os estudos formalistas da língua(gem). As práticas discursivas dos usuários da língua, no cotidiano, motivam a instabilidade desta, assim como a aparente regularidade. Deste modo, é necessário considerar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas dos fatos linguísticos em análise. Com relação a este último aspecto, fica claro que os estudos em LFCU devem sempre considerar o papel que as construções analisadas desempenham nos contextos reais de comunicação.

Neste sentido, pretende-se investigar as construções *em vez de* e *ao invés de* em contextos reais de produção, para que se compreenda em que medida tais contextos contribuem para a emergência dessas construções.

3. Revisão da literatura

No âmbito da abordagem tradicional, apenas coordenação e subordinação são apontados como processos de articulação de orações na análise dos períodos compostos. Desta forma, orações de naturezas distintas são alocadas no mesmo arcabouço, desconsiderando-se as suas peculiaridades, assim como ocorre, por exemplo, com o grupo das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Uma das propostas mais clássicas, no campo dos estudos funcionalistas, para o campo da articulação de orações, é a desenvolvida por Hopper e Traugott (1993). Ao considerarem que há, na verdade, vários processos de combinação de orações, Hopper e Traugott (1993) propõem um *cline* de gramaticalização de orações, com base na proposta de Givón (1990, p. 826), para

quem “quanto mais dois eventos/estados são integrados semanticamente ou pragmaticamente, mais as orações que os codificam estarão integradas gramaticalmente”.

Vejam, a seguir, como Hopper e Traugott (1993, p. 170) representam a integração de orações a partir de graus de dependência e encaixamento, revelando uma postura menos rígida em relação à categorização oracional.

Quadro 1: *Cline* de integração oracional segundo Hopper e Traugott (1993)

Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
-dependente		+dependente		+dependente
-encaixado		-encaixado		+encaixado

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p.170)

De acordo com os autores, no modo paratático, duas ou mais orações constituem núcleos independentes, relacionados entre si por meio de inferências, caracterizando, portanto, uma independência relativa, já que a integração é marcada mais em termos semântico-pragmáticos do que em termos de junção. Aqui se inserem as orações justapostas e as coordenadas.

No modo hipotático, por sua vez, há interdependência entre as orações que constituem uma cláusula. Uma oração constitui um núcleo, ao qual se ligam as outras orações que, embora não façam parte do escopo da oração núcleo, não podem “suportar a si mesmas”. As orações hipotáticas estão em uma relação de adjunção em relação à oração núcleo, visto que a oração marginal não se encontra inserida na oração núcleo e, portanto, não funciona como um de seus constituintes. Nesse grupo, estão reunidas as orações relativas apositivas e as adverbiais (da gramática tradicional).

A subordinação, por fim, também conhecida como “encaixamento”, representa a dependência completa, na qual a encaixada está inserida como um constituinte da oração matriz. As orações relativas restritivas e as completivas costumam ser incluídas nesse grupo.

Defendemos que as construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* instanciam estruturas de hipotaxe, devido aos seus traços de [+ dependência; - encaixamento]. Apesar de o quadro oracional de gramáticas tradicionais (ROCHA LIMA, 2011; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2007) não incluir esse tipo de estrutura, postulamos que elas são produtivas no português do Brasil, na função de veicular o valor semântico de substituição.

No que se refere aos conectores pesquisados, o quadro a seguir ilustra o tratamento dado a eles nas gramáticas investigadas:

Quadro 2 – Sistematização das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* nas gramáticas investigadas

Azeredo (2010)	Menciona <i>em vez de</i> como locução prepositiva, a qual apresenta o valor semântico de contraste, substituição ou preterição. No paradigma das orações adverbiais, o autor faz uma observação a respeito desse conector: “Com <i>em vez de</i> pretere-se ou descarta-se algo” (<i>op. cit.</i> , p. 336). <i>Ao invés de</i> não é citado.
Bechara (2009)	Assevera que <i>em vez de</i> é uma locução prepositiva, porém, na seção destinada à descrição das preposições, não explicita a relação semântica instanciada por essa locução. No entanto, ao tratar dos determinantes circunstanciais ou adverbiais (<i>op.cit.</i> , pp. 447-448), retoma a locução prepositiva <i>em vez de</i> como um dos introdutores do adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência. Novamente <i>ao invés de</i> não é mencionado.
Cunha e Cintra (2007)	Apenas mencionam que <i>em vez de</i> é uma locução prepositiva.
Ilari e Neves (2008)	Afirmam que as locuções prepositivas, de maneira geral, são consideradas como construções. Em especial, observam um mesmo processo de formação para as construções destacadas, conforme se verifica nas páginas 792 e 793: preposição - nome - preposição . Ressaltam que tais unidades estão parcialmente gramaticalizadas e que o substantivo constituinte é, em geral, uma palavra de significação relacional e abstrata.
Neves (2011)	No capítulo dedicado à junção, destaca as construções “ a + nome + preposição (tradicionalmente locução prepositiva)”. Embora <i>ao invés de</i> não seja mencionado, encaixa-se no paradigma descrito. Não se explicita a relação semântica evidenciada, talvez por conta da diversidade semântica das construções descritas. Neves (2011) menciona a construção <i>em vez de</i> , evidenciando que construções do tipo em + nome + preposição expressam, dentre outras noções, a noção de substituição.
Rocha Lima (2011)	Não menciona as construções conectoras estudadas no quadro das locuções prepositivas e, portanto, não apresenta nenhum tipo de descrição dos conectores em foco.

Fonte: Os autores, 2018.

É válido ainda destacar que Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2007) preservam a visão tradicional de que a preposição/locução prepositiva tem por função subordinar um elemento da oração a outro elemento. Bechara (2009, p. 296) prescreve também que “a preposição não exerce outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz”. Os gramáticos citados, porém, reconhecem o valor semântico estabelecido pelas preposições/locuções prepositivas.

Azeredo (2010), por sua vez, expõe duas noções não reconhecidas pelas gramáticas tradicionais no que se refere ao paradigma dos valores semânticos que emergem, nos termos do autor, das orações adverbiais: preferência e substituição. Essa observação é evidenciada por Neves (2011), quando a linguista se refere ao mesmo conector.

Conforme se verifica, ainda há que se empreenderem outras análises a respeito das construções conectoras *ao invés de* e *em vez de*. Na seção a seguir, são apresentados os pressupostos metodológicos adotados para a realização da pesquisa e, em seguida, a análise dos dados.

4. Pressupostos metodológicos e análise de dados

O *corpus* desta pesquisa é formado pelas 100 primeiras ocorrências de cada conector estudado, extraídas do *Corpus* do Português, o qual pode ser acessado por meio do *link* www.corpusdoportugues.org. O *Corpus* do Português, organizado por Davies e Ferreira, atualmente apresenta duas interfaces de pesquisa.

A interface mais antiga é constituída por mais de 45 milhões de palavras dos anos 1200 a 1900, e pode ser usada para verificar a história do Português. Para o século XX, é dividida igualmente entre gêneros de estilo falado, ficção, jornais e textos acadêmicos³.

Neste artigo, propomos a análise do comportamento linguístico das mencionadas construções conectoras no século XXI, no Português do Brasil. Para tanto, utilizamos apenas os dados presentes na segunda interface dos *corpora*, os quais estão integralmente disponíveis nos *links* de acesso aos blogs de onde foram extraídos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa sincrônica, centrada em investigar as construções conectoras no português brasileiro contemporâneo.

Já que, por ora, os dados estatísticos não são relevantes para o escopo deste trabalho, é necessário também esclarecer que as ocorrências receberam um tratamento predominantemente qualitativo⁴. Acreditamos que, posteriormente, quando a pesquisa estiver em um estágio mais avançado, os dados estatísticos ganharão maior relevância.

A construção conectora *em vez de*

³Texto informado pelo *site* do *Corpus* do Português.

⁴ Como as construções são utilizadas de forma intercambiável, ainda não foram encontradas evidências suficientes para um tratamento significativo dos dados estatísticos.

Kortmann (1997) propõe que *em vez de* evidencia uma noção de substituição. O autor afirma que, nessa relação, há dois possíveis eventos alternativos: *p* e *q*. *Q* acontece ou é realizado, embora *p* fosse esperado; *q*, portanto, substitui *p*. Em outras palavras, as orações iniciadas por *em vez de* encerram um fato que podia realizar-se, isto é, cuja realização era esperada; contudo não se realiza, visto que é o fato da matriz que realmente se efetua. É o que se verifica em alguns contextos, como o abaixo assinalado:

(3) Para Klotz, o cinema é um ato de a palavra, é uma mensagem, uma forma de dar uma palavra que passa de um ser humano a outro. O filósofo Gilles Deleuze falava de a arte e de a resistência como sendo uma luta de os homens contra a morte. Klotz acredita que esta ideia está em o cinema também, embora esteja em processo de desaparecimento porque a indústria cinematográfica está se tornando muda e cega, e que o espectador acabou perdendo a palavra. O público de hoje consome os filmes, **em vez de** ser liberado por as palavras de estes. Por isso o diretor gosta de filmes polêmicos, que forcem as pessoas a debater, liberando assim a palavra. Para ele, a maldição é passar esta ideia de que as pessoas não têm mais importância. (GBR <http://35.mostra.org/jornal-da-mostra/as-questoes-humanas-de-nicolas-klotz-%E2%80%93-parte-1/>)

Quadro 3 – Esquema de representação da relação de substituição no exemplo (3)

Expectativa (3) = ser liberado pelas palavras dos filmes
SUBSTITUI-SE POR
Contraexpectativa (3) = consumir os filmes

Fonte: Os autores, 2018.

Desta maneira, o enunciador prepara a expectativa na oração iniciada por *em vez de*, mas quebra essa expectativa no momento seguinte, na segunda oração. É essa quebra de expectativa que, por vezes, aponta para uma relação de oposição. Acreditamos, no entanto, que a relação de SUBSTITUIÇÃO, na verdade, seja a ideia preponderante.

No âmbito contextual, percebemos que, em se tratando de um jogo argumentativo, alguns termos auxiliam a construção da opinião do enunciador – como a porção textual *embora esteja em processo de desaparecimento, está se tornando muda e cega e espectador acabou perdendo a palavra*, que orienta o leitor a respeito da opinião do enunciador sobre a indústria cinematográfica. Assim, não é apenas a oração substitutiva que traz a noção de substituição tampouco o conector em si, mas sim a porção textual argumentativa como um todo.

É necessário lembrar que, segundo Azeredo (2010), o conector *em vez de* não apenas evidencia uma noção de substituição, mas também de preferência, conforme demonstra o exemplo abaixo enumerado.

(4) o governo gaúcho, José Fogaça, que acompanhava Serra, cochichou- lhe em o ouvido alguma coisa sobre supostas tendências políticas de o repórter. "« Quem, ele? Mas o "« Valor "» também é meio assim, não é só ele não "», disse Serra. Mais tarde, a diretora de redação de o Valor, Vera Brandimarte, lamentou a atitude de o tucano: "« Todos os candidatos devem estar dispostos a responder questões, mesmo sobre temas que não lhes agradem "», ponderou. FOLHA DE S.PAULO Em 28 de setembro, **em vez de** responder a a pergunta de um jornalista de a "« Folha=de=S.Paulo "», em Salvador (BA), Serra preferiu partir para o ataque. "« Candidato, em esses últimos dias de campanha, qual deve ser a (sua) estratégia? ", perguntou o repórter Breno Costa. "« Certamente não é perder tempo com matéria mentirosa como a que você fez "», respondeu Serra. O presidenciável referia- se a a reportagem publicada por o jornal três dias antes com dados negativos sobre sua gestão (GBR <http://45escandalosdejoseserra.blogspot.com/>)

Nesse caso, é possível depreendermos outro esquema:

Quadro 4 – Esquema de representação da relação de substituição no exemplo (4)

Expectativa (4) = responder à pergunta do jornalista
É PREFERÍVEL A
Contraexpectativa (4) = partir para o ataque

Fonte: Os autores, 2018.

Em ambos os exemplos, observamos que a noção de preferência é notadamente evidenciada pelo verbo *preferir*. De todo modo, verifica-se que a noção de substituição está ainda ali vinculada.

A construção conectora *ao invés de*

Quanto ao conector *ao invés de*, Lopes e Souza (2014) apontam que ele ocorre em diferentes contextos sintáticos, sinalizando duas relações discursivas distintas: substituição e comparação contrastiva. Vejamos o seguinte exemplo:

(5) "« dar um consolo "» a o cliente coitadinho, coitadinho que pediu, pediu e teve a porta de a empresa batida em sua cara, DISPENSEM- NOS!!! é assim que se faz, ELES SÓ ENTENDEM A LINGUAGEM DE O DINHEIRO QUE SAI DE NOSSOS BOLSOS!!! Olá Jota, você está corretíssimo. Meus amigos, desculpem o que vou dizer mas vocês deveriam agradecer a as financeiras e bancos por não colocarem mais a corda em o vosso pescoço, dando- lhes oportunidade para respirar, devem trabalhar e usufruirem de os seus ganhos **ao invés de** dar- los a os bancos e financeiras. Aprendam a administrar seus ganhos. Um livro extraordinário pra essa aprendizagem chama- se O Homem Mais Rico de Babilônia. Por favor, esses credores já estão ricos o suficiente, valorizem o que voces ganham, não tirem de a família para dar a os lobos. Aprender os ensinamentos de esse livro é questão de honra pra quem quer

ter uma vida digna e proporcionar essa também a os familiares. (GBR <http://acertodecontas.blog.br/financas/verdade-que-o-seu-nome-nunca-sair-do-serasa/>)

Nesse exemplo, também emerge a noção de substituição, explícita de maneira clara, como também se evidencia nas orações instanciadas por *em vez de*:

Quadro 5 – Esquema de representação da relação de substituição no exemplo (5)

Expectativa (5) = dar aos bancos e financeiras
SUBSTITUI-SE POR
Contraexpectativa (5) = trabalhar e usufruir dos seus ganhos

Fonte: Os autores, 2018.

No que se refere à ideia de comparação contrastiva, podemos observar que não se trata de algo muito frequente. De fato, dentre as cem primeiras ocorrências, encontramos poucos exemplos, dentre os quais destacamos o que segue abaixo:

(6) Mas se tem algo que faz com que as mulheres se derretam completamente são os homens tímidos. Talvez o charme estava intimamente ligado com a timidez. Você deve aprender a chamar atenção "« sem querer, querendo "». Sorrisos de canto, mexer em os cabelos, olhares tímidos e ao mesmo tempo instigadores, tudo isso faz parte de o charme masculino. Se você quer ser charmoso, evite cantadas prontas, e chegue em uma mulher com delicadeza, com um sorriso, e sem palavras como "« nossa como você é gostosa "». **Ao invés de** fazer isso, procure dizer algo como "« não sei por que, mas desde que te vi, não consegui desviar meu olhar "». Escolher bem as palavras em a hora de a conquista de uma mulher, é uma característica marcante de os homens charmosos. E preferível falar coisas que realmente agradam as mulheres, de o que chegar fazendo elogios contidos em funks, por exemplo. Dizer que ela é linda, que seus cabelos são macios, e aproveitar para tocar em eles, são sutilizas que conquistam (GBR. <http://007blog.net/dicas-para-ser-um-homem-charmoso-e-confiante/>)

Quadro 6 – Esquema de representação da relação de substituição no exemplo (6)

Expectativa (6) = dizer algo que realmente agrada às mulheres
SUBSTITUI-SE POR/ É PREFERÍVEL A
Contraexpectativa (6) = usar cantadas prontas

Fonte: Os autores, 2018.

Comparam-se, no exemplo (6), dois comportamentos: o do homem que age com pouca criatividade e de maneira convencional e o do homem que age como um cavalheiro, fazendo elogios à beleza da dama pretendida. É possível verificar o realce que se estabelece para o segundo comportamento masculino, pois é esta a informação veiculada em primeira instância.

Em segundo plano, representa-se o outro comportamento masculino, pela imagem de alguém que diz “nossa como você é gostosa”.

5. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos traçar, à luz da LFCU, um panorama dos conectores *em vez de* e *ao invés de*, analisando algumas ocorrências coletadas no *Corpus* do Português. A escassa literatura disponível acerca dessas construções revela a necessidade de uma descrição do fenômeno linguístico, o qual possui considerável produtividade no português brasileiro contemporâneo.

Constatamos a existência de três valores semântico-pragmáticos que emergem do uso dos conectores em foco, quais sejam: a substituição, a preferência e a comparação contrastiva. Essas funções estão atreladas à noção semântica mais geral e básica de SUBSTITUIÇÃO.

Dada a quantidade de questionamentos apresentados, percebe-se que a riqueza desse fenômeno não pode extinguir-se em uma breve análise. Pretendemos, dessa forma, retomar este assunto em trabalhos posteriores, já que acreditamos na real contribuição da pesquisa para os estudos linguísticos, admitindo a existência do valor de substituição no rol das orações hipotáticas.

Abstract

Based on Usage-Based Linguistics, the present work aims to describe the main morphosyntactic and semantic-pragmatic properties of constructions *em vez de* and *ao invés de*, in contemporary Brazilian Portuguese. It is proposed that the constructions headed by the mentioned connectors convey the replacement value, which is not contemplated in the sentence framework of traditional grammars (CUNHA, CINTRA, 2007, BECHARA, 2009, ROCHA LIMA, 2001). The clauses initiated by *em vez de* enclosing a fact whose realization was expected, but which does not materialize, since it is the fact of the matrix that actually is realized. The preliminary results point to the same replacement value for the constructs headed by *ao invés de*, since language users generally use both connectors indistinctly in less-monitored contexts. It is also believed that preference values (Kortmann, 1997) and contrastive comparison - as pointed out in Lopes and Souza's (2014) research - are evidenced in the broader production contexts and are related to the notion of replacement.

Keywords: Preference; Conexion; Replacement.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010. 583 p.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. 192 p.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007. 748 p.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 15 jan. 2018.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. 554 p.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação – em homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 208 p.

ILARI, R. & NEVES, M. H. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008. 1168p.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997. 425 p.

LOPES, A. C. M. & SOUSA, S. *The discourse connectives ao invés and pelo contrário in contemporary European Portuguese*. *Journal of Portuguese Linguistics*. Journal of Portuguese Linguistics, v. 13, pp. 3–27, 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/jpl.61>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 1006 p.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 655 p.

A construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ em rede construcional

The $[V_{pv}(x)]_{md}$ construction on constructional network

Vania Rosana Mattos Sambrana (UFF)¹

Resumo

Considerando a língua como um inventário de construções organizado em forma de rede, tomamos por hipótese que os marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais *olhar* e *ver* formam um ponto de aglomeração nessa rede. Este ponto de aglomeração é virtualmente representado pela construção $[V_{pv}(x)]_{md}$. Para alcançarmos o objetivo de descrever e analisar tal construção conforme o modelo em rede, apropriamo-nos da base teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso com ênfase na Gramática de Construção e selecionamos um *corpus* sincrônico, representativo do português brasileiro do século XX. Pelas análises dos contextos de uso, verificamos que cada uma das 23 microconstruções levantadas constitui-se em um nó na rede linguística dos marcadores discursivos de base perceptivo-visual. Desse modo, os elementos da rede se relacionam por traços característicos não conflitantes, tais como: configurações morfossintáticas, reconfigurações semânticas e, também, por relações taxionômicas. Diante dessas colocações, em concordância com Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013), concluímos que a rede dos marcadores discursivos perceptivo-visuais apresenta-se organizada por *links* relacionais. Tais *Links* mantêm a dinamicidade e gradiência da rede, afastam ou aproximam membros do centro prototípico deste ponto de aglomeração.

Palavras-chave: construção; rede construcional; *links* de herança.

1. Introdução

Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa maior, cujo objeto de estudo é a construção marcadora discursiva perceptivo-visual, virtualmente representada por $[V_{pv}(x)]_{md}$, com foco em sua descrição e análise através da abordagem teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Nesta construção, os verbos *olhar* e *ver*, que carregam por efeito de persistência^[1] a semântica da percepção-visual, de origem lexical, têm seus usos reconfigurados para cumprirem função gramatical de marcar o discurso. Sendo assim, a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ licencia formas linguísticas como *olha*, *olhe*, *olhem*, *olha aqui*, *olhe aqui*, *olha aí*, *olha lá*, *olhe lá*, *olha bem*, *olha só*, *vê*, *veja*, *vejam*, *vejamos*, *viu*, *vê lá*, *veja lá*, *vê só*, *veja só*, *vejam só*, *vê bem*, *veja bem* e *vejam bem*, todas participantes da categoria dos marcadores discursivos, os ditos MDs.

Com o fragmento a seguir, podemos ilustrar nossa abordagem da questão:

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: v_rosana@oi.com.br

[1] Consideramos como efeito de persistência os traços de sentido lexical original carregados por usos mais abstratizados, ou mais gramaticais, (conf. HOPPER, 1991, p.22).

(1) “**olhe** - não dá vamos sair - vamos sair vamos ali: vamos ali no bar tomar uma cerveja ou: vamos sentar ali na praça” –uhm – e começo a conversar com ele – “rapaz **olha** é: assim assim assim assim” coloco tudo par ele –**veja só** eu eu eu tenho aqui um caderno de anotação às vezes eu fico até policiando ele anotando sabe? – todos os deslizes – durante um dia – entendeu?
(CP, séc. XX, oral, Recife, inquérito 340)

No fragmento (1), há três formas recrutadas para marcar o discurso com base em verbos perceptivo-visuais - *olhe*, *olha* e *veja só*. O uso dos MDs *olhe* e *olha*, em (1), traz ao conhecimento do ouvinte a indicação de um discurso direto reportado. Mais especificadamente, o uso do MD *olhe* marca aumento de asseveração à proposição garantindo com que o ouvinte interprete segurança e veracidade na cena retratada. Enquanto que o uso do MD *olha* marca proximidade entre os interlocutores da cena retratada. Desse modo, percebemos que o falante intenciona garantir que o ouvinte interprete que a asseveração foi atenuada. A sequência descritiva “*rapaz olha é: assim, assim, assim, assim*” é interpretada como um aconselhamento. Já o MD *veja só*, recrutado no uso do discurso direto, é direcionado ao ouvinte *on-line*, real, indexando ao discurso uma marca de credibilidade.

Essas formas linguísticas, consideradas como construções uma vez que compõem-se de pareamentos de forma-sentido, funcionam como “apoio discursivo, isto é, marcam relações entre unidades do discurso sequencialmente dependentes” (TRAUGOTT, 1995, p. 5)^[2]. Dessa forma, podemos entender que os MDs *olhe*, *olha* e *veja só* apoiam os diferentes tipos de discurso que sustentam a cena interativa, cooperando tanto para assegurar as transmissões das informações quanto para assegurar o modo como o falante intenciona que suas informações sejam interpretadas pelo ouvinte.

Frente à premissa de que os MDs apoiam estratégias comunicativas com base em uma categoria polifuncional, alegamos seu funcionamento nos níveis textual-interativo e discursivo-pragmático. Centrados nesses dois níveis funcionais, os MDs *olhe*, *olha* e *veja só*, ilustrados em (1), quanto às funções textual-interativas: introduzem porções textuais; articulam seguimentos tipológicos e diferentes tipos de discurso; garantem a manutenção do turno; e estabelecem o papel discursivo dos participantes. No nível das funções discursivo-pragmáticas, que é aquela que assegura a ancoragem das inferências dos sentidos das proposições, esses MDs marcam sentidos negociados de: asseveração, veracidade, atenuação e credibilidade. Conforme os teóricos da LFCU, tais negociações de sentido só são possíveis construídas em contextos de

[2] “[...] function of which is to “bracket discourse”, that is, to mark relations between sequentially dependent units of discourse.” [tradução nossa] (TRAUGOTT, 1995, p. 5).

uso. A defesa pelo embasamento no uso é a hipótese de que as instâncias de uso e sua frequência impactam o tipo de representação cognitiva da língua (conf. BYBEE, 2016, p. 35).

Nosso objetivo de descrever e analisar a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ conforme o modelo em rede justifica-se a partir da observação da produtividade do padrão em gerar formas com base nos verbos *olhar* e *ver* amalgamados por advérbios com função locativa ou focalizadora. Visto que o modelo em rede propõe que seus componentes estejam interligados por nós, que os limites entre membros de uma categoria sejam difusos, e, ainda, que haja um representante da categoria que concentre sua prototipicidade, alegamos que ao compartilhar características morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas esta é a motivação para os 23 MDs levantados se organizarem como um ponto de aglomeração na rede construcional dos MDs.

Para sustentar essas alegações, selecionamos um *corpus* sincrônico, representativo do português brasileiro do século XX. Na continuidade da pesquisa, nossa intenção é acrescentar um período diacrônico, retroativo até o século XIII.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

A LFCU constitui-se de um embasamento teórico de modelo holístico que, primordialmente, o contexto de uso linguístico é relevante para as análises. As situações reais de manifestação desses usos refletem o estatuto da gramática como objeto dinâmico em que a língua emerge do discurso e nele é moldada. A não distinção rígida entre léxico e gramática permite utilizar como fatores de análise aspectos cognitivos, fonológicos, morfossintáticos, semânticos, textuais, discursivos e pragmáticos. Dessa maneira, a LFCU torna-se uma metodologia de análise cognitivo-funcional.

Nesta perspectiva, língua é definida como “um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, a mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas” (BISPO, FURTADO DA CUNHA e SILVA, 2013, p. 20). Gramática é definida como um sistema simbólico e hipotético do conhecimento linguístico do falante, responsável por produzir e organizar o discurso, ao mesmo tempo em que seus padrões, pela frequência desse uso, vão sendo convencionalizados e remodelados pelo próprio discurso.

Além do aparato metodológico da LFCU (MARTELOTTA, 2011; BISPO, FURTADO DA CUNHA e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015), utilizamos a Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010, 2015, 2016; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) com ênfase no modelo em rede.

O *corpus* selecionado é constituído das fontes do *Corpus* Discurso e Gramática (D&G), do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), do *Corpus* do Português (CP) e do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). Os dados levantados abrangem um total de 10.459.750 (dez milhões quatrocentos e cinquenta e nove mil, setecentos e cinquenta) palavras. Desse total, levantamos um número de 2.610 *tokens* para análise, representativos de contextos de uso dos MDs de base verbal perceptivo-visual.

2.1. Da construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ e a rede construcional

Segundo Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), construção é a unidade básica da língua e constitui-se em um pareamento indissociável de forma-sentido. Os autores afirmam que as construções organizam-se no inventário da língua em forma de rede, motivadas por características não conflitantes. Entendemos que o compartilhamento de funções é o que aproxima os MDs de base perceptivo-visual na rede e os mantém nesse aglomerado de nós. Dessa forma, a língua como um léxico é visto como um inventário de construções na forma de rede construcional.

Seguindo essa premissa, podemos afirmar que nosso objeto de estudo, a construção marcadora discursiva perceptivo-visual, intitulada de $[V_{pv}(x)]_{md}$, é um pareamento de forma-sentido. No polo da forma, constitui-se de um verbo de semântica perceptivo-visual encadeado por um advérbio com função locativa ou focalizadora. No polo do sentido, ou função, constitui-se em uma marca do discurso situada no espaço atencional entre interlocutores.

Podemos, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), representar nossa construção:

Figura 1: Pareamento da construção marcadora discursiva perceptivo-visual.

$[[\text{Verbo}_{\text{perceptivo-visual}}(x)] \leftrightarrow [\text{marca regulação da interação através da manutenção do espaço de atenção}]]$

Fonte: a autora

As construções do tipo individual, licenciadas por esta macroconstrução mais generalizada, são consideradas pela teoria da Gramática de Construção como microconstruções. Entretanto, no uso linguístico, essas microconstruções se manifestam em forma de constructos. Constructos são as realizações concretas dos usos linguísticos. Dessa forma, $[V_{pv}(x)]_{md}$ torna-se um padrão construcional geral para as construções do tipo individual como: *olha, olha lá,*

olha aqui, vê só, veja lá, vejam bem e etc. As formas licenciadas por esta macroconstrução, citadas na introdução, são os 23 exemplares de MDs levantados.

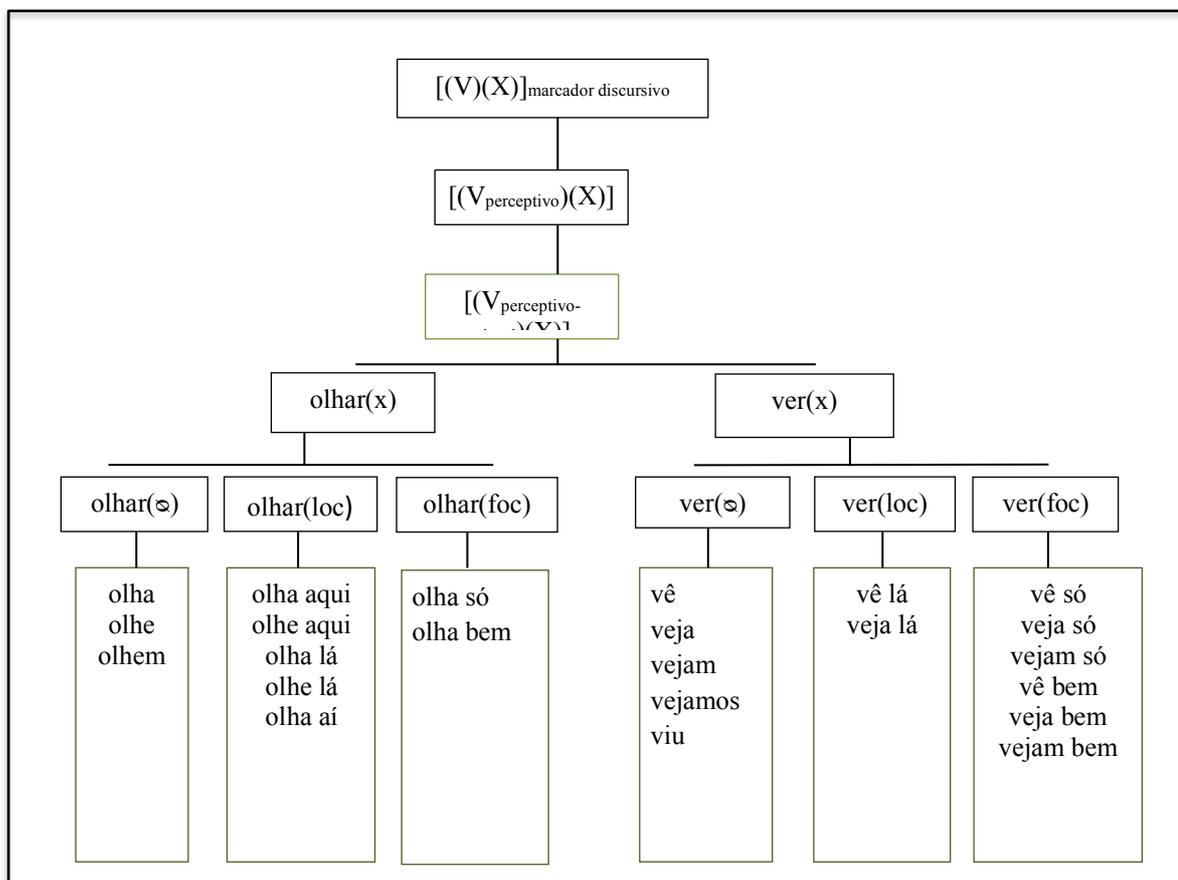
Voltando à questão da função gramatical do uso dos MDs, os verbos perceptivo-visuais *olhar* e *ver*, perdem seu *status* de verbos, ou melhor, não constituem os predicados nem regem argumentos nas cláusulas. Portanto, são considerados autônomos da sintaxe constituída. Semanticamente, seu sentido referencial de indicar algo percebido pelo campo visual de um agente é reconfigurado para garantir a manipulação da atenção do ouvinte para os objetivos comunicativos do falante. O que torna a negociação de sentido mais procedural. Essa mudança de sentido ocorre por efeito de metaforização da passagem de usos com sentido de percepção-visual para usos com sentidos negociados para percepção-mental (Conf. DASHER e TRAUGOTT, 2005). Assim, cada construção individual carrega essa característica de sua rede construcional, como um campo atrativo de significância funcional.

As redes podem ser representadas por papéis sintáticos, papéis semânticos ou por níveis de generalizações. Traugott e Trousdale (2013) ressaltam que o mais importante no modelo em rede “são os conceitos de nós e *links* entre nós, a distância entre membros de uma família, agrupamentos de propriedades, graus de entrenchment e acessibilidade de uma construção” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 9)^[3].

Para exemplificar o tratamento do nosso objeto de estudo como modelo em rede, decidimos reproduzir uma rede taxionômica de base esquemática, porquanto é uma descrição virtual obtida após levantamento de dados, reproduzida em trabalhos anteriores.

[3] “Crucial to the idea of a network are such concepts as nodes and the links between nodes, ‘distance’ between members of a family, clustering of properties, degrees of entrenchment and accessibility of a construction”. [tradução nossa] (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 9).

Figura 2: Rede esquemática da construção marcadora discursiva perceptivo-visual



Fonte: a autora.

Por uma questão metodológica, nos moldes de Traugott (2008) e Traugott e Trousdale (2013), nossa apresentação da construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ em rede construcional é organizada com dois níveis acima da construção, conseqüentemente, mais virtuais, porquanto mais esquemáticos, e três níveis menos virtuais abaixo. Nesses três níveis menos virtuais, as formas se organizam pela semântica verbal, por partes e subpartes, e por fim, por especificidades da segunda subparte. Desse tipo de arranjo, temos um movimento de mais esquemático para menos esquemático até formas totalmente especificadas fonologicamente, como as microconstruções nas extremidades do ponto de aglomeração de nossa rede.

2.2. Da relação entre as construções

Na descrição do modelo em rede, Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013) propõem que os elementos da rede se relacionam por *links*. As relações entre os *links*

demonstram o material informacional compartilhado pelas construções como graus de gradualidades que se estabelecem por diferenças internas e cooperam para gradiência de toda a rede. De acordo com Goldberg (1995), esses *links* se mantêm por relações de extensão de sentidos, mapeamentos metafóricos, compartilhamento de partes e subpartes e, ainda, por instanciações de possíveis generalizações.

A seguir, com base em Goldberg (1995), apresentamos os principais tipos e conceitos de *links* por herança:

- ✓ *Links* por polissemia – “capturam a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão deste sentido”^[4] (GOLDBERG, 1995, p. 75) em outra construção;
- ✓ *Links* por extensão metafórica – “quando duas construções se relacionam por um mapeamento metafórico, um *link* de extensão metafórica ocorre entre eles”^[5] (GOLDBERG, 1995, p. 81);
- ✓ *Links* por subparte – “ocorrem quando uma construção é uma subparte própria de outra construção que existe independentemente”^[6] (GOLDBERG, 1995, p. 78);
- ✓ *Links* por instanciação – “ocorrem quando uma determinada construção é um *caso especial* de outra construção; isto é, um *link* por instanciação existe entre construções se uma construção é uma versão mais especificadamente completa da outra”^[7] (GOLDBERG, 1995, p. 79).

Os *links* relacionais são chamados pelos autores de *links* de herança porque formam associações hierárquicas entre as construções, demonstrando compartilhamento de propriedades entre duas ou mais construções na rede. Como uma relação assimétrica, ao herdar propriedades de outra construção, uma construção passa por motivação a compartilhar de suas características estruturais e funcionais. Esse tipo de extensão por organização compartilhada de propriedades explica porque certas funções gramaticais são desempenhadas por mais de um MD em contextos semelhantes.

^[4] “*Polysemy links* capture the nature of the semantic relations between a particular sense of a construction and any extensions from this sense.” [tradução nossa] (GOLDBERG, 1995, p.75).

^[5] “When two constructions are found to be related by a metaphorical mapping, a *metaphorical extension link* is posited between them.” [tradução nossa] (GOLDBERG, 1995, p.81).

^[6] “A *subpart link* is posited when one construction is a *proper subpart* of another construction and exists independently.” [tradução nossa] (GOLDBERG, 1995, p.78).

^[7] “*Instance links* are posited when a particular construction is a *special case* of another construction; that is, an instance link exists between constructions if one construction is a more fully specified version of the other.” [tradução nossa] (GOLDBERG, 1995, p.79).

3. Análise dos dados

Entendemos o modelo em rede como um modelo não linear, com *links* entre construções em diferentes direções e extensões. Construções ligadas na rede por *links* de extensões menores “imprimem mais rapidamente o acesso que outras mais afastadas na rede”^[8] (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 54). E ainda mais, múltiplos *links* podem ser captados ao mesmo tempo, como por exemplo, por relações semânticas, discursivo-pragmáticas, sintáticas, fonológicas e morfológicas. Cada construção, sendo um nó na rede, tem conteúdo de forma e sentido. Postulamos que a captação, descrição e análise sincrônica das construções em rede acrescentam entendimento quanto à extensibilidade do padrão construcional atuante na formação dos MDs de base perceptivo-visual, bem como o entendimento sobre a competição entre suas formas.

O primeiro *link* de herança apontado como relevante por Goldberg (1995) é o *link* por polissemia (L_P). *Links* por polissemia capturam o sentido prototípico de uma construção e qualquer extensão desse sentido. Através do contexto de uso exposto abaixo, vejamos o *link* polissêmico que captura o sentido de asseveração negociado pelos interlocutores.

(2) L2: você tem muito mais outros fatores.

L1: Mas seria o próprio governo que faria, seria o próprio governo que faria essas indústrias, justo?

L2: Não, mas não é só eletricidade. **Olha aqui**, você, você precisa... antes de mais nada vou te dar um exemplo.

L1: Transporte e eletricidade. O Brasil se resume nisso, em duas coisas.

L2: Não. Eu vou te dar... eu vou te dar um exemplo. **Olha aqui**, a Companhia Nacional de Álcalis. Foi criada aqui no Estado do Rio, quando as maiores salinas que nós temos e o sal aonde é mais barato é no nordeste. Então seria lógico, você diria, por quê?

(NURC/RJ, D2, Inq.64, informante 74, 1972)

No exemplo (2), o falante L2 nega os argumentos apresentado pelo seu interlocutor, o falante L1. O uso do MD *olha aqui* marca as sequências argumentativas apresentadas por L2 com um sentido de asseveração de seu discurso. Esta asseveração está centrada no falante, no seu papel de negociador de sentidos, nas afirmações propostas na argumentação e na credibilidade e veracidade das informações alegadas. Consideramos o sentido de asseveração

^[8] “- prime each other more rapidly than words which are further apart in the network.” [tradução nossa] (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 54).

centrada no falante como um sentido prototípico, porquanto asseverar “é marcar uma adesão do falante ao que ele diz” (NEVES, 2011, p. 245).

No exemplo abaixo, o sentido de asseveração parte do falante, mas é direcionado para o ouvinte, vejamos:

(3) Dona Ifigênia implicava com a moça. Não a despedira há mais tempo, dizia sempre, porque era limpinha e trabalhadora, afinal. "Mas muito saliente e entrona", arrematava. Um dia, mandou-a embora. Artur se recordava agora de seu riso de dentes alvos e irregulares quando, naquela tarde, vinha descendo a escada da cozinha com o embrulho de roupa debaixo do braço. No último degrau, se aproximou dele, risonha, e recomendou:
- **Olha lá**, hein! Aquilo é segredo.
Aonde andaria ela naquele momento? Olhou para fora, de novo. A penumbra do porão envolvia-o como uma carícia. (CP, séc. XX, Br, Fic, F. Peixoto, *Chamada geral*, 1982)

Em (3), notamos que o sentido prototípico de asseveração centrado no falante afasta-se um pouco da centralidade do falante porquanto é remetido ao ouvinte. Ao usar o MD *olha lá*, direcionado à 2ª pessoa, com função discursivo-pragmática de advertência, observamos que a intenção do falante neste recrutamento é induzir que o ouvinte assevere uma informação compartilhada, o que é demonstrado pela sequência descritiva “Aquilo é segredo”. Dessa forma, consideramos que há um *link* de base semântica entre as construções *olha aqui* e *olha lá* no que diz respeito ao sentido de asseveração.

O sentido de asseveração ainda pode ser estendido para o sentido de asseveração atenuada, vejamos abaixo o exemplo (4):

(4) O certo é que não dormi toda a noite, nervosa, imaginando frases, o começo do artigo. Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me.
(CP, séc. XX, Br, Fic, João do Rio, *O Momento Literário*, 1907)

Verificamos, em (4), que o sentido de asseveração atenuada é negociado quando o MD marca função discursivo-pragmática de repreensão ou advertência, mas o contexto coopera para atenuar a asseveração. O uso do MD *vê lá* marca advertência do falante para com o ouvinte, entretanto a sequência argumentativa “o artigo é pra hoje” indexa um sentido de alerta, de aconselhamento ao contexto, atenuando assim o sentido anterior asseverado. Consideramos, neste contexto, que há um *link* semântico de extensão do sentido prototípico de asseveração entre as construções *olha aqui* e *vê lá*.

Observamos que este *link* polissêmico entre as construções *olha aqui*, *olha lá* e *vê lá* pode se estender até a construção *veja só*, o que demonstramos a seguir:

(5) Fanboy: Você acredita que de alguma forma o sucesso dos desenhistas brasileiros no exterior pode fomentar a produção nacional de HQs?

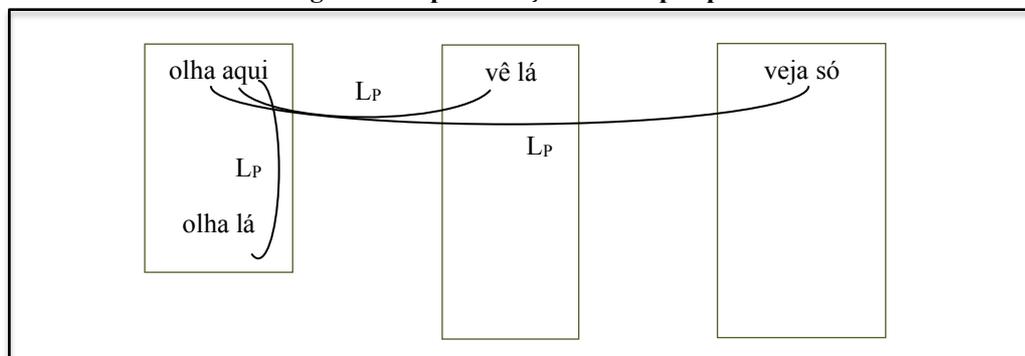
Campos: Eu acredito realmente que isso já aconteceu. Acredito mesmo. **Veja só...** Quando eu comecei... Gente como Mozart Couto e Watson Portella eram altamente ignorados por muitos leitores brasileiros, existia um sentimento estranho. Nós tínhamos desenhistas... mas parece que a "profissão"... ou o "profissional" de quadrinhos só passou a ser respeitado depois que a gente publicou no exterior. Isso não foi só em relação aos leitores, mas também com as editoras nacionais [...]

(CP, séc. XX, Br, oral, entrevista, Marcelo Campos)

No exemplo (5), o falante (Campos), ao responder a pergunta de Fanboy, confirma que acredita na declaração feita pelo entrevistador (Fanboy), e ainda, reafirma com a sequência declarativa "Acredito mesmo". Dessa forma, o falante reforça sua crença nas palavras anteriormente ditas. Logo após, como estratégia comunicativa, o falante (Campos) sustenta essa crença pelas sequências argumentativas que se seguem. Antes de seguir com a argumentação, o falante recruta o MD *veja só*, inferindo sentidos de reforço na atenção do ouvinte quanto ao processamento mental das informações que se seguem. No contexto, em (5), notamos que não há nenhuma quebra de expectativa do ouvinte ou desqualificação da credibilidade das palavras do interlocutor. Dessa maneira, com o uso do MD *veja só*, postulamos que ocorre um compartilhamento de asseveração aceito entre as partes. Consideramos, pela análise do exemplo acima, que também há uma extensão do *link* semântico do sentido de asseveração para o sentido de asseveração compartilhada.

Com base nos exemplos analisados, representamos o *link* por polissemia na figura 3:

Figura 3: Representação do *link* por polissemia



Fonte: a autora

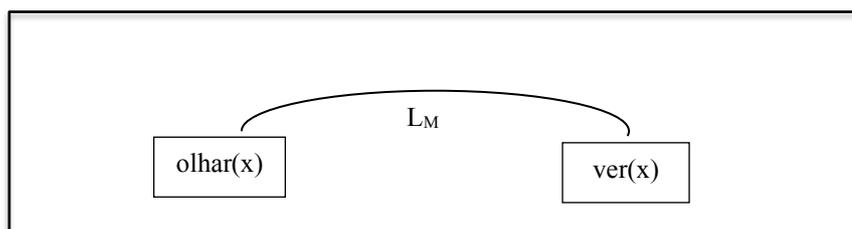
Faz-se necessário observar que é o sentido do *link* que é estendido. O efeito de polissemia ocorre no *link*, aqui averiguado entre as construções *olha aqui*, *olha lá*, *vê lá* e *veja só*

só. Neste caso, o que não significa afirmar que a construção seja polissêmica, uma vez que notamos que é um sentido compartilhado por diferentes construções individuais.

O segundo tipo de *link* por herança é o *link* por extensão metafórica. O *link* de extensão metafórica liga construções que se relacionam por um mesmo campo de atuação conceptual. Nos contextos de uso levantados, observamos que as construções marcadoras discursivas perceptivo-visuais de base verbal *olhar* compartilham a mesma trajetória de metaforização que as construções marcadoras discursivas perceptivo-visuais de base verbal *ver*. Atestamos que o domínio fonte da percepção-visual é reconfigurado para domínio alvo da percepção-mental. Esta trajetória metafórica é descrita por Dasher e Traugott (2005), em que os autores alegam que o sentido da visão é abstratizado para o sentido de reforço da atenção.

A figura 4 apresenta o *link* por extensão metafórica no nível mesoconstrucional, isto é, um agrupamento de construções organizado por família. No caso do nosso objeto, organizamos com base na semântica verbal.

Figura 4: Representação do *link* por extensão metafórica (L_M).



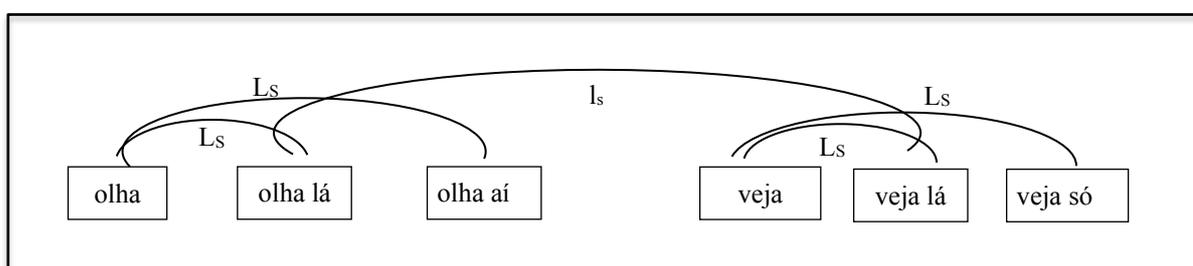
Fonte: a autora.

O *link* por extensão metafórica existente entre as construções de base verbal *olhar* e *ver* representa um compartilhamento não conflitante de papéis semânticos. Afirmamos que estas análises não são conclusivas, porquanto sentimos necessidade de que, em trabalhos posteriores, seja aprofundada a análise no nível microconstrucional. Alegamos a existência de *links* por extensão metafórica em diferentes níveis de representação da rede construcional. O que torna possível afirmar que os postulados sobre o *link* de extensão metafórica possam se estender às diferenças de especificidades dos contextos de uso. Por enquanto, verificamos que este *link* por extensão metafórica é captado em termos de campo conceptual. Este campo conceptual abrange este ponto de aglomeração de construções sob o padrão $[V_{pv}(x)]_{md}$.

O terceiro tipo de *link* de herança descrito nos trabalhos de Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013) é o *link* que se estende entre as subpartes das do construções (L_S). Este tipo de *link* é uma relação de herança morfossintática, porquanto é comumente descrito no polo da forma e se mantém entre construções individuais.

Para Goldberg (1995), o *link* por subparte inter-relaciona construções no nível sintático-semântico, sendo que cada parte compartilhada se manifesta independentemente em cada construção. Já de acordo com Traugott e Trousdale (2013), o *link* por subparte se manifesta por relações entre uma construção maior (o que entendemos como uma construção mais geral) e uma construção mais restrita, menos geral. Esses dois conceitos podem parecer controversos, mas, no modelo em rede, são postulados que se completam. Demonstramos nosso tratamento da questão através da figura 5 a seguir.

Figura 5: Representação do *link* por subparte (L_s)



Fonte: a autora

Na figura 5, as construções *olha lá* e *olha aí* compartilham subpartes da construção mais geral *olha*. A herança morfossintática é indexada pela expressão de chamamento direcionada à pessoa com quem se fala, a 2ª pessoa do singular. A herança semântica é compartilhada pelo sentido da base verbal *olhar*. Entre as construções *veja lá* e *veja só* há *links* por subpartes compartilhados com a construção mais geral *veja*. Entre essas construções, a herança morfossintática é indexada pela forma cristalizada na 2ª pessoa do singular e a herança semântica de sentidos compartilhados pela base verbal *ver*.

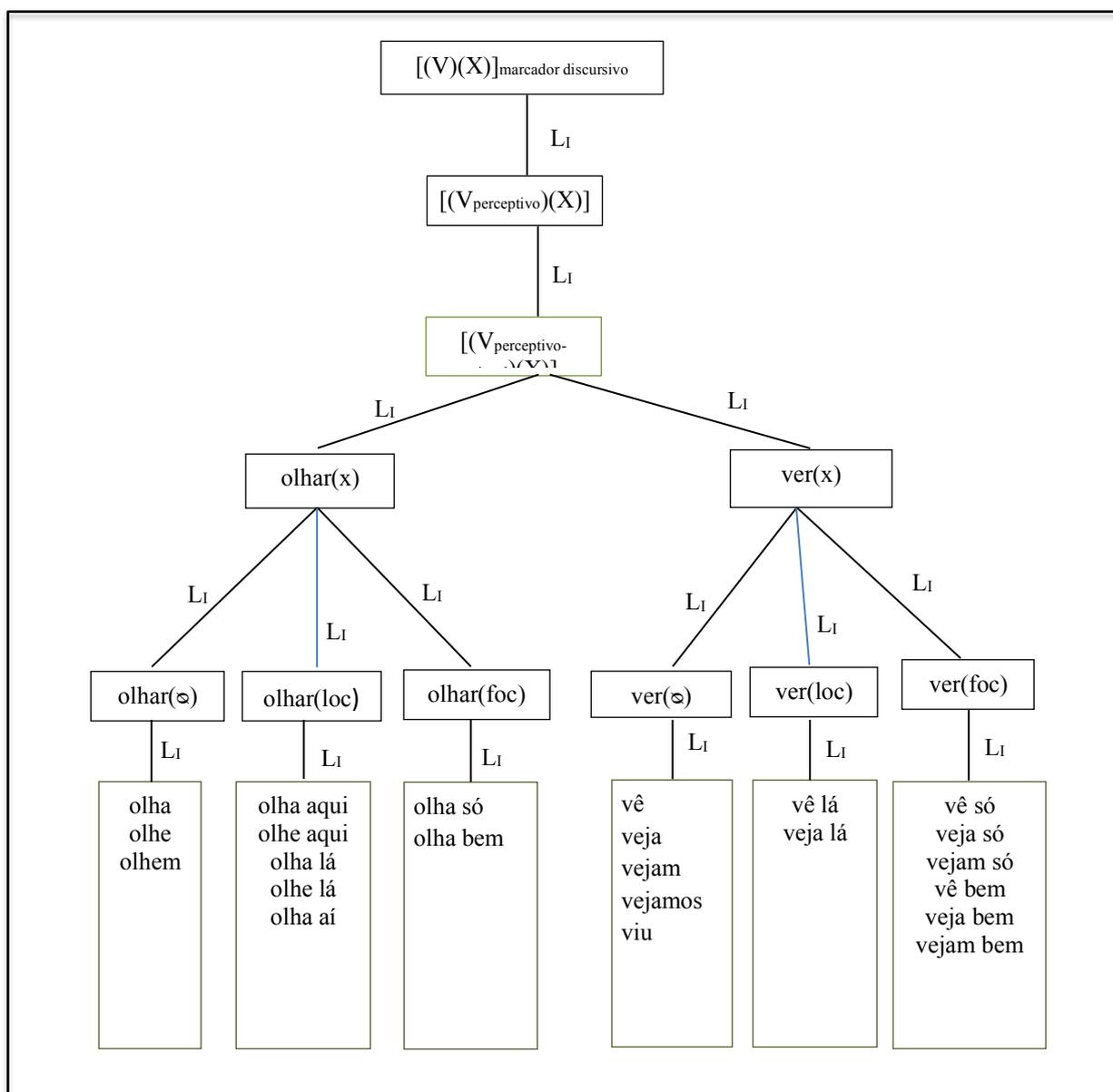
Ainda na figura 5, as construções *olha lá* e *veja lá* compartilham um *link* por subparte devido ao preenchimento da segunda subparte das construções, um advérbio com função de locativo (*lá*). Neste tipo de compartilhamento de subpartes, entre *olha lá* e *veja lá*, não consideramos que haja uma construção dominante. Averiguamos que se constitui em um caso de subtipo de *link* por subparte (l_s), por isso representado com letras minúsculas na figura 5.

Das observações já feitas, notamos que o *link* não se forma porque as partes são fonologicamente parecidas, mas notamos que a motivação para a ligação é o compartilhamento de propriedades semânticas e componentes sintáticos não conflitantes.

O último tipo de *link* selecionado para nossa análise é o *link* por instanciação (L_i). O *link* por instanciação captura uma construção como um caso especial de outra construção (conf. GOLDBERG, 1995, p. 79). Sendo que tais construções relacionam-se em diferentes graus de

sanção, do mais esquemático ao menos esquemático (conf. TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 60). Segundo os autores, os *links* por instanciações se manifestam por taxionomia, porquanto uma construção dominante instancia outra menor, a dominada. Este tipo de *link* pode gerar vários níveis de virtualidade dependendo do ponto de aglomeração captado pelo pesquisador. Vejamos abaixo, na figura 6, uma representação de nossa construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ organizada esquematicamente por *links* de instanciação.

Figura 6: Representação dos *links* por instanciação envolvendo a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$.



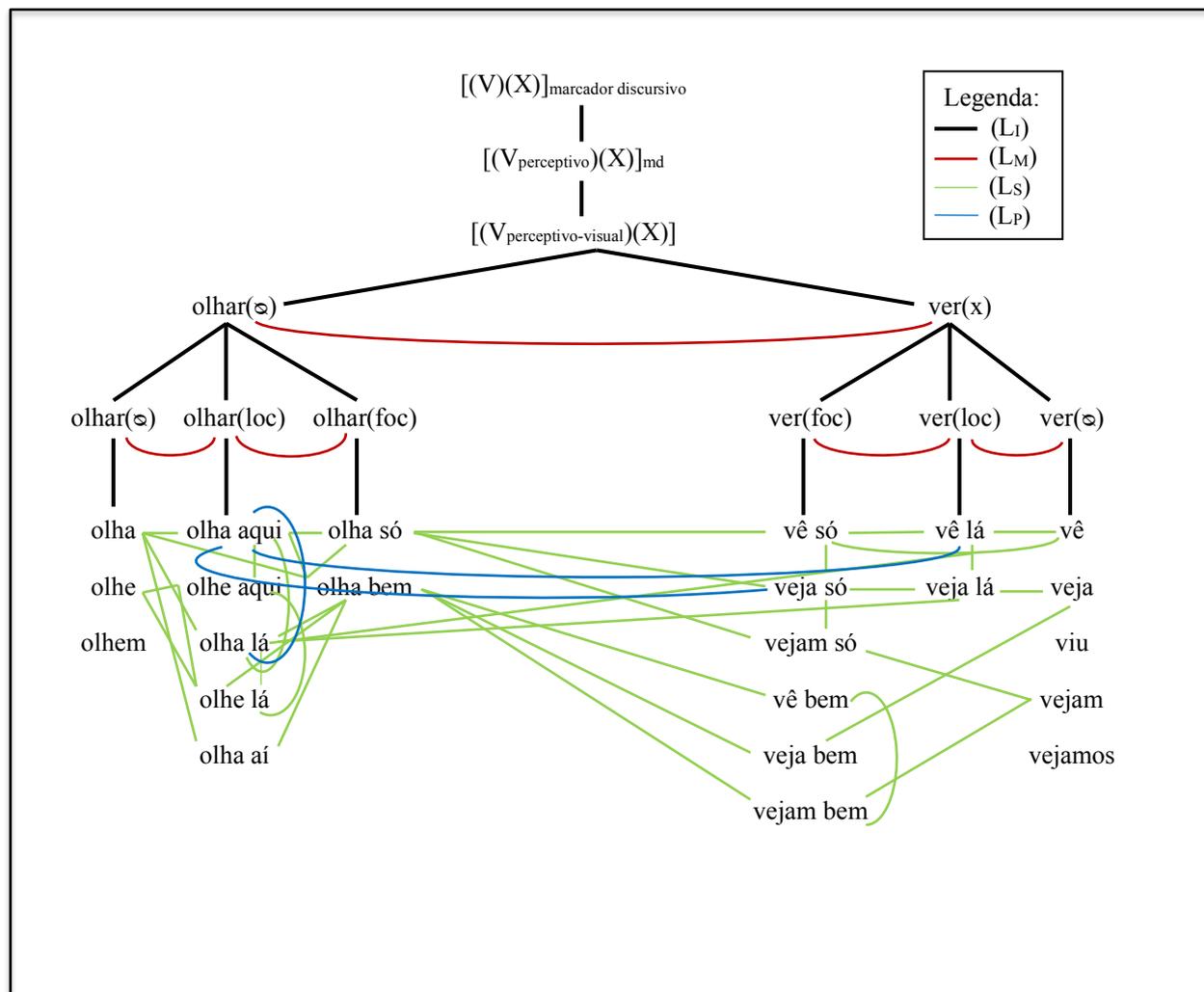
Fonte: a autora.

Conforme demonstrado na figura 6, os *links* por instanciação são descritos em movimento de cima para baixo. O esquema mais geral $[(V)(X)]_{\text{marcador discursivo}}$, que engloba

todas as construções marcadoras discursivas de base verbal, instancia, entre outros esquemas gerais, a macroconstrução $[(V_{\text{perceptivo}})(X)]_{\text{md}}$, que abarca todas as construções marcadoras discursivas de base verbal perceptiva. Esta, por sua vez, instancia outra macroconstrução, a $[(V_{\text{perceptivo-visual}})(X)]_{\text{md}}$, que agrega todas as construções marcadoras discursivas com base nos verbos perceptivo-visuais. Neste ponto da organização esquemática, há dois *links* separados por causa das restrições semânticas. Assim, a macroconstrução passa a instanciar dois agrupamentos de construções por famílias, um é a mesoconstrução *olhar(x)* e o outro a mesoconstrução *ver(x)*. A mesoconstrução *olhar(x)* instancia outras três mesoconstruções mais especificadas, *olhar(☉)*, *olhar(locativo)* e *olhar(focalizador)*, ao passo que a mesoconstrução *ver(x)* instancia outras três mesoconstruções, *ver(☉)*, *ver(locativo)* e *ver(focalizador)*. Na base de nosso esquema virtual, encontram-se as microconstruções, cada uma instanciada por seu nível acima. As microconstruções são licenciadas pelo uso, de forma que todas as 23 microconstruções apresentadas foram levantadas em nossos *corpus* sob a forma e caracterização de MDs.

Como descritas nos casos tratados de cada *link*, “as generalizações sobre as relações entre construções podem ser capturadas ao conceber toda a coleção de construções como formando uma rede” (GOLDBERG, 1995, p. 99). Esse postulado, que sustenta todo o nosso trabalho, habilita-nos a demonstrar nosso objeto de estudo, a construção $[V_{\text{pv}}(X)]_{\text{md}}$, em modelo em rede, representado abaixo pela figura 7.

Figura 7: Representação da construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ como ponto de aglomeração no modelo em rede.



Fonte: a autora.

Na figura 7^[8], observamos que os *links* por instanciação percorrem o padrão construcional em movimento vertical de cima para baixo, estabelecendo as relações de dominância entre as construções mais gerais e esquemáticas e as menos gerais e mais próximas da instância do uso concreto da língua, que é o nível microconstrucional.

^[8] Nem todos os *links* que compõem as relações em rede da construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ estão demonstrados na figura 7, especificamos, principalmente, os tratados neste trabalho e mais alguns levantados do tipo *link* por subparte. Os subtipos de *link* por subparte, justificados como compartilhamento entre partes morfosintaticamente semelhantes, como, por exemplo, entre *olha lá* e *veja lá* ou entre *veja bem* e *vejam bem*, não estão visivelmente diferenciados na figura 7 do seu tipo geral, por isso, também são representados em linha verde contínua.

Os *links* por extensão metafórica percorrem o padrão em movimento horizontal, devido ao compartilhamento do nível semântico entre as construções apontadas. E também observamos que há uma junção que demonstra um campo conceptual metafórico na rede.

Embora Goldberg (1995) descreva os *links* por subparte como uma relação de dominância, verificamos que há construções, neste padrão, que compartilham subpartes numa relação de nível morfossintático igualitária. Principalmente, quando se refere à similaridade da segunda subparte. Denominamos essa relação como um subtipo de *link* por subparte.

Os *links* por polissemia são transversais às duas diferentes bases verbais que instanciam as construções relacionadas, as quais se apresentam no nível mais baixo da rede. Esses movimentos transversais entre bases verbais, que são compartilhamentos de nível semântico-sintático, reforçam a hipótese de que há uma aglomeração sistematizada na rede.

4. Considerações finais

Com este trabalho, cumprimos nosso objetivo de fornecer uma visão geral do tratamento do nosso objeto pela análise do modelo em rede, nos moldes da LFCU e da Gramática de Construção com foco nos *links* por herança alegados por Goldberg (1995) e revisitados por Traugott e Trousdale (2013). Através de nossas análises, podemos confirmar a hipótese de que há um padrão construcional que sanciona todo o aglomerado de construções, as quais compõem-se em rede construcional por *links* de familiaridades. A partir daí observamos que a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ é um ponto de aglomeração na rede.

Concluimos que, neste ponto de aglomeração, as construções compartilham configurações morfossintáticas, demonstradas nos L_{SS} ; reconfigurações do sentido prototípico de asseveração, demonstrado pelos L_{PS} ; um campo metafórico de trajetória visual > mental, demonstrado pelo efeito de junção dos L_{MS} ; e ainda, compartilham graus de esquematicidade, demonstrada pelos L_{IS} .

Reconhecemos, no entanto, que há uma necessidade de aprofundamento da teoria e sua aplicação. Há necessidade também de uma análise mais apurada acerca do que os autores alegam sobre direção e extensão dos *links*. O que esperamos aprofundar em trabalhos posteriores.

Abstract

Considering language as an inventory of constructions organized like a network, we hypothesize that the discourse markers formed by the visual perceptive verbs *olhar* (to look) and *ver* (to see) form a point of agglomeration in this network. This

agglomeration point is virtually represented by the construction $[V_{pv}(x)]_{md}$. In order to reach the aim of describing and analyzing such construction according to the network model, we are founded on the theoretical basis of Usage-Based Functional Linguistics with emphasis on Construction Grammar, and select a synchronic *corpus*, representative of twentieth-century Brazilian Portuguese. From the analysis of the contexts of use, we verified that each of the 23 micro-constructions raised constitutes a node on the linguistic network of the discourse markers. Thus, the elements of the network are related by nonconflicting characteristic features, such as: morphosyntactic configurations, semantic reconfigurations, and also by taxonomic relations. In agreement with Goldberg (1995), and Traugott and Trousdale (2013), we conclude that the network of visual perceptive discourse markers is organized by relational links. Such links maintain the dynamicity and gradient of the network, moving away or approaching members of the prototypical center of this agglomeration point.

Keywords: construction; constructional network; inheritance links.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010. 264 p.

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. 292 p.

_____. *Língua, uso e cognição*. New York: Cambridge University Press, 2016. 264 p.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001. 445 p.

DASHER, Richard B; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 151 p.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. 277 p.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 289 p.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, vol. 1, 1991. p. 16-35.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In BEZERRA, M^a. Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 106 p.

NEVES, M^a. Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. São Paulo: Unesp, 2011, 1005 p.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p. 22-35.

_____; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015. 153 p.

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. Uma abordagem construcional dos marcadores discursivos formados por verbos perceptivo-visuais. In: *Anais do VII SAPPIL –Estudos de linguagem*. 2016. Niterói-RJ, p. 712-724. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://anaisdosappil.uff.br/index.php/VIISAPPIL-Ling/index>. Acesso em: 18 de março de 2017.

_____. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: Paper presented at *I CHL XII Manchester*, Stanford University, CA 94305-2150, USA, 1995, p.1-23.

_____. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In CKARDT, R. et al. 154 (orgs.). *Variations, Selection, Development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 299 p.

Construções correlatas proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Proportional correlative constructions in the Usage-based Linguistics perspective

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes (UFF)¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo examinar os usos das construções correlatas proporcionais com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esta corrente teórica analisa a língua em pleno uso e visa a uma abordagem holística, em que nenhum nível linguístico é proeminente em relação aos demais. Toma-se o conceito de *construção* no sentido estabelecido por Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como uma unidade básica da língua, composta por um pareamento de forma e sentido. As construções proporcionais são analisadas em seus dois padrões instanciados: o primeiro é constituído pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*, e o segundo é instituído pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Os dados são extraídos do *Corpus do Português*. Defende-se que as construções em ambos os padrões constituem estruturas correlatas em língua portuguesa. Contudo, em razão do comportamento sintático distinto, os chamados Padrão I e Padrão II recebem tratamentos particulares. No primeiro, lança-se mão do critério da telicidade para firmar a conexão sintática entre prótase e apódose. No segundo, evidencia-se a alta produtividade do padrão. Com isso, objetiva-se estabelecer, a partir da visão funcional da língua, a hierarquia construcional das correlatas proporcionais, baseada em diferentes níveis de abstração.

Palavras-chave: Correlação; Construção; Proporção.

1. Introdução

Este estudo tem como objeto de investigação as construções correlatas proporcionais, tradicionalmente conhecidas como orações subordinadas adverbiais proporcionais. Tal objeto de investigação apresenta-se como um tema que carece de análises mais pormenorizadas, principalmente com base em dados de língua em uso. Com isso, é propósito deste exame científico prover contribuições para o estudo das construções que transmitem valor proporcional, em uma perspectiva de uso real da língua.

A análise pauta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que se dedica ao estudo dos diversos níveis linguísticos, visando a uma perspectiva holística da língua. Seguindo os aportes dessa corrente teórica, baseia-se a investigação em dados reais de fala e escrita, extraídos do *site Corpus do Português*, com vistas a mapear os usos efetivos da língua. Nesse sentido, são identificados dois padrões de construções proporcionais: o Padrão I,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: thaisplmf@gmail.com

instanciado pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*; e o Padrão II, instanciado pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*.

A hipótese central que norteia a pesquisa é a de que as construções proporcionais, em suas distintas manifestações, fazem parte do rol das construções correlatas, que se distinguem dos tradicionais processos de subordinação e coordenação. A partir dessa hipótese norteadora, emergem hipóteses específicas voltadas para os diferentes padrões de construções correlatas. A primeira delas diz respeito à correspondência no nível da telicidade entre os verbos que fazem parte das construções do Padrão I com vistas a identificar a interdependência sintática dessas construções. Já a segunda aponta que as construções proporcionais do Padrão II, apesar de precariamente abordadas em estudos tradicionais, que privilegiam a menção ao Padrão I, compõem um uso produtivo para estabelecer a noção de proporção na língua.

Com base nas hipóteses mencionadas, propõe-se a demonstrar que as construções correlatas proporcionais apresentam características sintáticas e semântico-pragmáticas que as afastam da categorização tradicional de subordinadas adverbiais proporcionais. Nesse sentido, a partir da análise qualitativa e quantitativa das ocorrências que integram os dois padrões das construções correlatas proporcionais, objetiva-se desenvolver os estudos voltados para as construções proporcionais. Por conseguinte, pretende-se colaborar para a análise e descrição dos fenômenos sintáticos da língua, bem como contribuir para os estudos na área da correlação. Assim, espera-se que esta investigação sobre as construções correlatas proporcionais possa se somar aos estudos já realizados no diverso grupo das construções correlatas.

2. Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso constitui a principal base teórica que norteia a análise das construções correlatas proporcionais nesta pesquisa. Essa corrente teórica representa a interface de pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional de vertente norte-americana, também conhecida como Funcionalismo clássico, com a Linguística Cognitiva.

A primeira corrente teórica desenvolveu-se principalmente na década de 70, e tem como característica fundamental priorizar o contexto linguístico ao lado do extralinguístico em suas análises. A língua, com base nessa visão, é investigada em seus contextos reais de uso, como um instrumento de comunicação e interação social. Discurso e gramática, com isso, tornam-se

indissociáveis, uma vez que ambos interagem entre si, e, por esse motivo, um repercute no outro. Segundo Cunha (2013, p. 9), na Linguística Funcional:

a sintaxe é compreendida como uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva.

A gramática e o discurso estão interligados a partir do uso e das necessidades comunicativas, visto que o falante lança mão de estruturas linguísticas que constituem a gramática, em razão do contexto extralinguístico. Assim, a gramática é resultado da interação e é afetada pelas experiências dos usuários com a língua.

Nos estudos funcionalistas iniciais, ganharam destaque as pesquisas de itens isolados e a trajetória desses itens no processo de gramaticalização, pautada na correlação entre *função* > *forma*. Contudo, as pesquisas do Funcionalismo em sua versão clássica tendem a privilegiar forma ou função. Além disso, a investigação baseada no item tende a não integrar aspectos contextuais das ocorrências.

A Linguística Cognitiva, por sua vez, também ganha força na década de 70, e surge como uma reação aos estudos de base gerativista, principalmente para contestar a ideia de que os humanos apresentam capacidades inatas específicas para aprender as línguas naturais. Para os cognitivistas, o estudo da linguagem não é independente de outras faculdades mentais, divergindo do pensamento gerativista. O comportamento linguístico é visto como reflexo de capacidades cognitivas, e a estrutura da linguagem é concebida como uma manifestação de capacidades cognitivas gerais, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Langacker (1991) afirma que a gramática constitui um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso, de modo que a construção do significado é negociada pelo falante no discurso. Nessa abordagem, a experiência do indivíduo ganha proeminência, tendo em vista que, a partir dela, as categorias linguísticas são desenvolvidas.

Nessa perspectiva, Goldberg (1995, 2006) define construção gramatical como o pareamento convencionalizado de sentido e forma, como um esquema simbólico por meio do qual são instanciados todos os componentes da gramática. Com isso, o objeto de investigação torna-se a instanciação de níveis mais abstratos da construção e na relação entre suas subpartes, e não mais o item isoladamente.

LF e LC, com isso, compartilham pressupostos, que permitem a integração entre as duas correntes teóricas, gerando a denominação LFCU. Dentre eles, os principais são apontados por Cunha (2012, p. 29):

Rejeição à autonomia da sintaxe e incorporação da semântica e da pragmática às análises; não distinção estrita entre léxico e sintaxe; relação estreita entre estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação; entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

A partir dessa fusão, a LFCU visa a uma abordagem holística nas análises, incorporando semântica e pragmática, bem como rejeitando a autonomia de qualquer nível linguístico. Nessa visão, também é valorizada a pesquisa baseada em dados reais de fala e escrita, visto que se concebe que a língua está submetida às pressões comunicativas do meio no qual se insere, o que é refletido diretamente em sua estrutura. Nesse sentido, como apontado por Oliveira e Rosário (2016, p. 2):

(...) é possível postular que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e que deriva de processos cognitivos de domínio geral. Assim, a visão de língua adotada não mais está centrada nos *tokens* empiricamente comprovados, ou seja, no material linguístico em si, mas em instâncias de maior abstração.

Com isso, não somente os *tokens*, ou seja, as ocorrências reais de fala ou escrita são objeto de investigação, mas também os níveis mais abstratos que instanciam esses usos. Tal iniciativa demonstra o propósito em estabelecer análises de cunho holístico se comparadas às análises da versão clássica do Funcionalismo.

A LFCU considera a gramática como uma representação da experiência dos indivíduos com a língua, admitindo que há padrões regulares de uso e formas emergentes ao mesmo tempo. A estrutura da língua emerge à medida do seu uso, e a gramática está em constante adaptação devido às exigências do discurso. Dessa maneira, as aparentes instabilidades são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários da língua em seu cotidiano, o que reafirma a relação de vinculação entre discurso e gramática.

Hopper (1987) apresenta o termo “gramática emergente” para evidenciar que a gramática da língua tem um estatuto que é negociado na fala e que não pode ser separado das estratégias de construção do discurso. De acordo com essa abordagem, a gramática não deve ser considerada um produto acabado, mas em constante transformação na produção do discurso, motivada por fatores comunicativos e cognitivos.

Destaca-se, dessa forma, a abordagem voltada não apenas para os itens, mas também para suas relações contextuais. Nessa perspectiva, diferente da versão clássica do Funcionalismo, o binômio *função x forma* é examinado de forma mais integrada, priorizando a correlação de aspectos funcionais e formais.

Tendo em vista os pressupostos teóricos da LFCU, assume-se que esta pesquisa inclui-se nessa perspectiva, principalmente por analisar dados em pleno uso da língua e também por investigar o contexto em que estão inseridas as construções correlatas proporcionais.

3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as construções correlatas proporcionais em contextos reais de comunicação, em que a língua tanto oral quanto escrita é empregada em prol de diversos propósitos comunicativos. Por esse motivo, os pressupostos teóricos pautados na LFCU são compatíveis com o *corpus* utilizado e com as hipóteses a serem comprovadas.

Objetiva-se, na análise de dados, estabelecer uma investigação de caráter qualitativo e quantitativo, tendo em vista que as construções são analisadas levando em consideração as estruturas como um todo e as informações contextuais. Além disso, o fator frequência é relevante no exame das construções correlatas proporcionais, por isso as quantidades são dispostas em números absolutos e, em determinados casos, em porcentagens.

É propósito desta pesquisa examinar as construções correlatas proporcionais em suas distintas elaborações, tanto em relação aos correlatores quanto em relação à natureza dos elementos correlacionados. As diferentes configurações de construções proporcionais motivam comportamentos sintáticos particulares em relação a cada padrão, o que leva à formulação de distintas hipóteses para cada grupo. Nesse sentido, são elaborados critérios de análise específicos para a comprovação das respectivas hipóteses relacionadas aos padrões de construções proporcionais.

O banco de dados utilizado para o levantamento de ocorrências é o *Corpus do Português*, disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/>. O *corpus* contém uma base de dados com 45 milhões de palavras e é composto por amostras dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. São disponibilizados dados do Português Europeu (PE) em todos os séculos e do Português Brasileiro (PB), a partir do século XVI. No século XX, em PB e em

PE, há a divisão do material em textos acadêmicos, textos ficcionais, notícias e textos na modalidade oral da língua.

Neste estudo, são utilizados os dados do PB no período do século XX, com o propósito de estabelecer uma análise sincrônica da língua a partir de dados reais de fala e escrita, conforme os pressupostos teóricos da LFCU. No total, há 485 dados, sendo 330 referentes ao Padrão I e 155, ao Padrão II. Não há, nesta etapa da pesquisa, o objetivo de delimitar a sequência tipológica das ocorrências levantadas, ainda que o *corpus* possibilite a classificação em textos acadêmicos, textos ficcionais, notícias e textos na modalidade falada da língua.

No rol das construções proporcionais, destacam-se dois grupos distintos de elementos conectores de cunho proporcional. São eles: *à medida que/à proporção que* e os constituídos pelas variações de *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Considera-se que esses dois grupos apresentam características particulares, o que motiva a formulação de diferentes hipóteses para cada um deles, o que será testado na etapa de análise de dados. Nesse sentido, define-se que *à medida que* e *à proporção que* são denominados, neste trabalho, como expressões conectoras, ao passo que *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos* são denominados correlatores, seguindo o termo cunhado por Rosário (2012).

O primeiro grupo, intitulado Padrão I, apresenta as expressões conectoras mais citadas em estudos de cunho tradicional. As orações que as exibem são nomeadas como orações subordinadas adverbiais proporcionais. Como forma de exemplificação, uma ocorrência do Padrão I está disposta a seguir:

- (1) A raiz primária possui três zonas distintas: a coifa, a zona de distensão ou de alongamento e a zona pilífera. A coifa forma uma espécie de capa protetora da zona meristemática apical e constitui-se de algumas poucas células. [A medida que morrem,] [estas células vão sendo continuamente substituídas por novas células.] A zona de distensão localiza-se imediatamente acima do ápice meristemático. Nesta região, as células produzidas pelo meristema encontram-se em estado de rápido alongamento. ([19Ac:Br:Enc](#)).

Nesse dado, a expressão conectora *à medida que* demarca a relação entre os eventos *morrer* e a *substituição contínua por novas células*. Assim, o acontecimento de um implica o acontecimento do outro, ressaltando a interdependência entre as partes da construção.

Em contrapartida, no segundo grupo, intitulado Padrão II, há dois correlatores, um na primeira parte (prótase) e outro na segunda parte (apódose). Tais construções são menos citadas em autores de abordagem tradicional, que se voltam, na maior parte das vezes, para a expressão

conectora *à medida que*, veiculando sentido proporcional. Um exemplar de construção pertencente ao Padrão II pode ser verificado:

- (2) Acredito no paradoxo de que [**quanto mais** egoísta eu for com minha visão de arte], [**mais** generoso estarei sendo.] Olhem menos pra mim e mais para onde estou apontando. (19Or:Br:Intrv:ISP).

Nessa ocorrência, o ato de *ser mais egoísta* está atrelado positivamente ao de *ser mais generoso*. Devido aos duplos correlatores, a aplicação do conceito de correlação é mais evidente, uma vez que a interdependência coloca-se no nível estrutural, com a manifestação dos correlatores introduzindo prótase e apódose. Por outro lado, nas construções em que estão presentes *à medida que* e *à proporção que*, há hesitação quanto ao reconhecimento de uma estrutura correlata, pois a interdependência sintática proveniente da manifestação dos correlatores não está expressa, como ocorre no Padrão I.

Com isso, em termos sintáticos, considera-se que os padrões apresentam comportamentos distintos, por isso a eles são vinculadas diferentes hipóteses, que são comprovadas, por sua vez, a partir de fatores de análise particulares. Em comum, as construções do Padrão I e do Padrão II veiculam o sentido de proporção, o que incide no nível semântico-pragmático, relacionando os conteúdos proposicionais expostos em cada parte da construção, de modo a estabelecer a interdependência.

Na análise das construções que exibem as expressões conectoras que integram o Padrão I (*à medida que* e *à proporção que*), é focalizado o comportamento dos verbos que as instanciam. Por esse motivo, o critério central de investigação é a telicidade dos verbos. Essa noção aspectual, empregada por Moura Neves (2000), leva em conta a demarcação de finitude de uma ação ou evento. Desse modo, um verbo télico faz referência a um evento acabado, e um verbo não télico ou atélico a um evento inacabado, cujo fim não pode ser identificado.

Há, entre os estudiosos, distintas nomenclaturas que levam em consideração o aspecto semântico dos verbos. Diez (1876) utiliza o nome de *verbos imperfectivos* e *verbos perfectivos*. Bello (1883) propõe os termos *verbos permanentes* (aqueles cujo atributo subsiste durando), e *verbos desinentes* (aqueles cujo atributo chegou à sua perfeição). Jaspersen (1924) refere-se ao par *verbos não conclusivos/verbos conclusivos*, denominados posteriormente por Sten (1953) como *verbos de fase* e *verbos de ação global*, e por Bull (1960) como *verbos não cíclicos* e *verbos cíclicos* e, por fim, Garey (1957) confere-lhes o nome de *verbos télicos* e *verbos atélicos*. Essa última proposta compõe a denominação acolhida neste estudo, sustentada pelo recente emprego em Moura Neves (2000).

Como aponta Castilho (2010), o que unifica os verbos atélicos é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. Assim, independente da nomenclatura empregada, o valor está na finitude das ações expressas pelos verbos. A escolha desse critério semântico tem como objetivo a verificação da natureza dos verbos que são licenciados nas construções proporcionais do Padrão I e a confirmação de que os verbos que constituem prótase e apódose apresentam naturezas semelhantes quanto à telicidade.

No grupo de construções introduzidas por correlatores, denominado Padrão II, a análise volta-se não para a natureza dos verbos, mas para a demonstração da frequência na ocorrência desse tipo de construção. Essa escolha é motivada pelo fato de a vinculação sintática estar aparente em razão da presença dos correlatores duplos na prótase e na apódose. Nesse sentido, a interdependência própria da correlação faz-se evidente nas estruturas do Padrão II.

Assim, a opção por estabelecer dois padrões de construções proporcionais é motivada por julgar que a distinta natureza dos elementos conectores repercute no comportamento sintático das construções. No entanto, em termos semânticos e pragmáticos, considera-se que o sentido proporcional é veiculado em ambas as estruturas, que materializam diferentes formas de expor um conteúdo proporcional. Assim, procede-se com o capítulo de análise dos dados, em que as diretrizes delimitadas no presente capítulo são aplicadas.

3. Análise de dados

No levantamento de dados empreendido no *Corpus do Português*, foram encontradas 485 ocorrências de construções correlatas proporcionais, sendo 330 delas pertencentes ao Padrão I e 155 ao Padrão II, dispostas da seguinte forma:

Configurações	Frequência
À medida que X, Y	298
À proporção que X, Y	32
Total	330

Tabela 1 - Padrão I

Configurações	Frequência
Quanto [mais] X, [mais] Y	131
Quanto [mais] X, tanto [mais] Y	7
Quanto [mais] X, [menos] Y	7
Quanto [menos] X, [mais] Y	5

Quanto [mais] X, [Ø] Y	3
Quanto [mais] X, tanto [menos] Y	1
Tanto [mais] X, quanto [menos] Y	1
Total	155

Tabela 2 - Padrão II

As tabelas 1 e 2 comprovam a viabilidade de organização dos dados em dois grandes grupos, a que se tem chamado até o momento de Padrão I e Padrão II. Com diferentes configurações e também taxas de produtividade, ambos veiculam o sentido de proporcionalidade, com especificidades singulares que os caracterizam.

O Padrão I, a título de ilustração, pode ser exemplificado a partir das duas ocorrências apresentadas em seguida:

- (3) Isto implica em dizer que desde 1994 (para os nove municípios habilitados à NOB-93) e a partir de 1998 (para todos os municípios) tanto a estrutura física da saúde como os recursos humanos existentes nos municípios (fossem eles da União, do Estado ou dos próprios municípios) passaram a ser, em termos de gestão, de responsabilidade dos Sistemas Municipais de Saúde constituídos. [A organização da estrutura das Secretarias Municipais de Saúde vai se desenvolvendo] [**à medida que** os Sistemas Municipais de Saúde vão se constituindo, ampliando-se e tornando-se mais complexos,] processo este muito relacionado ao porte de cada município. Pôde-se identificar 4 tipos de estruturas organizacionais, refletindo níveis progressivos de complexidade. ([19Ac:Br:Lac:Thes](#))

Em (3), há uma construção proporcional da qual faz parte uma expressão conectora *à medida que*. Nessa construção, a organização da estrutura das Secretarias Municipais de Saúde está ligada à constituição e ampliação dos Sistemas Municipais de Saúde, uma vez que *A organização da estrutura das Secretarias Municipais de Saúde vai se desenvolvendo à medida que os Sistemas Municipais de Saúde vão se constituindo, ampliando-se e tornando-se mais complexos*. Nesse sentido, o evento exposto na primeira parte das duas ocorrências vincula-se à ocorrência do segundo.

O Padrão II pode ser ilustrado com base na ocorrência abaixo, que representam duas das sete configurações encontradas.

- (4) Não quero com isso ofender ninguém. Mas conheço Hortência há largos anos e vejo-a sempre vítima de paixões. (Gesto de José) Vítima é o termo, porque as recebeu sempre com a mais glacial indiferença. José (alegre) - Com efeito? Belfort - Talvez por isso seja levado a estimá-la mais, como quem a defende. Não tem culpa a probezinha de causar paixões. [Mas **quanto mais** gélida se faz,] [**mais** amores.] Provoca Amores? Não são amores, são loucuras. Já lhe contaram que antes de casar com o Vargas, Hortência foi a causa de duas mortes? José - Duas? ([19:Fic:Br:Rio:Vargas](#))

Em (4), tem-se uma construção proporcional introduzida por correlatores, um no início da prótase e o outro da apódose. Nela, o fato de estar gélida está vinculado de forma diretamente proporcional a causar amores, ou seja, o aumento de uma ação enseja o aumento da outra. Assim, o aumento do primeiro evento leva à diminuição do segundo, já que *quanto mais produtivo/frequente um morfema, tanto menos provável errar sua grafia*.

No Padrão I, o número de ocorrências de *À medida que X, Y* é bastante superior à quantidade de dados de *À proporção que X, Y*. São 298 ocorrências do primeiro tipo no total de 330 dados do Padrão I. Já no Padrão II, o número de ocorrências de *Quanto [mais] X, [mais] Y* é também superior, se comparado aos demais casos. São 131 dados em um total de 155 do Padrão II. Com isso, *À medida que X, Y* e *Quanto [mais] X, [mais] Y* apresentam-se como os mais produtivos em seus respectivos padrões.

De acordo com a quantificação de dados, as ocorrências que apresentam a expressão conectora *à medida que* são muito mais frequentes do que as que apresentam *à proporção que*. O primeiro grupo representa 90% dos dados, ao passo que o outro, 10%. No Padrão II, ocorre situação semelhante, pois percentualmente, *Quanto [mais] X, [mais] Y* é bastante produtivo em relação aos demais, representando 82% dos casos. As outras instanciações do padrão representam de 6% a 1% do total de dados atestados.

Com base em Traugott e Trousdale (2013), as construções são convencionalizadas por meio da frequência de ocorrência, que, por sua vez, influencia a categorização. Nessa perspectiva, considera-se que *À medida que X, Y* e *Quanto [mais] X, [mais] Y* constituem membros centrais prototípicos em seus padrões, uma vez que são exemplares com alta produtividade em suas categorias, demonstrando que esses são usos convencionalizados pelos usuários da língua. Nesse sentido, para um exame mais detido dos dois grupos, visto que a eles também se vinculam distintas hipóteses, o Padrão I e o Padrão II são analisados individualmente, a partir de suas ocorrências, nas seções a seguir.

Padrão I

Tendo em vista a investigação sob a ótica da correlação, lança-se mão do fator de análise pautado na telicidade verbal para detectar a interdependência sintática entre os verbos integrantes da prótase e da apódose.

Com isso, uma vez que o exame da natureza dos verbos compõe o critério de análise deste padrão, são mapeados os tempos e modos verbais que fazem parte das construções proporcionais levantadas no *corpus*. No total de 330 ocorrências, foram identificadas 30 configurações modo-temporais distintas dos verbos que compõem a prótase e a apódose.

Dentre as trinta combinações distintas de tempos e modos verbais, cinco delas apresentam maior produtividade se comparadas às demais. Desse modo, em razão da maior frequência e da elevada quantidade de arranjos atestados, opta-se por analisar as ocorrências pertencentes às cinco configurações mais frequentes. É preciso destacar que, dentre os trinta tipos de combinações verbais distintas, nem todas apresentam correlação télica ou atélica em sua composição. Contudo, considera-se que a hipótese desta análise não é enfraquecida, pois os casos mais frequentes condizem com a proposição, e os demais constituem uma pequena quantidade de ocorrências.

Baseando-se nos valores percentuais, identifica-se que as construções em que os verbos estão no presente do indicativo representam aproximadamente 37% dos casos, uma vez que são 123 casos em um total de 330; as constituídas por verbos no pretérito imperfeito representam aproximadamente 17%, pois contam com 56 dados no total de 330. A partir disso, pode-se constatar que as formatações verbais com verbos plenos no presente e no pretérito imperfeito, se somadas, representam, 54% dos dados.

Devido à diversidade de configurações verbais, são analisadas neste trabalho apenas as ocorrências que apresentam as configurações mais frequentes no Padrão I, ou seja, as três primeiras. São elas, respectivamente: [Presente do indicativo] + [Presente do indicativo]; [Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]; [Presente do indicativo] + [Verbo auxiliar no presente do indicativo + gerúndio].

A primeira configuração mais frequente é constituída por verbo no presente do indicativo, na prótase, e também verbo no presente do indicativo, na apódose, caracterizando uma construção em que a configuração verbal é espelhada, ou seja, os verbos pertencem ao mesmo tempo e modo. A seguir são expostas ocorrências desta natureza:

[Presente do indicativo] + [Presente do indicativo]

- (5) Se considerarmos, por exemplo, o número de portadores de carga de um condutor e de um semicondutor, veremos que o número contido em um semicondutor é muito menor, resultando também em uma resistividade maior, e um fato curioso reside no coeficiente de temperatura da resistividade do semicondutor ser grande e negativo, o que faz com que, [a **medida que** a temperatura do semicondutor umenta,] [sua resistividade diminui,] ao contrário da resistividade de um condutor normal, que obedece à Lei de Ohm. ([19Ac:Br:Enc](#))

Na ocorrência (5), os verbos que compõem prótase e apódose são *aumentar* e *diminuir*. Estes verbos, em seus contextos de uso, encontram-se no presente do indicativo, o que marca uma ação transcorrida no momento da fala ou escrita ou uma ação habitual. Pode-se afirmar, desse modo, que os verbos no presente são considerados verbos atélicos, uma vez que caracterizam ações cujo fim não pode ser identificado.

As construções que fazem parte do Padrão I, tradicionalmente classificadas como orações subordinadas adverbiais proporcionais, apresentam características peculiares no que tange à sua natureza semântico-pragmática. O que se mostra na análise dessas construções é que os laços entre prótase e apódose são intrínsecos, visto que a proporção se dá entre o que é expresso em ambas as partes, ressaltando-se a interdependência entre elas. Assim, em um duplo movimento de conexão, as duas orações constroem a proporção, de tal modo que se torna inadequado denominar uma de principal e a outra de subordinada, como se houvesse uma hierarquia entre elas. Tal relação é mais evidente no polo do sentido, contudo, pode ser verificada também sintaticamente, a partir da relação entre os verbos constituintes da construção, que em (5) além de serem semelhantes, pois ambos estão no presente do indicativo, também apresentam a não telicidade como característica significativa.

A segunda configuração verbal mais produtiva no Padrão I é constituída por verbos no pretérito imperfeito do indicativo tanto na prótase quanto na apódose:

[Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]

- (6) Stephen e seus homens apertaram o cerco e isso deve ter contribuído para agravar a precária saúde de Key. Ele estava tenso, irritadiço, e não conseguia se concentrar no romance. [A medida que ele perdia suas forças,] [a tribo entrava em decadência.] Os guerreiros se diluíam às dezenas, as carroças desapareciam.. e as crianças, sem as mães, ficavam no abandono. Em novembro de 1940, - a situação se tornara insustentável. ([19:Fic:Br:Costa:Sala](#))

Em (6), os verbos são *perder* e *entrar*. Nesses casos, assim como no anterior, há similaridade temporal, mas, desta vez, os verbos encontram-se no pretérito imperfeito do indicativo. Esse tempo expressa um fato que ocorre no passado, mas que não foi completamente terminado, o que converge com a noção de não telicidade. Da mesma forma como ocorre no presente, no pretérito imperfeito não é possível delimitar o fim da ação descrita, caracterizando-se novamente eventos atélicos.

Em (6), a ação de perder as forças está totalmente relacionada ao fato de a tribo entrar em decadência, visto que uma ação leva a outra. A correspondência entre os verbos ocorre tanto

no tempo verbal – pretérito imperfeito do indicativo – quanto na atelicidade. Reitera-se que essa correlação modo-temporal é um fator estrutural importante para a sustentação da hipótese de que essas construções proporcionais podem ser incluídas no processo de correlação, tendo em vista que a interdependência pode ser mais facilmente notada no aspecto semântico.

Como já observou Castilho (1968a), aparentemente, presente, pretérito imperfeito simples e gerúndio favorecem a emergência dos verbos imperfectivos, aqui denominados não télicos ou atélicos. Contudo, há casos em que não há a total coincidência entre os tempos verbais, e neles, o que se verifica, é a recorrência do uso de verbos de caráter atélico, ou seja, verbos em tempos como presente, pretérito imperfeito e forma nominal de gerúndio.

Outra configuração verbal produtiva no Padrão I é formada pelo verbo da prótase no presente do indicativo e, na apódose, por verbo auxiliar no presente do indicativo seguido de gerúndio:

[Presente do indicativo] + [Auxiliar no presente do indicativo + Gerúndio]

- (7) O imigrante e Maciel aproveitam os encontros para analisar a justiça brasileira, os brasileiros e seu patriotismo. A avaliação não é das melhores. O juiz impossibilitado de fazer justiça por uma série de circunstâncias observa que a decadência ali existente é um "misto doloroso de selvageria dos povos que despontam para o mundo, e do esgotamento das raças acabadas. Há uma confusão geral". Milkau crê que se pode chegar a algo melhor. Entretanto, [**à medida que acompanha** o definhar da amiga], [vai se deixando tomar pela tristeza]. Finalmente, numa noite, Milkau tira Maria da prisão e foge com ela, correndo pelos campos em busca de Canaã, "a terra prometida", onde os homens vivem em harmonia. ([19:Fic:Br:Aranha:Canaa](#))

Em (7), os verbos que fazem parte da construção são *acompanhar* e a forma perifrástica *ir* no presente com *deixar-se* no gerúndio. Esta configuração verbal é a primeira dentre as mais produtivas em que os tempos verbais não são espelhados, ou seja, não são semelhantes, como ocorre na combinação [Presente do indicativo] + [Presente do indicativo] e também em [Pretérito imperfeito do indicativo] + [Pretérito imperfeito do indicativo]. Apesar de não serem espelhados, o tempo presente está representado na prótase e na apódose, na primeira parte, em forma verbal plena e, na segunda, como verbo auxiliar.

O presente marca uma ação que se desenrola no tempo atual ou ação habitual, em que o fim da ação não é previsto, somente seu início. O gerúndio, por sua vez, demarca um evento em pleno andamento, algo que ocorre à medida que está sendo descrito. Com isso, também sinaliza uma ação cujo fim não é conhecido. O objetivo dessa forma nominal é expressar um ato em continuidade, logo, pode-se afirmar que é uma forma nominal atélica, assim como o presente do indicativo.

O presente e o pretérito imperfeito são tempos que marcam ações cuja conclusão não é definida, ao passo que o gerúndio é uma forma nominal que caracteriza ações em andamento. A alta produtividade de verbos com essas naturezas coincide com a definição de proporção como resultado da soma de duas ações contínuas e altamente integradas, em que o fim não é delimitado. Com isso, justifica-se a presença relevante de verbos atéticos, e em alguns casos, a semelhança modo-temporal entre os verbos da prótase e da apódose. Nesses casos, por haver semelhança total entre os verbos, a interdependência sintática fica mais evidente, no entanto, quando não há coincidência temporal, a semelhança atética demarca a conexão estrutural.

Dessa maneira, a partir da investigação das construções proporcionais do Padrão I, pode-se estabelecer evidências sobre a interdependência sintática, com o intuito de identificar uma ligação entre forma e sentido, o que configura a hipótese que se pretende comprovar nesta análise. O prosseguimento da investigação será pautado no Padrão II, exposto em seguida.

Padrão II

Nesse padrão, a análise dos dados expôs sete manifestações de construções correlatas proporcionais. O total é de 155 ocorrências, sendo 131 de *Quanto [mais] X, [mais] Y*, compondo 82% dos casos, como já exposto no gráfico 2. Seguindo a mesma lógica da análise télica estabelecida no Padrão II, serão analisadas em seguida as três elaborações mais frequentes correspondentes ao Padrão II, que juntas somam 94% das ocorrências no total.

Quanto [mais] X, [mais] Y

- (8) Meu teatro é pela saída do buraco, o dark dos anos 80, com essa propaganda toda do tédio e, pior, desses drogados chiques que a indústria da moda prega e eu acho o fim. Acredito no paradoxo de que [**quanto mais** egoísta eu for com minha visão de arte], [**mais** generoso estarei sendo.] Olhem menos pra mim e mais para onde estou apontando. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))

Na construção (8), a prótase é constituída pelo correlator *quanto mais* e pela forma oracional *egoísta eu for com minha visão de arte*, ao passo que a apódose é constituída pelo correlator *mais* e *por generoso estarei sendo*. O sentido construído a partir dessa proporcional evidencia ações em progresso, em que uma parte enseja a outra, tendo em vista que as duas ações estão atreladas. Nessa construção, há a relação de interdependência semântica e sintática entre as partes, uma vez que a ligação de sentido entre as ações descritas e a elaboração produzida pela prótase reclama a presença da apódose. Com isso, ratifica-se a definição de proporção exposta no dicionário eletrônico Houaiss (2010) que aponta a proporção como a

“relação das partes de um todo entre si”. Nesse sentido, esse campo semântico, de forma imanente, prevê a relação entre as partes que a compõem, uma vez que a própria natureza proporcional define essa característica.

A segunda forma mais frequente é *Quanto [mais] X, tanto [mais] Y*, por isso, a seguir, é examinado um exemplar dessa natureza.

Quanto [mais] X, tanto [mais] Y

- (9) Em março de 1756, escrevia Voltaire aos irmãos Crame, seus editores: " Não posso deixar de agradecer-vos a honra que me dispensais, imprimindo as minhas obras; mas, nem por isso, sinto menos pesar por havê-las composto. [**Quanto mais** a gente se adianta em idade e conhecimentos], [**tanto mais** se arrepende de ter escrito.] Nenhuma das minhas obras me satisfaz; algumas eu quisera nunca as ter feito.. " Isto escrevia Voltaire, no apogeu da nomeada. Que direi eu dos meus opúsculos! Sem falsa modéstia - je m' en veux de n' avoir pas dit, d' avoir trop dit, d' avoir mal dit. Por que, nesse caso, continuar a escrever? Francamente, não sei. ([19:Fic:Br:Rio:Momento](#))

Nessa construção, a prótase é formada pelo correlator *quanto mais* e por *a gente se adianta em idade e conhecimentos*, e a apódose por *tanto mais* e *se arrepende de ter escrito*. Diferente do caso analisado anteriormente, o segundo correlator vem acompanhado do elemento intensificador *tanto*, que reforça a contraparte da prótase, enfatizando a informação da apódose.

Assim como nas demais ocorrências, tanto sintática quanto semanticamente, ambas as partes da construção relacionam-se no sentido de estabelecer a proporção na construção como um todo. O elemento *tanto*, nesta perspectiva, cumpre o papel de enfatizar essa relação diretamente proporcional, já que na mesma medida em que uma ação aumenta, a outra também o faz.

Conforme apontam Mateus *et alii* (2003), a noção de proporção é mais clara quando os conectores são de natureza correlata, como é o caso das construções deste padrão, ao passo que os conectores não correlatos, muitas vezes, são associados ao sentido temporal. Dessa maneira, as autoras demonstram que as construções do Padrão II veiculam de forma mais evidente o sentido proporcional se comparadas às do Padrão I.

A terceira manifestação mais frequente é a formada por *Quanto [mais] X, [menos] Y*. Este é o primeiro par de correlatores inversamente proporcionais, ou seja, que veiculam noções contrárias, instanciadas por *mais* e *menos*.

Quanto [mais] X, [menos]

- (10) Assim como agora entendo que quis conhecê-lo a certa altura para parar de amá-lo, também tentei conhecê-lo, entender a qualquer preço o que ele era, para parar de escrever sobre ele,

mas continuava escrevendo para conhecê-lo, o que era uma impossibilidade e um círculo vicioso. Por-que tudo era possível, todas as verdades. O manuscrito ficou inacabado. Era só o esboço de uma coisa que escrevi por não compreender e que [**quanto mais** escrevia] [**menos** compreendia.] Ele me assustava. A certa altura, percebi que quanto mais avançava mais eu me perdia, que terminá-lo era dar um fim a mim mesmo. Tinha medo de que, se o publicasse, de alguma maneira selaria o meu futuro. ([19:Fic:Br:Carvalho:Bebados](#))

Esse dado apresenta a relação inversamente proporcional, visto que a prótase, introduzida por *quanto mais*, se combina à apódose, iniciada por *menos*. Esse tipo de estrutura requer um exercício intelectual mais complexo do usuário da língua se comparado aos usos diretamente proporcionais (*quanto mais...mais/quanto menos...menos* etc) em razão da combinação de elementos contrários.

Na perspectiva assumida neste estudo, assume-se que o comportamento linguístico é um reflexo de capacidades cognitivas, e a estrutura da linguagem, por sua vez, é uma manifestação dessas capacidades. Nesse sentido, o fato de vincular dois fatos inversamente proporcionais é resultado da necessidade comunicativa de estabelecer tais sentidos contrários.

Langacker (1991) afirma que a gramática é um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas relacionadas ao uso, de modo que a construção do significado é negociada pelo falante no discurso. Isso se aplica ao surgimento de casos como o analisado anteriormente, uma vez que são criados a partir das necessidades do uso e da possibilidade da língua em alocá-los.

Ressalta-se que uma das hipóteses desta investigação volta-se para atestar a produtividade das construções do Padrão II, a despeito das escassas citações em estudos de cunho tradicional. Com isso, tendo em vista a alta produtividade atestada pelo levantamento e pela análise dos dados, considera-se que as proporcionais instanciadas por *quanto mais/menos...(tanto) mais/menos* configuram usos produtivos na língua, o que não justifica as reduzidas menções em estudos tradicionais, uma vez que essas construções veiculam o sentido proporcional, assim como as do Padrão I.

Nas análises do Padrão I e do II, em que foram explorados dados reais de fala e escrita, busca-se estabelecer uma visão holística da língua, incorporando semântica e pragmática, e rejeitando a autonomia de algum nível linguístico. O presente estudo baseia-se na concepção de que a língua está submetida a pressões comunicativas do meio no qual se insere, o que reflete em sua estrutura linguística. Ao examinar dados do português em uso, identifica-se que a perspectiva adotada converge com o conceito de que a estrutura da língua emerge à medida do seu uso, e de que a gramática está em constante adaptação. Com isso, instaura-se que a estrutura

linguística é derivada de processos cognitivos gerais, que possibilitam os usos concretos da língua.

4. Considerações finais

Retomando as hipóteses traçadas no início da investigação, considera-se que a análise de dados pode comprovar a vinculação sintática nos exemplares do Padrão I, a partir da correspondência atélica, bem como evidenciar a alta produtividade do Padrão II, a despeito das escassas referências.

Nas construções do Padrão I, identifica-se que os verbos constituintes de prótase e apódose apresentam similaridade atélica. As três configurações mais frequentes nas construções proporcionais desse padrão apresentam seus verbos nos tempos do presente e do pretérito imperfeito, variando como verbo pleno ou auxiliar, ao lado da forma nominal de gerúndio. Tais tempos verbais e forma nominal figuram, aspectualmente, como eventos atélicos, representando ações em progresso, cujo fim não é identificável. Nesse sentido, a noção de ações em desenvolvimento condiz com a própria definição de proporção, que prevê a relação de equilíbrio entre as partes e o todo.

No que tange à segunda hipótese, as construções do Padrão II, apesar de pouco mencionadas em estudos de cunho tradicional, apresentam frequência representativa. Dentre as 330 ocorrências de construções proporcionais, 155 delas configuram casos do Padrão II, em um universo de sete configurações licenciadas. Assim, identifica-se que a precária menção, em abordagens tradicionais, a casos desse padrão deve-se mais pela natureza dos correlatores, que suscitam uma abordagem sobre a correlação como procedimento sintático, ao lado da coordenação e da subordinação, do que pela invalidação dos correlatores nas construções proporcionais, visto que o uso ratifica a recorrência do paradigma. Assim, acredita-se que este estudo contribui para os estudos sobre construções proporcionais, bem como para os estudos sobre a correlação de uma forma geral.

Abstract

This study has as objective examine the uses of the proportional correlative constructions based on theoretical assumptions of Usage-based Linguistics. This theory analyzes the language in use and it aims at a holistic approach, in which no linguistic level is prominent in relation to the other. The concept of construction is taken in the sense established by Traugott e Trousdale (2013), that is, as a basic unit of language, composed of a pairing of form and meaning. The proportional constructions are analyzed in their two instantiated patterns: the first consisting of the

connector expressions *à medida que* and *à proporção que*, and the second set by the correlators *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. The data is extracted from the *Corpus do Português*. It is argued that constructs in both patterns constitute correlate structures of the language. However, because of the distinct syntactic behavior, particular treatments are performed in in the patterns. In the first, the criterion of telicity is used to establish the syntactic connection between protasis and apodosis. In the second, it is evident the high productivity. Thereby, it aims to establish, from a constructional perspective of the language, the constructional hierarchy of proportional correlates, based in different levels of abstraction.

Key words: Correlation; Construction; Proportion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, A. *Compendio de gramática castellana: escrito para el uso de las escuelas primarias*. Paris: Librería de Garnier Hermanos Editores, 1883.

BULL, W. E. *Time, Tense and the Verb: A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish, by William E. Bull*. University of California Press, 1960.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, M. A. F. et al. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

_____. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo funcional). In: SOUZA, M. et al. (orgs.) *Sintaxe em Foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012.

DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Paris: F. Vieweg, 1876.

GAREY, H. B. Verbal aspect in French. *Language*, v. 33, n. 2, p. 91-110, 1957.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. *Emergent grammar*. Berkley: Berkley Linguistics Society, 1987.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. Londres: George Allen, v. 8, 1924.

LANGACKER, R. W. Complex Sentences. In: *Cognitive Grammar – a basic introduction*. Oxford University Press. 2008.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application*. Stanford, California, Stanford University Press, 1991.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. [Funcionalismo e abordagem construcional da gramática](#). *Revista Alfa*. São Paulo, v. 60, n. 2, 233-261, 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.

STEN, H. *Les temps du verbe fini (Indicatif) em français moderne*. Kobenhavn: Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab. 1953.

TRAUGOTT, E.C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Relativas de gerúndio - uma análise funcional centrada no USO

Relative gerund clause – a usage-based analysis

Laíza Teixeira Delatorre (UFF)¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação das orações relativas de gerúndio no português brasileiro e verifica a questão da equivalência entre orações relativas reduzidas e as desenvolvidas, além de casos de sobreposição de valores semânticos contidos nesse grupo de orações. O suporte teórico desta pesquisa é Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual agrupa pressupostos teórico-metodológicos de autores como Givón (1995), Bybee (2010), Traugott (2011), entre outros. No que se refere aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é de caráter qualitativo: primeiro foi feita a seleção das orações relativas de gerúndio encontradas no *corpus*, seguida de uma análise sintático-semântica de cada oração. Foram analisados 57 dados. Quanto aos resultados, a pesquisa mostrou que as orações relativas de gerúndio nem sempre podem ser desdobradas em relativas desenvolvidas. Tal fato ocorre devido ao caráter ambíguo desse tipo de oração. A preferência do uso de orações de gerúndio parte de motivações funcionais, revelando que as escolhas das formas vão além de questões puramente sintáticas.

Palavras-chave: Gerúndio; Oração Relativa; Equivalência; Sobreposição.

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo as orações relativas reduzidas de gerúndio no Português Brasileiro. Objetivamos investigar as características sintáticas e semânticas dessas orações e a questão da equivalência entre as relativas reduzidas de gerúndio e as relativas desenvolvidas, verificando até que ponto é possível a reversibilidade de uma reduzida em desenvolvida sem significativa alteração dos valores semânticos. Também pretendemos identificar a sobreposição de funções sintáticas e/ou valores semânticos das orações relativas de gerúndio e apresentar quais fatores motivam essas sobreposições, bem como identificar a preferência do uso das relativas de gerúndio a partir da opção dos falantes.

Na primeira seção, apresentam-se os pressupostos básicos norteadores da pesquisa, com base na LFCU, e também alguns conceitos como o de iconicidade e marcação, bem como da integração de orações no *continuum*.

Na segunda seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados nas análises. Já na terceira, foi traçado um breve estudo sobre a trajetória do gerúndio até os dias atuais e foi apresentada uma análise das construções aqui abordadas. Na quarta seção, por sua

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: lala.delatorre@gmail.com

vez, apresenta-se um estudo sobre as características sintático-semânticas das orações relativas de gerúndio, bem como sua relação com a oração matriz.

Na quinta seção, que trata da equivalência entre as orações relativas reduzidas de gerúndio e as desenvolvidas, foram analisados dados em que a equivalência entre essas orações foi possível. Em seguida, mostram-se dados em que há impossibilidade de equivalência, explicitando-se o motivo para tal.

Na sexta seção, que focaliza a sobreposição de valores semânticos nas orações relativas de gerúndio, o caráter ambíguo dessas orações foi enfatizado, apresentando ocorrências em que mais de um valor semântico é evidenciado. Abordamos brevemente nessa seção a escolha por orações com sobreposições de valores semânticos na modalidade escrita.

Na última parte do trabalho, lançamos algumas considerações finais e uma síntese de todo o texto, bem como as contribuições advindas deste estudo.

2. Fundamentação teórica

Partindo do pressuposto de que a língua emerge e se expande no contexto real de uso, sendo moldada pela necessidade dos usuários, adotamos princípios abordados pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para a realização do presente estudo. Essa abordagem teórica agrupa contribuições da Linguística Funcional norte-americana, defendida por autores como Givón (1995), Haiman (1985), Hopper (1987), Traugott (2011), e da Linguística Cognitiva, desenvolvida por Lakoff (1987), Langacker (1987), entre outros.

A LFCU considera a língua como uma estrutura maleável que se molda de acordo com as necessidades comunicativas, estando sempre em construção. Para a fundamentação deste estudo, alguns autores foram consultados, entre os quais se destacam Braga (1996), Bybee (2010), Givón (1995), Oliveira & Rosário (2016) e Traugott (2011).

Ao analisar as orações relativas reduzidas de gerúndio, também nos deparamos com conceitos propostos por Givón (1995), que foram úteis à pesquisa. O autor afirma que a marcação é um fenômeno ligado ao contexto, e deve ser explicada com base em fatores socioculturais, comunicativos, biológicos e cognitivos. Segundo Givón (1995), as estruturas da língua se dividem em duas categorias: marcada e não marcada. A estrutura marcada é menos comum e usada em casos específicos, já a não marcada é mais comum e frequente.

O princípio da marcação se divide em três subprincípios: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. O princípio da iconicidade está

relacionado à motivação existente entre forma e significado, e se divide também em três subprincípios: quantidade, integração e ordenação linear.

Para a análise das orações relativas reduzidas de gerúndio, levamos também em conta o estudo de Hopper e Traugott (1993), o qual estabelece um *continuum* de integração semântico-sintático na vinculação de orações. Vejamos:

Quadro 1: *Cline* de integração oracional. (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 170)

Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
-dependente		+dependente		+dependente
-encaixada		-encaixada		+encaixada

Hipotetizamos que as orações relativas de gerúndio estão mais à direita do *continuum*, com um grau maior de dependência. No decorrer deste estudo, verificaremos o grau de integração entre a relativa e sua unidade matriz.

3. Metodologia

Esta pesquisa possui caráter mormente qualitativo. Em relação aos procedimentos metodológicos adotados, primeiramente trabalhou-se com a seleção dos dados. Em seguida, foi feita a análise sintático-semântica de cada dado, para posteriormente identificarmos os *tokens* com sobreposição semântica.

Por ser uma pesquisa em andamento, foram selecionados, até o momento, 57 dados do *corpus* sincrônico do Português Brasileiro referente ao século XXI. O *corpus* é composto por centenas de páginas da *web*, que apresentam textos de diferentes gêneros na modalidade escrita, e está disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

4. Gerúndio: uma breve análise

No latim, havia uma variedade de formas nominais que funcionavam como adjetivo, como nome ou com valor adverbial. Os usos do gerúndio no português contemporâneo foram derivados da forma nominal do ablativo. Essa forma, por sua vez, indicava várias circunstâncias, como causa, meio, instrumento, companhia, modo, qualidade, entre outras. No período tardio do latim, o ablativo do gerúndio amplia seus usos, adquirindo “maior flexibilidade, exprimindo também outros valores semânticos” (CAMPOS, 1972, p. 9).

Primeiramente, a forma do gerúndio dividia funções com as de particípio presente. O particípio presente modificava nomes, estrutura que originou o uso relativo; e o gerúndio modificava o objeto de um verbo, originando o uso adverbial. Porém, a partir do Período Imperial do Latim, o uso do particípio presente e do ablativo do gerúndio começaram a competir:

No período clássico, havia uma distinção nítida entre o gerúndio e o particípio presente, porém, a partir do período imperial era comum encontrarem-se exemplos em que se usava um pelo outro, exatamente com o mesmo valor sintático. (SOUZA CAMPOS, 1980, p. 3).

Usos expressos anteriormente pelo particípio presente latino passaram a ser utilizados na forma do ablativo do gerúndio, originando as construções gerundiais em português (FERRARI, 1999). Assim, o ablativo do gerúndio se expande, assumindo funções relativas e adverbiais.

Inicialmente, o gerúndio no português não fora aceito com todos os empregos sintáticos oriundos do particípio presente do latim. Alguns sintaticistas, como Julio Moreira, Epiphânio Dias e Leite de Vasconcellos, não aceitaram o uso do gerúndio com função adjetiva, pelo fato de acreditarem que tal uso era fruto de galicismo², e que jornalistas e escritores do século XIX foram influenciados pela língua francesa. Souza Lima, Luis Carlos Lessa, Gladstone Chaves de Mello, entre outros, apesar de rejeitarem o uso do gerúndio com função adjetiva, admitiam-no quando indicava qualidades transitórias³. E um terceiro grupo de autores, como Othoniel Motta, Said Ali, Carlos Brandão e Silvio Elia acreditavam no uso adjetivo do gerúndio, referindo-se tanto a qualidades transitórias, como a qualidades permanentes.

A função do gerúndio, segundo Mira Mateus *et alii* (1983, p. 115), é de localizador temporal, e como forma nominal não fornece indicação de modo, tempo, número e pessoa. Ao estabelecer uma oposição entre as orações finitas e orações não finitas, alguns gramáticos e linguistas tratam as orações de gerúndio como subordinadas reduzidas (MIRA MATEUS *et alii*, 1983 apud GARCIA REIS, 2010, p. 38). São orações fortemente integradas, dispensando conectivo. Esse é um dos pressupostos que conduzem alguns gramáticos tradicionais a tratar as orações de gerúndio como instância do processo de subordinação (GARCIA REIS, 2010, p. 38).

² Palavra, locução ou construção peculiar à língua francesa.

³ Cf. Campos (1972) e Reese (1991).

Bechara (2003) destaca a não coincidência do tratamento dado às orações reduzidas pela gramática portuguesa, considerando-as como uma subunidade da oração. Em outras palavras, seria um adjunto adnominal ou adverbial. Outras abordagens consideram-no como uma minioração ou *small clause*⁴ (SIMÕES, 2007).

É consenso entre muitos estudiosos da língua que o gerúndio possui uma ambiguidade que lhe permite funcionar como nome ou como advérbio, desdobrando-se em orações adjetivas, ligando-se a um nome, podendo desempenhar função sintática como sujeito, objeto direto e outros; e como advérbio, ao expressar circunstâncias ligadas ao estado de coisas encontrado na oração principal a que se refere. Ao expressar um uso circunstancial, o gerúndio pode ocorrer com sujeitos idênticos ao da oração núcleo, uso mais prototípico, ou com sujeitos distintos (SIMÕES, 2004).

Haiman (1985) aborda o estatuto ambíguo das orações de gerúndio. O autor apresenta propriedades que caracterizam tais orações, como a redução e a incorporação, e ambas podem ser duplamente motivadas. Em relação à motivação econômica, as orações de gerúndio são reduzidas e incorporadas às orações que se articulam, próximas do processo de coordenação. Já a segunda motivação refere-se à iconicidade. As orações de gerúndio são reduzidas e incorporadas, pois refletem material referente à oração principal, próximas do processo de subordinação.

Há diversos estudos linguísticos de caráter funcionalista a respeito das orações subordinadas, porém, em menor quantidade, estão os estudos que focam as orações gerundiais. Em grande parte, as orações de gerúndio são abordadas junto com outros temas, e observa-se que não há acordo entre os gramáticos em relação ao estatuto sintático relacionado a essas orações.

Lehmann (1988) defende que as orações complexas são investigadas em seis parâmetros. São eles: degradação hierárquica da oração subordinada, nível sintático do constituinte ao nível sintático da oração, dessentencialização da oração subordinada, gramaticalização do verbo da oração principal, entrelaçamento das duas orações e explicitude da ligação.

⁴ “Small clause theory is based on the conviction that this semantic relation is reflected uniformly in constituent structure, in the sense that the subject/predicate relation is always encoded syntactically in terms of a pair of sister constituents...” (STOWELL 1995:271 *apud* MORAES DE CASTILHO, 2005:57)

À medida que a oração sofre perda de um desses elementos, ela se torna mais nominalizada, ou seja, sofre o processo de dessentencialização, o que ocorre nas orações gerundiais.

Em relação ao tempo expresso pelas cláusulas de gerúndio, Cunha & Cintra (2001) afirmam que a forma simples do gerúndio expressa uma ação em progresso, que pode ser anterior, posterior ou contemporânea à ação do verbo da oração principal. Segundo os autores, este valor semântico depende, em grande parte, da posição do gerúndio na oração. Eles afirmam que:

- o gerúndio localizado no início do período expressa uma ação realizada antes ou uma ação que começou antes (e ainda continua) da ação realizada na oração principal, como podemos perceber em (1):

(1) *Sendo imortal*, Deus concedeu a Adão essa imortalidade... (GBR⁵
http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/king_p.html)

- o gerúndio, ao lado de verbo principal, equivale a um adjunto adverbial de modo, expressando uma ação concomitante, como em (2):

(2) Aline: NÃO AGRIDE? CALA A BOCA, IMAGINA SÓ EU... -ela colocou a mão na cintura e eu encostei no Harry rindo baixo- IMAGINA QUE EU VOU ME REBAIXAR AO SEU NÍVEL.

Louis: Rebaixou desde o momento que colocou sal na massa. -ela começou a ficar vermelha e virou para a geladeira, pensei que ela ia bater na mesma mas não vi muito rápido ela pegando o saco de farinha em cima do balcão e arremessar longe, sujando o chão a mesa e um pouco do rosto do Louis- O QUE EU TE FIZ? -*ele gritou rindo e soprando a farinha do seu rosto*. (GBR <http://imagine-one-direction.blogspot.com.br/2013/08/irish-angel-capitulo-vinte-e-um.html>)

- o gerúndio posposto à oração principal denota uma ação posterior e, geralmente, ocorre em construção coordenada iniciada pela conjunção *e*.

(3) Portanto, é com muita alegria que eu reimprimi o sermão dele, *fazendo mínimas mudanças*. (GBR http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/king_p.html)

Cunha & Cintra (2001) mencionam ainda que a forma do gerúndio, ao aparecer em repetição, expressa uma ideia de progressão indefinida e, em construções imperativas, expressa

⁵ “Português brasileiro geral”, código extraído do site Corpus do Português.

ordem. Ao abordar as construções perifrásticas, os mesmos autores afirmam que o gerúndio acompanha os verbos auxiliares *estar*, *andar*, *vir* e *ir*, porém, não incluem o verbo *ficar* nesta combinação. Os quatro auxiliares indicam ação durativa em diferentes graus:

○ Estar: a ação acontece simultaneamente com a enunciação.

(4) Isso não é exclusividade de quem *está concluindo* o ensino médio! (GBR <https://www.mundovestibular.com.br/articles/155/1/Como-Escolher-sua-Profissao/Paacuteginal.html>)

○ Andar: ideia de ação repetitiva e intensidade.

(5) “O Ramos (funcionário do conglomerado francês Alstom) *andou dizendo* ao Décio Tambelli do metrô SP, que não pode mais subcontratar a Siemens depois do caso Taulois/Ben-hur (episódio em que a Siemens tirou técnicos da Alstom para se beneficiar na pontuação técnica e vencer a licitação de manutenção do metrô de Brasília)”, dizia o e-mail trocado entre os funcionários da Siemens. (GBR <http://45escandalosdejoserra.blogspot.com.br/>)

○ Ir: a ação acontece progressivamente ou em momentos sucessivos.

(6) *O tempo foi passando e um cenário de possibilidades foi se abrindo.* (GBR <https://www.vix.com/pt/bdm/amor/em-cima-do-muro-2>)

○ Vir: a ação se desenvolve direcionando-se ao momento ou lugar em que se localiza o enunciador.

(7) Desde que a candidata do PT, Dilma Rousseff, pronunciou o nome de Paulo Preto no debate realizado pela Rede Bandeirantes no domingo 10, Serra se viu envolvido em um enredo de contradições e mistério do qual *vinha se esquivando desde agosto passado*, quando ISTOÉ publicou denúncia segundo a qual o engenheiro Paulo Souza, ex-diretor da estatal Dersa na gestão tucana em São Paulo, era acusado por líderes do seu próprio partido de desaparecer com pelo menos R\$ 4 milhões arrecadados de forma ilegal para a campanha eleitoral do PSDB. (GBR <http://45escandalosdejoserra.blogspot.com.br/>)

Em suma, podemos concluir que as orações de gerúndio remontam à fase inicial do português e provêm da incorporação das funções do participio presente. Atualmente, a forma gerundiva é bastante utilizada e seus usos têm se expandido, principalmente, na modalidade escrita “para dar forma concisa e elegante a toda sorte de orações subordinadas” (SAID ALI, 1920/1975:50). Em português, é muito produtiva em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Nas próximas seções, o gerúndio em construções relativas será abordado, bem como suas funções sintático-semânticos nesse grupo de construções.

5. Orações relativas de gerúndio

Nesta seção, apresentamos algumas características próprias das orações relativas de gerúndio com base nas classificações propostas por alguns autores, como Bechara (2001), Brandão (1933), Campos (1972) e Cunha & Cintra (2001).

A partir das análises das orações relativas de gerúndio encontradas no *corpus*, identificamos que elas compartilham as mesmas funções semânticas e sintáticas das orações relativas desenvolvidas, fazem referência ao sujeito, ao objeto direto, ao objeto indireto, ao adjunto, ao predicativo, ao complemento oblíquo que se encontra na oração matriz, ou ainda a outra oração. Vejamos um dado:

- (8) “...No congresso da SOPCOM que terminou este fim de semana (blog com pormenores aqui) foi muito discutido o futuro do jornalismo, não apenas nas sessões temáticas específicas, mas também noutras sessões, *incluindo as plenárias*. Embora a necessidade de mudança seja já assumida como uma quase inevitabilidade há divergências e, sobretudo, incertezas sobre os caminhos a [...]” (GBR [https://atrium.wordpress.com/?s=excluindo/bbc online vai ter que mudar/ 5/07/04 3:50 PM](https://atrium.wordpress.com/?s=excluindo/bbc+online+vai+ter+que+mudar/5/07/04+3:50+PM))

As orações complexas são representadas por duas estruturas, que correspondem a oração relativa e a oração matriz. Em (8), a oração relativa de gerúndio refere-se ao nome *sessões*, que funciona como um adjunto adverbial da oração matriz anteposta.

A primeira característica encontrada na análise dos dados em relação à forma do gerúndio nas orações relativas está relacionada ao caráter atributivo que essas orações possuem. Em seu estudo sobre as orações relativas de gerúndio, Brandão (1933, p. 66) reconhece o gerúndio adjetivo como atributivo, na medida em que modifica um nome ou pronome, refere-se a pronomes sujeitos ou predicativos dos verbos *ser* e *parecer*, relaciona-se aos complementos de verbos existenciais, acrescenta ao antecedente um modo de ser e uma atividade passageira ou permanente, modifica nome de sentido indefinido ou geral e refere-se a nomes ou pronomes precedidos de *como*, *qual*, *que* ou *do que* nas comparativas.

Vejamos algumas ocorrências em que essa característica atributiva é evidenciada:

(9) O provedor dos leitores do New York Times, Daniel Okrent, publicou ontem um texto onde se questiona sobre as dificuldades (incluindo as de ordem legal) com a gestão de todas as cartas que o jornal recebe. (GBR <https://atrium.wordpress.com/2005/02/21/o-que-acontece-quando-deixamos-todos-os-leitores-ter-voz/>)

(10) ...vejo um clarão, não sei se era um meteoro caindo ou Jesus voltando, quando perguntei de novo o q estava acontecendo, uma voz do nada me falou, é a ira de Deus q vai cair sobre a terra... (GBR <http://www.meus-sonhos.org/sonhos/1378-sonho-com-o-fim-do-mundo>)

Em (9), o gerúndio relativo modifica o nome *dificuldades*, que é o antecedente. Já em (10), a oração relativa de gerúndio refere-se aos predicativos do verbo ser (*meteoro* e *Jesus*), ao mesmo tempo em que atribui uma atividade passageira a esses antecedentes. Vejamos mais dois dados:

(11) Não há mais proletários, ou infelizes ou explorados. Há uma terceira coisa crescendo aí fora, cultivado na lama, se educando no absoluto analfabetismo, se diplomando nas cadeias, como um monstro Alien escondido nas brechas da cidade. Já surgiu uma nova linguagem.(GBR <http://acertodecontas.blog.br/atualidades/entrevista-com-o-lider-do-pcc-marcola/>)

(12) Alguns, achando bárbaro o espetáculo, prefeririam (os delicados) morrer. (GBR http://piauijuridico.blogspot.com.br/2012_11_01_archive.html)

Na ocorrência em (11), percebemos que a oração relativa de gerúndio está relacionada ao complemento do verbo existencial *haver*, tendo como antecedente o grupo nominal *uma terceira coisa*. Em (12) o gerúndio relativo modifica o pronome indefinido *alguns*, acrescentando-lhe um modo de ser.

Contudo, na ocorrência que se segue em (13), observamos que a oração relativa de gerúndio refere-se ao grupo nominal *as crianças de outrora*, o qual vem precedido da conjunção *como*, evidenciando, assim, uma função comparativa. Vejamos:

(13) Por isso, como as crianças de outrora, levando os símbolos da vitória, vencedor da morte, a ti cantamos: "Hosana no mais alto dos céus! Bendito o que vem em nome do Senhor!" (GBR http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/ano_liturgico_1b.htm)

Segundo Brandão (1933, p. 62), o tempo expresso pelo gerúndio atributivo é transitório, atribui a um nome ou pronome uma qualidade, um modo de ser ou uma atividade, “mas apenas dentro de certo período e em determinada situação”.

Além do caráter atributivo das orações relativas de gerúndio, as quais modificam um nome, pronome ou grupo nominal acrescentando um modo de ser e uma atividade passageira, identificamos, assim como Bechara (2001), Cunha & Cintra (2001) e Campos (1972), que essas orações expressam não só uma qualidade transitória, mas também uma atividade duradoura e uma atividade permanente, como podemos reconhecer nas ocorrências que seguem:

- Gerúndio relativo expressando um modo de ser, uma atividade transitória ou uma qualidade:

(14)... Eis eu, ainda uma menina pequena, *brincando com a irmã perto do riacho*... (GBR http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/life_death_p.html)

(15)Resta esse coração *queimando como um círio*
Numa catedral em ruínas, essa tristeza
Diante do cotidiano, ou essa súbita alegria
Ao ouvir na madrugada passos que se perdem sem memória...” (GBR http://piauijuridico.blogspot.com.br/2012_11_01_archive.html)

- Gerúndio relativo expressando uma atividade permanente e outra duradoura:

(16) Notem que a primeira parte da pergunta é um editorial, *promovendo a visão da emissora*. (GBR <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2010/08/serra-entre-amigos-no-jn.html>/ 12 DE AGOSTO DE 2010)

Odetta Campos (1972, p. 48) cita alguns casos de gerúndio que exprimem qualidade permanente e são típicos em nominalizações, por exemplo, casos que seguem títulos ou leis e são muito comuns na linguagem administrativa. Podemos observar na ocorrência abaixo, retirada do *corpus*, que a oração de gerúndio expressa uma qualidade permanente quando se refere ao nome *fita*, a qual tem como título *Red Mist*:

(17) Red Mist é uma fita *contendo um episódio inédito de Bob Esponja Calça Quadrada*. (GBR <https://maringapost.com.br/ahduvido/50-historias-do-lado-negro-dos-icone-pop-parte-1/>)

Campos (1972), em seu trabalho com as adjetivas, nota um aumento a partir do século XIX do uso dos verbos de percepção (ver, olhar, assistir, entre outros), verbos que indicam processos mentais (pensar=imaginar, conceber, lembrar-se, sonhar, entre outros), verbos *ter* e *haver* existenciais, verbos de natureza e de outras modalidades, e atribui tal aumento à sua

função relativizadora. Atentamos para tal fato e percebemos que tais verbos apareceram em grande quantidade nos dados analisados. Vejamos um dado:

(18) Em massa não sei Paulo. Mas que tem muita gente querendo aprender português e muito empresário (não digo multinacionais) *pensando em investir no Brasil*, isso tem. (GBR <http://www.coisaparecida.com/2012/03/brasil-lei-de-imigracao/>)

Na ocorrência em (18), o verbo no gerúndio *pensando* indica um processo mental e tem como antecedente o objeto direto da oração matriz *muito empresário*.

Percebemos em nossas análises que essas modalidades de verbos acima citadas podem expressar tanto uma ação transitória quanto uma permanente, na medida em que se referem ao sujeito, objeto direto/indireto, complemento preposicionado ou predicativo do sujeito da oração matriz.

Ainda, abordando os estudos de Campos (1972) a respeito do gerúndio adjetivo, encontramos casos especiais em construções absolutas, quando o gerúndio tem como antecedente um nome precedido pelas preposições *com* ou *de*, possuindo na maioria das vezes, um valor modal e geralmente causal, como podemos analisar na ocorrência que segue:

(19)...Da última vez foi mais horrível que da anterior, pois eu estava com meu filho que hoje tem dois anos e tinha um lugar cheio de corredores com muitos cachorros *comendo carne e tomando sangue de pessoas mortas*... (GBR <http://www.meus-sonhos.org/sonhos/1378-sonho-com-o-fim-do-mundo>)

Conforme Bechara (2001) e Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2011) admite que só existem orações reduzidas de gerúndio dos tipos ADJETIVAS e ADVERBIAIS. Em relação às adjetivas o autor afirma que:

Somente ocorre com o chamado gerúndio progressivo, o qual, preso a um substantivo, ou pronome, da oração principal (e não a um verbo), expressa uma ação em desenvolvimento, um fato que está se passando momentaneamente com o ser representado por este substantivo ou pronome. (ROCHA LIMA, 2011, p. 340)

A postura adotada por Rocha Lima (2002) difere-se da de Bechara (2001) e de Cunha & Cintra (2001), pois desconsidera os casos em que o gerúndio expressa estado permanente do nome a que se refere.

As orações relativas de gerúndio, assim como as relativas desenvolvidas, também são divididas em dois grupos: as restritivas e apositivas. As do tipo restritiva, segundo Raposo *et al.* (2013, p. 2110), modificam um nome ou grupo nominal que tem como antecedente e o

restringe, ao mesmo tempo que atribuem ao antecedente propriedades que podem indicar uma trajetória em curso ou um estado permanente. Já as apositivas, não favorecem a identificação do antecedente, pois somente acrescentam uma informação nova ou introduzem um comentário em relação ao antecedente. Funcionam como um aposto e possuem um caráter parentético, segundo Emonds (1998).

Em suma, constatamos, a partir das análises, que as orações relativas de gerúndio são bastante produtivas, podendo expressar tanto um modo de ser, uma qualidade, uma atividade transitória ou permanente, bem como evidenciar o caráter atributivo dessas orações ao modificarem um nome ou grupo nominal encontrado na oração matriz.

A seguir, algumas questões sobre a equivalência semântica e alguns casos de sobreposições das relativas de gerúndio serão abordados.

6. A equivalência semântica entre as orações relativas reduzidas de gerúndio e as orações relativas desenvolvidas

No que tange à questão da equivalência entre as orações relativas reduzidas de gerúndio e as orações relativas desenvolvidas, encontramos uma divisão entre alguns estudiosos. Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2001) afirmam que as orações reduzidas são equivalentes às desenvolvidas, e se distinguem destas apenas por não possuírem o verbo num tempo do modo indicativo ou subjuntivo e pela ausência do elemento conector. Por outro lado, Simões (2004) afirma que as orações tanto podem ser expressas por uma subordinada desenvolvida como por uma subordinada reduzida de gerúndio, e aponta, ainda, que essas duas formas estavam em competição no século XIX e ainda persistem no português brasileiro contemporâneo. Vejamos um primeiro dado:

(20) Proibir a boca de urna diminuiu bastante a festa democrática que é uma eleição. É muito gostoso ver todo mundo conversando sobre política. Povo politizado conversa sobre política, e é isso que a gente deveria querer: um povo politizado, que fala sobre política todo santo dia, sabe em quem votou, pode cobrar. (GBR <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2010/08/oferecida-e-aceita-como-mesaria.html/> 27 DE AGOSTO DE 2010)

Na ocorrência em (20), é possível desdobrar a oração reduzida relativa de gerúndio em uma relativa desenvolvida, tendo como nexos subordinativos o pronome relativo *que* (“Proibir a boca de urna diminuiu bastante a festa democrática que é uma eleição. É muito gostoso ver todo mundo que conversa sobre política”). A equivalência foi possível devido à proximidade do

antecedente *todo mundo* com o gerúndio *conversando*, bem como o pronome relativo *que*, que é posicionado logo após o grupo nominal relativizado *todo mundo*. Portanto, não há informação interveniente entre o antecedente e a oração relativa. Mais um dado:

- (21) O uso de iscas envenenadas é outra alternativa de controle da praga. Pode-se usar iscas contendo inseticida fosforado ou carbamato, farelo de sorgo, trigo ou milho, açúcar ou melão e água. (GBR https://www.agrolink.com.br/columnistas/coluna/praga-subestimada_383678.html)

O mesmo acontece em (21). Se a oração de gerúndio for desdobrada em uma desenvolvida, não haverá nenhuma interferência no significado da oração de gerúndio, pois o antecedente *iscas* ficará ao lado do pronome relativo, como podemos verificar a seguir:

- (21a) O uso de iscas envenenadas é outra alternativa de controle da praga. Pode-se usar iscas que contém inseticida fosforado ou carbamato, farelo de sorgo, trigo ou milho açúcar ou melão e água. (GBR https://www.agrolink.com.br/columnistas/coluna/praga-subestimada_383678.html)

Contudo, alguns autores, como Souza Campos (1980) reconhecem que nem sempre é possível substituir uma oração reduzida de gerúndio por uma desenvolvida, mas é possível encontrar orações equivalentes. A ocorrência (22) apresenta-nos um caso em que o desdobramento em uma desenvolvida não ocorre:

- (22) Segundo dados do INEP, o gasto por aluno do governo federal passou de 9 mil reais ao ano em 2001 para 18 mil em 2010, acompanhando a inflação. (GBR http://www.flc.org.br/revista/materias_view6b50.html?id=%7BFBFBE6E-3025-40F1-A74B-B15707E68C67%7D)

Em casos como o da ocorrência (22), não há a possibilidade de desenvolver a oração reduzida de gerúndio, pois haverá perda do significado, modificando a informação. Vejamos:

- (22a) Segundo dados do INEP, o gasto por aluno do governo federal passou de 9 mil reais ao ano em 2001 para 18 mil em 2010, o que acompanhou a inflação. (GBR http://www.flc.org.br/revista/materias_view6b50.html?id=%7BFBFBE6E-3025-40F1-A74B-B15707E68C67%7D)

A oração desenvolvida em (22a) é denominada relativa desenvolvida sem cabeça. Segundo Decat (2001), uma relativa sem cabeça consiste em uma oração em que não se pode identificar o substantivo ou sintagma nominal a que a oração relativa se refere. Construções desse tipo ocorrem, normalmente, no final da sentença. A oração relativa de gerúndio em (22)

retoma todo o sintagma anterior, não sendo possível identificar apenas um nome ou grupo nominal como antecedente, e tem uma função resumidora.

Já em (23), a oração de gerúndio também é reconhecida como uma relativa sem cabeça, porém, com uma função conclusiva:

- (23) Ao mesmo tempo, a necessidade de contenção de gastos do governo Dilma tornou impossível atender às expectativas de aumento salarial dos professores, gerando um clima generalizado de insatisfação revelado pela greve. (GBR http://www.flc.org.br/revista/materias_view6b50.html?id=%7BFBF6E6E-3025-40F1-A74B-B15707E68C67%7D)

A oração reduzida de gerúndio *gerando um clima generalizado de insatisfação revelado pela greve* retoma a porção textual anterior *a necessidade de contenção de gastos do governo Dilma tornou impossível atender às expectativas de aumento salarial dos professores*, completando a construção e dando a toda expressão linguística uma ideia de conclusão.

Uma interpretação para o fato de as orações reduzidas de gerúndio, na modalidade escrita, não apresentarem por vezes a possibilidade de desdobramento em desenvolvidas, deve-se à possibilidade de aquelas orações apresentarem sobreposição de valores semânticos (DIAS; GARCIA REIS, 2004, p.127). No capítulo que segue, um estudo mais aprofundado sobre essa característica das orações relativas de gerúndio é apresentado.

7. Sobreposição de valores semânticos nas orações relativas de gerúndio

Alguns autores, dentre eles, Braga (1996), Garcia Reis (2004) e Simões (2004), afirmam que não é sempre possível estabelecer uma fronteira entre o uso adjetivo e o uso adverbial do gerúndio, devido à ambiguidade semântica existente nessa forma. Uma mesma oração pode estar ligada a um nome, sendo interpretada como uma relativa, ou ligada ao verbo da oração principal, sendo interpretada como uma circunstancial modal, temporal, dentre outras. A este fato, chamamos de sobreposição de valores semânticos.

A tabela a seguir sintetiza os resultados no que se refere ao quantitativo das orações relativas de gerúndio e os casos de sobreposição de valores semânticos encontrados nos dados analisados:

Tabela 1 - Sobreposição de valores semânticos nas orações relativas de gerúndio

Relação semântica	Quantitativo
Relativa de gerúndio	49
Relativa de gerúndio / adição	2
Relativa de gerúndio / modo	2
Relativa de gerúndio / tempo	3
Relativa de gerúndio / consequência	1
Total de ocorrências	57

Fonte: a autora

Vejamos um exemplo de um caso de sobreposição semântica na ocorrência abaixo:

- (24) O ofício de Vigília, começando com a glorificação da Santíssima Trindade, dirige imediatamente seus pensamentos para o Reino de Cristo, pela chamada para chegar junto e adorar Sua Cabeça "o próprio Cristo, nosso Rei e nosso Deus." (GBR http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/invisible_church_pomazansky_p.html)

Em (24), o gerúndio se refere ao grupo nominal *O ofício de Vigília*, sendo interpretado como relativo, e também possui um valor circunstancial de tempo ligando-se ao verbo *dirige* da oração matriz. A relação semântica de tempo está presente da seguinte forma: *O ofício de Vigília, quando começa com a glorificação da Santíssima Trindade, dirige imediatamente seus pensamentos para o Reino de Cristo, pela chamada para chegar junto e adorar Sua Cabeça "o próprio Cristo, nosso Rei e nosso Deus"*. A oração anterior à oração de gerúndio se encontra no tempo presente, portanto, a oração relativa de gerúndio expressa a ideia de estado habitual.

Outra relação semântica sobreposta encontrada nos dados foi a de adição, presente na ocorrência em (25):

- (25) - Sim, sei sim, e saiba que jamais imaginava falarmos dele, hoje aqui! Conheço bem pouco sobre a Eubiose, mas o pouco é Fascinante, e o mais interessante é que A Eubiose tem sua sede em São Lourenço, cidade vizinha da minha terra natal Caxambu e cidade onde cresci Baependi, e que com elas compõem uma Constelação de Cidades Esotéricas somando também Aiuruoca e São Thomé das Letras!... Nada é por acaso...) (GBR <http://versosdefogo.blogspot.com.br/2012/06/entrevista-com-o-astrologo-e-editor.html>)

Na ocorrência acima, a oração de gerúndio *somando também Aiuruoca e São Thomé das Letras* relativiza toda a oração anterior *com elas compõem uma Constelação de Cidades Esotéricas*, e ao mesmo tempo codifica uma relação de adição. Essa ideia de adição é ainda

mais potencializada por conta do verbo “somar” que já traz essa semântica de acréscimo inerente em si.

O desdobramento da oração reduzida de gerúndio em (25) em uma relativa desenvolvida não ficaria claro, mas é possível utilizar como equivalente uma relativa sem cabeça:

(25a) - Sim, sei sim, e saiba que jamais imaginava falarmos dele, hoje aqui! Conheço bem pouco sobre a Eubiose, mas o pouco é Fascinante, e o mais interessante é que A Eubiose tem sua sede em São Lourenço, cidade vizinha da minha terra natal Caxambu e cidade onde cresci Baependi, e que com elas compõem uma Constelação de Cidades Esotéricas, as quais somam também Aiuruoca e São Thomé das Letras!... Nada é por acaso...)

Na ocorrência em (25), também é possível desenvolver a oração de gerúndio em uma aditiva, acrescentado a conjunção *e*, sem prejuízo da informação, vejamos:

(25b) Sim, sei sim, e saiba que jamais imaginava falarmos dele, hoje aqui! Conheço bem pouco sobre a Eubiose, mas o pouco é Fascinante, e o mais interessante é que A Eubiose tem sua sede em São Lourenço, cidade vizinha da minha terra natal Caxambu e cidade onde cresci Baependi, e que com elas compõem uma Constelação de Cidades Esotéricas e somam também Aiuruoca e São Thomé das Letras!... Nada é por acaso...)

Outra relação semântica sobreposta encontrada foi a de consequência, apresentando-se na ocorrência abaixo:

(26)O Titanic aproximava-se cada vez mais de uma trágica posição vertical. As luzes começavam a ficar avermelhadas, a se apagar, a brilhar em seguida rapidamente para então se apagar de uma vez. A chaminé da frente caiu n'água, levantando uma nuvem de fagulhas. As hélices brilhavam lá no alto, na ponta da popa levantada. (<http://50anosdetextos.com.br/1980/como-afundou-o-navio-que-nem-deus-podia-afundar/>)

Em (26), a oração de gerúndio mantém um valor semântico consecutivo com o verbo da oração matriz *caiu*, além de relativizar o grupo nominal *A chaminé da frente*, que funciona como sujeito da oração matriz. É possível o desdobramento da oração reduzida de gerúndio em uma relativa desenvolvida sem prejuízo na informação.

Na modalidade escrita, é comum o caráter ambíguo das orações de gerúndio. Talvez a escolha na seleção dessas cláusulas que tenham sobreposição de valores semânticos esteja relacionada ao duplo sentido que tais orações carregam e à preferência de interpretação pretendida de quem as produz.

8. Considerações finais

Neste trabalho, abordamos características sintáticas e semânticas das orações relativas reduzidas de gerúndio. Analisamos funções expressas pelo gerúndio e pelas relativas de gerúndio. Abordamos também a equivalência entre as relativas de gerúndio e as relativas desenvolvidas, e finalizamos a discussão com uma apresentação das sobreposições semânticas encontradas nessas orações.

Ao abordar as propriedades semânticas das orações relativas de gerúndio, explicitamos as funções expressas por essas e a relação com seu antecedente, atentando, em seguida, para o fato de que uma relativa reduzida de gerúndio nem sempre é equivalente a uma desenvolvida, pois porções de informação entre a oração relativa de gerúndio e o antecedente podem não permitir tal equivalência.

Em relação à sobreposição de valores semânticos, identificamos que há uma predileção por esses tipos de orações na modalidade escrita. Acreditamos que isso aconteça, pois na escrita o leitor pode voltar, reler e reinterpretar a oração quantas vezes preferir. Segundo os pressupostos funcionalistas, a oração relativa é uma forma marcada, e evidenciamos que esse tipo de oração é bastante produtivo no que tange à estilística nos enunciados.

Abstract

This article deals with the investigation of relative gerund clauses in Brazilian Portuguese and verifying the question of the equivalence between relative gerund clauses and relative finite clauses, it also analyzes the cases of overlaying of semantic values presented in this group of clauses. The theoretical support of this paper is the Usage-Based Functional Linguistics approach, which brings theoretical-methodological assumptions of North American Functional Linguistics, by Givón (1995), Bybee (2010), Traugott (2011) and others. As regards the methodological procedures, this research is qualitative: at first, we selected the relative gerund clauses found in the *corpus*, followed by a syntactic-semantic analysis of each clause. 57 data were analyzed. According to the results, the research showed that the relative gerund clauses cannot always be developed in relative finite clauses, due to the ambiguous character of this type of clause. The preference for the gerund clauses use is based on functional motivations, revealing that the choices of forms go beyond syntactic issues.

Keywords: Gerund; Relative Clause; Equivalence; Overlay.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRAGA, Maria Luiza. *Processos de redução: o caso das orações de gerúndio*. In: Gramática do Português falado. Volume VI: Desenvolvimentos. Ingedore G. Villaça Koch (org.). Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

BRANDÃO, Claudio (1933). *O particípio presente e o gerúndio em português*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CAMPOS, Odete A. de Souza (1972). *Gerúndio no português: estudo histórico-descritivo*. São Paulo: FFLCH, USP, tese de doutoramento.

_____. *O gerúndio no Português: estudo histórico-descritivo*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DECAT, M.B.N. *Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao 'desgarramento'*. Scripta (Linguística e Filologia), v.5, n.9, Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem 2001, p. 104-118.

DIAS, Nilza Barrozo e GARCIA REIS, Andreia Rezende. *Orações relativas reduzidas de gerúndio no português do Brasil*. In: Veredas: Revista de Estudos Linguísticos. Conexão de orações. v.08. Juiz de Fora, 2004. p.121-135.

EMONDS, J. E. "Appositive Relatives have no properties" in *Linguistic Inquiry*, 10, 2, 1998, pp. 211-243.

FERRARI, Lilian Vieira. *As construções gerundiais no português contemporâneo: uma abordagem cognitivista*. In: Série Encontros: Descrição do Português: abordagens funcionalistas. Pós- Graduação da UNESP de Araraquara-SP. 1999.

GARCIA REIS, Andreia Rezende. *Orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português*/Andreia Rezende Garcia Reis. – Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2010. xi, 182f.: il.; 31cm. Tese (doutorado) – UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de Pós-graduação em Linguística.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HAIMAN, J. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

HOPPER, P. *Emergent Grammar*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1987.

_____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. V. I. Stanford: Stanfords University Press, 1987.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: J. Haiman & S. Thompson (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

MIRA MATEUS, Maria Helena. *et alii. Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2005). *O processo de redobramento sintático no português medieval*. Campinas: Unicamp, tese de doutorado.

RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

REESE, Susanne (1991). *Gerundial konstruktionen im Spanischen: Ansatz zu einer grammatisch-pragmatischen Beschreibung*. Tübingen: Narr, 1991 (Tübinger Beiträge zur Linguistik; 349).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 42ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

_____. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. In: Alfa, São Paulo, Vol. 60. Iss. 2. (2016): 233-259, 2016.

SAID ALI, M. *Investigações Filológicas*. Com um estudo de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, GRIFO/MEC, (1975 [1920]), pp. 45-52

SIMÕES, José da Silva. *Variação das orações reduzidas de gerúndio e orações desenvolvidas conjuncionais: Sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no português brasileiro*. Salvador: VI Seminário para a história do Português Brasileiro, GT de Mudança gramatical funcionalista, 2004.

_____. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de letras clássicas e vernáculas. 2007.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanism of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.) *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 19-30.

Verbos de movimento transitivos e seus diferentes *Frames*

Transitive verbs of motion and their different frames

Alan Marinho César (UFRN)¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é identificar os enquadres semânticos, ou *frames*, e a configuração argumental dos verbos de movimento transitivos (VMT), examinando a participação do sujeito, do objeto direto OD e do SPrep envolvidos em cada padrão analisado. Com base nessas diferenças, propomos uma rede construcional que hierarquiza a construção que licencia esses verbos. Como fundamentação teórica, adotamos os princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Articulada à Gramática de Construções, a LFCU leva em conta, em suas análises, a manifestação, na língua, da atuação de princípios cognitivos de domínio geral. De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e interacionais. Do ponto de vista metodológico, examinamos dados de fala e/ou escrita produzidos em circunstâncias comunicativas reais. Os resultados da pesquisa nos mostraram que os VMT conceitualizam *frames* que envolvem o esquema imagético origem, trajeto e meta, tais como: trajeto, colocação, transporte, remoção, deslocamento conjunto, afastamento e movimento causado. Essa classificação dos VMT reflete, do ponto de vista semântico, diferenças entre “movimento” e “deslocamento”. Concluimos, portanto, que a relação sintático-semântica entre um VMT e seus argumentos o agrupa em *frames* distintos, o que possibilita a organização desses verbos em uma rede construcional.

Palavras-chave: Verbos de Movimento; Configuração Argumental; *Frames*.

1. Introdução

Em geral, os verbos que trazem a noção de movimento são classificados como intransitivos, seguidos por um Sintagma Preposicional (SPrep) que indica a origem e/ou a meta do movimento. Contudo, a observação do discurso espontâneo mostra que alguns verbos de movimento podem também ser acompanhados por um objeto direto (OD) que codifica o participante afetado pela ação verbal, como *as roupas* em (1):

- ✓ ... as roupas que ela vinha mesmo ... pegou ... **botou** tudo na mala ... bem direitinho...
(Corpus D&G, Fala, p. 243).

Investigamos, neste artigo, os verbos de movimento que se afastam do exemplar intransitivo prototípico, sendo recrutados pela construção transitiva. A partir do exame de seus

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN) – E-mail: alanrasec@hotmail.com

contextos de uso, buscamos revelar diferenças em termos do significado básico desses verbos, e, de forma mais específica para este artigo, os enquadres semânticos, ou *frames*, com base na relação entre o verbo de movimento e seus argumentos.

Seguindo as abordagens da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (FURTADO DA CUNHA et al., 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), uma das questões a que procuramos responder é: os verbos de movimento transitivos (VMT) no Português do Brasil (PB) perfilam *frames* distintos, formando uma rede construcional que revela diferenças de significado quanto ao tipo de movimento que seus participantes executam?

A Linguística Funcional (LF) defende que há uma simbiose entre discurso e gramática, uma vez que esses domínios interagem e se influenciam mutuamente (GIVÓN, 1984; BYBEE, 2010). A gramática é entendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação devido às vicissitudes do discurso. Em consonância com uma abordagem cognitiva, a LF analisa propriedades associadas aos princípios de categorização, de organização conceptual, aos aspectos ligados ao processamento linguístico e à experiência humana.

Em nossa pesquisa, examinamos dados de fala e/ou escrita produzidos em circunstâncias comunicativas reais, a fim de identificar motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas envolvidas no uso de padrões construcionais no nível das proposições. Neste trabalho, os VMT no PB são analisados, principalmente, com base nos seguintes conceitos: *construção* (GOLDBERG, 1995), *frame* (FILLMORE, 1985; GOLDBERG, 1995; TAYLOR, 2002; CROFT; CRUSE, 2004), *estrutura argumental* (DU BOIS, 2003) e *papéis semânticos* (GIVÓN, 1984, 2001).

Os dados para esta pesquisa foram coletados do *Corpus* Discurso & Gramática (FURTADO DA CUNHA, 1998), que consiste de textos escritos e falados, produzidos por alunos distribuídos nas seguintes variáveis sociais: grau de escolaridade, gênero e tipo de escola. Cada informante produziu cinco textos orais e, com base nestes, cinco textos escritos, nas seguintes modalidades: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião e relato de procedimento.

Os informantes foram alunos da oitava série do Ensino Fundamental, do terceiro ano do Ensino Médio e do último ano do Ensino Superior. O material falado consistiu de 136.312 palavras, enquanto a amostra escrita consistiu de 20.300 palavras, num total de 156.612 palavras. Todavia, ressaltamos que estamos examinando uma amostra do PB, um corpus específico que indubitavelmente não corresponde à totalidade da língua.

De um modo direcionado, mostramos neste artigo os enquadres semânticos, doravante *frames*, e a configuração argumental dos verbos de movimento transitivos diretos (VMTD), a partir de nossas pesquisas, examinando a participação do sujeito, do OD e do SPrep envolvidos em cada padrão analisado, considerando as possíveis diferenças de significado quanto ao tipo de movimento desses participantes.

Este artigo está organizado com as seguintes seções: pressupostos teórico-metodológicos, os verbos de movimento e seus diferentes *frames* e, por último, resultados.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

O termo *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU) foi cunhado pelos pesquisadores do Grupo Discurso & Gramática² para designar uma orientação teórica que congrega pressupostos teóricos da Linguística Funcional norte-americana³ e da Linguística Cognitiva⁴. Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14-15), essa corrente parte do princípio de que “há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente”. Assim, compreendemos a gramática como uma estrutura em constante mutação, dada as vicissitudes do discurso.

Por investigarmos fatores associados aos princípios de categorização e aos aspectos ligados ao processamento linguístico de experiência humana, agregamos a nossa análise o viés cognitivista, considerando que a LFCU busca trabalhar com dados de fala e/ou de escrita associados a atos comunicativos reais.

Abordamos, brevemente, neste artigo, duas categorias de análise que fundamentam a nossa proposta de construção de uma rede construcional para os VMT: *estrutura argumental* e *frames*.

Tratamos, inicialmente, da *estrutura argumental*. Oliveira (2006) mostra que esse termo teve origem na filosofia: “era concebida, de acordo com Frege, como um instrumento para a formulação do ‘pensamento puro’, usado precisamente para descrever os significados proposicionais em termos lógicos”. Somente depois, os linguistas adaptaram essa noção a seus objetivos, incorporando-a como fator de organização linguística.

²Edvaldo Balduino Bispo, José Romerito Silva, Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Maura Cezario, Mariangela Rios de Oliveira, entre outros.

³Joan Bybee, Paul Hopper, Sandra Thompson, Talmy Givón, Wallace Chafe, entre outros.

⁴Adele Goldberg, George Lakoff, Ronald Langacker, William Croft, entre outros.

Com base em Dik (1989), Fillmore (1968), Langacker (1987), Payne (1997), entre outros, Furtado da Cunha (2006, p. 119) ressalta que a estrutura argumental “aponta para a ideia de que o léxico de uma língua contém informação sobre as molduras (*frames*) dos verbos, que descrevem quais argumentos são indispensáveis e quais são facultativos”, destacando que estrutura argumental e valência apontam para o mesmo fenômeno.

Os termos “valência” e “estrutura argumental” normalmente se referem ora ao aspecto sintático da relação entre o predicado e seus argumentos, ora à relação semântica entre eles, ora a ambos, salientando o papel dominante do verbo na estruturação gramatical da oração em que ocorre. Desse modo, a estrutura argumental pode focalizar as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto, etc.), assim como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (agente, paciente, etc.).

Para Du Bois (2003), a estrutura argumental organiza as relações que se estabelecem entre os componentes centrais da predicação cuja combinação parte de pelo menos duas dimensões paralelas: gramatical e semântica. Consoante a essa teoria, Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 25), corroboram que o termo argumento “identifica um elemento nominal que mantém relação sintática e/ou semântica com o verbo” e sua seleção pode ser obrigatória, por meio de argumentos nucleares, ou opcional, pelo uso de argumentos oblíquos.

Quanto às relações de ordem pragmática e cognitiva, Furtado da Cunha (2006, p. 117) diz que a estrutura argumental: em termos pragmáticos, diz respeito à transmissão de informação entre falante e ouvinte; em termos cognitivos, define um formato [...] que, uma vez cristalizado, torna-se um recurso disponível a todos os membros da comunidade de fala. Isso mostra que as estruturas argumentais correspondem a modelos oracionais que relatam tipos de experiências, como a de movimento e suas possíveis variações (deslocamento, movimento corporal, entre outros).

Agora, focalizamos a noção de *frame*, como importante fator para o processo de classificação dos tipos de movimento acionados pelos verbos de movimento. O linguista norte-americano Charles J. Fillmore é considerado um dos precursores ao delinear o conceito de *frame*, e com base na sua teoria, autores como Goldberg (1995), Taylor (2002), Croft e Cruse (2004) e Ferrari (2011) apresentaram suas próprias definições de *frame*.

Croft e Cruse (2004, p. 8) afirmam que, “segundo Fillmore, palavras e construções evocam uma compreensão, ou mais especificamente, um *frame*; um ouvinte, ao ouvir um enunciado, recorre a um *frame* para entendê-lo”. Com base nas reflexões de Fillmore (1985), Ferrarri assim o define:

O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência. [...] o significado das palavras é subordinado a *frames*. Assim, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência. (FERRARI, 2011, p. 50)

E para Taylor (2002, p. 203), o termo domínio, empregado no sentido de *frame*, “se refere ao conhecimento necessário para a compreensão das unidades semânticas”. Observe que um item lexical como a palavra *manga*, por exemplo, pode acionar pelo menos dois tipos de domínio: um relacionado à vestimenta e outro a uma espécie de fruta.

Goldberg (1995, p. 25) apresenta como exemplo uma comparação estabelecida por Fillmore (1977) entre as palavras *land* (terra), superfície seca em contraste com o mar, e *ground* (solo), superfície seca em contraste com o ar: duas palavras que podem denotar a mesma coisa no mundo, mas que diferem nos *frames* em que são acionados. Esta comparação mostra que o termo *frame* pode designar idealizações de percepção, experiência, entre outras.

O projeto FRAMENET BERKELEY é um exemplo prático de como funciona uma estrutura baseada em *frames*. Trata-se de um banco de dados apresentado em um endereço eletrônico – abrigado no Instituto Internacional de Ciência da Computação em Berkeley, Califórnia, USA. Seus idealizadores buscam documentar um leque de possibilidades semânticas e sintáticas combinatórias para cada palavra da língua inglesa em cada um de seus sentidos, por meio de um sistema computadorizado (CÉSAR; FURTADO DA CUNHA, 2011).

3. Os verbos de movimento e seus diferentes frames

Com base em percepções que estão relacionadas aos movimentos corporais e à manipulação de objetos, incluindo perspectivas espaciais e temporais, o usuário da língua é capaz de conceitualizar participante(s) que se desloca(m)/movimenta(m) de um ponto a outro. Nessa linha, é possível estabelecer diferentes *frames*, considerando quem ou o quê atua e quem ou o quê se move, de tal modo que quando selecionamos um verbo de movimento, ativamos nossa experiência sobre esses tipos de movimentos, manipulações de objetos, trajetórias, transporte.

Isso só é possível porque somos capazes de reconhecer diferenças de sentido no uso de determinados verbos. No caso específico dos verbos de movimento transitivos, seus diferentes *frames* determinam subclassificações distintas. Com base na classificação da plataforma

FrameNet, apresentamos, a seguir, cinco possíveis tipos desses verbos no PB, com seus respectivos exemplos:

3.1 Trajeto (traversing)

- ✓ ... então nós fomos para a praia ... e a praia é muito bonita... tem muitas pedras ... lá ... umas ondas muito alta ... tem morro ... a gente foi lá pro morro com minha prima ... descemos o morro com uma tauba de morro ... foi muito bom lá (Corpus D&G Natal, Fala, p. 424).

Nesse frame, apenas o sujeito (*nós*) se move de um ponto A para um ponto B, enquanto o referente do OD (*o morro*) não sofre alteração espacial, ou seja, permanece no mesmo lugar. A estrutura argumental desse enquadre não implica a participação de um SPrep, uma vez que o próprio OD representa a área percorrida. *Atravessar, subir, descer* são verbos típicos desse *frame*.

3.2 Colocação (placing)

- (3) Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodela de cebolas finas para ornamentar. (Corpus D&G, Escrita, pag. 69-70).

Nesse caso, apenas os referentes do OD (*óleo; o peixe*) são afetados. O referente do sujeito ($\emptyset = eu$) realiza um movimento com parte do corpo, permanecendo no mesmo ponto. A ação está centrada no manuseio de um objeto que muda de localização. O SPrep (*no fogão*) tem participação obrigatória no *frame* de colocação, já que identifica o local para onde o OD é deslocado (contêiner). Outros verbos típicos desse frame são *colocar* e *botar*.

3.3 Transporte (bringing)

- (4) ... Num dia muito ensolarado a família junto com o velho foram fazer um pique-nic, numa parte que tinha muito verde. Levaram a comida para lá. (Corpus D&G, Escrita, p. 46).

Esse *frame* recruta verbos que expressam o movimento de dois participantes distintos, a exemplo do sujeito (*a família junto com o velho*) e do OD (*a comida*), bem como o caminho por

onde o movimento ocorre (*para lá*). Outros verbos localizados que pertencem a esse enquadre: *carregar e trazer*.

3.4 Remoção (removing)

(5) ... então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma e deixo ele esfriar bem socado ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 60*).

Nesse enquadre, a ação exercida pelo referente do sujeito (*eu*) ocasiona o movimento do OD (*esse arroz*) de um ponto de origem para outro. O ponto de origem é obrigatório nesse frame, a exemplo do SPrep *da panela*. Esse enquadre abrange verbos que contrastam com os verbos de colocação, como *arrancar, remover e tirar*, por apresentar polaridade contrária. Enquanto estes últimos expressam a ideia de colocação do referente OD em um recipiente, os verbos de remoção conceitualizam a retirada do OD.

3.5 Movimento causado (caused-motion)

✓ ... o rapaz pegou as duas né ... mas aí a noiva caiu no meio do caminho ... caiu do carro... eles empurraram a noiva ... ela abriu a porta e empurrou a noiva ... (*Corpus D&G, Fala, pag. 281*).

No dado (6), os referentes dos sujeitos (*eles* e $\emptyset = \textit{ela}$) têm controle sobre o referente do OD (*a noiva*). O que diferencia esse frame do de colocação é a existência de certa resistência do participante ao ser movido de um ponto a outro. As cenas dessa moldura mostram que a entidade representada pelo sujeito pode mover-se ou não, enquanto OD é sempre afetado. Quando ocorre a participação de um SPrep, este é responsável por indicar o trajeto que o sujeito e/ou o OD percorrem. O verbo *puxar* também é característico desse frame.

Evidenciamos que as orações que instanciam os frames de colocação, transporte, remoção e movimento causado são realizações, nos termos de Goldberg (1995), da *construção de movimento causado*. Essa construção tem uma estrutura triargumental, cujo significado básico é X causa Y mover-se para Z, codificado, no PB, como S V OD SPrep.

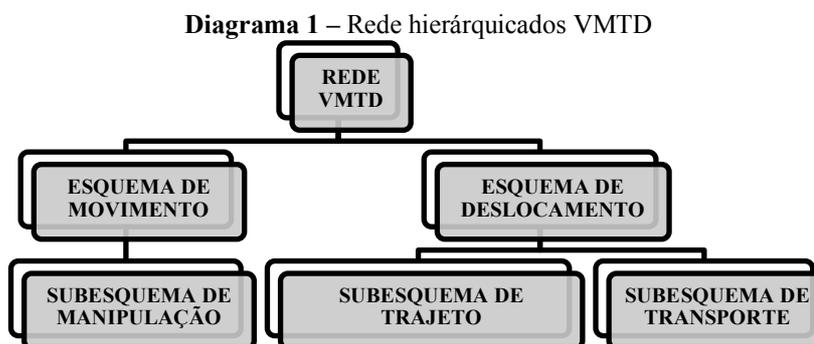
Vale notar que os diferentes tipos de VMT listados no FrameNet foram por nós assimilados e constatamos que eles podem ocupar posições distintas na construção de uma rede hierárquica, fato que mostraremos na próxima seção.

4. Resultados

Como resultado da análise empreendida até o momento, propomos uma rede construcional hierárquica para os VMTD no PB, formulada em termos de esquemas, subesquemas e microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Os VMTD podem ser divididos em dois esquemas: movimento e deslocamento. O primeiro revela apenas o movimento de determinada parte do corpo do participante sujeito, ocasionando obrigatoriamente o afetamento do referente do OD. O segundo expressa o deslocamento do sujeito de um ponto A para um ponto B, ocasionando o afetamento ou não do OD. Ou seja, o que diferencia esses esquemas é o tipo de ação praticada pelo sujeito e o modo como afeta o referente do OD no evento denotado.

O *Diagrama 1*, abaixo, revela a parte inicial da rede hierárquica dos VMTD, considerando que a continuação de sua ramificação pode ser extensa, dada a possibilidade de um grande número de microconstruções.



Fonte: Elaboração própria.

Esse diagrama exhibe a organização em rede dos VMTD, com base nos dois esquemas básicos já mencionados. Os *frames*, aqui apresentados, foram classificados como subesquemas, divididos em três tipos: manipulação, trajeto e transporte. Existem microconstruções para cada um desses subesquemas, como veremos mais a frente.

4.1 Esquema de Movimento

O esquema de movimento se caracteriza pelo movimento de parte do corpo do referente do sujeito, causando mudança de localização do referente do OD. Desse esquema deriva o subesquema de manipulação.

4.1.1 Subesquema de manipulação

Esse subesquema corresponde a um evento em que um ou mais agentes ocasiona afetamento sobre um objeto, ou seja, acarreta mudança de localização desse participante. Localizamos quatro microconstruções que perfilam esse subesquema.

Microconstrução 1: Licencia verbos como *abrir* e *fechar*, implicando uma mudança de ângulo/estado do OD. Exemplo:

- (7) Ela abriu a porta do apartamento na “hora” e na mesma hora fechou, por isso o seu amante com medo que ela contasse pra polícia e testemunhasse contra ele em um processo que ele já tinha nas costas ... (*Corpus D&G*, Escrita, p. 298).

Nesse fragmento, um agente (*ela*) realiza um movimento com parte do corpo que afeta o estado e a angulação do paciente (*a porta*), de fechada para aberta e então fechada de novo. Essa microconstrução não requer o emprego de SPrep locativo, enquanto as três seguintes, microconstruções 2, 3 e 4, são mais complexas por implicarem o sintagma locativo.

Microconstrução 2: Licencia verbos como *colocar*, *botar* e *pôr* que designam um evento em que um agente move um paciente para um recipiente, controlando-o desde o ponto inicial até o final. O dado (8) ilustra essa microconstrução:

- (8) ... pega um ... uma laranja e um limão e espreme ... bota na máquina ... na máquina... deixa até escorrer ... e depois bota no liquidificador ... (*Corpus D&G*, Fala, p. 424).

Neste exemplo, o SPrep locativo (*na máquina*) designa um contêiner. O agente (\emptyset = *você*) coloca o paciente (\emptyset = *uma laranja e um limão*) em um recipiente, movimentando apenas parte de seu corpo.

Microconstrução 3: Licencia verbos como *tirar*, *puxar*, *retirar* e *remover* cujo SPrep indica o local de onde se tira o referente do OD. Esse tipo de microconstrução tem polaridade inversa à anterior, ou seja, enquanto na microconstrução 2 o paciente é colocado num contêiner, na 3, o paciente é retirado de um recipiente. Vejamos:

- (9) Quando eu tiro a pizza do forno enrolo em um plástico tendo o cuidado para não dei-

xar ar, isso se eu quiser guardá-la (*Corpus D&G, Escrita, p. 48*).

O uso do VMTD *tirar*, em (9), conceitualiza a ação de um agente sobre um paciente, que o move de um ponto, codificado por um SPrep com papel semântico de origem (*do forno*).

Microconstrução 4: Licencia verbos como *jogar, empurrar, lançar e chutar* que evocam eventos em que há a clara intenção, por parte do agente, de lançar o referente do OD em determinado lugar, codificado pelo SPrep. Exemplo de uma das ocorrências encontrada no *corpus*:

(10) aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... (*Corpus D&G, Fala, p. 51*).

Nessa amostra, o agente arremessa o referente do OD para que ele atinja um determinado local. O OD *a chave* representa o paciente afetado, impulsionado a um local: *no lixo*.

4.2 Esquema de Deslocamento

O esquema de deslocamento abrange verbos do tipo de ação e de ação-processo. O primeiro se caracteriza por não afetar o referente do OD e corresponde ao subesquema de trajeto. O segundo licencia o subesquema de transporte. Ambas possuem microconstruções, como veremos a seguir.

4.2.1 Subesquema de trajeto

Esse subesquema licencia todos os VMTD de ação por não haver, nesse enquadre, afetamento do referente do OD. Possui duas microconstruções que se diferenciam pelo tipo de papel semântico desempenhado pelo OD.

Microconstrução 1: Licencia verbos como *subir, atravessar, descer e pular* que se encaixam nessa microconstrução porque expressam os casos em que o referente do sujeito se desloca de um lado para outro e o papel semântico do referente do OD é locativo. De um modo geral, o responsável pela ação é um ser animado, intencional, e o OD designa o espaço percorrido por ele, como *a escada* em (11):

(11) ... assim que você termina de subir a escada ...tem a sala onde fica ... onde funciona a tesouraria ... a tesouraria do colégio ... (*Corpus D&G*, Fala, p. 284).

Microconstrução 2: Licencia verbos como *acompanhar*, *seguir* e *perseguir* em que o referente do OD, assim como o referente do sujeito, se move de um lugar a outro, e tem papel semântico de associativo. A exemplo do dado a seguinte:

(12) Batman cai na armadilha e persegue o Pinguim. (*Corpus D&G*, Escrita, p. 299).

Essa microconstrução perfila o deslocamento de ambos os participantes do evento (sujeito e OD) de forma independente um do outro. Nessa oração, o referente do OD, *o Pinguim*, em (12), desempenha o papel de associativo, nos termos de Givón (2001).

4.2.2 Subesquema de transporte

Esse subesquema descreve eventos em que o agente transporta o paciente. Ele se realiza por meio de duas microconstruções: uma com verbos que indicam *para onde* esses participantes se movem e a outra com verbos que indicam *de onde* esses participantes se movem. Nesse sentido, essas microconstruções denotam polaridades inversas quanto ao movimento de ir e vir.

Microconstrução 1: Licencia verbos como *levar*, *deixar* e *carregar* que comunicam para onde o paciente (OD) é carregado pelo agente (sujeito). Exemplo:

(13) ... e quando Batman se distanciasse da cidade ... ele poderia levar todos os pinguins para o centro da cidade ... (*Corpus D&G*, Fala, p. 306).

Observe que o agente (*ele*) transporta o paciente (*todos os pinguins*) de um ponto A para um ponto B. O SPrep tem papel fundamental no *frame* dessa microconstrução, uma vez que ele identifica o local para onde o agente leva o referente do OD, como *para o centro da cidade*.

Microconstrução 2: Licencia verbos como *buscar* e *trazer* que perspectivizam a volta do agente e de onde ele traz o paciente. Dessa forma, o evento consiste no deslocamento do agente, que transporta algo ou alguém de um ponto de origem, como *em casa*, no exemplo seguinte.

(14) ... um príncipe encantado ... **viesse buscar** ela num cavalo branco e com uma espada aí ela disse que **ia buscar** as roupa dela em casa e tudo... (*Corpus D&G*, Fala, p. 244).

Assim, o subesquema de transporte perfila o efeito da ação do agente sobre outro indivíduo ou sobre um objeto, percorrendo, juntos, um caminho que os leva a outro ponto.

Para finalizar, consideramos como um dos principais resultados obtidos pela pesquisa o mapeamento sintático-semântico dos elementos que coocorrem com os VMTD, já que o tipo de movimento realizado pelo sujeito pode sugerir uma formulação inicial de uma rede construcional para esses verbos, pois o modo como o sujeito realiza a ação nos possibilitou formular os esquemas de movimento ou dedeslocamento.

E quanto à análise da estrutura argumental dos VMTD e do acionamento de um dado *frame*, o primeira mostrou que a ordenação sintática prototípica do português – S V O –, acrescida de um SPrep, está presente na maioria das orações investigadas. As diferentes combinações sintático-semânticas desses verbos indicaram distintas possibilidades de agrupá-los, com base nos papéis semânticos de seus argumentos. E a segunda, fator mais evidenciado neste artigo, está relacionado ao conhecimento comum compartilhado entre os usuários da língua, empregado na tarefa de decodificar categorias envolvidas na interação comunicativa, sejam elas linguísticas ou não.

4. Considerações finais

A breve seleção dos cinco *frames* apresentados mostra que eles nos ajudam a entender e interpretar melhor um enunciado, considerando que o acionamento de uma dada moldura está relacionado ao conhecimento compartilhado entre os usuários, bem como à decodificação de categorias envolvidas no jogo comunicativo. No caso dos verbos de movimento, é preciso considerar fatores que identifiquem o tipo de movimento corporal, a maneira de manipulação dos objetos e os percursos sofridos pelas entidades do evento.

Desse modo, análises alinhadas à semântica de *frames* contribuem para compreendermos o processo de organização de categorias específicas, a exemplo dos VMTD, uma vez que recorremos a categorias perceptuais, com o objetivo de traçar semelhanças e distinções que possibilitem combinar argumentos em molduras específicas. No FRAMENET, *traversing*; *placing*; *bringing*; *removing* e *cause-motion* são *frames* que podem confirmar a nossa capacidade de conceitualizar e acionar modos de movimento com a participação de um OD.

Abstract

The objective of this article is to identify the semantic frames and the argumental configuration of the Transitive Verbs of Motion (VMT), examining the participation of the subject, direct object (OD) and prepositional phrase (SPrep) involved in each pattern analyzed. We propose a constructional network that hierarchizes the construction that licenses these verbs. As a theoretical basis, we adopt the principles of *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU). The LFCU is connected to the Construction Grammar and analyzes the manifestation of the actuation of cognitive principles of general domain. According to this view, languages are shaped by the complex interaction of cognitive and interactional principles. From the methodological point of view, we examine speech and/or writing data produced in real communicative circumstances. The results showed that the VMT conceptualize frames that involve the origin, path and goal imaging scheme, such as: path, placement, transport, removal, joint displacement, spacing and movement caused. This classification of VMT reflects differences between "movement" and "displacement". We conclude, therefore, that the syntactic-semantic relationship between a VMT and its arguments groups it into distinct frames, which makes it possible to organize these verbs in a constructional network.

Keywords: Motion Verbs; Argumental Configuration; Frames.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÉSAR, A. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *A configuração argumental dos verbos de movimento*. In: VII Congresso internacional da Abralín, v. 1, p. 1-9, 2011.

CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DU BOIS, J. W. Argument structure. Grammar in use. In: DU BOIS, J. W.; KUMPF, L. E.; ASHBY, W. J. (Eds.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 12-60

FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, p. 222-255, 1985.

FrameNet. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>. Acesso em: 10 abr 2015

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Ed.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____ ; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

_____. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, Nubiácira. A estrutura argumental das construções deverbais em – dor. *Gragoatá*, n. 21, p. 27-42, 2006.

TAYLOR, J. R. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Uma flexão de *aktionsart* nos verbos do latim arcaico

An *aktionsart* inflection in early latin verbs

Luiz Pedro da Silva Barbosa (UFF)¹

Resumo

Esta investigação tem como objeto os sufixos pré-desinenciais dos verbos latinos, tais como o sufixo *-ē*, com valor estativo; o sufixo *-ta*, com valor frequentativo; o sufixo *-sc*, com valor incoativo; e o sufixo *-turi*, com valor inceptivo. A pesquisa aborda uma categoria verbal denominada, por autores como Klein (1976), *Aktionsart* (modo de ser da ação), que contribui com uma temporalidade no transcorrer da ação verbal tendo, nos sufixos pré-desinenciais, sua correspondência morfológica, configurando-se como categoria flexional. Com o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e, especificamente, na gramática de construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e nos estudos do “modo de ser da ação” de Corôa (2005) e Laroca (2014), buscamos dados de uso do Latim Arcaico que apontem para o *Aktionsart* como categoria flexional. O *corpus* é a obra do comediógrafo Plauto (séculos III e II a.C), texto voltado a uma falante com baixo prestígio, repleto de traços de oralidade, que constituía um ambiente favorável à inovação e à mudança. As análises dos dados mostram que os verbos que contêm morfemas pré-desinenciais ainda possuíam composicionalidade. Seu uso está diretamente relacionado ao gênero do *corpus* e há elementos de produtividade, especialmente no uso do sufixo frequentativo.

Palavras-chave: *Aktionsart*; Flexão; Comédia.

1. Introdução

Este trabalho é uma continuidade de estudos que se iniciaram com o mestrado em Estudos da Linguagem na UFF, que versou acerca do papel do sufixo estativo *-ē* na construção da frase latina (BARBOSA, 2016). Os resultados obtidos com essa pesquisa serviram de motivação para que se lhe desse continuidade na presente etapa, no doutorado. Assim, o objeto de pesquisa foi expandido em direção aos demais sufixos pré-desinenciais dos verbos em Latim.

A pesquisa, como um todo, é baseada na assunção de que houve, outrora, uma sétima categoria flexional do verbo latino, muito embora não tão flexional como as demais. Essa categoria teria passado por um processo de gramaticalização que fez com que seus morfemas se fundissem aos respectivos radicais a que se ligavam, perdendo, em quase todos os casos a sua composicionalidade.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – E-mail: lp0lp@hotmail.com

O primeiro item deste trabalho é a descrição do objeto e desta etapa de investigação. Discorreremos acerca dos sufixos pré-desinenciais latinos e do traço semântico a que eles se ligam, a *aktionsart*, ou modo de ser da ação verbal. É válido, ainda, apresentar uma interessante visão sobre o fenômeno, a descrição de alguns gramáticos da própria Antiguidade Clássica, que os classificam como uma categoria flexional, que chamam de forma do verbo. As visões antigas suscitam o debate de como situar os sufixos pré-desinenciais no continuum derivação-flexão. Logo, buscamos, neste trabalho, fatores que apontem para sua que esses seufixos sejam compreendidos com certo grau de flexionalidade e os motivos que levam a tal possibilidade.

Em seguida, expomos os pressupostos teóricos e metodológicos para as análises. Esta pesquisa se filia à corrente da Linguística Funcional centrada no Uso (LFCU). Dentro dessa perspectiva, usamos a gramática de construções de Traugott & Trousdale (2013) para a concepção do objeto de pesquisa. Para a presente fase de análise, os trabalhos que contribuem com a pesquisa são os de Corôa (2005) e Laroca (in ABRAÇADO & KENNEDY 2014), que faz parte de uma retomada de Hopper & Thompson (1980).

Efetuamos, assim, uma análise qualitativa de dados do Latim arcaico. O *corpus* de pesquisa é constituído pela obra do comediógrafo Plauto (*Titus Maccius Plautus*), que viveu entre os séculos III e II a.C., época considerada Período Arcaico da Língua e da Literatura Latina. Seu texto era direcionado a um público amplo e popular na República Romana e é marcado pelos numerosos traços de oralidade, gírias e jogos de palavras, constituindo um ambiente favorável à inovação e à mudança.

Entre as análises, destacamos dois fatores importantes que contribuem com a concepção dos morfemas que estudamos como categoria flexional e certamente o fizeram na época dos gramáticos antigos que apresentamos. Os dados mostram a possibilidade de que se utilizem alguns deles para a criação de novos verbos, o que mostra que ainda possuíam um certo grau de produtividade. Além disso, essa produtividade estava diretamente relacionada a fatores pragmáticos e discursivos que envolvem o texto, notadamente seu gênero e o seu público-alvo.

Finalmente, chegamos à conclusão deste trabalho, com as considerações parciais acerca da pesquisa e perspectivas de etapas de investigação subsequentes.

2. Objeto e trajetória de investigação

O Latim possui uma série de sufixos pré-desinenciais, isto é, colocados entre o tema verbal e as desinências flexionais, que contribuem com a semântica da construção verbal. Essa

série de morfemas é fruto de um desenvolvimento complexo que remonta, na maioria dos casos, à matriz indoeuropeia do Latim. O recorte do objeto para esta etapa se volta aos sufixos considerados mais composicionais (TRAUGOT & TROUSDALE, 2013: 19).

-ē, com valor estativo, aparecendo em verbos como *caleo*, -es, -ere, *calui*² (estar quente);

-sc, com valor incoativo, aparecendo em verbos como *floresco*, -is, -ere, *florui* (florecer);

-ta, com valor frequentativo, aparecendo em verbos como *rogito*, -as, -are, -aui (perguntar com insistência);

-turi, com valor inceptivo ou desiderativo, aparecendo em verbos como *parturio*, -is -ire, -iui (estar prestes a parir),

O sufixo de estado -ē, como dissemos, foi estudado na primeira etapa desta pesquisa. A fim de auferir seu papel na frase latina, submetemos os dados, do mesmo corpus, aos parâmetros de transitividade oracional de Hopper & Thompson (1980). Na ocasião, observou-se que o sufixo estava diretamente ligado à ausência de pontualidade na frase. Este critério diz da ação que ocorre de forma abrupta ou se estende no tempo. O estudo de Laroca (2014) associa o parâmetro de transitividade à categoria do *aktionsart*, ou modo de ser da ação verbal, também chamado por alguns de aspecto lexical.

A definição de *aktionsart*, frequentemente se confunde com a definição do aspecto, propriamente dito, o que leva autores a optarem por tratá-los como um único conceito (KLEIN apud CORÔA, 2005: 65-6). Tratar-se-ia de uma temporalidade não referencial, isto é, um traço temporal que incide apenas sobre o processo expresso pelo verbo, sem fazer referência a um contexto exterior ao processo, como é o tempo verbal. Ao se olhar para o fenômeno em Latim, vê-se que a categoria do aspecto verbal, por motivos majoritariamente históricos, incide sobre a telicidade da ação, ou seja, sobre a sua conclusão ou sobre a sua não conclusão. O que se pode observar acerca da *aktionsart* em Latim é que incide sobre o transcorrer do processo verbal. O aspecto manifesta-se, morfologicamente, pelo radical do verbo, enquanto que a *aktionsart* o faz por meio do sufixo pré-desinencial.

Deste modo, concluiu-se que o sufixo estativo -ē configurava-se como um sufixo de *aktionsart*, fazendo com que o processo verbal obtivesse um caráter estativo. Esse traço

² Os verbos em Latim, na maioria dos dicionários são notados da seguinte forma: P1 do presente ativo do indicativo; P2 do presente ativo do indicativo; infinitivo presente ativo; P1 do pretérito perfeito; alguns dicionários incluem ainda a forma de supino.

semântico temporal distinguia-se do aspecto télico ou atélico manifesto no radical³, ainda que ambas fossem, também por razões históricas, categorias solidárias. O exemplo 1 mostra três verbos estativos diferentes em um dos seus principais contextos de uso, em situações de cumprimentos e despedidas, incluindo uma forma de *perfectum ualuisti*:

(1)

TR. *O Theopropides, ere, salve, saluom te aduenisse gaudeo. usquin ualuisti?* (*Mostellaria*, 447-8)

Tr. Oh Teopropides, senhor, saudações, eu me alegro que você tenha chegado a salvo. Passou bem afinal?

Os estudos efetuados acerca dos verbos estativos em Latim, levaram à expansão do objeto de pesquisa a todos os demais morfemas pré-desinenciais dos verbos, sob a hipótese que também seria sufixos de *aktionsart*. Essa abordagem ganhou a contribuição de alguns gramáticos da própria Antiguidade Clássica, especificamente do período tardio (séculos III e IV d.C.).

Assim, trazemos a contribuição do gramático Dositeu, que escreveu uma gramática bilíngüe (Latim e Grego): “A natureza dos verbos está em quantas formas? 4. Absoluta, como *lego*, meditativa (inceptiva) como *lecturio*, frequentativa, com *lectito*, incoativa, como *feruesco*, *calesco*.” (DOSITHEUS, 1871: 34-5)⁴.

De acordo com sua concepção (semelhante a de outros gramáticos antigos como Donato e Eutíquio; cf. LINDEMANNUS, 1831), os demais sufixos objetos desta etapa de pesquisa não apenas correspondem a uma categoria semântica, como são uma categoria flexional, paralela às demais. Tal categoria seria, portanto, uma flexão de *aktionsart*. A ela os antigos deram o nome de *forma uerbi* (forma do verbo) em Latim ou ῥημάτων τύπος (*rhemáton typos* – tipo de verbo) em Grego.

Suas afirmações, contudo, não são suficientes para que se conclua que o Latim possuía uma sétima categoria flexional para seus verbos. Isso ocorre especialmente porque consideramos que flexão e derivação não formam uma dicotomia, mas se dispõem em um

³ O aspecto verbal é uma categoria flexional no Latim. Os verbos, de modo geral, possuem dois radicais: um chamado *inflectum* que designa todos os tempos atélicos e um chamado *perfectum* que designa todos os tempos télicos (cf. FARIA, 1958: 158)

⁴ *Qualitas uerborum in quot est formis? IIII. Absoluta, ut lego, meditativa, ut lecturio, frequentatiua, ut lectito, incohativa, ut fervesco, calesco.*

Ποιότης ῥημάτων ἐν πόσοις ἐστὶν τύποις; Τέσσαρσιν, ἀπολυτικῇ, οἷον ἀναγιγνώσκω, μελετητικῇ, οἷον ἐπιθυμῶ ἀναγιγνώσκειν, συωχειᾶς σημαντικῇ, οἷον συνεχῶς ἀναγιγνώσκω, ἀρκτικῇ, οἷον ἄρχομαι ζέειν, ἄρχομαι θερμαίνεσθαι.

continuum. Assim, faz-se necessário auferir as características que permitem conceber a flexão de *aktionsart* como uma categoria ao menos com marcas contudentes de flexionalidade.

3. Pressupostos teóricos e metodológicos

As análises atuais mantêm o *corpus* de pesquisa nos textos do comediógrafo Plauto. Do pouco que se sabe sobre sua trajetória, é possível afirmar que alcançou grande sucesso entre o público de baixo prestígio de sua época (como escravos, homens livres pobres e camponeses). Essa constatação se dá, majoritariamente, pela linguagem que usa em seus textos, uma linguagem eminentemente popular (cf. MEILLET, 2004 [1977], p. 176). Constitui uma fonte importante de uma falar que se aproxima em certa medida do vernáculo da época.

Este trabalho estará vinculado ao pensamento da LFCU. Imerso nessa corrente, utiliza-se aqui a perspectiva construcional, especificamente aquela desenvolvida por Traugott & Trousdale (2013). De modo geral, as abordagens construcionais além desta concebem a construção como um pareamento convencional de forma e sentido, e a construção é a unidade básica da língua. As línguas são uma rede de nós e ligações entre esses nós. Outro pressuposto básico é o de que a estrutura da língua é moldada pelo uso e, portanto, a mudança é mudança em uso, pois este instancia e convencionaliza as inovações que emergem na língua. Concretamente, a manifestação de cada construção em amostras reais de uso é chamada de construto.

Aplicando a definição de construção gramatical aos verbos compostos por sufixos pré-desinenciais, esses morfemas fazem parte de um esquema composto por um radical verbal (que exprime o aspecto) e o sufixo, expresso como [radical + Sufixo]. Essa construção equivale ao tema verbal, a partir do qual se dão as demais flexões do verbo latino.

A assunção de uma relação de interdependência entre forma e sentido significa uma relação entre propriedades da função – Semântica, Pragmática e Discurso – e propriedades da forma – Fonologia, Morfologia, Sintaxe. Essa relação é deveras importante para este estudo, uma vez que o fenômeno estudado, de base morfológica, se relaciona frequentemente com propriedades funcionais.

Entre os fatores ligados às construções – esquematicidade, composicionalidade e produtividade – destacamos o último deles. A produtividade ajuda a responder a questão sobre a possibilidade de se criarem novos verbos usando os sufixos pré-desinenciais. Segundo Traugott & Trousdale (2013: 18), é necessário, que a ideia de produtividade esteja em harmonia

com os tipos de frequência. Segundo Bybee (2001), há uma frequência *type*, que diz da ocorrência de diferentes expressões pertencentes a um mesmo padrão, e há uma frequência *token*, que diz da ocorrência de cada unidade em um texto. Assim, chega-se a uma produtividade da construção, referente à frequência *type* e é uma produtividade do construto, referente a uma frequência *token*. Delas, é a primeira que incide sobre a possibilidade de criação de novos verbos com sufixos pré-desinenciais.

Assim, este estudo busca em dados do Latim Arcaico, da comédia de Plauto, exemplos de criações verbais, ou seja, de frequência de construção com sufixos pré-desinenciais, bem como as razões que provocam tais criações. Entre elas, destacamos características do gênero do texto e do público a que se direcionava.

4. Análise de dados

A observação das ocorrências de sufixos pré-desinenciais no texto plautino mostra uma rede complexa de relações que subjaz ao fenômeno propriamente. Cada morfema possui características singulares, de causas diversas, que, nesse recorte contribuem com a sua derivacionalidade.

O segundo excerto é um dos muitos que mostram a força da relação entre o gênero do texto e o fenômeno gramatical. Nele se vê uma concentração de verbos estativos que, precisamente, fazem parte de uma microconstrução de verbos impessoais, geralmente de caráter deôntico ou epistêmico. Esse tipo de construção verbal tem uma presença marcante no texto de comédia antiga, porquanto este, desde suas origens literárias, visava a correção dos maus costumes daquela sociedade. O uso desse tipo de construção é diretamente motivado pelos propósitos discursivos e pragmáticos do texto, que suscitam debates complexos sobre o autor e o gênero.

(2)

VIR. *At, meo si liceat modo, /sapienter potius facias quam stulte./*

SAT. *Lubet.*

VIR. *Lubere per me tibi licere intellego; /uerum lubere hau lubeat, si liceat mihi.*

(*Persa*, 373-6)

VIR. Mas, se for permitido do meu jeito, você agirá mais sabiamente que estupidamente

SAT. É bom!

VIR. Acho que o que é bom para mim é ser permitido a você, na verdade o ser bom nunca é bom se for permitido a mim.

Entre os verbos estativos usados por Plauto, não é possível observar criações plautinas, o que mostra que esse sufixo já não possuía produtividade no Latim Arcaico. Esse cenário não se alterou nas fases seguintes da Língua. Por essa razão, é possível compreender que a impossibilidade de se criarem novos verbos faz com que os gramáticos mencionados acima (cf. p.6) não listem o sufixo de estado *-ē* entre os sufixos da “forma do verbo”.

Enquanto que o excerto 2 era motivado por fatores moralizantes, o terceiro faz parte de um dos principais lugares comuns da comédia: as cenas de correria e pancadaria. O uso de verbos frequentativos se coaduna com a busca por uma expressividade cômica gestual (BERGSON, 2002 [1900]: 20), própria deste *corpus*. Note-se a repetição de elementos que contribuem com uma semântica repetitiva e insistente:

(3)

STR. *Quae te mala crux **agitat**? quid tibi mecum est commerci, senex?*

*quid me **adflictus**? quid me **raptas**? qua me causa verberas?*

EVCL. *Verberabilissime, etiam **rogitas**, non fur, sed trifur?*

(*Aulularia*, 631-3)

STR. Que cruz ruim te move? Que assunto você tem comigo, velho? Por que você me bate? Por que me agarra? Por que me agride?

EUCL. Ah, agredibilíssimo, ainda pergunta, seu não um ladrão, mas um triladrão?

Já o último excerto mostra um fator especialmente importante para esta pesquisa. Os verbos em destaque são criações do autor. É sabido que seu texto constituía um ambiente favorável à inovação, o que pode ser observado nas diversas criações de novas palavras, segundo sua criatividade, para servir a seus propósitos cômicos. Do mesmo modo, um exemplo dessas criações plautinas é o termo *trifur* (triladrão) do excerto 3. No quarto, além de representarem criações plautinas, os verbos frequentativos são usados com os mesmos propósitos de provocar o riso nos espectadores.

(4)

TR. *Quasi invidere mi hoc videre, Grumio, / quia mihi bene est et tibi male est;*

*dignissimumst: decet me amare et te **bubulcitarier**, me **victitare** pulchre, te miseris modis.*

(*Mostellaria*, 53-4)

TR. Você parece ter inveja de mim por esse motivo, Grumião, Porque para mim está bem e para você, mal; bem feito! A mim convém amar e a você, **trabalhar no campo com frequência**, A mim [convém] **viver com frequência** bem, a você, de maneiras miseráveis.

Entre as criações de Plauto com sufixos pré-desinenciais, os frequentativos apresentam grande produtividade frente aos demais. É comum que o autor use o sufixo de frequência *-ta* para criar novos itens lexicais que supram suas finalidades cômicas. Há, portanto, produtividade

nas construções formadas com o sufixo frequentativo. A produtividade é um dos fatores que conta para que compreenda a relação entre o morfema e a *aktionsart* frequentativo como uma categoria flexional, do mesmo modo que os gramáticos antigos o fizeram.

5. Resultados e considerações parciais

As análises desta etapa da pesquisa mostram duas características importantes para a investigação sobre os sufixos pré-desinenciais como membros de uma categoria flexional. A primeira delas é a relação marcante do uso desses morfemas com propósitos discursivos e pragmáticos do texto, relacionado, em especial, ao gênero comédia e ao público-alvo para o qual escreveu o autor Plauto.

A segunda característica é a produtividade observável no uso de sufixos frequentativos. Esse fator mostra que, no recorte temporal do *corpus* de pesquisa (séculos III e II a.C.), ainda era possível criar novos verbos com o sufixo de frequência *-ta*.

O uso de sufixos pré-desinenciais nos verbos em Latim constitui, portanto, uma categoria com muitos traços de flexionalidade, resultado que se aproxima da visão de gramáticos da Antiguidade Tardia (Donato, Dositeu, Eutíquio) de que configurariam uma sétima categoria flexional do verbo latino. A ideia antiga da forma do verbo parece corresponder ao conceito moderno de *aktionsart*. Tem-se, assim, uma verdadeira flexão de *aktionsart* em Latim.

Como perspectiva futura, considera-se oportuna a comparação dos dados da comédia no Latim Arcaico com dados do mesmo gênero no Latim Medieval. Essa comparação poderia auferir a persistência da produtividade e o grau de composicionalidade que havia na construção estudada. Investiga-se também a possibilidade de uma mudança linguística por gramaticalização, em uma etapa derradeira que vai da morfologia ao apagamento da distinção entre o radical e o sufixo.

Vale ressaltar também que investigações diacrônicas (MONTEIL, 1974) mostram a existência pregressa de uma quantidade maior de elementos pré-desinenciais além dos que ora apresentamos. Sobre esses morfemas, é válido questionar se se tratava também de antigos morfemas de *aktionsart*; se houve o mesmo processo de mudança; e quais as diferenças que separam os dois grupos em locais categóricos distintos dentro do *continuum* derivação-flexão.

A pesquisa em andamento parte da assunção de que havia uma categoria flexional de *aktionsart* em Latim, que desapareceu, com a perda total de composicionalidade em quase todos

os seus morfemas. Por meio de um arcabouço teórico moderno da LFCU, aplicado à observação de um fenômeno antigo, esperamos contribuir para os estudos acerca do Latim.

Abstract

This investigation has, as object, predesinential suffixes of Latin verbs, such as the suffix *-ē*, with a stative meaning; the suffix *-ta*, with a frequentative meaning; the suffix *-sc*, with an inchoative meaning; and the suffix *-turi*, with a inceptive meaning. Research looks over a verbal category called by some scholars, as Klein (1976), *Aktionsart* (way of being of the verbal action) which contributes with a temporality feature over the verbal action duration having, on predesinential suffixes, its morphological correspondence, behaving as an inflectional category else. With the contribution of Usage-based Linguistics and, specifically, of Construction Grammar (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) and also of studies of ‘the way of being of verbal action’ by Corôa (2005) and Laroca (2014), we search Early Latin texts data that point to the *Aktionsart* as an inflectional category. The corpus consists on work by ancient comedian Plautus (3rd and 2nd centuries B.C), directed for a low prestige speaker, was full of orality features and shows itself as a favorable environment for innovation and change. Data analysis show that verbs containing predesinential morphemes still had compositionality. Its usage is directly related to corpus’ gender and there are elements of productivity, especially about the frequentative suffix.

Keywords: *Aktionsart*, inflection, Comedy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, J. & KENEDY, E.(orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014. 200 p.
- BARBOSA, L. P. S. *Processos de formação e variedade de uso no sufixo estativo –ē latino*. 2016, 134 f (Dissertação de Mestrado Estudos de Linguagem. Área de concentração: Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 125 p.
- BERGSON, H. *Le rire: Essai sur la signification du comique*. Paris : Éditions Alcan, 2002 [1900]. 87 p.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 252 p.
- BYBEE, J.; HOPPER, P (orgs). *Frequency and the emergency of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. 492 p.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do Português*. São Paulo: Parábola, 2005. 94 p.
- DOSITHÉE. *Grammaire Latine*. Tradução de Guillaume Bonnet. Paris: Les Belles Lettres, 2005. 300 p.
- ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 3ed. Paris: Klincksieck, 2002 [1953]. 256 p.

- _____.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959. 1385 p.
- FARIA, E. *Gramática da língua latina*. 2ed. Brasília: FAE, 1958. 524 p.
- _____. *Dicionário escolar latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003. 1086 p.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language*, Vol. 56, No. 2, p. 251-299, jun. 1980.
- LINDEMANNUS, F. *Corpus Grammaticorum Latinorum Veterum*. Tomus I: Donatum, Probum, Eutyrium, Arusianum Messium, Maximum Victorinum, Asperum, Phocam Continens. Lipsiae: Sumptibus B. G. Teubneri et F. Claudii, 1831. 848 p.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la Langue Latine*. Paris: Klincksieck, 2004 [1977]. 299p.
- MONTEIL, P. *Éléments de Phonétique e Morphologie du Latin*. Paris : Nathan, 1974. 407 p.
- TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 279 p.
- Fontes Primárias:
- PLAUTE. *Comédies*. Tome V: Mostellaria – Persa - Poenulus. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933. 497 p.
- _____. *Comédies*. Tome I: Amphitryon - Asinaria – Aulularia. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933. 416 p.
- PLAUTUS, T. M. *Plautus. Vol I*. With an English translation by Paul Nixon. London: Loeb Classical Library, 1916. 571 p.
- _____. *Plautus. Vol III*. With an English translation by Paul Nixon. London: Loeb Classical Library, 1924. 526 p.

Construções correlativas consecutivas sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso

Correlative consecutive constructions under the perspective of Usage-based
Linguistics

Marianna Correa Siqueira do Nascimento (UFF)¹

Resumo

Esse artigo apresenta os principais resultados obtidos em uma pesquisa a nível de mestrado sobre as construções correlativas consecutivas. Tradicionalmente, essas construções são conhecidas como orações subordinadas adverbiais consecutivas e apresentam a consequência de um fato ocorrido na oração principal, a que estão conectadas. Por esse motivo, seu estudo está relacionado à subordinação adverbial. Coordenação e subordinação são formas de organização do período já previstas por nossa tradição gramatical, no entanto, não são suficientes para explicar as demais formas de articulações sintáticas, como é o fenômeno da *Correlação*. Utilizamos como *corpus* textos da seção Carta ao Leitor, do acervo digital da Revista Veja Online (encontrado no link: www.veja.abril.com.br). Adotamos o termo *construção* por aderirmos à proposta atual de Traugott (2008a), que dialoga com estudos cognitivistas focados na análise de construções. Dessa forma, adotamos como referencial teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso e os estudos em Gramática de Construções. Os principais resultados apontam para elevado grau de prototipicidade, frequência, intersubjetividade e esquematicidade da construção em estudo.

Palavras-chave: Correlação, consequência, linguística, uso.

1. Introdução

O texto que ora apresentamos constitui breve síntese dos resultados obtidos em uma pesquisa mais ampla, desenvolvida em nível de mestrado e vinculada ao projeto que pretende, dentre outros objetivos, investigar o fenômeno da *correlação* em língua portuguesa. O alvo de nossa investigação são as construções correlativas consecutivas, tradicionalmente conhecidas como orações subordinadas adverbiais consecutivas. Adotamos o termo *construção* para nos referirmos ao nosso objeto de análise por aderirmos à proposta atual da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Assumimos, em nossa investigação, que nosso objeto de análise se organiza por meio da *correlação*, fenômeno em que pares correlatos atuam conjuntamente para veicular uma ideia que é construída em dois membros da construção – em nosso caso, em especial, a ideia de consequência, que não pode ser desvinculada da ideia da causa. Para melhor compreensão, apresentamos o dado a seguir, extraído de nosso *corpus*:

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela UFF – E-mail: mariannacsn@hotmail.com

(01) O trabalho jornalístico da equipe da revista mostra que a execução a tiros do prefeito da cidade paulista de Santo André produziu uma comoção **tão** profunda **que** permite acreditar que, por fim, as autoridades vão mesmo se ver forçadas a encarar o desafio do banditismo.
(Revista Veja Online, Carta ao Leitor, p.9, Ed. 1736, 2002)

O dado anterior demonstra que a ideia de consequência é construída através da interdependência de pares correlatos: no primeiro membro da construção, temos a prótase [p] iniciada pelo primeiro correlator *tão* que intensifica o adjetivo *profunda*, criando um clima de suspense e expectativa para a enunciação da proposição seguinte, a apódose [q], iniciada pelo segundo correlator *que*. Por meio da apódose, é possível saber que, por fim, as autoridades vão mesmo se ver forçadas a encarar o desafio do banditismo.

Em (01), observamos a construção correlativa consecutiva em sua configuração prototípica, já prevista pela tradição gramatical. No entanto, há que se comentar sobre configurações não prototípicas, como em (02), que serão retomadas em nossa análise de dados. Observemos:

(02) Em todos esses casos, a motivação permanente da revista foi a busca da verdade. VEJA não tem uma agenda escondida, não escolhe suas reportagens investigativas com base em preferências pessoais, ideológicas ou partidárias. Tampouco tem o poder, ou o desejo de escolher o momento mais adequado de publicá-las. Elas são impressas sempre que se materializam nas mãos dos repórteres e editores **com um grau tal** de irrefutabilidade **que** seria inexplicável mantê-las na gaveta.
(Revista Veja Online, Carta ao Leitor, p. 9, Ed. 1751, 2002)

Em (02), verificamos que a prótase da construção correlativa consecutiva é formada por mais de um elemento, entre eles o primeiro correlator intensificador *tal*, que, precedido pelos elementos *com um grau* aumenta a ideia de grau de irrefutabilidade. Consequentemente, aumenta também o clima de suspense característico da prótase, que prepara o interlocutor para a enunciação da proposição seguinte.

A apódose, por sua vez, é introduzida pelo segundo correlator *que*, que se conecta ao primeiro correlator intensificador *tal* e também a *seria inexplicável mantê-las na gaveta*. Essa relação de interdependência de correladores reflete a relação de interdependência dos membros da construção correlativa consecutiva: o primeiro membro da construção precede e projeta o segundo membro e esse, por sua vez, se conecta ao primeiro pelo simples fato de não ter autonomia sintática para manter a ideia de consequência na construção.

O tema da *correlação* tem estado em evidência nos estudos linguísticos que se propõem a estudar a linguagem do ponto de vista do uso e é um fenômeno intrinsecamente ligado à arte do convencimento e persuasão e, portanto, muito presente em discursos com teor altamente persuasivo e apelativo. Rosário (2012), em sua pesquisa sobre as construções correlativas

aditivas, investigava esse fenômeno do ponto de vista funcional em textos de cunho político, proferidos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ).

Tendo como base a investigação de Rosário (2012), utilizamos como *corpus* para nossa pesquisa textos argumentativos da seção *Carta ao Leitor*, da Revista *Veja Online* (disponível em www.veja.abril.com.br). A escolha desse *corpus* se deu em função de ele apresentar textos de cunho argumentativo e expositivo, em que o autor, ao abordar determinado tema, expressa a sua opinião a fim de convencer o interlocutor de sua ideia.

Ao longo do artigo, discorremos sobre o aporte teórico sobre o qual a investigação está embasada e apresentamos as principais características metodológicas da pesquisa. Apresentamos, também, os principais resultados obtidos ao desenvolver uma pesquisa que investiga as construções correlativas consecutivas à luz de uma perspectiva baseada no uso. A próxima seção apresenta as principais considerações sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Gramática de Construções.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Nesta seção, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos que balizam o estudo sobre as construções correlativas consecutivas. Dessa forma, adiantamos que ela subdivide-se em duas partes: a primeira é responsável por apresentar a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) e as contribuições dos estudos em Gramática de Construções, e a segunda parte apresenta o trajeto percorrido por nossa pesquisa durante os processos de coleta e análise de dados.

2.1 A LFCU e as contribuições dos estudos em Gramática de Construções

A LFCU apresenta um novo olhar sobre os estudos linguísticos de orientação funcionalista, principalmente nos de vertente norte-americana. Essa nova visão está relacionada ao tratamento que é dado ao item linguístico: se no funcionalismo clássico, das décadas de 60 e 70, a atenção dos pesquisadores estava voltada para o estudo de um item linguístico de forma isolada, no funcionalismo contemporâneo, essa visão vai se alargar. Em outras palavras, na LFCU, o item linguístico deixa de ser estudado de forma isolada e passa a ser estudado de forma mais abrangente, mais *holística*, ou seja, estuda-se a *construção*.

De uma maneira geral, pode-se dizer que essa teoria nasceu da união das tradições deixadas por pesquisadores filiados ao funcionalismo clássico e ao cognitivismo, que

consideravam o *uso* linguístico de suma importância para suas pesquisas (cf. CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013, p.13-14). O cotexto e o contexto de uso, além do papel da cognição humana no momento do evento comunicativo foram grandes contribuições dessas vertentes.

De fato, os grandes legados do funcionalismo clássico e do cognitivismo para a LFCU são a relação entre língua e *exterioridade*. Deve-se destacar que isso envolve não somente o cotexto (o que diz respeito ao conteúdo linguístico) e o contexto (situação em que o texto está inserido) de *uso*, mas também o papel da cognição humana e os domínios cognitivos que são ativados durante o evento comunicativo. A abordagem da LFCU é prioritária em nossos estudos por seu forte compromisso com a língua em situações reais de comunicação, ou seja, com a língua em *uso*.

Como observado anteriormente, nos estudos do funcionalismo clássico, das décadas de 60 e 70, privilegiava-se o estudo do item de forma isolada, tendo como foco aspectos funcionais ou a trajetória específica percorrida por esse item, conforme comentam Rosário e Oliveira (2016, p. 235):

Ganham destaque no conjunto das pesquisas funcionalistas os estudos sobre gramaticalização, que se dedicam à detecção de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadores das referidas categorias.

A pesquisa funcionalista dessa época tem sua atenção voltada para o estudo de aspectos preponderantemente mais funcionais de um item, caracterizando-se como “um modelo de análise que resgata e redimensiona a importância do uso linguístico, relacionando-o a propriedades icônicas e destacando estratégias interacionais como motivadoras da gramática”. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 236).

Após breve introdução à LFCU e comentários acerca das contribuições do funcionalismo clássico para essa teoria, é interessante discutir, também, as contribuições de estudos cognitivistas. A Linguística Cognitiva, assim como o funcionalismo clássico, também surgiu nas décadas de 60 e 70 do século passado, e pode ser considerada como dissidente do gerativismo chomskyano por considerar, em suas bases teóricas e empíricas, a importância do uso linguístico e do contexto de produção comunicativa.

Importante contribuição dessa vertente é a compreensão da relação existente entre língua e *exterioridade*: os cognitivistas entendem que a língua está muito relacionada à cognição humana, e que o comportamento linguístico reflete as capacidades cognitivas. Em

outras palavras, o comportamento e a organização de uma língua são calcados em habilidades cognitivas de domínios gerais:

assume-se que as categorias linguísticas são baseadas na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, do mesmo modo que as categorias por meio das quais classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. (CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 14)

Para a LFCU, interessam os estudos cognitivistas voltados para a análise e descrição da *construção* gramatical, tendo destaque as obras de Goldberg (1995, 2006) e Langacker (2008). Esses estudos se dedicam à investigação da língua a partir da aproximação de subpartes (nós) de esquemas maiores e seu nível de vinculação. Ressaltamos que a noção de *construção* e sua importância para os estudos em LFCU serão retomados mais adiante. Apresentamos o seguinte excerto para caracterizar os estudos desenvolvidos nesse âmbito:

A língua, por consequência, define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 239)

O termo *construção* é muito abrangente e pode assumir diversas acepções, a depender da ótica sob a qual é estudado. Em versões mais recentes, o estudo de *construções* surgiu do interesse de pesquisadores cognitivistas pelas idiosincrasias da língua inglesa. Esses estudiosos perceberam que determinadas expressões idiomáticas se estruturavam da mesma forma que as expressões ditas canônicas (prototípicas). Diante do exposto, há a necessidade de definir o termo *construção* e comentar a sua relevância em nosso trabalho.

Segundo Goldberg (1995, p.4):

C é uma construção se e somente se C é um pareamento forma/significado <Fi, Si>, de modo que algum aspecto de Fi, ou algum aspecto de Si, não é estritamente predizível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas.

Traugott (2008a) refina a visão de *construção* proposta por Goldberg (1995):

construção é uma unidade básica da língua, com forma e sentido que não são capazes de serem alcançados/entendidos apenas pelos elementos individuais que a instanciam, portanto, qualquer item linguístico pode ser considerado uma construção. (TRAUGOTT, 2008a).

Em nossa pesquisa, adotamos o termo *construção* por aderirmos à proposta atual da linguística funcional contemporânea, que tem dialogado com estudos cognitivistas no âmbito da Gramática de Construções. Em outras palavras, nos referimos às orações subordinadas

adverbiais consecutivas como construções correlativas consecutivas, por acreditarmos que elas constituem um esquema (virtual e/ou abstrato) que veicula o valor de consequência em nosso repertório e conhecimento linguístico e por estar estruturada a partir de termos correlativos. Cada um desses termos é um membro da *construção*, imprimindo a ela um caráter de interdependência e indissolubilidade. Assim, por estar organizada em pares correlatos, nossa *construção* não pode se dissolver, cada membro dela não subsiste sem o outro, não podem ser suprimidos, pois, se assim o fossem, não seria possível uma leitura com o valor de consequência.

Finalmente, comentamos que há, de fato, na LFCU, um realinhamento no que tange ao objeto de estudo. Reiteramos que o estudo de um item de forma isolada cede lugar ao estudo da *construção*. Isso não significa dizer que o item linguístico vai deixar de ser estudado, mas que vai ser analisado em sua relação com outros elementos linguísticos que o circundam.

Feitas essas considerações, passemos à discussão sobre os aspectos metodológicos que caracterizam nosso trabalho.

2.2 Aspectos metodológicos da pesquisa

Nesta parte, revisamos os aspectos metodológicos da pesquisa. Aqui, demonstramos os caminhos por ela percorridos desde a sua fase inicial (texto-piloto) até sua fase final. Por fim, tecemos comentários sobre o que levamos em consideração para a escolha do *corpus*.

Inicialmente, para o texto-piloto, utilizamos como *corpora* textos do gênero discursivo *Carta ao Leitor*, da seção de mesmo nome, da Revista *Veja Online* (disponíveis em www.veja.abril.com.br), publicados nos períodos de janeiro a dezembro de 2002, janeiro a agosto de 2014 e de janeiro a março de 2015. Além disso, também foram analisados *narrativas pessoais*, *narrativas recontadas*, *descrição de local*, *relato de procedimento* e *relato de opinião* do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (doravante D&G), publicados em 1993. A seguinte tabela resume a caracterização dos *corpora* utilizados no trabalho em fase inicial.

Tabela 1 – Caracterização de *corpora* e quantificação de dados em fase inicial

<i>Corpus</i>	Seção	Ocorrências
Revista <i>Veja Online</i>	Carta ao Leitor	4
Discurso e Gramática – D&G	Narrativa pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião	10
Total		14

Fonte: a autora

Notamos a baixa ocorrência da construção em estudo no *corpus* da Revista *Veja Online*, contabilizando apenas quatro (04) ocorrências da construção correlativa consecutiva. Diante disso, consultamos, também, o *corpus* do grupo de estudos D&G, como forma de ampliar o número de ocorrências e verificar as características dessa construção, ou seja, observar quais ambientes de uso propiciavam a sua ocorrência. Nesse *corpus*, encontramos dez (10) ocorrências da construção em estudo.

Em fase inicial, observamos, também, que existiam dois (2) padrões construcionais (ou subfamílias) para a construção-alvo de estudo, e isso permitiu-nos distribuí-las entre esses dois padrões construcionais chamados, primariamente, de **Padrão 1** e **Padrão 2**. A tabela a seguir demonstra essa distribuição, observemos:

Tabela 2 - Quantificação de microconstruções por padrão em fase inicial

Microconstrução	Padrão 1	Padrão 2	Total
‘tão X que Y’	10		10
‘tamanho X que Y’	1		1
‘a ponto de Y’		1	1
‘com um grau tal X que Y’		1	1
‘de tal forma X que Y’		1	1
Total	11	3	14

Fonte: a autora

A primeira coluna apresenta as microconstruções que foram inicialmente encontradas em nossa coleta de dados. A segunda coluna representa o **Padrão 1**, a terceira o **Padrão 2**, e a quarta o número de ocorrências de cada microconstrução.

Feitas as devidas considerações a respeito da metodologia utilizada em fase inicial de pesquisa, passemos à caracterização de aspectos metodológicos da pesquisa em sua fase final.

Rosário (2012), em sua investigação sobre as construções correlativas aditivas sob perspectiva funcional, nos orienta para a força argumentativa da *correlação*. O autor cita que a correlação é um fenômeno muito presente no discurso formal e que está relacionado à arte do convencimento, da persuasão. Para isso, elegeu como *corpus* de sua pesquisa textos de cunho político, proferidos na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Sabe-se que o discurso político envolve muita argumentação e tentativa de convencer o interlocutor de sua ideia, o que o torna campo propício para o fenômeno da *correlação*. A esse respeito, observemos o que nos diz Rosário (2012, p. 120):

A correlação (...) apresenta-se mormente no discurso formal, como uma importante estratégia retórica direcionada à arte do convencimento. Os contextos linguísticos em

que a correlação se apresenta com mais intensidade referem-se justamente a sequências argumentativas e expositivas.

Com base nas contribuições de Rosário (2012) sobre o fenômeno da *correlação* e sua estreita relação com textos de cunho argumentativo e expositivo, elegemos como *corpus* o acervo digital da Revista *Veja Online* (encontrado no link www.veja.abril.com.br) para nossa investigação sobre as construções correlativas consecutivas. O gênero utilizado para a investigação foi *Carta ao Leitor*, da seção de mesmo nome. A escolha por esse gênero se deu por acreditarmos que ele dispõe de muitas sequências argumentativas e expositivas, visto que é um texto em que o autor compartilha a sua opinião com o interlocutor, a fim de convencê-lo de sua ideia ou de ao menos fazê-lo refletir sobre ela.

O acervo digital desse periódico semanal disponibiliza edições desde o ano de 1968 até a data atual e contempla diversos gêneros textuais, como, por exemplo, carta ao leitor, propagandas, entrevistas, páginas amarelas, artigos de opinião, dentre outros. Analisamos 826 edições da revista, publicadas entre janeiro de 2001 a dezembro de 2016. A coleta e análise de dados ocorreu no segundo semestre de 2016 e, naturalmente, ampliou não somente o número inicial de ocorrências de nossa construção como também o número de padrões microconstrucionais e construcionais (subfamílias). Encontramos sessenta e três (63) ocorrências da construção correlativa consecutiva, organizadas a partir de doze (12) padrões microconstrucionais, que estão alocados em quatro (04) padrões construcionais. O quadro a seguir apresenta as características do *corpus* em fase final de pesquisa:

Quadro 1 – Informações sobre o *corpus* de pesquisa em fase final

<i>Corpus</i>	Gênero textual	Número de edições	Período de publicação	Período de coleta e análise
Revista Veja Online	Carta ao Leitor	826	Janeiro de 2001 a dezembro de 2016	Segundo semestre de 2016

Fonte: a autora

Expusemos, ao longo da seção, os aspectos teórico-metodológicos utilizados em nossa investigação. Na primeira parte, comentamos as características da LFCU e as contribuições de estudos cognitivistas em Gramática de Construções. Para tanto, remontamos ao funcionalismo clássico e ao cognitivismo, pois essas duas vertentes da linguística em muito contribuíram com a LFCU, em termos teóricos e empíricos. Na seção seguinte, apontamos os principais resultados obtidos em nossa pesquisa.

3. Resultados

Apresentamos, nesta seção, os principais resultados de nossa pesquisa. Primeiramente, comentamos o número total de ocorrências da construção correlativa consecutiva e os padrões microconstrucionais e construcionais em que ela está organizada. Posteriormente, analisamos dados extraídos de nosso *corpus* para dar maior clareza e consistência ao assunto.

3. 1 Resultados principais

Conforme observado na seção de *Pressupostos teórico-metodológicos*, verificamos a ocorrência de sessenta e três (63) construções correlativas consecutivas em 826 edições da Revista *Veja Online*. A observação desses dados evidenciou a existência de doze (12) padrões microconstrucionais para a construção em estudo, e uma análise mais criteriosa permitiu-nos postular a existência de quatro (04) padrões construcionais (subfamílias) para a construção. A seguir, apresentamos uma tabela que demonstra o percentual por *type* de nosso objeto de análise.

Tabela 3 – Percentual por *type*²

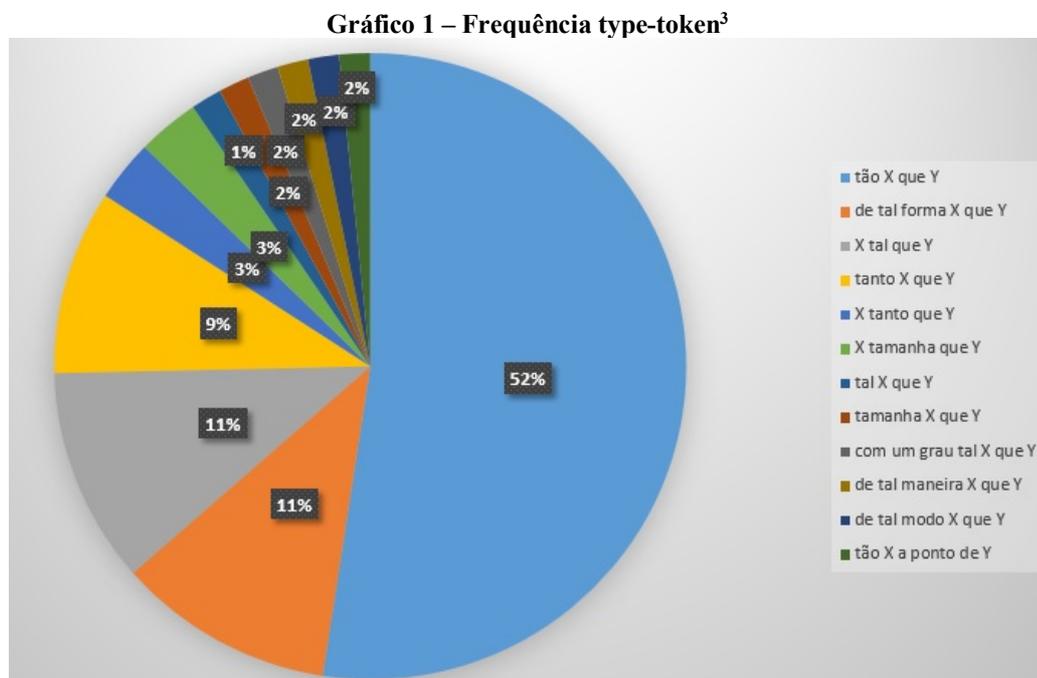
Types	Tokens	Percentual
<i>tão X que Y</i>	33	52,38%
<i>de tal forma X que Y</i>	7	11,11%
<i>X tal que Y</i>	7	11,11%
<i>tanto X que Y</i>	6	9,52%
<i>X tanto que Y</i>	2	3,17%
<i>X tamanha que Y</i>	2	3,17%
<i>tal X que Y</i>	1	1,58%
<i>tamanha X que Y</i>	1	1,58%
<i>com um grau tal X que Y</i>	1	1,58%
<i>de tal maneira X que Y</i>	1	1,58%
<i>de tal modo X que Y</i>	1	1,58%
<i>tão X a ponto de Y</i>	1	1,58%
Total	63	100%

Fonte: a autora

A tabela 3 está organizada da seguinte maneira: na primeira coluna, temos os *types* (microconstruções) atestados, que totalizam doze (12). A segunda coluna diz respeito à frequência *token* (a quantidade de vezes que a microconstrução ocorreu em nosso *corpus*), e a terceira coluna representa o percentual de cada *type* no total de ocorrências encontradas.

² Apesar de apontarmos um somatório de 100% nas tabelas referentes à totalidade dos dados, nem sempre esse dado é exato, visto que a porcentagem referente a cada linha da tabela representa, muitas vezes, dízimas periódicas que são simplificadas com índices que levam em conta apenas os centésimos. O mesmo se aplica a todas as tabelas e gráficos desse trabalho.

A título de compreensão, destacamos o gráfico a seguir. Cada *fatia* desse gráfico representa o percentual de cada *type*:



Fonte: a autora

Reproduzimos, também, uma tabela que indica o percentual de frequência para cada padrão postulado para a construção correlativa consecutiva. Destacamos que o **Padrão 1** é o mais frequente e mais prototípico, representando o total de 65.07% do total do número de dados. O **Padrão 2** representa 15.87% do total do número de dados e tem a intersubjetivação, argumentação e elaboração como características particulares. O **Padrão 3** é o segundo padrão mais frequente, com 17.46% do total do número de dados, no entanto, não é tão prototípico quanto os padrões 1 e 2. Finalmente, o **Padrão 4** corresponde a um percentual baixo em nosso *corpus* – 1,58% do total de dados – e isso está relacionado à sua baixa frequência e prototipicidade. Observemos essas informações na tabela a seguir, que também demonstra como se organiza cada padrão:

³ Destacamos que o gráfico 1, por ser elaborado em programa de computador, não considera as demais casas decimais do percentual de cada type. O número acima de 50 nas duas casas decimais é arredondado para o primeiro número superior. O número abaixo de 50 nas duas casas decimais é arredondado para o primeiro número anterior.

Tabela 4 – Configuração dos padrões para a construção correlativa consecutiva e respectivos percentuais.

Padrões construcionais	Prótase [P]	Apódose [Q]	Total por padrão
Padrão 1	Primeiro correlator intensificador + X	Segundo correlator 'que' + Y	41 – 65,07%
Padrão 2	Preposição + Primeiro correlator intensificador + [Nome/Ø] + X	Segundo correlator 'que' + Y	10 – 15,87%
Padrão 3	X + Primeiro correlator intensificador	Segundo correlator 'que' + Y	11 – 17,46%
Padrão 4	Primeiro correlator intensificador + X	Segundo correlator não prototípico 'a ponto de' + Y	1 – 1,58%
Total			63 – 100%

Fonte: a autora

Destacamos um gráfico que representa o quantitativo de dados da tabela 4:

Gráfico 2 – Percentual de cada padrão



Fonte: a autora

O gráfico anterior representa o percentual de cada padrão para a construção correlativa consecutiva. É interessante observar que a cor azul, que corresponde ao Padrão 1, ocupa mais

da metade do gráfico, representando 65% do total de dados. Isso tem a ver com a prototipicidade e frequência desse padrão em nosso *corpus*. No que diz respeito aos demais padrões, há bem menos ocorrências. A seguir, comentamos os resultados específicos com base em dados extraídos de nosso *corpus*.

3.2 Resultados específicos

Os resultados específicos de nossa pesquisa apontam para um elevado grau de prototipicidade, frequência e (inter)subjatividade das construções correlativas consecutivas. No caso do Padrão 1, destacamos o dado (01), que demonstra seu elevado grau de prototipicidade e frequência, visto que representa mais da metade de ocorrências de nosso *corpus*.

O Padrão 2, por sua vez, apresenta elevado grau de esquematicidade, por recrutar complexos itens gramaticais para a sua configuração, como é o caso do dado (02), observado na introdução desse texto.

No que tange ao Padrão 3, observamos que ele apresentou maior percentual de frequência em relação ao Padrão 2. Apesar disso, podemos considerá-lo como menos prototípico. Observemos o dado a seguir e comentemos:

(03) Houve um tempo em que a vontade popular valia muito pouco, quase nada. Durante a República Velha, a manipulação dos políticos era **tamanha que** apenas 3% dos que poderiam votar eram chamados a colocar o voto na urna.

(Revista Veja Online, Carta ao Leitor, p.9, Ed. 1755, 2002)

A prótase é formada pelo primeiro correlator intensificador ‘*tamanha*’ antecedido do SN *a manipulação dos políticos (X)*, seguida, imediatamente da apódose, introduzida pelo segundo correlator ‘*que*’ + Y. Concluímos que o primeiro correlator intensificador ‘*tamanha*’, além de atribuir característica de ‘*grandeza*’ ou ‘*magnitude*’ ao SN ‘*A manipulação dos políticos*’, tem caráter anafórico. É interessante observar também o papel de modificador do correlator *tamanha*: esse correlator não especifica o grau ou em qual nível estava *a manipulação dos políticos*, mas apenas a modifica e a enfatiza. Sua não prototipicidade está relacionada também ao fato de não existir material interveniente entre os correlatores, como é o caso dos outros padrões.

Finalmente, comentamos sobre o Padrão 4, que revelou baixa frequência em nosso *corpus* (1.58%). Observemos:

(04) Será uma luta voto a voto. Eles têm sete semanas, com três programas semanais, exibidos duas vezes por dia, para atingir suas metas. Essa circunstância, sozinha, garante que haverá ênfase, empenho e malabarismo digitais e retórica de sobra.

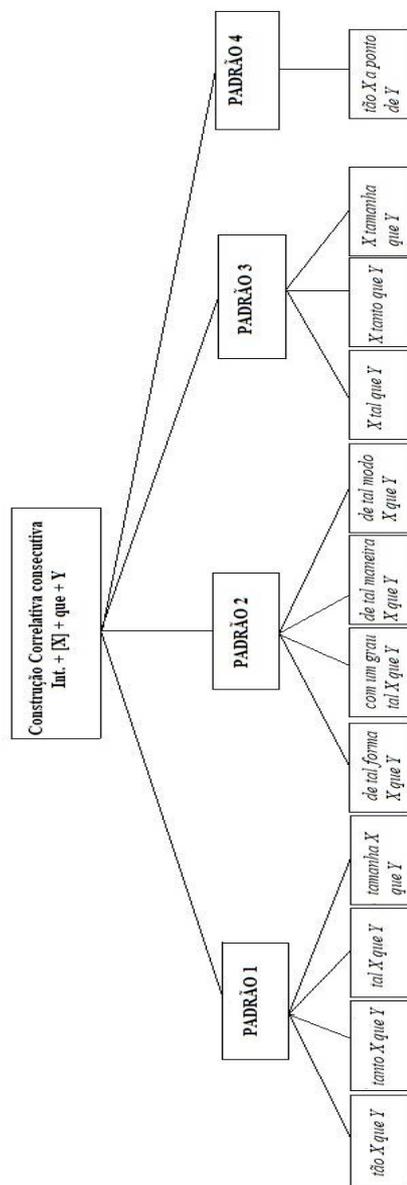
Para o eleitor, há o risco grande de que os marqueteiros apliquem doses industriais **tão** fortes de seus truques **a ponto de** programas e as inserções durante a programação normal das emissoras se tornarem meras disputas artificiais em que o rótulo vale mais que o conteúdo.

(Revista Veja Online, Carta ao Leitor, p. 14, Ed. 2178, 2010)

A construção correlativa consecutiva em (04) é formada por duas partes: a primeira parte é composta pelo primeiro correlator ‘*tão*’, intensificando o conteúdo de base nominal ‘fortes de seus truques’, formando o que chamamos de prótase - ‘*tão fortes de seus truques* -, e a segunda parte é formada pela preposição ‘a’, o nome ‘ponto’ e a preposição ‘de’ (conteúdos gramaticais), que formam o correlator ‘*a ponto de*’. ‘*A ponto de*’ + *Y* constitui a apódose. Destaca-se, aqui, a não prototipicidade do segundo correlator *a ponto de*, comparado ao característico correlator *que*.

A rede a seguir demonstra a organização dos padrões construcionais e microconstrucionais para o esquema da construção correlativa consecutiva e, após essa figura, encontramos a seção de referências bibliográficas.

Figura 1 – Hierarquia construcional da construção correlativa consecutiva



Fonte: a autora

4. Considerações finais

Nesta seção, procedemos às apreciações finais de nosso trabalho. Na parte introdutória, comentamos, de forma breve, as principais características de nossa pesquisa: é um artigo que se debruça sobre os principais resultados obtidos em uma pesquisa maior, desenvolvida a nível de mestrado, sobre as construções correlativas consecutivas. Essas construções são tradicionalmente conhecidas como orações subordinadas adverbiais consecutivas e seu estudo fica circunscrito ao campo da subordinação adverbial. No entanto, consideramos que

coordenação e subordinação, formas de organização do período, não são suficientes para explicar diversas maneiras de articulação sintática, como é o caso da *correlação*. A esse respeito, evocamos Rosário (2012) que, com seu trabalho sobre as construções correlativas aditivas, iluminou nossa investigação sobre a correlação consecutiva.

Ainda na parte introdutória, apresentamos dois dados que exemplificam a construção em estudo: os exemplos (01) e (02). A respeito do exemplo (01), comentamos que é a forma mais prototípica da construção correlativa consecutiva, não só por ter ocorrido com maior frequência em nosso *corpus*, como também por ser prevista pela tradição gramatical.

No que tange ao exemplo (02), comentamos que é uma forma menos prototípica de se veicular a correlação consecutiva, pois recorre-se ao recrutamento de diversos itens linguísticos como preposição, artigo e nome para veiculá-lo. Verificamos, também, que a interdependência entre os correladores em ambos exemplos é bastante discutida, sendo, portanto, argumento para defender a existência da correlação consecutiva. Em ambos os casos, temos o primeiro correlator intensificador intensificando um elemento de base nominal *X* e, criando um clima de suspense e preparando o interlocutor para a proposição seguinte, introduzida pelo segundo correlator ‘que’ + *y*. A relação de interdependência entre os correladores é refletida na relação prótase-apódose.

Na seção 2, comentamos os pressupostos teórico-metodológicos de nossa pesquisa. Na primeira parte dessa seção, voltamos nossa atenção às características da LFCU, comentando, oportunamente, as características da linguística funcional norte-americana (das décadas de 60 e 70) e da linguística cognitiva (também das décadas de 60 e 70) e tecemos observações sobre estudos em Gramática de Construções. Na segunda parte, apresentamos os caminhos por nós percorridos desde o texto-piloto até a pesquisa em fase final.

Na seção 3, apresentamos os resultados de nosso trabalho. Na seção 3.1, apresentamos os principais resultados, em que demonstramos, através de tabelas e gráficos, o número total de ocorrências da construção em estudo (63), o percentual de frequência *type* (cf. tabela 3) e como se configuram os padrões por nós atestados (são 4) e o total percentual a que correspondem (cf. tabela 4). Apresentamos, ainda, os exemplos (03) e (04) para falarmos sobre os padrões 3 e 4, respectivamente, sobre os quais não havíamos comentado na parte introdutória do artigo.

De forma geral, consideramos que a construção correlativa consecutiva apresenta alto grau de esquematicidade, visto recrutar diversos e complexos itens linguísticos para sua configuração, como é o caso de construções que pertencem aos padrões 2 e 4. Outro ponto que destacamos é o baixo grau de composicionalidade da construção, haja vista que conseguimos

identificar suas partes componentes, como, por exemplo, os correlatores e a natureza dos nomes que eles intensificam ou que se ligam.

Finalmente, observamos que a construção alvo de estudo destaca-se, também, pelo fator frequência, haja vista que, dentre 826 edições da revista *Veja Online* analisadas, verificamos 63 ocorrências da construção. De forma mais detalhada, verificamos que o Padrão 1 atestado para a correlação consecutiva é o mais frequente, totalizando mais da metade do percentual de dados – 65.07% precisamente. O Padrão 2 corresponde a 15.87% do total de dados e se assemelha ao Padrão 1 no que tange à sua forma de configuração (o fator da interdependência entre correlatores e o primeiro correlator intensificador na prótase estar intensificando um elemento de base nominal). O Padrão 3 representa 17.46% do total de dados e isso significa que é o segundo Padrão mais frequente. Acreditamos que isso se justifica pelo número de tokens encontrados para esse padrão, maior que o encontrado para o Padrão 2. E finalmente, o Padrão 4, que corresponde a 1,58% do total de dados, sendo o menos frequente, haja vista ter apresentado somente uma ocorrência.

Feitas essas considerações, salientamos que não pretendemos esgotar a discussão sobre a correlação consecutiva, senão servir como aporte teórico para pesquisas futuras que melhor estudarão esse fenômeno. A seção a seguir contempla as referências bibliográficas por nós utilizadas.

Abstract

This article presents the main results obtained in a research developed at a master's level about the correlative consecutive constructions. Traditionally, these constructions are known as consecutive adverbial subordinated sentence and presents the consequence of a fact that happened in the main sentence, wich its connected to. Because of this, its studies are related to adverbial subordination. Coordination and subordination are forms already foreseen in our gramatical tradition to articulate sentence, however, this forms aren't enough to explain all the ways to articulate sentences, as the *Correlation* phenomenon. In our reasearch, we used as *corpus* texts from Letters to Readers section, in *Veja Magazine Online* (founded <https://www.veja.abril.com.br>). We adopted the term *construction* for joining the current proposal of Traugott (2008a), which dialogues with cognitive studies focused on constructions analysis. In this way, we adopted as theoretical support the Usage-based Linguistics and the studies of Construcion Grammar. The main results point for a high degree in its prototypes, frequency, intersubjectivity and schemas

Keywords: Correlation, consequence, linguistics, usage.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Jovana Maurício. *Análise funcional das construções correlatas alternativas*. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Editoras Nova Fronteira e Lucerna, 2009, 574 p.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackweel, 2003, p. 624-647

CASTILHO, Ataliba T. de. A sentença complexa e sua tipologia. IN: _____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014, Cap. 9, p.390.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E.B.; SILVA, J. R.. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos básicos e categorias analíticas. IN: CEZARIO, M. M. & CUNHA, M. A. F. da (orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. 1ª ed Rio de Janeiro, Editoras: MAUAD x FAPERJ, 2013, Cap.2, p. 13-39

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective*, New York: Oxford University Press, 2001. 407 p.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Lexikon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 762 p.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*, Chicago: The University of Chicago Press, 1995, 265 p.

LANGACKER, Ronald W. *Complex Sentences*. In: *Cognitive Grammar – a basic introduction*. Oxford University Press. 2008, 562 p.

OITICICA, José. *Teoria da correlação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952, 54 p.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, 655 p.

RODRIGUES, V. V. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* 2001. 173 f. Tese (Doutorado em língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____, Violeta Virginia. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. Cap. 3, p.225-235

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012, 250 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, Niterói.

_____, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática*. Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto), São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, ago. 2016.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística*. **Revista Linguística**, [S.l.], p. 139-151, dez. 2016.

A multifuncionalidade do *enfim*

The multifunctionality of the *at long last*

Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo (UFF)¹

Resumo

A proposta deste trabalho consiste em um estudo do *enfim*. Objetivamos observar os contextos linguísticos para os quais o item é recrutado e os valores semânticos e sintáticos que essa partícula pode assumir. A pesquisa é orientada pela Linguística Funcional Centrada no Uso, uma vez que nosso objetivo é descrever e sistematizar os usos funcionais do *enfim* em contextos reais. Ao revisar algumas gramáticas tradicionais e dicionários, verificamos que o *enfim* – ou seus equivalentes *finalmente* e *por fim* – é, basicamente, referido como advérbio de tempo (HOUAISS, 2009). Outros autores, porém, abordam o *enfim* com valor semântico resumitivo ou conclusivo (caso em que atua como operador argumentativo) ou, ainda, como marcador discursivo, quando é possível observar opacidade semântica e atuação no nível pragmático (FRASER, 2006; PENHAVEL, 2010). Para este trabalho, utilizamos os dados de língua escrita (a partir daqui, LE) do D&G e da Revista Veja *On-line*, procurando contrastar o nível de monitoramento dos usos linguísticos em ambos os *corpora*, com o objetivo de flagrar os diferentes usos do *enfim* em situações discursivas diversas. Os dados são tratados quantitativa e qualitativamente, uma vez que tanto a frequência de uso quanto a descrição do ambiente linguístico são importantes para que seus valores semânticos e sintáticos possam ser flagrados. Nossa hipótese é a de que o *enfim* seja uma partícula multifuncional, passando por transformação e expansão de significado, em um *continuum*, que parte de a) um valor semântico de tempo (relacionado a sua abordagem canônica de advérbio), b) passa pelo valor semântico resumitivo-conclusivo, em que funcionaria como operador argumentativo; até chegar a c) uso do *enfim* como marcador discursivo (TEMPO > CONCLUSÃO > MARCADOR DISCURSIVO). Esse *cline* associa-se com a escala ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, apresentada por Hopper e Traugott (1997). Os resultados parciais demonstram que o valor semântico resumitivo-conclusivo é mais produtivo em contextos de língua escrita menos monitorada e em eventos de língua oral formal (usos encontrados nos discursos diretos transcritos nos dados da Revista Veja *On-line*), e que há grande produtividade do valor de tempo nos dados de língua escrita mais monitorada, principalmente nas sequências tipológicas narrativa e expositiva.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; conector; advérbio; multifuncionalidade.

1. Introdução

Considerando que nem sempre é possível criar novos itens para expressar determinado sentido, é inquestionável que os elementos que temos à nossa disposição na língua, variadas vezes, terão seus significados expandidos, gerando novas construções que são definidas por GOLDBERG (1995, p.4) como um “pareamento entre forma e função”. Segundo ROSÁRIO (2015, p.36), construções gramaticais emergem para suprir novas

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF) – E-mail: jaquemarcondes@gmail.com

necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos.

A língua possui caráter dinâmico e está em constantes transformações que são geradas exatamente pelo uso que os falantes fazem dela. Isso quer dizer que esses falantes podem atribuir novos significados aos itens do léxico com o objetivo de tornarem-se mais expressivos e de aumentar o conjunto de possibilidades oferecido pela língua.

Nesse sentido, buscamos mostrar que o *enfim* é selecionado para preencher espaços diversos no discurso, cumprindo a premissa adotada pela LFCU. Daí a necessidade de analisar em que situações podemos encontrá-lo, ou seja, quais são seus matizes semânticos e como esses matizes se apresentam em determinados contextos de uso – tanto na escrita mais monitorada quanto na escrita menos monitorada.

Para dar conta das ações dispostas nessas considerações iniciais, fazemos uma breve revisão da literatura, em que elencamos as definições encontradas na tradição gramatical para o *enfim*, apresentando matizes semânticos constatados na análise de dados. Logo depois, apresentamos a teoria que fundamenta essa pesquisa, comentando alguns conceitos que são caros ao Funcionalismo. Após essa parte, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, destacando os elementos principais observados ao longo das análises.

No capítulo seguinte, apresentamos os resultados uma análise dos dados coletados em duas seções, procurando apresentar os ambientes contextuais que selecionam os usos do *enfim*. Nesse momento, levamos em consideração os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que compõem os contextos de uso, além de considerar as diferenças que podem existir entre a língua escrita menos monitorada e a língua escrita mais monitorada. Finalmente, comentamos os resultados encontrados ao longo da pesquisa e apontamos algumas características dos ambientes contextuais que podem selecionar os diferentes usos do *enfim*.

2. Revisão da Literatura

No dicionário Houaiss, podemos encontrar a seguinte definição para o *enfim*: “enfim (en.fim) adv. por fim, finalmente <e., só><até que e. você trouxe os livros>” (HOUAISS, 2015). Ou seja, temos uma primeira acepção de advérbio de tempo (*finalmente*) ou de advérbio de ordem (que inclui o *finalmente* e o *por fim*), o que significa que esses conceitos são aqueles que já estão cristalizados, assim como sua categoria gramatical – a classe dos advérbios.

Para tornar a investigação mais completa, procuramos as definições de advérbio em algumas gramáticas e as apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 2 - Definições de Advérbio

Autor	Definição
(CUNHA, 2001, p. 541 e 542)	<p>1. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo (...)</p> <p>2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras formas que lhe são privativas. (...) que podem reforçar o sentido de</p> <p>a) um adjetivo;</p> <p>b) de um advérbio.</p> <p>3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração.</p>
(NEVES, 2011, p.234 e 235)	<p>Do ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável.</p> <p>De um ponto de vista sintático ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo. (...) atua nas diversas camadas do enunciado.</p> <p>a) O advérbio é periférico de um sintagma, incidindo sobre o seu núcleo (um constituinte), que, conforme a subclasse do advérbio que esteja em questão, pode ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • um verbo • um adjetivo (ou sintagma com valor de adjetivo) • um advérbio (ou sintagma com valor adverbial) • um numeral (quase 1500 habitantes) • um substantivo (portas à direita) • conjunção embora (muito embora) <p>b) O advérbio é periférico em um enunciado, incidindo sobre a oração, ou proposição:</p> <p>Provavelmente você gostará da resposta.</p> <p>Realmente, sentia fome.</p>
(AZEREDO, 2014, p.192 e193)	<p>O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. A maioria delas, porém, emprega-se para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que fazemos referência nos nossos discursos.</p>
(BECHARA, 2015, p.302)	<p>Advérbio é a expressão modificadora que, por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. (...)</p>

	O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo de nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.
--	---

Fonte: a autora

Com base nas definições apresentadas pelos autores, podemos perceber que há algumas características semelhantes. Dentre elas, destacamos a propriedade de modificar outras classes de palavras ou, até mesmo, atuar em várias camadas dos enunciados. Essa peculiaridade pode ser observada no dado (1) abaixo.

(1) A Venezuela, **enfim**, comunicou nesta segunda-feira que as eleições parlamentares serão realizadas no dia 6 de dezembro deste ano. (Veja *On-line* – 2015/notícia)

Através do dado em análise, podemos perceber que o *enfim* modifica diretamente o verbo que o sucede (“comunicou”), enfatizando a importância temporal dessa ação de “informar a data em que as eleições se realizarão, destacando a demora da Venezuela em praticar a ação”.

Há, ainda, outra característica que possui o advérbio e que pode ser salientada no mesmo exemplo – sua liberdade posicional. No enunciado em questão, podemos deslocar o advérbio *enfim* para outras posições na sentença sem causar grandes prejuízos ao valor semântico da oração.

(1') A Venezuela comunicou, **enfim**, nesta segunda-feira que as eleições parlamentares serão realizadas no dia 6 de dezembro deste ano. . (Veja *On-line* – 2015/notícia)

(1'') A Venezuela comunicou nesta segunda-feira, **enfim**, que as eleições parlamentares serão realizadas no dia 6 de dezembro deste ano. . (Veja *On-line* – 2015/notícia)

(1''') **Enfim**, a Venezuela comunicou nesta segunda –feira que as eleições parlamentares serão realizadas no dia 6 de dezembro deste ano. . (Veja *On-line* – 2015/notícia)

Se observarmos (1'), (1'') e (1'''), podemos perceber que, embora haja o deslocamento da partícula para lugares diferentes no enunciado, a informação principal pode ser compreendida nos três exemplos. Isso não quer dizer que podemos considerá-las sinônimas, mas podemos manter a ideia central preservada.

Outra peculiaridade apresentada pelo advérbio é a sua divisão em subclasses, que se referem às circunstâncias que ele denota. Essas circunstâncias estão diretamente relacionadas à ação verbal, funcionando como satélite de um núcleo, ou seja, acrescentando alguma informação a esse núcleo ou expandindo o seu significado.

Ao longo da pesquisa acerca das definições do advérbio nas gramáticas, observamos que o *enfim* raramente é citado. Dentre os autores consultados, apenas Garcia (2006) e Azeredo (2014) o mencionam. Além de buscar informações a respeito do *enfim*, que não é muito citado nas obras e manuais de gramática, investigamos também seus equivalentes – *finalmente* e *por fim* – e encontramos algumas subclasses. Ambos os advérbios fazem parte daqueles que denotam ideia de tempo, portanto, podemos deduzir que o *enfim* apresenta o mesmo valor semântico.

Podemos encontrar esse valor semântico de tempo na seção de Morfologia Flexional e Sintaxe, quando Garcia fala sobre as ‘Propriedades sintáticas dos sintagmas adverbiais’ e cita o *enfim* como um “adjunto conjuntivo”. Azeredo (2014, p. 288), por sua vez, afirma:

Os adjuntos conjuntivos são utilizados como recurso de coesão textual. Estes sintagmas pressupõem alguma porção de sentido precedente no discurso ou texto, em relação à qual a porção a que eles se unem expressa:

- a) uma conclusão, uma inferência, um resultado (*portanto, pois, por isso, por conseguinte, em consequência*);
- b) uma oposição ou ressalva (*ainda assim, apesar disso...*)
- c) uma retificação (*na verdade, ou melhor...*)
- d) uma confirmação (*com efeito, efetivamente...*)
- e) uma paráfrase ou explicitação (*noutras palavras, isto é, a saber; quer (o) dizer, ou seja, em suma, enfim, por exemplo*).

Azeredo (2014) nos apresenta, portanto, uma nova função que o *enfim* pode assumir no discurso que difere daquela que já mencionamos, isto é, além de apresentar características de advérbio, o *enfim* também pode atuar no discurso, fazendo a conexão entre partes do texto, estabelecendo uma relação resumitiva ou conclusiva.

Já em Garcia (2006), encontramos o *enfim* no “Vocabulário da área semântica de consequência, fim e conclusão”:

(...) os torneios sintáticos apropriados à expressão das circunstâncias de consequência e fim são relativamente numerosos. Mas, é óbvio, existe ainda o processo normal de traduzir essas ideias com vocabulário próprio, com palavras que, em sentido denotativo ou conativo, exprimam:

(...) II Consequência, resultado, conclusão

(...) *partículas e locuções*: pois, por isso, por consequência, portanto, (...), em conclusão, em suma, em resumo, **enfim**. (GARCIA, 2006, p. 86 e 87)

De acordo com o autor, o *enfim* pode ser classificado como um vocábulo que indica conclusão, resultado ou consequência e isso pode ser comprovado com o dado (2) a seguir, em que a partícula *enfim* introduz uma paráfrase para tudo o que foi dito anteriormente.

(2) “O que eu quero enfatizar no Rio é a ideia de um país que, apesar de ter uma quadrilha incrustada no poder assaltando sua maior empresa e tantos outros problemas, não é uma republiqueta das bananas com cucarachos mal resolvidos. Há setores que funcionam, inovam, entregam as coisas no prazo - **enfim**, um Brasil que dá certo.” (Veja *On-line* 2015/notícia)

No dado (2), detectamos o valor semântico de conclusão indicado por Garcia (2006), sinalizando que, além do valor semântico de tempo, o item *enfim* também agrega valor conclusivo ou resumitivo em alguns casos, podendo, inclusive, estabelecer paráfrases, tornando o texto mais inteligível. Ou seja, o *enfim* que expressa paráfrase contribui para a clareza, reformulando porções de texto que precisam ser esclarecidas ou apenas resumidas.

Esse valor semântico conclusivo nos remete a uma classificação de operador argumentativo, em que o *enfim* é capaz de cumprir a função de orientar o discurso, introduzindo ou finalizando uma sequência, direcionando-o para uma conclusão. Koch (2014) identifica os operadores como “organizadores textuais”, que segundo Maingueneau (1996, p.170 *apud* Koch, 2014, p.90), seriam “articuladores que têm por função ‘estruturar a linearidade’ do texto, organizá-lo em uma sucessão de fragmentos complementares que facilitam o tratamento interpretativo”.

Dessa forma, podemos dizer que, além do conceito de tempo que a partícula *enfim* veicula, acepção adotada pelo dicionário, também podemos destacar sua relação resumitiva, apresentada por Azeredo (2014) e ainda seu caráter conclusivo abordado por Garcia (2006). Essas distinções encontradas no âmbito do sentido provavelmente estão relacionadas com distinções que também podemos encontrar com relação a sua função.

Assim, podemos afirmar que o fato de atuar como modificador de outros elementos ou outras camadas do enunciado atribui ao *enfim* a função de um advérbio, categorizando-o nessa classe gramatical. No entanto, a possibilidade de fazer conexões entre as partes do texto, estabelecendo relações, já o coloca em uma outra categoria, que podemos chamar de classe dos conectivos, funcionando como organizador textual.

3. Pressupostos teórico-metodológicos

Nesta seção, apresentamos, na subseção de *Fundamentação Teórica*, um breve retrato da LFCU e alguns conceitos básicos que se relacionam a essa teoria linguística, buscando

fundamentar seu uso em nossa pesquisa. A seguir, apresentamos a metodologia e os *corpora* utilizados nessa pesquisa.

3.1. Fundamentação Teórica

Considerando que nosso trabalho está fundamentado nos pressupostos teóricos da LFCU, é imprescindível destacar que essa teoria tem como objetivo investigar como a estrutura gramatical se relaciona com os diferentes contextos comunicativos, ou seja, vai além da análise puramente gramatical, buscando elucidar a motivação para os fatos da língua. Para tanto, a LFCU se utiliza de dados reais de fala ou escrita, considerando os contextos em que esses dados ocorrem efetivamente.

Castilho apresenta uma abordagem sobre a LFCU, que considera os aspectos que são relevantes para essa teoria e que se relacionam à organização da gramática da língua, que segundo o autor, é constituída pelas gramaticalizações que são o resultado da união entre as funções cognitivas e sociais que envolvem o sistema linguístico.

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. As estruturas representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação. (CASTILHO, 2012, p. 21)

De acordo com o autor, as gramaticalizações que dão origem às estruturas linguísticas surgem das necessidades sociais e comunicativas que não são contempladas pelo sistema linguístico vigente. Dessa forma, novas construções são criadas para que as necessidades dos falantes sejam supridas.

A LFCU leva em consideração também o caráter social da língua, que está associado tanto à experiência do falante quanto às suas funções cognitivas, como afirmam Oliveira e Rosário:

É possível postular que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e que deriva de processos cognitivos de domínio geral. Assim, a visão de língua adotada não mais está centrada nos tokens empiricamente comprovados, ou seja, no material linguístico em si, mas em instâncias de maior abstração. (OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016, p. 2)

Isso significa dizer que não interessa à LFCU a análise puramente linguística sem considerar os aspectos que circundam as estruturas da língua. Assim, o contexto, a experiência

social e individual, os processos cognitivos, enfim, tudo o que influencia o sistema linguístico deve ser considerado na perspectiva da LFCU.

Com o surgimento do funcionalismo norte-americano, por volta de 1975, os estudos de base estritamente formal dão lugar aos estudos da língua em referência à sua função comunicativa, ou seja, estudos que têm o objetivo de explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística em que há uma forte vinculação entre discurso e gramática. Nesse sentido, a sintaxe passa a ser explicada de acordo com as estratégias de organização da informação empregada pelos falantes no momento da interação discursiva.

Ao longo dessa seção, apresentamos uma breve trajetória da LFCU e procuramos mostrar como essa teoria considera importante a descrição e a explicação de um fenômeno, o contexto de uso em que esse fenômeno ocorre, assim como suas prováveis motivações. Além disso, falamos sobre a necessidade expressiva dos usuários da língua, o que demanda que a gramática esteja em constante mudança.

3.2. Metodologia e *Corpus*

Os dados utilizados para a pesquisa são retirados das amostras de língua falada e escrita do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (D&G), com informantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Esse *corpus* foi elaborado por membros do grupo de estudos Discurso e Gramática com o intuito de criar um banco de dados com correspondência de conteúdo entre fala e escrita, de modo a viabilizar a comparação mais rigorosa entre essas duas modalidades da língua.

Para a pesquisa, selecionamos também 50 notícias publicadas da Revista *Veja On-line*, que compreende o período de 01 de fevereiro de 2015 a 05 de julho do mesmo ano, momento em que este texto começou a ser escrito. O critério utilizado para a seleção dessas notícias é justamente o período, portanto todas as notícias que possuem o *enfim* e estão compreendidas nesse período fazem parte do *corpus*.

A escolha dos *corpora* tem o objetivo de proporcionar uma reflexão das ocorrências que acontecem na escrita menos monitorada e na mais monitorada, contrastando a linguagem menos formal das entrevistas do D&G com a linguagem revisada presente nas notícias da Revista *Veja Online*.

Os dados encontrados são tratados qualitativa e quantitativamente, já que tanto a análise quanto a frequência das ocorrências possuem papel fundamental para o resultado dessa

pesquisa. Também consideramos as sequências tipológicas e a posição do *enfim* nos contextos de uso, com o objetivo de detectar que tipo de ambiente sintático permite o recrutamento do *enfim* em seus usos multifuncionais.

4. Resultados

Como afirma Oliveira (2012, p. 138):

A proposta de um olhar mais acurado para os contextos de produção dos fenômenos linguísticos se deve a resultados de nossas pesquisas de cunho funcionalista. Esses resultados somente têm condições de serem interpretados se levados em conta os fatores intra e extralinguísticos envolvidos em tais usos. Hoje, não basta à LFCU meramente registrar um ou outro processo de polissemia ou de gramaticalização, interessa-nos também, e com igual importância, o conjunto de fatores intervenientes na articulação de tais processos.

Os dados foram retirados de fontes diferentes com o objetivo de observar o comportamento do *enfim* em diversos contextos linguísticos, considerando que são, exatamente, esses contextos os responsáveis por tornar a partícula multifuncional.

4.1. Língua Escrita D&G

Todas as ocorrências do *enfim* encontradas no *corpus* de língua escrita do D&G de todos os estados foram utilizados na análise, perfazendo um total de 21 dados. Os textos extraídos do *corpus* são de entrevistas de pessoas variadas, com idades e níveis de escolaridade diferentes. Diante dessa diversidade, conseguimos encontrar os seguintes resultados que estão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 2: Análise de Dados - *Corpus* D&G.

Sequência tipológica	Posição Intermediária			Posição Inicial			Total	%
	Conclusão	Tempo	Explicação	Conclusão	Tempo	Explicação		

Exposição	4	-	1	4	-	-	9	42,86%
Narração	4	-	-	-	1	-	5	23,81%
Argumentação	2	-	-	1	-	-	3	14,29%
Narração/Descrição	2	-	-	-	-	-	2	9,52%
Descrição	-	-	-	1	-	-	1	4,76%
Narração/Exposição	1	-	-	-	-	-	1	4,76%
Total	13	-	1	6	1	-	21	
	61,91%	-	4,76%	28,57%	4,76%	-		

Fonte: a autora

De acordo com a tabela 1, o valor semântico que apresenta maior frequência é o de conclusão, aparecendo na posição intermediária (com 13 *tokens*), como podemos ver no dado (3):

(3) I: Em um certo feriado de 1993 fomos fazer um retiro na praia de coqueiros, próximo a touros. Uma cidade pequena, conseqüentemente com poucos habitantes e com uma praia enorme, que tenho certeza que os nossos colonizadores de Portugal estiveram lá. A noite na praia é um encontro, ficávamos a cantar hinos e depois conversávamos, comíamos pipoca, sorriamos, **enfim**, tudo era gostoso. (D&G, Natal:93 – L. Escrita)

No enunciado acima, podemos ver o *enfim* apresentando uma conclusão a respeito do que foi comentado sobre um certo feriado. De um ponto de vista, sintático, destacamos a posição intermediária da partícula que aparece logo após uma sequência de orações coordenadas com verbos conjugados na 1ª pessoa do plural no pretérito. E o tempo verbal, nesse caso, se justifica pelo fato de estar numa sequência tipológica narrativa. Além disso, o elemento também é responsável por estabelecer uma relação resumitiva entre as partes do texto, caracterizando uma função de conectivo. Essa função resumitiva pode ser associada também à palavra *tudo*, considerada um aposto resumitivo pelas gramáticas de vertente tradicional.

Ainda com valor de conclusão, encontramos 6 ocorrências na posição inicial e apresentamos isso no dado (4):

(4) I: Eu acho a minha escola muito boa. Mais a única coisa que eu não gosto é que aqui há pouco policiamento. Teve um dia que eu quase fui assaltado, pois eu estou nesta escola a quase 4 anos, desde a 1.ª série. Agora, há pouco tempo houve um abaixo assinado que eu acho que vai resolver alguma coisa. A escola é um lugar bom e muito grande e bonita onde há audiovisual, teatro e até quadra de esportes. **Enfim**, eu adoro minha escola. (D&G, Rio de Janeiro 2:93 – L. Escrita)

Nesse dado, o informante expõe uma opinião a respeito da sua escola e apresenta uma conclusão a respeito do que foi exposto. Nesse caso, temos o *enfim* anteposto à oração inteira, estabelecendo relação resumitiva com a porção de texto anterior e aproximando-se da função textual dos conectores. A seguir, apresentamos um dado de segundo valor semântico que teve apenas uma ocorrência no *corpus* – o valor semântico de tempo.

(5) I: Minha amiga me contou na 6ª série que o mais próximo da morte que ela já tinha chegado foi numa brincadeira. Ela e mais outros amigos estariam enfrente à casa dela fazendo aquela brincadeira do copo que um espírito desce sobre o copo e é capaz de responder à perguntas. **Enfim**, achando que era uma grande tolice, um dos garotos perguntou quando iria morrer e o “espírito” respondeu: -“Agora.” O garoto ficou tão assustado que resolveu contar a mãe, mas foi atropelado enquanto atravessava a rua. (D&G, Niterói:93 – L. Escrita)

Esse dado apresenta-se em uma sequência tipológica narrativa e, como tal, elenca uma sequência de acontecimentos que precisam estar situados no tempo. Para tanto, o informante inicia o período com a partícula *enfim*, empregando a noção do advérbio “finalmente”, como se procurasse ordenar os fatos.

Em uma pesquisa funcionalista, é muito importante considerar que o contexto é responsável por selecionar variados usos a depender da estratégia linguística. Isso quer dizer que não é o item, isoladamente, que possui sentidos diferentes, mas é o ambiente que faz com que esse item passe a expressar novos significados. Assim, uma mesma forma pode assumir funções e sentidos diferentes a depender do contexto em que está inserida.

4.2. Língua Escrita Revista Veja *On-line*

Foram analisadas 50 notícias selecionadas no ambiente virtual da Revista Veja dentro do período de tempo predeterminado (01 de fevereiro a 05 de julho de 2015). A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados nessa análise e nos permite tecer alguns comentários a respeito dos ambientes sintáticos encontrados nos dados.

Tabela 3: Análise de Dados - *Corpus* Revista Veja *On-line*.

Sequência tipológica	Posição Intermediária	Posição Inicial	Total	%
----------------------	-----------------------	-----------------	-------	---

	Tempo	Conclusão	Explicação	Tempo	Conclusão	Explicação		
Narração	19	2	-	2	1	-	24	48%
Exposição	18	3	-	1		-	22	44%
Argumentação	-	3	-	-	1	-	4	8%
Total	37	8	-	3	2	-	50	
	74%	16%	-	6%	4%	-		

Fonte: a autora

A ocorrência mais frequente mostrada pela tabela 2 se refere ao valor semântico de tempo na posição intermediária (37 ocorrências) e que aparece tanto nos dados de sequência tipológica narrativa (19 ocorrências), quanto nos de sequência tipológica expositiva (18 ocorrências). O valor semântico de tempo ocorreu em quase 90% dos dados coletados, o que nos permite detectar que a escrita da Revista *Veja On-line*, por ser mais monitorada, já que passa, inclusive, por revisão, favorece o uso do *enfim* com o valor canônico encontrado nas Gramáticas Tradicionais. O dado (6) apresenta um exemplo do que comentamos.

(6) Solteira desde que saiu do Big Brother Brasil 15, onde rolou e ralou embaixo das cobertas com o carioca Fernando, que já voltou aos braços da mineira Aline, sua "noiva" no reality show da Globo, a paulista Amanda **enfim** encontrou um novo affaire. (Veja *On-line* 2015/notícia)

Nessa ocorrência, temos o *enfim* em posição intermediária em uma sequência tipológica narrativa, expressando valor semântico de tempo, podendo ser parafraseado, inclusive, por '*finalmente*', para deixar mais claro ainda seu sentido temporal.

Outro ponto que merece destaque é o fato de o valor semântico de conclusão aparecer em apenas 10 ocorrências, o que, aliás, ratifica a ideia de que o valor semântico canônico – que é o de tempo – aparece com maior frequência nesses dados por estar diante da escrita padrão que recebe maior monitoramento. Vejamos a seguir um dado (7), que apresenta o *enfim* com o valor semântico de conclusão.

(7) Raramente as Secretarias possuem dados confiáveis e atualizados sobre as escolas. E quando os possui, não os utiliza para tomar decisões. A Secretária passa mais tempo coletando

dados para o MEC ou para fazer relatórios inúteis do que para gerenciar as escolas. **Enfim**, é o caos. Não é por acaso que a educação brasileira é o que é. (Veja *On-line* 2015/notícia)

O dado (7) apresenta o *enfim* em posição inicial no período, seguido de um verbo no presente do indicativo e aparece numa sequência tipológica argumentativa, em que se discute a inutilidade das ações prestadas pelas Secretarias de Educação em detrimento daquilo que seria realmente importante que elas fizessem. Nesse caso, temos o *enfim* com valor semântico de conclusão e atuando como uma espécie de conectivo entre os argumentos que foram utilizados para sustentar uma opinião a respeito das secretarias e o que seria o resultado desse desserviço.

Finalmente, apresentamos a Tabela 3 com a frequência geral dos dados dos *corpora* analisados, destacando os valores semânticos encontrados em cada *corpus*.

Tabela 4: Análise de Dados - Resultados Gerais.

Sequência tipológica	Posição Intermediária						Posição Inicial						Total	%
	Tempo		Conclusão		Explicação		Tempo		Conclusão		Explicação			
	Veja Online	D&G	Veja Online	D&G	Veja Online	D&G	Veja Online	D&G	Veja Online	D&G	Veja Online	D&G		
Exposição	18	-	3	4	-	1	1	-		4	-	-	31	43,66%
Narração	19	-	2	4	-	-	2	1	1	-	-	-	29	40,84%
Argumentação	-	-	3	2	-	-	-	-	1	1	-	-	7	9,86%
Narração/Descrição	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2,82%
Descrição	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1,41%
Narração/Exposição	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,41%
Total	37	-	8	13	-	1	3	1	2	6	-	-	71	
	37		21		1		4		8		-			
	52,11%		29,58%		1,41%		5,63%		11,26%		-			

Fonte: a autora

Essa tabela evidencia a maior frequência do valor semântico de tempo (em posição intermediária), o que nos permite constatar que essa noção pode ser a mais usada por se tratar uma noção mais canônica.

Além disso, podemos concluir com a leitura da tabela que a ideia de conclusão aparece mais nos dados de escrita menos monitorada, reforçando a hipótese do surgimento tardio desse valor semântico e indicando que o *enfim* esteja passando por um processo de gramaticalização.

A análise dos dados de diferentes *corpora* contribuiu para que pudéssemos concluir que as ocorrências de valor semântico de conclusão são mais produtivas em contextos de língua escrita informal e em eventos de língua oral formal que foram encontrados nos discursos diretos transcritos nos dados da Revista Veja Online. Essa constatação nos leva à elaboração da hipótese de que esse valor semântico de conclusão seja mais recente e, por conseguinte, ainda não esteja cristalizado na língua padrão como o valor semântico de tempo.

Podemos observar que, além do fato de apresentar polissemia, o *enfim* também apresenta funções gramaticais diferentes que sugerem, inclusive, uma transição de um sentido mais concreto – ideia de tempo – para um sentido mais abstrato – ideia de conclusão.

Hopper e Traugott (1997:78) discutem essa escala ESPAÇO > TEMPO > TEXTO e afirmam que o espaço seria o conceito mais concreto, ao passo que o texto seria mais abstrato e, portanto, mais gramatical.

Outro comportamento que contribui para a mudança do item é o fato de apresentar outros matizes semânticos que estão entre o seu significado primeiro e aquele que foi adquirido posteriormente. Além a ideia de tempo e a de conclusão, encontramos o *enfim* com valor explicativo. Isso demonstra que a partícula está em um *continuum* de transformação e expansão de significado.

Diante dos estudos realizados, percebemos que a partícula apresenta comportamentos diversos que ora a colocam na posição de advérbio, ora a colocam na posição de conectivo. Além disso, é possível dizer que a construção estudada pode ser classificada como advérbio ou conectivo a depender do sentido que deseja expressar, da função que estabelece no discurso e do contexto que a seleciona para uma ou outra função.

Assim, podemos ratificar o fato de que a língua é um sistema dinâmico, que está a serviço das necessidades comunicativas dos falantes e que as mudanças e expansões de significados são processos naturais para esse sistema linguístico. Além disso, podemos dizer também que os estudos linguísticos devem ser inesgotáveis se considerarmos que essas modificações são inerentes à língua e surgem a todo instante.

Abstract

The proposal of this work consists of a study of the *at long last*. We aim to observe the linguistic contexts to which is recruited and the semantic and syntactic values that *at long last* can assume. The research is guided by Functional Linguistics Centered in the Use, since our objective is to describe and systematize the functional uses of the *at long last* in real contexts. In reviewing some traditional grammars and dictionaries, we find that the *at long last* - or its equivalents finally and finally - is basically referred to as a time adverb (HOUAISS, 2009). Other authors, however, approach the *at long last* with a summary or conclusive semantic value (in which case it acts as an argumentative operator) or, as a discursive marker, when it is possible to observe semantic opacity and performance at the pragmatic level (FRASER, 2006; PENHAVEL, 2010). For this work, we used the D & G and Veja Online Journal's written language data (hereinafter, LE), seeking to contrast the level of monitoring of linguistic uses in both *corpora*, in order to capture the different uses of the *at long last* in diverse discursive situations. The data are treated quantitatively and qualitatively, since both the frequency of use and the description of the linguistic environment are important so that their semantic and syntactic values can be caught. Our hypothesis is that the *at long last* is a multifunctional particle, going through transformation and expansion of meaning, in a continuum, starting from a) a semantic value of time (related to its canonical approach to adverb), b) goes through the value summarizing-conclusive semantic, in which it would function as an argumentative operator; until finally c) use of the discourse marker (TEMPO > ABSTRACT > DISCURSIVE MARKER). This cline is associated with the SPACE > TIME > TEXT scale, presented by Hopper and Traugott (1997). The partial results demonstrate that the semantic value of summary-conclusive is more productive in contexts of LE less monitored and in events of formal oral language (uses found in the direct discourses transcribed in the data of Veja Online Magazine), and that there is great productivity of the time value in the most monitored LE data, mainly in narrative and expository typological sequences.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics; connector; adverb; multifunctionality.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa* - 38.ed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar* – 26.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

<http://veja.abril.com.br/>, acesso em: 06/07/2015.

<http://www.discursoegramatica.letras.uff.br/>, acesso em: 10/06/2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. – 2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Tendências atuais da pesquisa funcionalista*. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, [organizador]; [diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco]. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões*. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de (Org.), ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). *Linguística Centrada no Uso – Teoria e Método*: Lamparina Editora, 2015.

PENHAVEL, Eduardo. *Marcadores discursivos e articulação tópica*. - Campinas, SP : [s.n.], 2010.

FRASER, B. *Towards a theory of Discourse Markers*. In: FISCHER, K. (Ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006a, p.189-204.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.